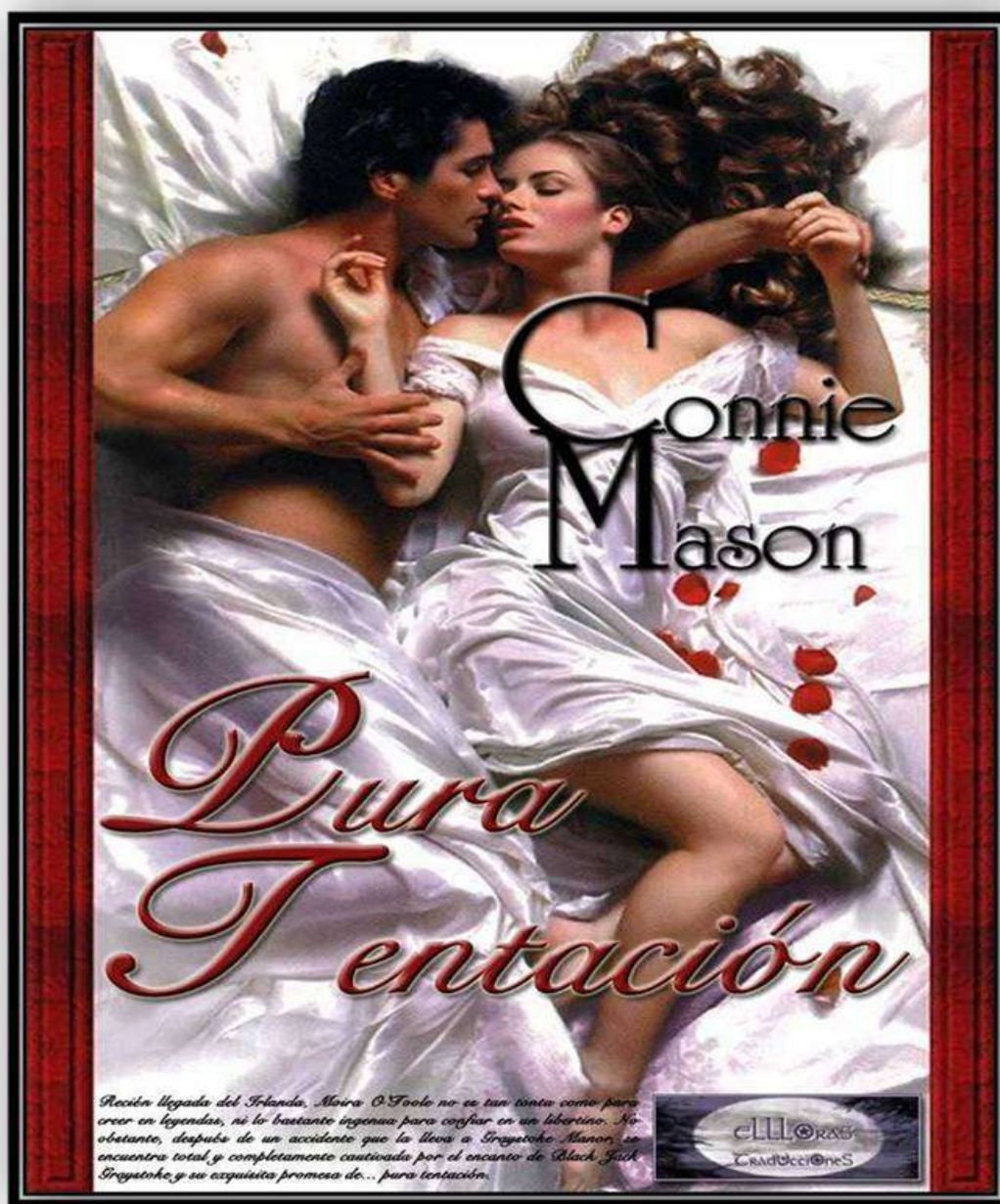


GRH

Connie Mason

Pura Tentação



Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Waléria Vieira
Revisão Final: Ana Mayara
Leitura Final: Ana Júlia



Resumo

Os espíritos podem ser realmente imprevisíveis e o espectro de Lady Amélia é o pior de todos. Justo quando um de seus irresponsáveis descendentes pensa que pode seguir o mau caminho, o fantasma sempre aparece para mudar seu mau comportamento.

Jackson Graystoke, um descarado sem igual, quer fazer do jogo e do excesso da sociedade londrina seu modo de vida. E este barão sem dinheiro teria seguido o caminho da perdição, cheio de mulheres e bebida, se Lady Amélia tivesse permitido.

Recém chegada da Irlanda, Moira Ou'Toole não é tão tola para acreditar em lendas, nem o bastante ingênua para confiar em um libertino. Não obstante, depois de um acidente que a leva a Graystoke Manor, encontra-se total e completamente cativada pelo encanto de Black Jack Graystoke e sua deliciosa promessa de... Pura tentação.



Comentário Revisora Inicial Waléria Vieira

Para aqueles que gostam de regência vão adorar, apesar de não ter muitos bailes. O livro é hot, tem insinuações, cenas de sexo sem consentimento, mas no geral é muito bom. Um homem “galinha” encontra uma mulher para amar com a ajuda de um fantasma familiar. Ocorrem inúmeras situações de tensão, suspense e romance. Ele é um canalha que muda de vida, mas em alguns momentos dá vontade de torcer o pescoço dele e ajudá-lo providenciando um óculos. Espero que gostem.

Comentário Revisora Final Ana Mayara

Esse livrinho simplesmente me matou de raiva. A história tinha tudo para ser boa: o libertino incorrigível, o amigo engraçadinho e a fantasma intrometida. Mas a mocinha chata veio e estragou tudo. No fim, a história até que é boa, o que estraga mesmo é a mocinha. Eu até recomendo, mas só para quem tiver paciência...

Comentário Leitura Final Carol

O livro é meio parado, um vai e vem chato, tornou o livro cansativo, o final poderia ter sido melhor, aliás, o livro poderia ter sido melhor...



Capítulo 1

Londres, 1795

Os fantasmas eram tão condenadamente imprevisíveis.

Durante seus anos de juventude, Jackson Graystoke percorreu cada rincão e cada greta da arruinada mansão de pedra que herdou, procurando o fantasma de Lady Amélia, e não encontrou nada. Quando era um moço teria dado tudo por uma olhadela da evasiva dama que ocasionalmente frequentava os corredores de Graystoke Manor. Mas certamente não agora, não quando ele já não acreditava que os fantasmas existissem.

Durante os peculiares duzentos anos que seguiram à morte de Lady Amélia, quem segundo a lenda aparecia só ante aos Graystoke masculinos que andavam pelo caminho da perdição, ela apareceu estranha vez, posto que poucos de seus honestos descendentes ao longo dos anos foram o bastante libertinos para necessitar sua ajuda.

Até que chegou Black Jack Graystoke. A ovelha negra da família Graystoke, um homem dedicado à libertinagem.

Vagabundo, vilão, aventureiro, ruim, sedutor de mulheres. Aos homens caía bem, e as mulheres o amavam. E Lady Amélia, que gravitava sobre sua cama como um anjo vingador, fulminava-o com o olhar com óbvio desagrado.

—Vá-se — disse Jack irritado. Acabava de deitar-se depois de uma noite nas mesas de jogo e não tinha tempo para uma aparição que poderia ou não ser uma invenção de sua imaginação. Ele sabia que bebera mais do que devia, mas não acreditava que fosse tanto para intoxicar-se.

Coberto por uma luz brilhante e roupas soltas, o fantasma negou com sua cabeça.

—Que diabos quer?



Lady Amélia simplesmente o olhou com seus olhos vazios.

—Por que agora? Por que escolheu este momento para aparecer quando houve uma época em que seria bem-vinda uma visão sua? — Jack estava familiarizado com a lenda do fantasma familiar, a ouviu muitas, muitas vezes — Estou muito sumido no pecado; nada do que possa fazer me salvará da perdição.

Lady Amélia foi flutuando para a porta. Jack se apoiou em um cotovelo e viu que lhe fazia gestos. Gemeu consternado e se firmou no travesseiro, fechando com força os olhos. Quando os abriu, Lady Amélia ainda estava ali.

—Aonde devo ir? Está chovendo lá fora, pelo amor de Deus! — as janelas sacudiram, confirmando suas palavras. Infelizmente, a chuva se converteu em um aguaceiro, arrastada contra a casa pelo vento carregado com neve — Não pode esperar até amanhã?

Lady Amélia retorceu suas mãos e pareceu agitada. Obviamente, não ia embora. Negou com a cabeça e apontou para a porta outra vez, ainda mais determinada que Jack despertasse e mergulhasse na tempestuosa noite.

—Maldita seja, não podemos chegar a um acordo? — Lady Amélia negou com a cabeça — Muito bem, minha senhora, você ganha. Leve-me aonde queira... Posso ver que não haverá sono para mim esta noite.

A luz que rodeava Lady Amélia titilou como se desse sua conformidade, e logo, ante aos próprios olhos de Jack, a aparição se evaporou através da porta fechada. Resmungando um juramento, afastou as cobertas e colocou rapidamente suas roupas recentemente descartadas, tendo particular cuidado com seu lenço de pescoço. Ele nunca aparecia em nenhum lugar a menos que estivesse impecavelmente embelezado.

Ainda resmungando, Jack saiu a pernas do quarto, sem assombrar-se quando viu Lady Amélia esperando-o ao pé das escadas.



—Maldição, onde se supõe que tenho que ir? — seus belos traços, os quais as mulheres amavam até a obsessão, exibiam um aspecto decididamente molesto.

Lady Amélia simplesmente inclinou sua cabeça e moveu seu dedo. Ele seguiu sua flutuante figura escada abaixo. Ela o conduziu à porta principal.

Jack vacilou.

—Dá-se conta de como está ali fora? Não é seguro para nenhum homem ou besta. Espera que desperte meu chofer em uma noite assim? — Lady Amélia simplesmente o contemplou, como implicando que ele carecia do sentido de aventura. Jack soltou um juramento — Oh, que diabos! Conduzirei a carruagem eu mesmo, se isso a fizer feliz. Tudo o que lhe peço é que me dê alguma ideia de aonde devo ir.

Lady Amélia pareceu pouco disposta a oferecer mais informação enquanto se retirava da porta. Sua luz trêmula se obscureceu e logo desapareceu.

—Um momento! Não se vá! Não me disse... — era muito tarde. Lady Amélia já desaparecera em um rastro de fumaça.

Jack, atônito, cravou os olhos no espaço vazio onde Lady Amélia esteve só momentos antes. Tinha imaginado tudo? Lady Amélia era uma invenção de sua muito fértil imaginação? Possivelmente, pensou com arrependimento, estava mais intoxicado do que pensava. Deteve-se com a mão no pomo da porta. O que fazer? Se fosse inteligente, voltaria para a cama e o trataria como um pesadelo. Ou poderia aceitar a provocação e confrontar ao desumano clima.

A Black Jack Graystoke o chateava declinar um desafio. Fantasma ou sonho, já estava acordado e vestido. Como fosse, poderia ir ao Clube White e beber com seus amigos, que provavelmente ainda estavam fora continuando suas atividades normais apesar do clima. Ele não retornaria a casa tão cedo se essa noite não tivesse a pior sorte do mundo nas cartas.



Agulhas da gelada neve o bombardearam quando abriu a porta e saiu. Inclinando a cabeça contra o vento uivante, Jack caminhou energicamente para a garagem e postou um formoso par de ruços, que ganhou em um jogo de cartas, à andrajosa carruagem, seu único meio de transporte. Quase tudo o que Jack possuía foi ganho ou perdido jogando às cartas. Sua família, parentes empobrecidos do jovem Conde de Ailesbury pelo lado materno, não lhe deixou nada, salvo o hereditário título de baronet, um montão de dívidas e uma mansão localizada no coração londrino de Hannover Square que estava na família por mais de duzentos anos e que estava desmoronando. A mansão exigia tanto de seus recursos que simplesmente conservá-la esvaziava-lhe os bolsos.

Casar-se com uma herdeira era o único recurso de Jack, e pensava seriamente em acabar logo seu celibato casando-se com Lady Vitória Greene, uma viúva rica com quem esteve entretendo-se. Um matrimônio por amor era impossível. Todo mundo sabia que Black Jack Graystoke era muito libertino para oferecer amor eterno a qualquer mulher.

Jack acendeu com um fósforo os faróis laterais da carruagem, saltou em cima da cabine, levantou as rédeas e guiou aos relutantes ruços para fora da grade. A neve o golpeou com força, e sepultou a cara em seu pescoço, amaldiçoando Lady Amélia por seu sofrimento. Não possuía a mais vaga ideia de por que o fantasma o enviou para fora em uma noite assim e desejou um brandy tonificante ou um vinho igualmente revigorante. Até inteirar-se do objetivo de Lady Amélia, bem poderia tirar de tudo isto o maior partido possível. Jack conduziu por ruas desertas e açoitadas pelo vento para o Clube White e se situou no meio-fio.

O calor dentro do clube o atraía enquanto cedia sua capa ao porteiro e entrava no quarto alegremente iluminado. Foi imediatamente saudado por seu bom amigo, Lorde Spencer Fenwick, herdeiro de um ducado.



—Jack, cão velho, pensei que foi para casa há horas. O que o fez sair outra vez com semelhante mau tempo? Antecipa uma mudança de sorte? Procuramos lugar em uma das mesas de jogo?

—Se minha sorte mudou, é para pior — se queixou Jack, pensando na inesperada aparição de Lady Amélia — Necessito desesperadamente de uma bebida, Spence, velho amigo — disse, colocando um braço ao redor dos ombros almofadados de seu amigo.

A caminho do quarto de bebidas, Jack se encontrou rodeado por mulheres que lhe sorriam com afetação, todas impacientes por sua atenção. Um homem alto, musculoso e ágil como um tigre à espreita, Black Jack era pura tentação para as mulheres de todas as idades. O cabelo escuro ondulado rodeava uma atrevida cara masculina, e os lábios cheios e tentadores davam um indício de sua natureza sensual, mas eram seus pecadores olhos cinza os que cativavam a imaginação das damas. Uma vez que Black Jack apontava seu potente olhar contra uma mulher, ela estava perdida. O problema era que Jack não encontrava razão para centrar esses olhos incrivelmente excitantes em nenhuma mulher.

—Bebe Jack — o apressou Spence quando finalmente tiveram suas bebidas a disposição. Jack não necessitava de nenhum incentivo para afogar as lembranças de Lady Amélia no forte licor. Devia estar louco para conjurar o fantasma familiar que por anos esquecera.

Horas mais tarde, tanto Spence como Jack estavam absortos em suas taças, de fato, quase cambaleavam. Spence teve o inusitado sentido comum de sugerir que dessem fim a noite, e Jack esteve de acordo. Nada bom poderia resultar dessa noite, decidiu Jack, ainda molesto porque Lady Amélia o fez sair com tal miserável clima. O que era o que tinha em mente para ele? Provavelmente lhe criar problemas, pensou sombrio. Como se necessitasse de mais complicações em sua vida. Ele era mais que capaz de tirar a luz suficientes problemas por si mesmo.



—Foi muito inteligente de sua parte trazer a carruagem — Spence arrastou as palavras enquanto cambaleava fora do clube com pernas instáveis e espiava o par de ruços e à carruagem de Jack detida na sarjeta — Eu vim caminhando. Leva-me? É uma noite condenadamente dura para caminhar.

Não muito estável ele mesmo, Jack cruzou erráticamente para a carruagem.

—Sobe a bordo, amigo. Com gosto o levo.

—Que me amaldiçoem se não estou tentado a caminhar —resmungou Spence quando notou o passo instável de Jack.

—Bêbado ou sóbrio, posso manobrar uma carruagem e um par de cavalos tão bem, ou melhor, do que qualquer homem vivo — se gabou Jack quando recolheu as cilhas.

Spence apenas se acomodou ao lado de seu companheiro quando Jack agitou as rédeas contra os flancos dos cavalos e a carruagem partiu a toda pressa pelo gelado caminho com uma sacudida que estremeceu Spence até a medula.

—Maldito seja, Jack, tenta nos matar?

Jack riu ruidosamente, até que um estouro de gelados flocos de neve lhe trouxe certo grau de sobriedade, fazendo-o dar-se conta de que sua imprudência poderia pôr em perigo não só a ele mesmo, mas também a seu bom amigo. Lutou por controlar aos rebeldes ruços que nesse momento iam desbocados e quase o conseguiu quando sentiu uma sacudida.

—Meu Deus, o que foi isso? Detenha Jack, atropelamos algo! —Agarrando-se por sua apreciada vida, Spence olhou com atenção para um lado na escura rua enquanto Jack lutava com os encabritados ruços. Com grande esforço, conseguiu deter a carruagem definitivamente.

O cérebro embotado de Jack registrou o pequeno golpe, mas não lhe deu importância até que Spence gritou uma advertência. Atropelou algo? Ou alguém? Deus não o permitisse! Saltando do carro, sentiu-se sóbrio como um juiz enquanto freneticamente



registrava a rua escorregadia por causa da chuva procurando um... Corpo? Certamente esperava que não fosse assim.

A noite era tão escura e os faróis da carruagem tão tênues, que Jack tropeçou com a mulher antes de vê-la.

—Maldita seja!

—O que acontece? — gritou Spence de seu assento no carro — Encontrou algo?

—Não algo, alguém — disse Jack, ajoelhando-se para examinar o corpo. Procurando freneticamente lesões, suas mãos encontraram dois montículos brandamente arredondados de carne feminina. Respirou bruscamente e afastou suas mãos como se queimassem — Deus é uma mulher!

Spence apareceu a seu lado, ficando com o olhar horrorizado ante o corpo convexo na sarjeta.

—Está morta?

As mãos de Jack retornaram ao peito da mulher. A cadência débil, mas firme de seu coração lhe disse que ainda vivia.

—Está viva, graças a Deus.

—O que supõe que fazia fora em uma noite como esta? — perguntou Spence em voz alta.

—Exercendo sua profissão — opinou Jack — Só uma puta estaria fora tão tarde. Que diabos vamos fazer com ela?

—Poderíamos deixá-la — propôs Spence sem convicção.

—Maldição, não é possível — respondeu Jack, corajosamente aceitando a responsabilidade do acidente e qualquer ferida que a mulher tivesse.

—O que sugere?



—Poderia levá-la a Fenwick Hall, Spence, e observar que suas lesões sejam tratadas — propôs Jack esperançado.

—Está louco? Meus pais me esfolariam vivo se colocasse uma puta em sua casa. Estou na linha de sucessão, pelo amor de Deus!

—Graças a Deus que não sou ninguém de importância — Jack arrastou as palavras com estudada indiferença.

Spence se ruborizou contente de que a escuridão escondesse suas bochechas ruborizadas.

—Não quis dizer isso, amigo. Mas não é o herdeiro de ninguém. Não tem pais que lhe digam o que fazer. Não se importa nenhum corno o decoro. É uma pessoa independente, Jack. É o famoso Black Jack. Colocar uma puta em sua casa não causaria sobrelhas levantadas e só provocaria um moderado escândalo.

—Vendo-o assim — disse Jack com um indício de irritação. Sua reputação já era escura... O que era um ponto mais em seu contrário? — Maldita seja, Lady Amélia — resmungou em voz baixa — Se esta for sua ideia de uma piada, não aprecio seu humor.

Spence o olhou com curiosidade.

—Quem é Lady Amélia?

—O que? Oh, não me precavi de que tinha falado em voz alta. Lady Amélia é o fantasma da família. Acredito que a mencionei em alguma ocasião.

—O que tem a ver ela com isto? — perguntou Spence intrigado.

Nesse momento, a mulher gemeu e começou a tremer, atraindo novamente a atenção dos homens para ela.

—Melhor a tiramos desta rua gelada — disse Jack, recuperando seu cavalheirismo. Nunca em sua vida fez sofrer a uma mulher, sem importar qual fosse sua profissão — Ajude-me a subi-la na carruagem. Com cuidado — Jack falou a Spence quando este cambaleou para



um lado — Esqueça, farei eu mesmo — afastou a um lado Spence e levantou a mulher com cuidado, surpreso de que pesasse tão pouco. Em seus braços, sustentada contra a larga extensão de seu musculoso peito, ela parecia pouco mais que um menino muito frágil.

—Entre — ordenou Jack enquanto colocava a mulher ferida na carruagem e ficava de lado para que Spence pudesse entrar — Trate de mantê-la cômoda até que cheguemos a Graystoke Manor.

Jack conduziu com mais cautela que de costume. Seu irresponsável comportamento pesava enormemente. Frequentemente foi criticado por suas qualidades temerárias, mas de certa forma este incidente enfatizava sua veemente corrida para a perdição. Nem Lady Amélia poderia salvá-lo do curso que tomava sua vida.

A carruagem entrou pelos portões de Graystoke Manor enquanto um amanhecer cinza se elevava no céu noturno. A nevasca se converteu em uma suave chuva, e os reflexos malva que tingiam o horizonte davam indício de um clima melhor para os próximos dias. Apenas a carruagem se deteve, Jack saltou do carro e abriu a porta.

—Como está a mulher?

—Ainda inconsciente.

—Eu a levarei ao interior enquanto você procura um médico. Espero que tenha dinheiro contigo; estou temporariamente sem recursos. Em caso que não seja assim, pensarei em algo. Não me importa o que custe, só traga o médico.

Jack tomou a mulher em seus braços e golpeou ruidosamente a porta principal com o pé. Ao seu devido tempo, respondeu um magro criado de olhos sonolentos que usava uma bata atada com pressa. Não pareceu alarmado ao ver seu patrão retornar a casa ao amanhecer carregando uma mulher inconsciente.

—Traga água quente e toalhas para meu quarto, Pettibone — ordenou Jack sucintamente — Houve um desafortunado acidente. Lorde Fenwick foi procurar um médico.



—Imediatamente, senhor — Pettibone se foi arrastando os pés, com a prega de sua bata arrastando pelo chão.

Uma vez em seu quarto, Jack colocou cuidadosamente a mulher no centro de sua cama, e retrocedeu para olhá-la bem pela primeira vez. Sentiu-se mais que um pouco perturbado ao ver que era jovem e não a prostituta desalinhada que esperava. Seus traços patrícios e seu delicado corpo desmentiam sua profissão. Tornou-se prostituta recentemente? Perguntou-se, enquanto seu olhar perambulava sobre suas miúdas formas. Jack conhecia muito bem as mulheres de todas as classes, e pensava que sabia tudo o que devia saber delas, mas esta mulher... Não, não mulher, pois não era mais que uma moça... Contradizia o que conhecia.

Uma gloriosa cabeleira vermelha escuro cobria sua cabeça bem formada e caía em uma massa emaranhada sobre seus estreitos ombros. Seus traços estavam finamente esculpidos, e ficou surpreso ao encontrar-se considerando a possível cor de seus olhos. Sob sua roupa molhada, seu corpo dava a aparência de ser magro e bem proporcionado. Embora sua cara estivesse arroxeadada e torcida, por sua culpa, suspeitou, ela era mais encantadora do que imaginou à primeira vista.

—Suponho que é melhor a libertar destas roupas empapadas — disse Jack à figura inconsciente enquanto a levantava levemente e tirava sua capa molhada.

O vestido de baixo não estava menos seco, e Jack se alarmou ao ver que ela estava modestamente coberta com um comedido vestido de lã de qualidade inferior, sem nenhum adorno. Nunca viu uma puta que vestisse semelhante roupa apagada. A gente esperaria ver as mulheres de sua classe usar um vestido escarlata aceso com a maior parte de seus seios expostos. Girando-a ligeiramente, desabotoou a fila de botões das costas e separou o vestido de seu corpo. A umidade havia tornado sua regata transparente, revelando uns seios



exuberantes coroados com mamilos amadurecidos, cor vermelha cereja. Quando ouviu Pettibone abrir a porta do dormitório, rapidamente retirou o edredom e o jogou sobre ela.

—A água, senhor — disse Pettibone, apresentando um jarro cheio de vapor e uma pilha de toalhas — Necessita de alguma outra coisa, senhor?

—É completamente imperturbável, verdade, Pettibone? — disse Jack com um indício de diversão — Sabia que agi sabiamente quando o conservei comigo. Embora não posso me dar ao luxo de ter serventes, não lamento reter seus serviços.

Pettibone se viu enormemente agradado.

—Viver com você me ensinou a esperar algo, por isso nada do que faça me assombra senhor. A dama estará bem?

—Não saberemos até que o doutor a examine. Envia-o acima logo que chegue. Diga a Fenwick que me espere na biblioteca. Apreciaríamos algo de comer, mais tarde.

Pettibone deixou o quarto, e Jack se voltou para a mulher que ocupava sua cama. Ela tiritava por isso lhe colocou outra manta em cima, perguntando-se quanto tempo esteve fora nesse clima brutal. Não tinha nada de sentido comum? Não sabia que encontraria poucos clientes em uma noite como esta?

O contrariado doutor, atordoado ao ser tirado de sua cama em uma hora tão ímpia, chegou alguns momentos depois e afugentou Jack do quarto. Jack se uniu a Spence na biblioteca.

—Pois bem, como está ela? — perguntou Spence, afogando um bocejo atrás de um lenço com bordas de encaixe.

—Ainda inconsciente — disse Jack, franzindo o cenho — Temo que pude ter feito um dano irreparável à mulher. É minha responsabilidade agora, entretanto, só Deus sabe o que vou fazer com a moça uma vez que esteja recuperada. Seria ridículo devolvê-la às ruas. É



mais jovem do que pensávamos, Spence, e provavelmente nova em seu ofício. Posso ser um libertino de coração negro, mas não sou uma má pessoa.

—Contrate-a como criada — disse Spence, meneando suas sobrancelhas sugestivamente — Ou conserve-a para que lhe esquente a cama.

Jack lhe lançou um olhar malévolo.

—Como bem sabe, não posso me permitir uma criada. Quanto a esquentar minha cama, não tenho problemas nesse aspecto. Meus gostos são mais bem refinados. Prefiro mulheres que não percorrem as ruas vendendo-se.

—Maldição, Jack, acredito que está preso à mulher até que se recupere e possa mandá-la seguir seu caminho.

—A mulher que está acima nessa cama não vai a nenhuma parte por algum tempo, cavalheiros.

O doutor entrou na biblioteca e se deixou cair em uma amaciada cadeira que havia visto melhores dias.

—O que lhe acontece, doutor...? Sinto muito, não recordo seu nome.

—Dudley. Para começar, seu braço esquerdo está quebrado. Tem numerosos machucados e o mais provável é que desenvolva uma pneumonia, o qual pode ser realmente sério. Uma coisinha muito bonita. Quem é e como se machucou?

Jack vacilou, repentinamente sem encontrar palavras. Por alguma escura razão, não quis revelar o fato de que a mulher era muito provavelmente uma puta.

—É uma parente longínqua de Jack, do lado irlandês da família. Seu pai é um barão. Ele enviou sua filha a Londres para ser apresentada em sociedade — disse Spence, acolhendo com entusiasmo o tema — É a pupila de Jack. Foi ferida quando sua carruagem se derrubou nos subúrbios de Londres. Jazeu fora na chuva por várias horas antes que chegasse ajuda e fosse trazida aqui.



Jack gemeu consternado. A fértil imaginação de Spence seria sua morte algum dia.

Enormemente agradado com seu rápido pensamento, Spence lançou a Jack um sorriso presumido. O cenho virulento de Jack era algo menos divertido.

—Isso explicaria as lesões —disse o doutor Dudley — Deixarei uma medicina e retornarei amanhã para lhe engessar o braço. Para então o inchaço deveria ter baixado. É provável que sofra uma dor considerável, mas o láudano deveria aliviá-la. Exceto por contratempos imprevistos, Lady Moira deverá estar bastante bem em quatro ou seis semanas.

—Você sabe seu nome? — perguntou Jack, enviando a Spence um olhar fulminante — Não recordo haver o mencionado — Prazerosamente poderia estrangular seu amigo por colocá-lo neste embrulho. Parente, ou não.

—Ela despertou brevemente enquanto a tratava. Quando perguntei seu nome, disse-me que era Moira. Seu marcado acento irlandês é encantador. Já que não está em condições de responder perguntas, decidi em lugar disso, obtê-las de você.

Spence não tinha a menor ideia de que Moira era realmente irlandesa quando urdiu seu conto, e agora estava enormemente agradado de que sua história tivesse ao menos um fio de verdade. Por outra parte, Jack parecia a ponto de explodir. Não só foi encarregado de uma puta ferida, mas também a reclamou como parente, graças a Spencer Fenwick e seu matreiro senso de humor. Jack esperava que o doutor Dudley fosse discreto, mas temia que o ancião fosse propenso a mexericar.

—Ficará você para o café da manhã, doutor? — convidou Jack cortesmente. Desejava que o doutor recusasse, já que não podia esperar para ficar a sós com Spence e repreendê-lo intensamente.



—Não tenho tempo — disse Dudley, levantando seu corpo da cadeira — As horas de consulta começam cedo. Estarei de volta amanhã pela tarde para dar uma olhada na paciente.

Pettibone apareceu com a bandeja do café da manhã, que pousou em uma mesa com uma reverência. Percebendo que o doutor estava preparado para ir-se, inclinou-se de modo respeitoso e o escoltou até a porta, deixando sozinhos Spence e Jack.

—Parvo estúpido, realmente armou toda uma confusão — resfolegou Jack com fúria — Parente, certamente. O que o possuiu para dizer a esse velho fofoqueiro que a puta de cima está relacionada comigo?

Com a boca cheia de comida, Spence sorriu abertamente.

—Não é uma brincadeira estupenda, Jack? Desta vez me superei. Que divertido. Quantas putas pode dizer que houve em sua família?

—Nenhuma que eu saiba — respondeu Jack sobriamente — E não vou reclamar a nenhuma agora. Especialmente não para sua diversão. Algum dia suas brincadeiras vão fazer que lhe saia o tiro pela culatra.

Jack comeu em silêncio. Quando terminou, jogou no chão seu guardanapo e se levantou abruptamente.

—Aonde vai? — perguntou Spence, baixando seu garfo.

—Lá em cima, ver a paciente.

—Um momento, vou com você.

Moira parecia estar dormindo tão inocentemente como um bebê quando os dois homens entraram nas pontas dos pés no dormitório. Mas evidentemente não estava dormindo tão profundamente como pensaram, pois abriu seus olhos e os olhou fixamente.



Mel delicioso e cálido decidiu Jack quando olhou fixamente seus olhos. Não marrom, não avelã, a não ser âmbar puro com bolinhas douradas.

—Quem é você? O que aconteceu? — sua voz melodiosa era tão encantadora como o doutor indicara — Onde estou?

Jack fascinado teve que esclarecer a garganta duas vezes antes de poder responder.

—Você está em minha casa. Recorda o que aconteceu Moira?

O olhar de Moira se fez introspectivo, logo se obscureceu. Recordava muito bem o que aconteceu, mas não quis dizer nada a esses dois homens estranhos.

—Como sabe meu nome? — tentou endireitar-se, agarrou seu braço entalado e gemeu — Mãe bendita, dói.

—Não se mova. Seu braço está quebrado — disse Jack — Pode recordar algo? — Moira negou com a cabeça — Minha carruagem a atropelou ontem à noite. Foi um acidente muito desafortunado. Soube seu nome pelo doutor Dudley. Sou Sir Jackson Graystoke, e este é Lorde Spencer Fenwick.

—Black Jack? — perguntou Moira, com seus olhos totalmente abertos.

Os olhos cinza de Jack cintilaram com diversão.

—Vejo que ouviu falar de mim.

Moira tragou convulsivamente.

—Sim. Embora não acredite em nenhum dos rumores, senhor.

Jack jogou sua cabeça para trás e riu.

—Deveria. Não levava identificação com você — continuou — Assim a trouxe a minha casa e chamei um doutor para tratar suas lesões. Lamento o acidente. Se tiver parentes na cidade, com prazer os contatarei por você.



—Não tenho ninguém na Inglaterra. Meu irmão e sua família vivem na Irlanda. Ele tem três meninos pequenos e uma esposa que manter. Parti de casa faz algumas semanas para encontrar trabalho em Londres e aliviar sua carga.

—Há alguém que deveria saber de seu acidente? — perguntou Jack, fugindo do assunto de sua óbvia ocupação — Um patrão, possivelmente?

—Sou uma criada doméstica desempregada, senhor — respondeu Moira.

—Desempregada? — perguntou Spence — Como esteve mantendo-se?

—Só recentemente desempregada — emendou Moira — Não tive tempo ainda para procurar trabalho. Não tenho dinheiro, senhor. Temo que não possa pagar pelo médico.

Por alguma razão seu comentário zangou a Jack.

—Pedi-lhe dinheiro? Até que você esteja bem, é minha responsabilidade — deliberadamente, recolheu uma pequena garrafa da mesa de noite e verteu uma medida em um copo — O doutor Dudley deixou láudano para a dor. Beba — ordenou bruscamente, levando o copo a seus lábios.

Moira sorveu cautelosamente, fez uma careta ante o sabor amargo e recusou tomar mais.

—Obrigado. É você muito amável.

—Black Jack é a alma da bondade — disse Spence, sufocando uma risada — Você está em boas mãos, querida.

Quando as pálpebras de Moira se deixaram cair sobre seus incríveis olhos âmbar, Jack empurrou Spence para a porta e o seguiu ao corredor, fechando a porta firmemente atrás deles.

—Acredita nela? — perguntou Spence, abertamente cético — O que estaria fazendo fora tão tarde da noite uma mulher decente? Por que acredita que seu patrão a despediu?



Será uma verdadeira beleza uma vez que baixe todo o inchaço. Acredita que enganava o amo ou seus filhos?

—Não estou disposto a especular, Spence. O que mais me importa é o que vou fazer com ela uma vez que se recupere. Possivelmente deveria enviá-la de retorno a Irlanda.

—Maldição, provavelmente morrerá de fome se as condições forem tão más ali como nos têm feito acreditar. A fome, as enfermidades e a ruína das colheitas dizimaram a população.

—Diabos, Spence, deve ser tão malditamente realista? O que sugere?

Um brilho travesso alagou os olhos azuis de Spence. Não invejava o apuro de seu amigo, mas que magnífica oportunidade para uma pequena diabrura! A vida estava malditamente aborrecida ultimamente. Como a maior parte de seus amigos ricos e ociosos, Spence adorava as travessuras inofensivas. Por isso, ele e Black Jack eram tão íntimos amigos. Ambos possuíam um perverso senso de humor.

—Muito bem, tenho uma ideia, embora assegure que você não gostará.

Os bonitos traços de Jack se voltaram cautelosos.

—Solte Spence.

—A pequena Moira pode ser uma prostituta, mas não uma comum. Está delicadamente bem formada, é bem falada e absolutamente tosca. Seus traços, ainda inflamados como estão, são refinados e quase finos. Já plantei a semente de que é sua parente longínqua — fez uma pausa para causar efeito.

—Continue — disse Jack, quase seguro de que não ia gostar do que Spence tinha a dizer.

—Por que não faz Moira passar por uma dama? — sugeriu Spence ansiosamente — Apresente-a em sociedade e lhe encontre um marido. Imagina quanto nos divertiríamos. Nunca viu que tivessem alguma utilidade esses amaneirados almofadinhas que andam de



modo afetado por Londres levando saltos altos e maquiagem. Por que não introduz Lady Moira em sociedade e a casa com um desses elegantes cachorrinhos?

A princípio Jack pareceu assombrado. Logo, começou a rir ruidosamente.

—Seu malvado senso de humor me deixa sem fala, Spence. Mas sua ideia tem mérito — ficou pensando, medindo a ideia — Ela necessitará de um importante gentil.

—Recorda que já está estabelecido que seja uma garota do campo. Ninguém esperará que seja muito refinada.

—Concedo que seja surpreendentemente bem falada para ser uma plebeia, mas convertê-la em uma dama requererá tempo e energia. Não estou seguro de querer dedicar tanto esforço à tarefa.

Era verdade que a ideia de fazer uma bolsa de seda da orelha de uma cerda avivou o sentido de Black Jack do escandaloso, e Spence sabia. Não só Jack estava intrigado com as intermináveis possibilidades de tal provocação proposta, mas também o apostador em Jack viu uma maneira de enriquecer seus cofres.

—Que tal, sim, adoçarmos as apostas? — declarou Jack.

—Sabia que o convenceria — Spence riu, aplaudindo alegremente as costas do Jack — Que aventura, né? Um de nós será mais rico por isso; você se desfará da bagagem irlandesa, e ambos recostaremos e teceremos contos a respeito disto nos anos vindouros. Arrumado duas mil libras contra seu par de ruços a que não pode fazer passar à garota por uma dama da nobreza e comprometê-la dentro de... Né... Digamos três meses.

—Três meses — repetiu Jack, esfregando pensativamente o queixo sem barbear. Duas mil libras era muito dinheiro. Não obstante, seus ruços eram a única coisa de valor que possuía — Não sei. Passarão ao menos quatro semanas antes que seja capaz de mover-se de um lado a outro em público.



—Pode usar o tempo para poli-la — propôs Spence avidamente — É um homem competitivo, Jack. O que lhe parece? Está à altura do desafio?

A afável persuasão de Spence impossibilitou que Jack recusasse.

—Com uma exceção. A garota tem que consentir com nossa proposta. De outra maneira, a aposta se cancela.

—De acordo — disse Spence alegremente — Tenho plena confiança em que possa enfeitiçar a garota para que participe de nossa pequena e inofensiva brincadeira. Retornar às ruas possivelmente não pode comparar-se ao que finalmente pode ser dela se se casar bem.



Capítulo 2

Moira Ou'Toole não dormiu facilmente. Estava muito preocupada com o tipo de problema em que se achava colocada desta vez. A partir do momento em que caiu da carruagem de Lorde Roger Mayhew e golpeou a cabeça, não recordava nada. Pelo que sabia dos homens, que graças a Deus era pouco, eram uns desgraçados egoístas, enlouquecidos de luxúria, que se aproveitavam das mulheres necessitadas. Se não conseguiam o que queriam, encontravam modos de fazê-las sofrer. Seria Jackson Graystoke fiel ao seu apelido? Perguntou-se tristemente enquanto imaginava o homem cuja cama ocupava. Ele pretendia ser um cavalheiro, mas seus penetrantes olhos cinza tinham o cansaço de um homem que se permitiu livre e frequentemente cada vício conhecido pelo homem.

Era Black Jack – só o nome a fazia tremer — um discípulo do infame Clube Hellfire como Lorde Roger? Devia ser extremamente cuidadosa, disse-se Moira, ou se encontraria em outra situação perigosa. Black Jack e seu amigo nunca deveriam conhecer seu vergonhoso segredo.

Moira esperava que a vida em Londres fosse difícil para uma pobre imigrante irlandesa, mas nunca esperou encontrar uma maldade tão profunda.

Apertando o medalhão de ouro que rodeava seu pescoço com uma delicada cadeia, Moira pensou em sua santa mãe e como ela se desesperaria ao ver sua filha em semelhante apuro. O medalhão era uma apreciada herança familiar, um legado da avó de Moira que morrera ao dar a luz a Mary, a mãe de Moira. Mary sempre estimou o medalhão, pela descolorida e diminuta foto de um jovem homem em uniforme que Mary sempre assumira que fosse seu pai, o avô de Moira.



Angustiada por sua ilegitimidade, Mary deu o medalhão a sua filha, Moira, lhe explicando que continha a prova de que ela e Kevin tinham sangue nobre fluindo por suas veias. A mãe de Moira e as monjas que a criaram lhe disseram que seu pai era um nobre inglês que abandonou sua mãe grávida de Mary.

—Mãe, o que devo fazer? — perguntou Moira desanimadamente, sem esperar resposta e sem consegui-la.

Com suas bochechas molhadas pelas lágrimas, fechou os olhos e deslizou facilmente para o sonho. Ela não viu o fantasma de Lady Amélia abater-se sobre a cama, mas uma ameaça de sorriso curvou os lábios de Moira quando um calor consolador a engoliu, envolvendo-a em uns braços protetores.

* * *

Jack despertou muito tempo depois de que o sol fizesse uma tardia aparição em um nublado céu. Esticou-se e bocejou desorientado ao encontrar-se em uma cama de convidados. Todas as lembranças se apresentaram imediatamente. Nesse momento, sua cama estava ocupada por uma mulher a qual atropelou com sua carruagem. Gemeu com consternação. Mal podia permitir o luxo de manter a si mesmo, ainda menos assumir a responsabilidade de outro ser humano. Mas, o que podia fazer? Ele causou suas lesões e não poderia com toda consciência deixá-la estirada na rua.

Levantou-se rapidamente e chamou Pettibone. O servente, vestido sobriamente em absoluto negro, apareceu quase imediatamente, levando uma bandeja que continha um bule e uma xícara.

—Ah, Pettibone, sempre parece saber do que necessito. Embora, na verdade, um conhaque forte me sentaria melhor. Algo me diz que hoje vou precisar me fortalecer.



—Está se referindo a jovem, senhor?

—Então, não estava sonhando — suspirou Jack — Esperava... Não importa. A mulher está acordada?

—Sim, a senhorita Moira está efetivamente acordada. Levei-lhe só há uns momentos uma bandeja. Se permitir o atrevimento, senhor, você deveria contratar uma mulher para atender as necessidades da jovem.

—Como diabos se supõe que posso pagar os serviços de uma criada? — quis saber Jack.

Pettibone não ofereceu uma solução ao dilema de Jack enquanto o ajudava a vestir-se e preparar-se para o dia. Quando terminou de tomar o café da manhã, Jack estava preparado para confrontar Moira com a ideia que ele e Spence urdiram no dia anterior. Sabia que era uma ideia irrefletida, mas, quanto mais pensava nela, mais o atraía a imagem de fazer passar por uma dama a uma mulher de questionável virtude. Fazer de parvos os estúpidos de seus pares o enchia de malvado deleite. E oferecia uma solução ao confuso problema referente ao futuro da mulher que atropelara. Quanto antes se livrasse da incômoda carga, melhor.

Levantando-se com esforço da cama, Moira usou o urinol atrás do biombo e logo voltou a deitar-se só momentos antes que Jack golpeasse ligeiramente a porta e entrasse no quarto. Ele se deteve ao pé da cama olhando-a fixamente, com as pernas separadas de par em par e as mãos unidas atrás das costas. Examinando-a com seus olhos cinza agudamente inteligentes, Moira se sentia como se se deixasse cair inadvertidamente nas profundidades turbulentas de uma violenta tormenta.

Havia uma força inata nas intrépidas feições de seu rosto, pensou ela, quando seu olhar pousou em seus lábios. Eram firmes e sensuais, sobre um queixo quadrado que sugeria



uma natureza obstinada. Ele era inflexível, uma presença segura de si mesmo, que Moira aprendeu a temer de suas relações com Lorde Roger.

Jack soltou suas mãos e ficou cruzado de braços.

—Como se sente, senhorita Ou'Toole?

—Bem, obrigado. Estarei bem em um dia ou dois.

Os lábios de Jack se curvaram divertidos.

—E aonde pensa ir exatamente?

O queixo de Moira se elevou um pouco.

—Não me aproveitarei de sua hospitalidade mais tempo do necessário nem aceitarei caridade. Foi muito amável, mas devo encontrar trabalho.

—Com um braço quebrado? Ainda existe a possibilidade de uma pneumonia. Não tem nenhum lugar onde viver, verdade?

Moira mordeu a suave parte inferior de seu lábio. Tudo o que Jack Graystoke dizia era verdade. Sua vida era uma confusão. E mais, uma vez que deixasse a segurança da casa de Black Jack, provavelmente se encontraria encarcerada em Newgate. Mas inclusive isso era preferível a ser forçada a tomar parte em ritos vis e pagãos.

Jack olhou fixamente para Moira, escravizado pela sedosa textura de seu brilhante cabelo, tão rico, espesso e luxurioso que quase parecia vivo. Não podia recordar ver um cabelo com essa exata tonalidade ruiva em sua vida. Não era precisamente castanho avermelhado, nem muito vermelho, a não ser mais como o cobre brunido. Quando lhe devolveu o olhar com fingida valentia, seus olhos lhe recordaram do mel doce e selvagem.

—A maioria dos criados vive na casa — lhe informou — Eu não necessito outras habitações.

Jack a olhou estreitando os olhos.



—Salvo um encantador acento, fala um inglês perfeito. A gente quase poderia deduzir que foi educada além de sua posição social.

O controle do temperamento de Moira pendia de um fio magro. Ela pensou que sua voz lenta e preguiçosa parecia algo condescendente.

—Minha mãe insistiu em que meu irmão e eu fôssemos educados. Ensinou-nos em casa, e, quando ela e meu pai podiam permitir-se, contratavam um tutor.

—Estou surpreso de que compreendessem a necessidade de educar você e seu irmão. Não é como se fosse da classe acomodada.

Rechaçando ser provocada, a mão de Moira se fechou tremulamente em seu medalhão. Ela só tinha a imaginária noção de sua mãe de provir de uma linhagem nobre.

—Minha família está formada por desafortunados granjeiros. Kevin tenta com muita dificuldade criar uma vida para sua esposa e filhos na granja quebrantada pela seca que lhe deixaram nossos pais. Mamãe e papai morreram de tifo há cinco anos.

—Quem foi seu último patrão? — perguntou Jack — Por que a deixaram ir? O que não está me dizendo? Possivelmente deveria falar com ele...

Moira empalideceu.

—Não! Não se incomode senhor. Irei logo.

Jack se moveu incomodamente.

—Você pode esquecer-se de que foi minha carruagem que a atropelou, mas eu não. Tenho a intenção de me encarregar de você até que esteja em pé novamente.

Moira tragou saliva nervosamente.

—Encarregar-se de mim? — não quis sequer conjecturar o que ele queria dizer com aquele comentário — Posso me cuidar sozinha — era desavergonhado por parte dela deixá-lo continuar pensando que ele era responsável por suas feridas, mas não havia outra opção.



—Isso está muito bem, mas lhe devo meu amparo. Se ontem à noite eu não estivesse bebendo e firmemente decidido a conduzir a toda velocidade, não a teria atropelado. Tem algum projeto para seu futuro? Um oferecimento de emprego, possivelmente?

Embora sua pergunta fosse bastante inocente, Moira suspeitou de uma segunda intenção. Havia uma boa razão pela qual chamavam este homem de Black Jack.

—Deixei a Irlanda para encontrar trabalho e ganhar dinheiro para ajudar meu irmão. Ele mal subsiste com a granja. Meu primeiro emprego não funcionou, mas logo encontrarei algo.

O que Moira não disse foi que era improvável que trabalhasse como criada outra vez. Lorde Roger se encarregou disso. Seu único recurso era voltar para a Irlanda e viver a conta de seu necessitado irmão, não que Kevin tivesse algum inconveniente. Ele lhe daria boas vindas com os braços abertos, e assim também o faria sua esposa, Katie.

—O exíguo pagamento de criado não é muito para ajudar a seu irmão substancialmente — disse Jack, escolhendo suas palavras com cuidado. Nem os lucros de uma prostituta, pensou para si mesmo — Possivelmente, possa ser de ajuda.

Moira lhe lançou um olhar cauteloso.

—Como, senhor? — Seu olhar se elevou para o descolorido revestimento, passando para as cortinas e o gasto tapete. Parecia como se Jackson Graystoke não fosse endinheirado para cuidar de seus próprios assuntos, sem mencionar o seu.

Notando a direção de seu olhar, Jack se encolheu de ombros filosoficamente.

—Sei o que pensa, senhorita Ou'Toole e tem razão. Sou somente um baronet arruinado que nem pode ocupar da manutenção de seu próprio lar. Minha principal fonte de ganhos provém das mesas de jogo, e devo me casar por dinheiro logo ou verei minha casa ancestral cair ao redor de minhas orelhas. Mas não estou incapacitado para ajudá-la.

—Por que está interessado em me ajudar?



—Aceitei a responsabilidade de suas lesões. Em nome de Deus, o que estava fazendo tão tarde em uma noite inclemente como a de ontem? — ele esquadrinhou sua cara — la encontrar-se com um amante?

—O que! — seus olhos arderam pelo ultraje — O que o faz pensar isso? Eu não sou assim. Agradeço seu interesse, mas prefiro não dizer-lhe.

Jack meditou sobre suas palavras, decidindo que havia mais em Moira Ou'Toole do que via. Pretendia ser da classe de serviço, mas nem falava, nem atuava como nenhum criado que conhecesse.

—O doutor Dudley disse que seria incapaz de usar seu braço ao menos por quatro semanas, assim bem poderia aceitar permanecer aqui até que seja capaz de mover-se por si só. Enquanto isso empregarei uma criada para que se ocupe de suas necessidades.

—Não há nenhuma necessidade. Vou a...

—Está tudo arrumado, senhorita Ou'Toole.

Antes que Moira pudesse protestar outra vez, o tinido de uma aldrava proveniente da parte mais afastada da velha casa captou sua atenção. Ela olhou Jack com receio.

—Alguém está à porta — disse Jack em resposta a sua pergunta não solicitada — Pettibone se ocupará. Ele é um homem de muitos ofícios aqui. Não poderia viver sem ele. Agora, onde estávamos? Ah, sim, estava a ponto de lhe perguntar se tem alguma preferência no que se refere a uma criada.

Moira estava a ponto de negar sua necessidade de uma criada quando Lorde Fenwick irrompeu na antecâmara sem anunciar-se.

—Ah, vejo que nossa pequena paciente está acordada esta manhã. Já o disse, Jack? Spence se via como um gato que acabava de tragar um canário.

—Dizer-me o que? — perguntou Moira bruscamente.



O que estavam planejando Black Jack e seu amigo para ela? Julgando pela expressão culpada no rosto de Jack, tinha de ser algo tortuoso.

Jack lançou a Spence um olhar abrasador.

—Maldito seja, Spence, sempre fala sem pensar? Ainda não disse nenhuma palavra à senhorita Ou'Toole, mas chegaria a isso finalmente.

A Moira certamente não gostou de como soou isso.

—Não acredito que ficarei depois de tudo — Saltara da frigideira ao fogo? Começou a levantar-se da cama, mas recordou que não levava nada posto, salvo uma puída regata. De repente, ocorreu que, se Jack Graystoke não tinha nenhuma criada, então devia havê-la despido ele mesmo. Seu rosto se tornou escarlate, e levou as mantas até o pescoço.

—Não queremos lhe fazer nenhum dano, senhorita Ou'Toole — lhe assegurou Jack, embora pôde ver que ela não ficou convencida — O que meu atordoado amigo queria saber era se mencionei um plano que discutimos concernente a seu futuro.

—Plano? Por que deveria preocupar-se com meu futuro? Não sou... — ela tragou saliva, declinando dizer à palavra em voz alta — O que você pensa — Moira podia dizer pela forma em que Jack falava que ele pensava que era uma mulher perdida.

—Não importa o mínimo o que você é, senhorita Ou'Toole. Quanto a seu futuro, disse-lhe que assumi a absoluta responsabilidade de seu acidente. Simplesmente, quero emendar uma ofensa. Não há nada de mal em minha intenção, assim não rechace algo que poderia beneficiá-la enormemente. Escute-me até o final.

Que opção tinha? Perguntou-se Moira. Estava ferida e indefesa em uma cama estranha, em uma casa estranha, vestindo só sua regata. Não possuía dinheiro, nenhum lugar onde viver e ninguém a quem recorrer em busca de ajuda. Até agora, Sir Jack Graystoke não exigiu nada, de fato aceitou a completa responsabilidade por seu “acidente” e se ofereceu a compensá-la. O mínimo que podia fazer era escutá-lo sem nenhum prejuízo.



—Muito bem, Sir Graystoke, qual é esse plano que você e Lorde Fenwick idearam para mim?

—Primeiro me deixe explicar. Spence está na linha de um ducado e não fará nada para danificar sua reputação. Ele é marquês por direito próprio. Graças a Deus, não aspiro a tão nobre categoria. Meu jovem primo, Ailesbury, bem pode ficar com o título.

—Prossiga, Jack — se queixou Spence — Estou seguro de que a senhorita Ou'Toole não tem nenhum interesse em minha árvore genealógica ou sua carência de título.

—Sinto muito. Simplesmente quis convencer à senhorita Ou'Toole de que não queremos lhe fazer nenhum dano — girou para Moira, atravessando-a com a força de seus olhos cinza — Já que, por agora, está incapacitada para trabalhar, senhorita Ou'Toole, e sem perspectivas de um futuro trabalho, Spence e eu demos com uma solução a seu dilema.

O cálido olhar dourado de Moira posou desconcertante em Jack, fazendo-o sentir decididamente incômodo.

—Recuso-me a ser utilizada para propósitos vis. Outros o tentaram e falharam.

Jack a contemplou através das pálpebras entreabertas. Que diabos quis dizer com aquele comentário? A que vis propósitos se referia?

—Minha querida senhorita Ou'Toole, Spence e eu não temos nenhuma intenção para com você. Está absolutamente a salvo conosco.

Moira pareceu cética, mas lhe deu o benefício da dúvida.

—Continue senhor, escuto-o.

—Se estiver de acordo com a pequena aventura que Spence e eu lhe propomos, posso prometer uma magnífica aventura. Além disso, se resultar como esperamos, nunca terá que preocupar-se com o dinheiro outra vez. Você poderá melhorar sua sorte e prover à família de seu irmão.

Os olhos de Moira aumentaram incrédulos.



—Como se propõe fazer isso?

Jack sentou na borda da cama, seus olhos sulcados com diversão.

—Perguntou-se alguma vez como seria ser uma dama? Pertencer à classe nobre?

Moira ficou rígida pela raiva, tomando suas palavras como um insulto.

—Sou uma dama! Posso não ser da nobreza, mas isso não me faz menos dama.

A comissura da boca de Jack se curvou para cima. Já a tinha.

—Demonstre-o. Vejamos se tem o que se requer para ser aceita pela sociedade londrina.

Esquecendo que estava escassamente vestida com uma gasta regata, Moira se endireitou de um puxão, estremecendo-se de dor quando seu braço ferido protestou pela repentina sacudida.

—Você está louco, senhor? É altamente improvável que eu seja aceita pela sociedade, sem mencionar à nobreza.

Jack lhe dedicou um sorriso preguiçoso.

—Spence e eu temos a intenção de demonstrar que está equivocada. Você será aceita, senhorita Ou'Toole. Nós a instruiremos na etiqueta, e, quando for o momento correto, será apresentada como minha pupila, uma parente longínqua da Irlanda. Faremos de seu pai um barão, o que a fará uma dama. Lady Moira. Como parece?

—Escandaloso.

—Spence e eu faremos nosso máximo esforço para vê-la casada com um membro honrado da sociedade londrina, um bastante rico para mantê-la com grande estilo e proporcionar recursos para seu irmão. Se isso não for bastante incentivo, só considere as horas intermináveis de entretenimento que Spence e eu obteremos de nossa pequena farsa.

Os pensamentos de Moira se dispersaram. O que Sir Graystoke sugeria era absurdo. Não era para menos que o chamassem de Black Jack. Seu distorcido senso de humor



conseguiria colocar a todos em problemas. Fazê-la passar como uma parente, nada menos. Como poderia alguém acreditar que ela era da nobreza? Sua mãe lhe havia dito muitas vezes que seu avô era nobre, mas não havia nenhuma prova que demonstrasse sua reclamação. Esse tipo de pensamento era perigoso. Mas estavam as alternativas, que eram definitivamente desagradáveis. Encontrar outro trabalho sem referências era quase impossível. Até se decidisse carregar a seu desventurado irmão com outra boca que alimentar, não tinha dinheiro para comprar a passagem à Irlanda.

De fato, depois de uma cuidadosa reflexão, Moira pensou que a ideia que os dois cavalheiros propunham tinha certo mérito. A ideia de casar-se por dinheiro era bastante elogiável. Um virtual inconveniente era ter de tratar com Black Jack cada dia, até que ela partisse. O homem era muito arrogante, de aparência muito agradável e muito varonil, maldita seja!

—Pois bem, o que pensa da ideia? — perguntou Spence animado. Ele literalmente saltava de um pé a outro, esperando a decisão de Moira.

—Por que você se tomaria à moléstia? Há mais nisto que uma evasão do tédio. O que ganhará por me fazer passar como uma dama?

—Um par de...

—Nada — interpôs Jack, cortando bruscamente a resposta de Spence. Pensou que era melhor não mencionar a aposta que ele e Spence fizeram. Seu par de ruços contra duas mil libras — Temos seu melhor interesse no fundo. A diversão que sua entrada em sociedade nos proporcionará dar-nos-á horas intermináveis de regozijo.

Os olhos de Jack vagaram sobre a parte superior do corpo de Moira, exposto quando a manta caiu até sua cintura. Seus seios eram redondos e plenos, embora não particularmente grandes; podia ver suas aréolas mais escuras empurrando descaradamente contra o fino material de sua regata. Uma sacudida de evidente luxúria o fez querer estender



a mão e rodear os carnudos montículos com suas grandes mãos. Seus dedos formigaram, imaginando o calor de sua carne contra sua palma. Piscou e afastou o olhar, surpreso pela direção de seus pensamentos. Moira reconheceu o olhar em seus olhos e se cobriu bruscamente com as mantas até o queixo com seu braço ileso. Ela nem necessitava nem queria esse tipo de atenção.

—Diversão — disse Moira amargamente — A classe acomodada não pensa em nada mais?

Spence sorriu abertamente.

—Que mais há?

—Então, senhorita Ou'Toole, o que diz? — perguntou Jack com brusca impaciência — Não tem nada a perder e tudo a ganhar.

O que tinha a perder? Perguntou-se Moira. E se se encontrava com seus antigos patrões enquanto estava e alternava em sociedade? E se encontrasse Lorde Roger em uma função social ou outra? Possivelmente ele não a reconheceria vestida como uma dama refletiu esperançosa. Devido a sua idade, o mais velho Mayhew assistia a poucos acontecimentos sociais, e quanto a Roger, os entretenimentos frívolos não o interessavam. Mas havia sempre uma possibilidade de que cruzassem seus caminhos. Simplesmente teria que cruzar essa ponte quando chegasse a ele.

—Muito bem — acordou Moira a contra gosto — Seu projeto tem certo mérito. Fá-lo-ei para demonstrar que sou uma dama, que sou tão boa como qualquer mulher nascida na nobreza. E para ajudar a meu irmão. Mas, sobre tudo porque não desejo seguir sendo uma carga para você.

Jack lhe lançou um olhar sombrio.



—Eu mesmo devo me casar por dinheiro se tiver que sobreviver, mas cumprirei com minha responsabilidade no que a você concerne. Se não fosse por mim, hoje estaria sã e saudável em lugar de recuperando-se de suas lesões.

—Bravo, senhorita Ou'Toole! — entusiasmou-se Spence, lançando a Moira um olhar agradado — Quando estiver preparada Jack a apresentará como uma parente longínqua e deixará que a natureza siga seu curso. Você é uma beleza, senhorita Ou'Toole. Não há nada tosco ou comum em sua pessoa. Se Jack ganhar, estaremos brindando por seu compromisso dentro de três meses. Mas se for eu o ganhador...

—Já basta, Spence! — advertiu Jack — Cansamos à senhorita Ou'Toole. Sugiro que vamos à biblioteca e a deixemos descansar. Temos planos a fazer.

—Ainda não — disse Spence enquanto Jack o empurrava para a porta.

Moira embalou seu braço ferido e considerou o escandaloso plano de Jack. Foi uma idiota em estar de acordo, mas que opção tinha? Embora Jack o negasse, ele claramente não queria a acrescentada responsabilidade que ela representava. Ele pensava que a atropelou com sua carruagem, mas ela tinha como saber que ele não podia havê-la machucado muito mais do que já estava quando se jogou do carro de Lorde Roger. Sentiu-se culpada por mentir para Jack a respeito de sua participação em seu “acidente”, mas temia que, ao dizer a verdade, apresentasse um risco muito maior.

Moira estava tão afundada que não via nenhum modo de livrar-se garbosamente desse enredo. Ela levaria a cabo o plano e demonstraria a Black Jack Graystoke que ser uma dama não dependia de sua origem.

Os pensamentos da Moira se dispersaram quando ouviu um discreto golpe na porta. Momentos mais tarde, Pettibone colocou sua cabeça no quarto.

—Entre, Sr. Pettibone.



Ele entrou.

—Posso lhe trazer algo, senhorita?

—Não, obrigado. Você foi mais que amável. Esteve com Sir Graystoke por muito tempo?

—Sim, senhorita, muitíssimo tempo.

Moira mordeu o lábio, e logo soltou:

—É ele tão negro de coração como seu nome implica?

Por um momento, Pettibone pareceu sacudido, logo, rapidamente recuperou sua compostura.

—Para nada, senhorita. Você não deve acreditar em tudo que ouça. Direi que ele pode ser um pouco Infame às vezes, mas nunca soube que machucasse a alguém sabendo, em particular a uma mulher.

—Ganha realmente a vida nas mesas de jogo?

—Muito certo senhorita. Sua família lhe deixou pouco mais que esta grande mansão enfeitiçada. E, como pode ver, está terrivelmente em mal estado.

Os olhos de Moira ficaram redondos.

—Enfeitiçada?

—Em efeito, senhorita. Diz-se que Lady Amélia Graystoke vaga pelos corredores de noite, assim não se alarme se vir ou ouvir algo fora do comum.

—Viu-a alguma vez?

—Diz-se que Lady Amélia só aparece a membros da família quando estes estão desesperados e necessitados de sua ajuda. Fala-se que ela salvou mais de um dissoluto da família. Nestes últimos anos, teve poucos motivos para aparecer e ninguém a quem redimir, até Black Jack, quer dizer. Mas aí — suspirou o ancião — até onde eu sei, Lady Amélia ainda falta aparecer ante seu voluntarioso tataraneto.



—Por que aparece Lady Amélia em Graystoke Manor? — perguntou Moira com curiosidade. Sendo irlandesa, os fantasmas e coisas assim sempre a cativaram.

—É uma triste história, senhorita — disse Pettibone, acolhendo com entusiasmo o tema. Não havia nada que desfrutasse mais que demonstrar seu conhecimento da tradição da família Graystoke — O único filho de Lady Amélia era um esbanjador do pior tipo. Passava seus dias bebendo, jogando, em duelos e... Né... Visitando senhoras de má reputação. Assim, é como perdeu a fortuna familiar. Lady Amélia finalmente conseguiu casá-lo com uma moça encantadora, mas isso não mudou seus hábitos dissolutos. Morreu em um duelo antes que nascesse o herdeiro Graystoke.

—Que triste — suspirou Moira.

—À sua morte alguns anos depois da de seu filho, Lady Amélia fez uma promessa em seu leito de morte. Jurou que nenhum herdeiro Graystoke percorreria o mesmo caminho que seu esbanjador filho, ainda se tivesse que visitar as futuras gerações de Graystokes para obtê-lo. E a história diz que ela manteve sua promessa, aparecendo só a aqueles herdeiros Graystoke que levavam vidas libertinas e iam a caminho da perdição.

—Você acredita nessa história? — perguntou Moira, profundamente intrigada por Lady Amélia e sua promessa às futuras gerações Graystoke.

Pettibone encolheu os ombros.

—Sim. Não houve nenhum varão esbanjador na família Graystoke por várias gerações. Talvez pudesse ser o resultado da intervenção de Lady Amélia.

O que ele não disse foi que Black Jack Graystoke evidentemente se qualificava para a ajuda de Lady Amélia, e se Lady Amélia não intervinha logo, seria muito tarde para seu dissoluto senhor.

—Obrigado por me dizer isso, Sr. Pettibone.

—Se não houver nada que deseje senhorita, seguirei com minhas tarefas.



—Perguntava-me o que aconteceu com minha roupa. Não a vejo em nenhuma parte.

—Estão sendo lavadas e reparadas. Serão devolvidas quando o doutor diga que se encontra em condições de deixar a cama. Ele virá hoje à tarde para colocar um estuque em seu braço.

Depois que Pettibone saiu Moira teve muito em que pensar, e a maioria desses pensamentos eram para seu bonito benfeitor. Quão caridoso era Jack Graystoke? Perguntou-se. Não era tão ingênua para pensar que os homens faziam boas ações sem esperar algum tipo de recompensa. Jack não lhe dava a impressão de ser um homem altruísta. Hedonista, indulgente e arrogante lhe vieram à mente. Era a diversão sua única razão ao querer fazê-la passar por uma dama e encontrar um marido?

Doce Mãe Bendita! Moira encontrou impossível pensar em algo além dos olhos cinza e sensuais de Black Jack... olhos que continham um sedutor toque de ferocidade, de energia vital quase hipnótica em sua intensidade. Agradeceu a lição que Lorde Roger a ensinou. Nenhum homem era digno de confiança. Jurou-se recordar essa lição em seu trato com Black Jack Graystoke.

Jack não permitiu que sua hóspede interferisse com seu hábito de visitar os lugares de costume essa noite. Logo depois de um jantar solitário, vestiu-se cuidadosamente e deixou a casa as nove, depois de uma primeira parada para dar boa noite a Moira. Esperava ganhar o suficiente nas mesas de jogo para cancelar algumas dívidas prementes. Amanhã,



haveria suficiente tempo para começar a tarefa de converter a uma pequena e graciosa ninguém irlandesa em uma dama de qualidade.

O Clube White estava abarrotado. Jack foi saudado por numerosos amigos, à medida que avançava para a sala de jogo. Mais de uma dama lhe sorria timidamente, enquanto outras abertamente comiam com os olhos o infame Black Jack Graystoke. Uma bela e sofisticada mulher abordou atrevidamente Jack, enlaçando seu braço de uma maneira possessiva que dava indícios de familiaridade.

—Jack, vagabundo! — lhe golpeou divertidamente o braço com seu leque — Que mal foi ao me fazer esperar.

—Se soubesse que estava me esperando, Lady Vitória, me apressaria — respondeu Jack galantemente.

Os agudos olhos azuis de lady Vitória Greene sugeriam paixão desenfreada e prometiam muito mais. Sabia que Jack precisava casar-se por dinheiro, e dado que era imensamente rica, considerava-se perfeita para um infame como Jack. Não lhe preocupava que Jack fosse somente um baronet, como foi seu defunto marido, pois Jack lhe deu algo do mais extraordinário. Sua paixão era impressionante. Nenhum homem que ela conhecesse se aproximava sequer ao que Jack tinha em abundância. Os dois juntos na cama se aproximavam da perfeição. Desejava Black Jack Graystoke, desejava-o desesperadamente. E não para uma trepada ou duas. Queria-o com exclusividade, para sempre. Contava com sua vasta riqueza para mantê-lo sob controle uma vez casados.

Vitória lambeu os lábios e sorriu atrativamente a Jack.

—Está tão ruidoso aqui, Jackson, querido. Por que não procuramos um lugar mais privado? Sua casa seria melhor já que meus serventes gostam de mexericar, e seu criado é a essência da discrição.



Os olhos cinza de Jack se entreabriram. Não havia nada discreto em Vitória, mas ele sempre soube. Eram estupendos na cama, e amava o dinheiro dela. Mas, para falar a verdade, preferia ser ele o instigador em assuntos do coração. Vitória era agressiva na cama e não andava com rodeios sobre seu desejo de converter-se em sua esposa. Jack era bem consciente de que em um dia não muito longínquo ela poderia ver seu desejo satisfeito.

—Ocorreu-me provar a sorte nas mesas primeiro — disse Jack meigamente — Sinto-me afortunado esta noite.

—Diria que já teve sorte — disse Vitória, sorrindo ante seu duplo sentido — Eu o esperarei, assim não demore muito — lhe deu outro golpezinho brincalhão com seu leque e deu a volta para passear entre a multidão.

Jack franziu o cenho enquanto olhava seus quadris moverem-se encantadoramente sob o custoso material de suas saias. Sempre tinha gozado, assim como também apreciado, a sexualidade incontida de Vitória e o grande prazer derivado do desinibido comportamento que compartilhavam no leito. Por que, de repente, lhe parecia tão atrevida e descarada? Por que seus amadurecidos encantos pareciam usados e esvaídos? Sacudiu a cabeça em um esforço por limpar semelhantes pensamentos tolos. Lady Vitória Greene era uma escolha perfeita para suas necessidades... rica além de seus sonhos mais descabelados. Nunca teria de preocupar-se com o dinheiro outra vez.

Jack sabia que Vitória esperava reprimir os excessos dele uma vez casados, mas ninguém sabia melhor que Jack que isso não funcionaria. Faria falta uma mulher muito melhor que lady Vitória para curar sua veia selvagem. Além das boas maneiras, Black Jack Graystoke fazia o que lhe agradava. Despreocupado, temerário, direto, eram palavras usadas para descrevê-lo, e a maioria delas era certa.



Jack teve uma incrível sorte na mesa de jogo. Parecia que não podia perder, não importava o que fizesse. Pela primeira vez em semanas, sentiu que a sorte lhe sorria. Quando se levantou e se desculpou, seus bolsos transbordavam com várias centenas de libras, e sua cabeça dava voltas devido a um gole a mais. Era tarde, mas encontrou Vitória ainda esperando-o. Ela se uniu quando ele estava retirando a capa, seus lábios vermelhos estavam curvados para baixo em uma careta de aborrecimento.

—Tem-me feito esperar muito tempo, amor.

Jack a olhou de esguelha.

—Estou preparado agora. Mais que preparado.

Ela sorriu amplamente, em ardoroso convite.

—Também eu — o puxou pelo braço, quase o arrastando para fora do clube — Apresse-se, querido, morro por sentir você dentro de mim. Esperar aguçou meu apetite.

Ele fez Vitória subir em sua carruagem, deu instruções a seu chofer e logo saltou dentro ao lado dela. Seus bolsos estavam cheios, tinha uma mulher disposta para esquentar sua cama, estava agradavelmente aturdido e tudo estava bem no mundo. Ou quase. Tentou não pensar em sua convidada ferida ou na aposta que fez com Spence.

Jack ainda não decidiu se a senhorita Ou'Toole era uma criada ou uma puta. Ela parecia tão ambígua a respeito de seu anterior emprego que Jack possuía sérias dúvidas com respeito à sua verdadeira ocupação. Não era que tivesse importância. A aposta que ele e Spence fizeram lhe forraria os bolsos, proveria diversão e o liberaria de sua responsabilidade para Moira Ou'Toole. Só estava em risco a única posse que realmente apreciava... seu par de ruços.

—Está muito calado esta noite, querido — ronronou Vitória enquanto atravessavam as grades de Graystoke Manor. Sua mão deslizou sigilosamente para a perna dele, massageando audazmente os músculos protuberantes de sua coxa sob o fino material de



suas apertadas calças. Ele se endureceu e gemeu quando repentinamente a mão dela se cavou entre suas pernas.

—Cadela ambiciosa — resmungou Jack, mas não denotando falta de respeito.

Saltando da carruagem no momento em que deixou de rodar, a rodeou e elevou Vitória em seus braços, caminhando a pernadas para a casa. A luxúria e a necessidade que o impulsionavam empurraram todo pensamento fora de sua mente, sua energia estava enfocada em encher Vitória com sua dura ereção.

Jack chutou a porta com seu pé, chamando Pettibone, que, em resposta, se aproximou arrastando os pés, obviamente despertado de seu sono. As sobrancelhas do ancião se elevaram várias polegadas quando viu Jack passar a seu lado com Lady Vitória nos braços.

—Valha-me Deus, outra, Sir Jack? — perguntou secamente Pettibone — Pensei que aprendeu sua lição ontem à noite.

—Vá à cama, Pettibone — disse Jack com brusca impaciência — Esta noite eu mesmo me ocuparei de tudo.

—Com gosto — disse Pettibone com tom de resignação — Boa noite, senhor. Tome cuidado nas escadas, você não se vê muito estável.

—Boa noite, Pettibone — disse Jack tensamente.

Vitória enterrou sua cabeça no ombro de Jack e riu nervosamente.

—Que velho horrível. Uma vez que estejamos casados terá que ir.

Jack a beijou em silêncio enquanto subia dois degraus por vez. Estava tão quente, tão duro, que podia sentir os botões em suas calças abrindo-se com um estalo. Possivelmente, pensou confusamente, estar casado com Vitória não resultaria muito difícil. Haveria compensações tanto como desvantagens.



Guiado pela luxúria, quando Jack abriu a porta de seu quarto, esquecera que o quarto era ocupado por alguém além de si mesmo. Arremetendo através da porta, foi diretamente rumo à cama, ansioso por afundar-se dentro de Vitória e levar ambos a um êxtase enlouquecedor. As poucas brasas que ficavam no quarto eram muito tênues para revelar a pequena figura que jazia na cama.

Moira despertou com o som de vozes quando alguém irrompeu através da porta. Rodou para o lado oposto da cama momentos antes que um peso esmagador caísse a seu lado. Ouviu uma mulher chiar e um homem grunhir em resposta, antes que ela conseguisse entender e gritasse.

Jack soltou um juramento e parou em um salto, sua confusa mente recordou tardiamente que cedera seu quarto a Moira. Vitória estava muito aturdida para mover-se. A mão de Jack sacudiu quando acendeu um candelabro na mesinha de noite ao lado da cama. Vitória cravou os olhos em Moira horrorizada, ignorando o gemido de consternação de Jack.

—Quem é você? — perguntou Vitória com voz suficientemente estridente para ressuscitar aos mortos — O que está fazendo na cama de Jack?

Moira levantou os cobertores até seu pescoço com o braço sã e se encolheu ante a persistente irritação de Vitória. Não tinha a menor ideia de quem era Vitória, mas, mulherengo como era, não foi difícil adivinhar a razão de Jack para introduzir a mulher em sua casa.

—Maldito seja — disse Jack passando os dedos por seu rebelde cabelo — Esqueci-me completamente de Moira.

—Isso é óbvio — a voz de Vitória gotejava veneno — Sugiro que tenha suas mulheres uma por vez, querido. Ou tinha a intenção de agradar a ambas esta noite?



—Lady Moira é minha pupila, Vitória — disse Jack, utilizando a história que acordaram ele e Spence — É a filha de um parente longínquo pelo lado de meu pai. Teve um desafortunado acidente vindo da Irlanda, e me esqueci de que lhe cedi meu quarto. — Voltou-se para Moira. — Lady Moira, esta é lady Vitória Greene. Moira está aqui para a temporada — esclareceu a Vitória.

—É a primeira vez que ouço que tem uma pupila. Lady Moira, está à caça de um marido? — perguntou, brindando um olhar arrogante a Moira — Você é irlandesa — fez que isso soasse como um insulto.

Moira abriu a boca para responder, mas Jack se antecipou.

—Lady Moira é irlandesa como certo. Seu pai é um barão que prefere o campo à vida de cidade. Poderia dizer que Moira está à caça de um marido — admitiu Jack.

—Conheço quase todos os possíveis prospectos esta temporada. Procurarei que você seja apresentada — disse Vitória.

—Passarão várias semanas antes que o braço de Moira se recupere o suficiente para aparecer em público — disse Jack — Mas este não é nem o momento nem o lugar para este bate-papo. Venha, Vitória, Moira precisa dormir.

Jack fez de tudo menos tentar tirar Vitória do quarto, zangado consigo mesmo por cometer tão desastrosa gafe. Deveria ser mais preparado e não beber tanto. O licor já o metera em problemas na noite anterior, e deveria aprender sua lição. Enquanto arrastava Vitória através da porta, prometeu evitar todas as bebidas fortes no futuro. Se lady Amélia ouvisse sua promessa, sorriria.

—Aonde me leva? — perguntou Vitória enquanto Jack a empurrava para uma antecâmara desocupada.

—Há mais de uma cama neste montão de pedra — lhe disse Jack.

Vitória cravou os pés.



—Já não estou com humor — seus lábios se curvaram para baixo pelo desagrado — Sua pequena pupila me deixou surpresa. Em que tipo de acidente se viu envolta? Seu rosto está ainda torcido e arroxeadado.

—Um acidente de carruagem — explicou Jack sucintamente — Vai escapulir? Você não é assim, Vitória.

—Estou molesta com você, Jack. Inclusive não estou segura de acreditar. Uma pupila, justamente! É um libertino de primeira classe, Jackson Graystoke. Só o Senhor sabe por que aguento seus disparates. Leve-me para casa.

Jack encolheu os ombros com relaxada elegância.

—Muito bem, meu amor. Darei a meu chofer instruções de levá-la para casa. Vê-la-ei nos Whitcomb, amanhã à noite. Espero que supere seu ressentimento para então.

—Possivelmente — respondeu Vitória com mau humor — Ou possivelmente não.

Com emoções mescladas, Jack observou a partida de Vitória na carruagem. Para falar a verdade, seu ardor se esfriou grandemente depois de interromper Moira. Isso não significava que não necessitasse de Vitória e seu dinheiro. Não obstante, no momento em que o carro desapareceu da vista, Vitória foi relegada aos lugares mais afastados da mente de Jack, enquanto Moira ocupava seu lugar.

Inconscientemente, os passos de Jack se fizeram mais lentos quando passou pelo quarto de Moira, seu quarto, em realidade. Deveria desculpar-se, supôs, embora não devia a Moira nenhuma explicação. Ela entrara em sua vida sem ser convidada, e ele tinha a forte suspeita de que Lady Amélia estava por trás de todo esse fiasco. Se não fosse pelo fantasma familiar, ele estaria cômodo em sua cama, na noite anterior, e alguém mais atropelaria Moira. Não tinha ideia do que Lady Amélia tinha em mente para ele, mas sabia com certeza que não incluía o quase matar uma puta irlandesa.



Algum duendezinho perverso dentro de Jack o fez dar um suave golpe na porta de Moira e chamá-la por seu nome. Decidiu que, se ela não respondesse, ele seguiria caminho para sua própria cama e adiaria a explicação até outra ocasião.

Dormir estava fora de consideração para Moira. Ela estremeceu ao pensar o quão perto esteve de ver Jack Graystoke fazendo amor com sua amante. O homem era um mulherengo incorrigível. Não tinha escrúpulos?

—Moira, é Jack. Está acordada?

Moira vacilou pelo espaço de um batimento do coração antes de responder.

—Sim, estou acordada.

—Posso entrar um momento? Devo-lhe uma explicação.

—Entre, Sir Jack, embora não me deva nada. Sou somente uma convidada em sua casa. Você pode fazer o que quiser.

Jack entrou no quarto e caminhou para a cama. Parou perto dela com o aspecto de um menino travesso, pensou Moira, com a comisura de sua boca elevada em um sorriso torcido. Se o vício excessivo o arruinara, isso não se notava em seu rosto.

—Lamento o que aconteceu Moira. Como de costume, bebi mais do que devia e me esqueci de que cedi minha estadia.

—Sou uma intrusa em sua casa, Sir Jack. Desculpo-o de toda responsabilidade no que a mim concerne. Irei em um dia ou dois, então terá novamente sua privacidade.

Jack exalou um desinteressado suspiro e se sentou na borda da cama, sendo cuidadoso com o braço ferido de Moira.

—Você não irá a nenhum lado. É minha culpa que esteja ferida e, portanto, devo velar por seu bem-estar.



A luz da vela banhou o rosto de Moira, e Jack se sentiu alcançado novamente por sua beleza. Até com suas feições torcidas e machucadas, qualquer um poderia ver que não era uma beleza ordinária. Seus ossos faciais estavam delicadamente esculpidos, sua boca era cheia, seu nariz deliciosamente delicado. Havia tanto delicadeza como força em seu rosto. O rico, resplandecente castanho avermelhado de seu cabelo brilhava nas sombras, abrangendo do ouro profundo até o cobre escuro. E, além da deliciosa fragilidade de seus traços, Jack via uma força que não minguava sua feminilidade.

Confusa pelo quente brilho nos olhos de Jack, Moira se sobressaltou violentamente quando ele levantou a mão para sua bochecha, acariciando meigamente com seus nódulos a carne arroxeadas.

—Acredito que sua beleza vai assombrar a todos, Moira, uma vez que seu rosto volte ao normal — seu dedo delineou seus lábios, agudamente consciente de sua plenitude exuberante e sua urgência incontrolável para saboreá-los — Você vai fazer feliz a algum afortunado homem.

Sem prévio aviso, ele gentilmente agarrou seu rosto entre as mãos, inclinou sua cabeça e a beijou. O beijo foi lento, prudente, experimental, conforme ele movia sua boca sobre a dela em cortês exploração. Os olhos dela se fecharam. Força, calidez. Pela primeira vez em semanas, se sentiu segura. Não obstante, devia ter melhor critério do que confiar em um homem como Black Jack. Suspirou de prazer. Que maravilhoso seria se pudesse confiar nele.

Um erotismo sutil esquentou o corpo dela e aturdiu seus sentidos. Abriu sua boca à suave sondagem da língua de Jack, que deslizou sem obstáculos na doce caverna. O prazer irradiou para fora enquanto as emoções de Moira formavam redemoinhos e deslizavam. Não tinha ideia de que um simples beijo podia enjoá-la tanto. Lentamente, seu corpo se



abrandou e se derreteu contra o dele, arrancando um gemido de Jack quando este respondeu envolvendo-a em seus braços e atraindo-a para apertá-la contra ele.

Seu beijo se aprofundou. O sangue dela martelou em seu cérebro, seu coração deu um tombo, e o corpo se afrouxou. Moira se sentiu transportada em um espiral vertiginoso. Sua primeira experiência de paixão era uma intoxicante aventura em um reino desconhecido, e ela tremeu sob a perita boca de Jack.

Gemeu decepcionada quando os lábios de Jack abandonaram os seus. Mas o gemido rapidamente se converteu em um suspiro sufocado quando ele derramou beijos suaves e famintos ao redor de seus lábios, ao longo de sua mandíbula, sua testa e o lóbulo de sua orelha. Gemeu quando os lábios dele seguiram por seu esbelto pescoço para o oco entre seus seios, quase expostos debaixo da puída regata que vestia. Um sobressaltado ofego saiu de seus lábios quando a boca de Jack cobriu um de seus mamilos, empapando-o completamente com sua língua através do fino tecido, e sua mão de alguma forma moldou a forma de seu outro seio.

Moira fechou seus olhos, mas as brilhantes luzes do desejo seguiam cintilando atrás de suas pálpebras, cegando-a para tudo, exceto a doce tortura da boca e das mãos de Jack.

—Mãe Bendita! — soluçou ao sentir sua carne franzir-se reagindo à talentosa boca de Jack. O que lhe estava fazendo este descarado? Queria dela o mesmo que queria Roger Mayhew? Pretendia que tomasse o lugar de Lady Vitória em sua cama? Tentou empurrá-lo, mas seu braço quebrado protestou, e ela gritou pela dor.

Jack retrocedeu imediatamente, seu rosto tenso pelo atordoamento. O que estava fazendo, maldito seja? A empregada irlandesa o enfeitiçou. Não podia recordar perder alguma vez o controle dessa forma. Não importava qual fosse a sua ocupação, puta ou criada, ele não tinha nada que fazer tratando-a tão duramente depois de assumir a responsabilidade de seu bem-estar. A doce promessa sedutora de seus beijos o cegou



momentaneamente no que sua obrigação para com Moira concernia. Por um atormentado momento, desejou despir seu doce corpo e inundar-se nela.

—Sinto muito, Moira. Machuquei-a? Você não deveria me tentar. Estou acostumado a tomar o que uma mulher oferece.

O temperamento de Moira explodiu.

—Tentá-lo! Eu não fiz tal coisa. Não ofereci nada.

Moira não só estava zangada com Jack por forçá-la a aceitar seus cuidados, mas também estava furiosa consigo mesma por desfrutar. Ela o deixou ir muito longe. Ninguém jamais havia tocado seu corpo tão intimamente. Tendo vivido em um lugar apertado com seu irmão e sua esposa, Moira não ignorava o que acontecia entre um homem e uma mulher, mas, até o momento, nunca se sentiu tentada pela paixão.

O olhar fixo de Jack a perfurou em silenciosa contemplação.

—Pensa que nasci ontem? Estava tão ansiosa que inadvertidamente machucou o braço.

—Você se aproveitou de mim! — enfureceu-se Moira — Não tenho experiência com homens.

As sobrancelhas de Jack se arquearam com óbvia incredulidade.

—Se você o disser, assim será. É tarde, Moira. Não discutirei sua afirmação. Vim me desculpar por entrar por engano em seu quarto, não para seduzi-la. O beijo não significou nada. Esqueça que alguma vez ocorreu. Que durma bem, Moira. Vitória se foi... não será perturbada outra vez esta noite.

O olhar de Moira seguiu Jack enquanto este saía da estadia. A sensação de formigamento na boca do estômago se reduziu depois que ele saiu, mas não desapareceu completamente. Em sua opinião, Black Jack Graystoke estava à altura de sua reputação como um sem vergonha e um mulherengo. Se ela tivesse o mínimo de sentido comum, sairia dali



assim que pudesse e correria para salvar sua vida. Infelizmente, havia coisas mais perigosas que Black Jack Graystoke.

Tomando tudo em consideração, Jack Graystoke era um perigo menor. Ela se sentia capaz de esquivar-se de seus avanços e lhe oferecia a oportunidade para livrar-se de um destino pior. Se se casasse por dinheiro e posição, muitos de seus problemas desapareceriam.

Jack se jogou na cama sem se incomodar em despir-se. Não tinha ideia do que aconteceu com ele no dormitório de Moira. Tanto o excitou seu encontro com Vitória que nenhuma mulher estava segura com ele? Não era próprio dele impor-se a uma mulher indefesa, nem uma de duvidosa virtude. Mulheres desejosas podia encontrar em qualquer parte. A maioria das mulheres que conhecia estava disponível para Black Jack Graystoke. Foi um maldito idiota, decidiu Jack mal-humorado. E não ocorreria de novo.

Dando murros em seu travesseiro em uma amostra de contrariedade, deitou-se de lado e fechou os olhos. Dormira pouco nas últimas noites, e tinha que encarar uma tarefa intimidante. Converter Moira Ou'Toole em uma dama e casá-la com o melhor candidato. Suspirando com cansaço, tentou pensar em algo exceto nos grandes olhos dourados de Moira, seus seios de bicos rosados e suave carne branca. Não era nada fácil para um homem em doloroso estado de excitação.

Uma luz que brilhava contra as pálpebras fechadas de Jack fez que piscasse e levantasse o braço para cobrir os olhos, esperando que a luz se fosse. Mas se algo fez, foi brilhar mais, e Jack amaldiçoou, perguntando-se se Pettibone entrou no quarto e acendeu um abajur ou acendeu fogo na lareira. A curiosidade o venceu, e, lentamente, abriu os olhos. O que viu o fez desejar manter os olhos fechados.



O fantasma de Lady Amélia gravitou sobre o leito, afirmando com a cabeça e vendo-se muito contente consigo mesma.

—Maldição. Qual é o problema agora? — bramou Jack — Enviou-me em uma busca sem sentido em meio de um clima de cães, e olhe o que aconteceu! Há uma mulher estranha dormindo em minha cama, e nem estou ali com ela!

Lady Amélia não parecia absolutamente desanimada pelo arranque de Jack. De fato, se pudesse dizer que os fantasmas sorriam, então, isso é o que estava fazendo Lady Amélia.

—Não há maneira de que me faça sair esta noite, milady — grunhiu Jack — Ultimamente, dormi muito pouco graças a você.

Lady Amélia negou com a cabeça, como dizendo que não havia necessidade de que Jack deixasse sua cama.

—Pode-me dizer por que está aqui, milady? — perguntou Jack cortesmente — O que é o que quer de mim? Não pode falar? Disse-lhe antes que o diabo já reclamou minha alma. Estou além da redenção. Deixe-me andar o caminho da perdição em paz.

Lady Amélia flutuou mais perto, tanto que Jack podia sentir o calor de sua brilhante luz. Ele se esticou ligeiramente, quando ela se inclinou para ele, não sabendo o que esperar. Sentiu um calor contra sua orelha e um chiado tão baixo que pensou que imaginou as palavras.

“Ela o salvará.”

—O que? O que disse? De quem fala?

Se houve uma resposta, perdeu-se nos rincões mais afastados do quarto. A luz se apagou, e Lady Amélia se foi. Jack gemeu e fechou os olhos. O sono chegou instantaneamente. Quando despertou na manhã seguinte, recordou as palavras de Lady Amélia e se perguntou o que queriam dizer. O fastidioso fantasma estava se tornando um aborrecimento, rapidamente.



Moira despertou tarde. Tendo visto seu descanso rudemente interrompido a noite anterior, quase amanhecia quando finalmente adormeceu.

—Está acordada, senhorita? — a pergunta seguiu a um tímido golpe na porta.

Moira sorriu quando reconheceu a voz de Pettibone.

—Estou acordada, senhor Pettibone. Entre.

Pettibone entrou, carregando uma bandeja de chá fumegante e tentadores pãezinhos.

—Tem fome, senhorita? Terei algo mais substancioso mais tarde.

—Também cozinha, senhor Pettibone? — perguntou Moira ao ancião erguido.

—De fato, sim, senhorita. Uma mulher vem duas vezes por semana para limpar e lavar, mas faço o que seja necessário enquanto isso.

—Você é uma preciosidade, senhor Pettibone. Espero que Sir Jack o aprecie. Possivelmente, quando meu braço se cure, possa ajudar.

Pettibone sorriu satisfeito, suavizando as linhas de seu curtido rosto.

—Oh, não, senhorita, Sir Jack não o permitiria.

Ele se ruborizou e afastou o olhar com embaraço. Perguntou-se como reagiria Moira à notícia de que Jack acreditava que seu valete poderia fazê-la passar por uma dama.

Ignorante de seus pensamentos, Moira continuou alegremente.

— Hoje eu gostaria de me levantar. Meu braço está muito melhor.

—Sir Jack dirá quando pode deixar a cama.

—Por favor, diga a Sir Jack que eu gostaria de falar com ele — pediu Moira.

—Certamente, senhorita, logo que retorne. Foi visitar o jovem Lorde Fenwick.



Jack estava frente a Spence na mesa do café da manhã. Nenhum dos outros Fenwick se levantou ainda, e Spence ainda estaria na cama se Jack não golpeasse sua porta à hora ímpia das nove da manhã.

—O que posso fazer por você, Jack? — perguntou Spence bocejando amplamente — Os rumores dizem que, ontem à noite, você e Lady Vitória deixaram o Clube White juntos. Cheguei pouco depois que vocês saíram. Não se declarou ainda?

—Esqueça Vitória, Spence. Não é por isso que estou aqui.

—E que demônios faz aqui a esta hora tão imprópria? Tem problemas com a moça irlandesa?

—Oxalá fosse tão simples — resmungou Jack, recordando o beijo que quase conduziu a algo mais e como o afetou — Não era minha intenção, mas Vitória conheceu Moira ontem à noite, e tive de apresentar a moça como minha pupila. Para guardar o recato e evitar falações, devo contratar uma mulher para atuar como dama de companhia. De outra maneira, encontraremos muito poucos pretendentes. A moça não tem fortuna para se assegurar.

—Concordo sinceramente, mas estou ligeiramente arrasado até minha seguinte mesada trimestral. Odiaria que meus pais soubessem que perdi no jogo minha última mesada. Não terei minha própria fortuna até dentro de dois anos.

—Maldito seja, em que triste estado estão as coisas quando nenhum de nós pode permitir-se pagar a uma criada. Ganhei várias centenas de libras nas mesas ontem à noite, mas dei tudo a Pettibone para saldar algumas das dívidas mais prementes que contraí.

—Tenho uma ideia — disse Spence alegremente — Há tantas criadas nesta casa, que minha mãe não lhes pode seguir a pista. Simplesmente irei à cozinha, selecionarei uma das ajudantes de cozinha e emprestá-la-ei a você por alguns meses. Ninguém saberá, e ela permanecerá na lista de nomes de Fenwick.



—Espera que uma faxineira atue como criada para Moira?

—Tem uma solução melhor? — perguntou Spence, agradado de solucionar o problema tão habilmente — Vamos agora e vejamos quem está disponível antes que meus pais se levantem.

A juvenzinha que escolheram para ser a criada de Moira tinha potencial, apesar de seu acanhamento e sua juventude, pensou Jack, enquanto Spence a explicava o que se requeria dela.

—Uma donzela, Senhor? — perguntou à jovem Jilly Scranton quando foi informada de seu emprego temporário com Sir Jack Graystoke — Devo cuidar de uma dama que está recuperando-se de algumas feridas que sofreu em um acidente de carro? Nunca fui uma donzela.

Jilly era uma atrativa garota de dezesseis anos, loira, de rosto doce com cândidos olhos azuis e um simpático sorriso. E era a moça mais inocente que Jack alguma vez viu.

—Aprenderá Jilly — disse Spence confidencialmente — Não deve dizer a ninguém sobre este emprego temporário. Arrumarei com a governanta a fim de que não tenha de responder a nenhuma pergunta quando retornar. Eu me ocuparei de dar a você um pagamento extra de minha próxima renda.

—Está seguro que pode arrumá-lo com a governanta? — perguntou Jack.

Spence lhe dirigiu um sorriso confiado.

—O velho pássaro tem debilidade por mim. Se a lisonjear um pouco, acessará a algo — se dirigiu a Jilly — Acompanhe sir Jack, Jilly. Tudo estará bem.

Jilly lançou um olhar cético a Jack. Ouvira sobre o escandaloso Black Jack Graystoke. Quem não o fez? Perguntou-se se fazia o correto, mas só por um momento. Algo era melhor que esfregar louça da manhã a noite e ser esbofeteada pela cozinheira por não fazê-lo



suficientemente rápido. Bom, quase algo. Ao primeiro indício de impropriedade por parte de Black Jack, estaria fora dali mais rápido do que se demora a brandir uma vara.

—Vamos, menina — disse Jack, molesto pela forma em que Jilly cravava os olhos nele — Não a comerei. Prefiro mulheres muito mais mundanas. Tenho sérias dúvidas a respeito de tudo isto, mas parece o suficientemente inteligente para aprender o que se espera de você.

—Oh, sim, senhor. Aprendo rápido. Recolherei minhas coisas e estarei de volta antes que se dê conta.

—Foi de grande ajuda, Spence. Espero que isto resulte como o planejamos. Moira não é exatamente uma dócil senhorita. Cometi um engano enorme quando levei Vitória para casa ontem à noite.

Spence conteve um sorriso.

—Teria gostado de ver isso. O que aconteceu? Apanhou sua... né... pupila em uma situação comprometedoras?

—Algo assim — disse Jack secamente, recordando a pura tentação da doce boca e a suave carne de Moira — Mas isso não vem ao caso. Só espero aplacar Vitória o suficiente para convencê-la a casar-se comigo.

—Duvido que necessite muito para convencer-se — disse Spence meigamente — A propósito, ouviu o último rumor?

—Qual? Os rumores abundam em Londres.

—Este rumor é genuíno. Implica lorde Roger Mayhew, o herdeiro do velho conde de Montclair.

—O que fez Mayhew agora? Nada me assombraria no que concerne a esse canalha. Sabia que é membro do Clube Hellfire? Ele e seus amigos tentaram que me unisse a isso, já sabe.



—Graças a Deus que recusou. Fala-se que partiu para o Continente em plena noite — confiou Spence — Foi tudo muito misterioso. Seus amigos negaram conhecer de antemão sua partida. Parece que deixou atrás uma vintena ou mais de dívidas. Seus pais estão furiosos.

—Já era hora que se fosse — disse Jack sucintamente.



Capítulo 3

Jack voltou para Graystoke Manor justo quando Moira estava terminando de tomar o café da manhã. Comer era bastante incômodo sem o uso de seu braço direito, mas conseguiu levar suficiente comida a sua boca para satisfazer seu apetite. Esteve agradecida pela interrupção quando Jack golpeou e logo entrou na estadia com Jilly nas costas. Estar deitada na cama estava começando a aborrecê-la.

—Bom dia — saudou Jack asperamente. Recordando a doce tentação do erguido mamilo de Moira em sua boca, Jack encontrou difícil não olhar fixamente o rítmico subir e descer de seus seios sob o lençol. — Está é Jilly — disse, trazendo a garota à frente — Sua nova donzela.

Com os olhos abertos, Jilly olhou fixamente a cara golpeada de Moira, resmungando uma cortesia só depois de uma cotovelada de Jack.

—Bom dia, milady. Farei o melhor por agradá-la. Sir Jack disse que sofreu um acidente.

Moira lançou a Jack um olhar surpreendido. Ele sabia que ela não era “milady”. Mas seu olhar de advertência lhe indicou que não discutisse o que ele fazia.

—Sim, um acidente de carruagem — disse veridicamente Moira — Estou segura de que nos adaptaremos bem, Jilly.

—Há algo que deseje milady?

—Um banho — pediu Moira — Se for possível — acrescentou, enviando um olhar inquisidor para Jack.



—De fato, é possível. Encontre Pettibone, Jilly. Trará a tina e mostrará onde estão guardadas as coisas. Demorará alguns dias para aprender a encontrar o caminho neste montão de pedras. Agora, vá e leve a bandeja vazia à cozinha.

Jilly murmurou outra cortesia, agarrou a bandeja do colo de Moira e quase saiu correndo da estadia em sua ansiedade por agradar.

—Se você não gostar, encontraremos outra — disse Jack.

—Jilly o fará bem. Estou incômoda sendo servida. Se não fosse por minha ferida, sequer necessitaria de uma donzela.

—Uma donzela é necessária pelo tema da propriedade — entoou Jack secamente — Em caso de que o tenha esquecido, sou o responsável por seu braço quebrado e os machucados. Agora, há algo mais que você gostaria?

—Sim. Quando poderei sair da cama? Não estou acostumada a estar deitada. E eu gostaria de ter minha roupa.

Lançou-lhe um olhar assassino. Concedeu que parecesse estar melhor. Seus roxos estavam diminuindo, e também o inchaço de seu rosto.

—Passou ontem o doutor Dudley por aqui?

—Sim. Disse que as coisas estavam progredindo adequadamente e que a pneumonia que temia não apareceu. Colocou um estuque no braço e disse que me tiraria isso em quatro semanas.

—Então, suponho que pode se levantar e se mover um pouco durante curtos intervalos, mas não se canse. Instruirei Pettibone para que devolva suas roupas. Acredito que as limpou e arrumou. O que leva a outro problema. Vai necessitar de roupas para manter seu novo status na vida.

—Meu status? — perguntou Moira asperamente — Assumo que se refere ao status que você e Lorde Fenwick criaram.



—Sim, milady — disse Jack, lançando um olhar zombador — Daqui em diante será Lady Moira Greeley. Ou'Toole é um nome muito comum. Já que temos que trabalhar juntos estreitamente, chamarei você de Moira e você pode me chamar de Jack. E, agora que isto está claro, chamarei uma costureira para que a meça e, assim, poderá ter um guarda-roupa apropriado.

—Eu não gosto disto. Pode colocar você em problemas?

Jack lançou uma gargalhada.

—Há alguém aqui que possa refutar minha reclamação de que é uma parente longínqua? A menos que haja algo que não me disse — acrescentou ominosamente — O que passa com seus antigos empregadores? Irão reconhecê-la se encontrar-se com eles em alguma reunião social?

—Meus antigos empregadores são anciões e raramente assistem a reuniões sociais — disse Moira — E inclusive se o fizerem, não acredito que me reconheçam vestida com roupa elegante — pensou que seria melhor não mencionar Lorde Roger, já que, com toda probabilidade, estava ainda no estrangeiro.

—Então, não vejo nada que impeça nossos planos. Uma vez que esteja apropriadamente vestida e versada nos mais elegantes pontos da etiqueta, introduzirei você em sociedade. Se estiver preparada, começaremos nossas lições amanhã. Pode tocar um instrumento? Ou cantar? Ou dançar?

—Toco clavicórdio e canto — disse Moira com orgulho — Mas nunca aprendi a dançar.

Jack estava atônito. Não só Moira falava como membro da alta burguesia, mas, sim, foi educada para tocar um instrumento e cantar.

Por que a teriam educado seus pais por cima de seu status social? Havia um mistério ali em algum lugar, só tinha que resolvê-lo.



—Eu mesmo a ensinarei a dançar.

Sua conversa se interrompeu quando Pettibone chegou com a tina.

—Trarei diretamente a água quente, milady.

—Deixarei você para que se banhe — disse Jack, girando. Só o pensamento de Moira na banheira o fazia ter suores frios. Este não era ele, não era ele absolutamente. As mulheres eram necessárias para seu bem-estar, mas esta necessidade urgente que Moira despertava nele o confundia. Ela transpirava uma abundante sensualidade da qual nem era consciente. Não deveria incomodar a um pícaro libertino como ele, mas o fazia.

O tumulto no Whitcomb era um chateio, pensou Jack enquanto abria caminho para a sala de jogos. Aborrecia-se com as multidões, mas as mesas de jogo pareciam prometedoras. A maioria dos homens envolvidos no jogo estava fazendo altas apostas e podiam permitir ganhar se sua sorte se mantivesse, e tinha a sensação de que o faria, iria para casa essa noite com suficiente ganho para pagar um guarda-roupa para Moira.

—Decidi perdoá-lo.

Jack girou ante o som da voz de Vitória, compondo um sorriso em seu rosto.

—Estarei para sempre agradecido — seu tom de brincadeira ultrapassou a cabeça de Vitória.

—Duvidava? Ninguém pode seguir seu ritmo na cama. Poderíamos ir a minha casa esta noite para que possa ensiná-lo o quanto me agrada?

—Irei a sua casa depois de que acabe nas mesas de jogo — disse Jack — Deixe a entrada do serviço aberta. Poderei encontrar o caminho até seu quarto.

—Estarei esperando — ronronou Vitória guturalmente — Não chegue tarde.



Por alguma inexplicável razão, Jack sentia-se menos entusiasmo pelo cru convite de Vitória. Dias antes, receberia com avidez umas poucas horas faiscantes na cama de Vitória. Agora, esperava poder estar à altura da ocasião.

O jogo demonstrou ser lucrativo, e Jack ganhou algumas centenas de libras. Não podia recordar quando teve tanto êxito apostando, nunca ganhou o suficiente para viver comodamente.

Possivelmente, não estava feito para ser jogador, pensou, enquanto metia no bolso seus lucros e se desculpava. Pela segunda vez em vários dias, Black Jack Graystoke reconhecia seus excessos tanto em beber como em jogar e pensava seriamente em abandonar ambos, o que o assustava até a morte. Algo estava acontecendo e não gostava, nenhum maldito pingo.

O que estava fazendo Lady Amélia? Perguntava-se enquanto recolhia sua capa e caminhava para a crua noite. Desde o dia fatal em que o fantasma da família escolheu visitá-lo, sua vida não era a mesma. Não sabia Lady Amélia que era muito tarde para redimi-lo? Ele já combinara sua alma com o Diabo.

Decidindo que precisava esclarecer sua cabeça, Jack enviou seu chofer para casa e caminhou a curta distância para a casa de Vitória, com o revigorante ar fazendo com que visse as coisas precisamente como eram. Necessitava do dinheiro de Vitória, embora a ideia de tê-la como esposa o estremecesse tão efetivamente como o ar frio da noite. Jack não estava seguro de acreditar no amor, mas deveria haver mais que luxúria em uma relação. E luxúria era o que sentia por Vitória, embora, para falar a verdade, até isso estava começando a perder o sabor. Como seria depois de uns quantos anos de casamento com ela?

O casamento não iria mudá-lo, decidiu Jack. Ainda teria uma ou duas amantes, ainda jogaria, ainda beberia, ainda encontraria diversão em lugares inapropriados. E Vitória deveria levar discretamente suas próprias aventuras românticas, uma vez que sua paixão se



esfriasse, o que indubitavelmente passaria. A imagem era desagradável, embora Jack não encontrasse alternativa a sua urgente necessidade de dinheiro.

Todo esse pensar lhe deu uma dor de cabeça impressionante e aversão a deitar-se com Vitória essa noite. Se fosse a ela agora, nesse estado mental, não faria justiça a nenhum dos dois. Esperando que ela pudesse perdoá-lo, Jack girou em direção a Graystoke Manor.

No dia seguinte, Moira se sentia o suficientemente bem para descer e explorar a casa. Com a ajuda de Jilly se vestiu com seu escuro e singelo vestido e perambulou de estadia em estadia, descobrindo o encanto e a grandeza esvaída da mansão. Em outra época, deveria ter sido espetacular, refletiu. Ainda poderia se deslumbrar se restaurasse sua antiga elegância. Mas é obvio isso requereria uma considerável fortuna, o que Jack não tinha.

Jack descobriu Moira na sala de recepções observando as pinturas que decoravam as paredes.

—Estive buscando você. Como se sente?

—Bastante bem, obrigado, Sir Jack.

—Simplesmente, me chame Jack. Meu título é menor, raramente o uso. Só Pettibone insiste em me chamar Sir Jack. Pensei que deveríamos começar em uma conversa de maneira que possa julgar sua habilidade para falar com inteligência de vários temas.

—Minha primeira lição, Jack? — perguntou asperamente Moira, desdobrando algo de seu antigo temperamento.

Jack sorriu.

—Não lhe falta coragem, é bom sinal. Vamos ao estúdio, é menos intimidante que o salão. Encontrei com Jilly no vestíbulo e pedi que trouxesse uma bebida.

—Primeiro, me conte sobre as pessoas destes quadros. Quem são?

—Alguns antepassados — disse Jack — Deus, não olhei estas pinturas em anos.



—Este deve ser seu pai — disse Moira, assinalando a um homem digno que permanecia de pé reclamando atenção — Você se parece com ele.

—Morreu quando eu tinha doze anos. Minha mãe está a sua direita.

—É formosa. Tem seus olhos. Quem é a outra mulher?

—Lady Amélia, minha tataravó. Ela construiu esta casa.

—Parece triste.

—Tinha uma boa razão. Seu único filho morreu como um jogador compulsivo, um esbanjador. Diz-se que ela vaga pela mansão, de vez em quando, tentando salvar outros do destino de seu filho.

Os olhos de Moira se abriram.

—Você a viu?

—Não acredito em fantasmas — disse Jack secamente — Vamos. Nossos refrescos chegarão logo.

Uns minutos mais tarde, estavam sentados no estúdio, esquentando-se ao calor da lareira. Jilly trouxe chá e se foi rapidamente para ajudar Pettibone a preparar o jantar.

—Do que deveríamos falar? — perguntou Moira, bebendo delicadamente da xícara. Jack a olhou de perto, estudando suas maneiras e comportamento. O que viu pareceu lhe agradar.

—Devo dizer que seus pais fizeram um bom trabalho com você. Está segura de que nenhum deles era um nobre? Não é incomum que uma mulher de nascimento gentil e boa educação se apaixone e se case com um homem de inferior status social. Ou possivelmente seu pai se casou por baixo de seu nível.

—Papai tinha uma granja pequena. Mamãe era órfã. Foi criada por monjas depois de que sua mãe morreu ao lhe dar a luz. Sua mãe era a filha de um hospedeiro, mas mamãe nunca soube o nome de seu pai. Ser ilegítima sempre a incomodou, embora papai a amasse



muito e nunca questionasse suas razões para educar meu irmão e a mim por cima de nosso status social.

—Estranho — murmurou Jack pensativo — Por que ia necessitar de educação a filha de um granjeiro? Certamente, não pode reclamar ser uma dama. Há coisas que esqueceu de me dizer, Moira. Como por que estava caminhando pelas ruas de noite e durante uma tormenta perturbadora. Abandonou seu amante? É uma prostituta?

Moira ficou torpemente em pé, protegendo seu braço ferido. A ira e o ultraje esticaram seu pequeno corpo e levaram um perigoso brilho a seus olhos.

—Você, senhor, não é um cavalheiro! Estritamente falando, posso não ser uma dama, mas não sou uma prostituta!

As comissuras dos lábios de Jack se elevaram.

—Estritamente falando — se mofou — Não sou um cavalheiro.

—Deve-me uma desculpa, senhor.

—Sente-se, Moira. Irei me desculpar depois de escutar sua explicação.

Deus, era esplêndida quando despertava sua cólera, pensou Jack. Com esses lábios cheios e toda provocadora, hipnotizava com um erotismo intenso que o incitava e escravizava. Invejou seu amante, se em realidade tinha um.

—Não devo nenhuma explicação — insistiu Moira muito zangada para sentar-se — E, já que estamos arejando nossas ofensas, devo dizer que não confio em você, e seu grande plano para meu futuro é suspeito. Por que deveria se preocupar com o que me ocorra? Meus problemas não são de sua incumbência.

Jack separou todo seu desajeitado corpo da cadeira.

—Estou fazendo dele meu assunto. É minha responsabilidade, e prefiro encontrar um marido para você a tê-la interferindo em meus próprios planos de casamento. Já viu a reação



de Lady Vitória ante você. Não estaria bem ter uma bonita pupila sob meu amparo quando a trouxer para casa como minha noiva.

—Eu estarei bem — espetou Moira.

—Não o duvido. Quero a verdade, Moira. O que estava fazendo fora na noite quando minha carruagem a atropelou?

Moira girou sem querer revelar a verdade por medo a acabar em Newgate. Muito a seu pesar, compreendeu que necessitava o amparo de Jack. E, já que ele parecia inclinado a acreditar em suas mentiras anteriores, decidiu inventar outra.

—Muito bem. Estava me encontrando com meu... meu amante. Disse-lhe que meus empregadores me despediram porque seu filho me desejava — era quase certo — Roguei a meu amante que se casasse comigo, e ele se zangou porque perdi minha fonte de renda. Rompeu nossa relação. Estava correndo atrás dele, para lhe rogar que o reconsiderasse, quando sua carruagem me golpeou — já estava, agora desejava que a mentira o agradasse e deixasse de acozá-la.

—Isso pensei — disse Jack com um pingo de decepção. Tinha esperado... Oh, bem, deveria havê-lo imaginado. Era de esperar que uma beleza como Moira tivesse amantes. Perguntou-se se Moira deliberadamente tinha incitado o filho de seus patrões — Sua escolha de amantes deixa muito a desejar. — Moira não respondeu. —Não importa — Jack encolheu de ombros — Não é necessário dizer que, se eu fosse seu amante, não seria tão desconsiderado. — Agarrou seu queixo, elevando seu rosto para poder olhá-la aos olhos. — Esqueça o passado, Moira. Pense só no futuro. É o suficientemente brilhante para convencer a qualquer homem de que é uma inocente virgem. Quase me convenceu — seu sorriso não alcançou seus olhos.

Uma labareda de dor brilhou nos dourados olhos de Moira, enquanto olhava fixamente a Jack. Não merecia seu desdém, e era exatamente o que conseguiu. Um homem



tão desenfreadamente atrativo e viril como Jackson Graystoke poderia ter qualquer mulher que desejasse. Por que acreditou que seu interesse nela ia além do que afirmava? Jack sentia certa responsabilidade por ela, nada mais.

—No que está pensando, Moira? — disse Jack com lentidão quando viu que seus olhos se escureciam — Está se perguntando se sou melhor amante que o último com o que estive? — sua mão deslizou desde seu queixo, descansando em seu ombro antes de arrastar-se para seu seio. Jack sabia que estava entrando em terreno perigoso, mas não podia evitá-lo. Moira poderia ser experimentada, mas havia um ar de doce inocência nela que o intrigava. Doce inocência e pura tentação, que combinação mais explosiva!

Moira conteve o fôlego enquanto sentia o acalorado caminho de seu olhar seguindo sua mão. Seus seios formigaram sob a intensidade do olhar e a íntima carícia. Uma faísca de desejo se instalou em seu centro e começou a crescer enquanto ela reagia ante seu contato. Sentiu seu mamilo endurecer-se contra sua palma e se afastou alarmada.

—Pare!

Jack suspirou pesarosamente e afastou a mão.

—Tem razão. Por muito que gostaria de continuar com isto, temo que não esteja pronta ainda. Além disso, prefiro não me envolver intimamente. É melhor manter isto em um nível puramente impessoal. Ao menos, até que encontremos um marido para você. Depois que esteja casada, poderemos explorar de maneira mais plena esta atração que sentimos um pelo outro.

—Acredita que serei infiel? — ofegou Moira ultrajada.

—O que acredito não importa.

—Não me sinto atraída por você. É um rasteiro libertino e um descarado. Encontro muito pouco o que admirar em sua pessoa.

—De verdade? — disse ele prazerosamente.



Jack não podia ignorar o desafio. Estendendo a mão, aproximou-a mais a ele e a beijou de forma longa e lânguida, empurrando sua língua através de seus lábios abertos, mergulhando-a em uma doce perdição. Ele tinha sabor de especiarias e era quente e delicioso. Antes que ela se desse conta do que estava fazendo, começou a devolver o beijo.

Jack estava desfrutando muito do beijo. Afastou-se com esforço. A pura maravilha da resposta de Moira o inflamou quase sem volta. Hipnotizado, viu o pulso palpitar em sua branca garganta e lutou contra a urgência de colocar ali seus lábios.

—Não quis que acontecesse isto — sua voz tinha uma estranha rouquidão, e esclareceu sua garganta ruidosamente — Acredito que conversamos suficiente por um dia. Está cansada. Deveria descansar e recuperar suas forças. Necessitará quando a apresente em sociedade. Predigo que será um êxito instantâneo. Uma original. Nós a teremos casada em pouco tempo. Amanhã, discutiremos sobre os acontecimentos atuais e sobre literatura. Uma mulher deve saber aonde pode chegar antes que seu pretendente se sinta afligido por sua inteligência.

Moira girou e fugiu. Passou muito, muito tempo antes que sua respiração e sua consciência retornassem. Para então, já estava a salvo em seu quarto, onde a presença magnética de Jack não podia tentá-la. Jack Graystoke era muito intenso, muito audaz, muito atrativo. Ela não era rival para ele.

Durante os dias seguintes, Moira foi avaliada em diferentes temas por Jack e Lorde Fenwick. Teve de aprender sobre assuntos de atualidade, praticar a servir chá, foi interrogada sobre etiqueta e sobre o comportamento adequado. Para deleite de Jack, encontrou-a bem versada em uma variedade de temas e o suficientemente inteligente para aprender rapidamente sobre aquilo com o que não estava familiarizada.



Nesse período, uma costureira foi contratada para costurar um completo guarda-roupa para Moira. Dois vestidos de dia chegaram em uma semana, com a promessa de três vestidos de baile que chegariam a tempo, quando Moira fosse apresentada em sociedade. Os vestidos de dia eram mais encantadores que nenhum que Moira teve jamais, e ela se perguntava de onde ia tirar Jack o dinheiro para pagá-los. Esperava que não fosse de Lady Vitória.

Para imenso alívio de Moira, ela e Jack raramente estavam a sós. Se Spencer Fenwick não estava com eles, Pettibone ou Jilly os estavam atendendo. Duas semanas depois de sua chegada a Graystoke Manor, Jack anunciou que estava pronta para suas lições de dança. Quando Moira chegou ao salão para a primeira lição, surpreendeu-se ao ver Pettibone sentado ante um pianoforte desafinado e o tapete enrolado para trás.

A primeira lição foi um desastre. Com os fortes braços de Jack a seu redor e o calor de seu corpo assaltando-a, Moira não podia concentrar-se nos passos. Inclusive quando os passos da dança os afastavam, ela ainda podia sentir o calor nas partes de seu corpo onde suas mãos tinham estado. Quando a ensinou a valsa ela se voltou tão torpe que Jack elevou as mãos desesperado.

—O que ocorre com você, Moira? Uma criatura cheia de graça como você deveria ser capaz de entender os passos sem dificuldade.

—Não brigue com ela, Jack — repreendeu Spencer — Moira fez melhor do que nós esperávamos. É uma garota do campo, não uma aristocrata.

Jack olhou fixamente para Moira, vendo muito mais que uma simples garota do campo. Sua beleza eclipsava a estrela mais brilhante, e sua inteligência era tão perspicaz como a sua. Moira o confundia. Não era como nenhuma das filhas de um pobre granjeiro que ele conheceu. Estava convencido que poderia equiparar-se com qualquer dama nobre



que ele conhecesse. Moira era um enigma, decidiu Jack, e ele invejava seus anteriores amantes.

O coração de Moira deu um rápido batimento, enquanto ele continuava olhando-a. O que pensaria Jack, perguntava-se. Demonstrava não ser o suficientemente divertida? A ideia de que ele estivesse educando-a para outro homem resultava estranhamente incômoda.

—Podemos seguir amanhã? — perguntou, sacudida por seus pensamentos — tive suficientes lições por um dia.

—É obvio — assentiu Jack — Continuaremos amanhã. Dançar será mais singelo, uma vez que tire o gesso do braço.

Ele a viu afastar-se, agitado novamente por sua beleza. Ocorreu-lhe que deveria sentir-se agradecido a Lady Amélia por pôr Moira em seu caminho. Desfrutava enormemente desta pequena charada. As duas mil libras de Spence já estavam virtualmente em seu bolso.

—Parece que Moira gosta muito de você — disse Spence, olhando estreitamente a Jack — Tome cuidado, Jack, a dama é muito especial.

Arrastando sua atenção de volta a seu amigo, Jack lançou a Spence um olhar divertido.

—Não se preocupe por mim, Spence. Moira representa duas mil libras, a soma exata que me deverá quando ela apanhar um marido rico. Conseguirá, sabe? Com nossa instrução e sua beleza natural, como poderia falhar?

—Temo que tenha razão — Spence soltou um pesaroso suspiro — Contava com esses ruços. Ficariam magníficos na minha carruagem. Mas não está comprometida ainda, velho. E se não tomar cuidado, ela poderia caçar você.

Estranhamente incômodo com esse comentário, Jack deixou escapar uma risada nervosa.



—Preciso me casar por dinheiro, não com uma pequena carga irlandesa que teve muitos amantes para meu gosto.

—Está seguro disso? Disse que teve amantes? Parece muito inocente.

—Isso é com o que estou contando, Spence. Não quero que seus pretendentes questionem sua inocência, ou a falta dela. Moira admitiu que estivesse se encontrando com um amante na noite em que a atropelou.

A desilusão de Spence foi óbvia.

—Ah, bem, aqui terminam minhas fantasias. Imaginei diferentes situações, a maioria envolvendo nosso oportuno resgate de uma moça em apuros.

—É um sonhador, Spence — a voz de Jack tinha esse duro fio que fez seu amigo recordar meigamente ao velho Black Jack de antes — Os dois sabíamos o que Moira era, desde o começo, e estivemos ansiosos de jogar nosso pequeno jogo. Fazemos isto por diversão, recorde, e para me liberar de uma não desejada responsabilidade. Depois de tudo, foi minha carruagem que a atropelou.

Deveria saber que Jack não permitiria que uma mulher se voltasse importante para ele, refletiu Spence, ao escutar os comentários de Jack sobre Moira. Entretanto, não podia evitar pensar que havia mais entre Jack e Moira do que se via a simples vista. O ar ao redor deles vibrava quando estavam juntos. Spence quase podia sentir a tensão entre eles. Pensou que este assunto ficava mais interessante a cada minuto e não podia esperar para ver como acabava.

—Está seguro de que não se sente atraído por Moira? — Spence quis saber.

—Sou um homem, Spence. Responde isso a sua pergunta? Que homem não estaria? Mas não vou perder a cabeça por ela.

A resposta de Jack pareceu satisfazer Spence.

—Quando pensa que Moira estará pronta para entrar em sociedade?



—Quando tirar o gesso do braço deveria estar pronta e preparada para conhecer às pessoas. Acredito que a reunião de Griswald seria uma ocasião perfeita para levá-la. Recebi o convite ontem.

—Declarou-se já a Lady Vitória?

Jack se removeu, incomodamente, recordando as inúmeráveis desculpas que deu a Vitória para explicar sua falta de atenção. Não estava contente, sobretudo depois de não apresentar-se em sua casa depois da reunião de Whitcomb. De fato, Jack se deu conta que a evitava o máximo possível.

—Ainda não, mas logo. Eu gostaria de casar na primavera.

—Convide-me à cerimônia — disse Spence — Bom, devo ir. Verei você esta noite no Clube White?

—Possivelmente — disse Jack evasivamente. Não queria admitir ante Spence que o jogo já não o atraía tanto como antes. Nem tampouco beber em excesso. A aparição de Lady Amélia deixou sua vida do avesso, e esperava que estivesse contente.

Duas semanas depois, o gesso foi retirado do braço de Moira. Ela o flexionou cautelosamente e sorriu ao doutor quando não sentiu dor.

—Tão bom como novo — disse o doutor, sorrindo satisfeito — Eu não levantaria nada pesado durante um tempo, embora duvide que Sir Jack o permita. Entendo que você é sua pupila.

Moira podia dizer pelo tom de voz que o doutor não acreditava na história que eles prepararam.

—Sim. Somos familiares longínquos.

—É óbvio — disse o doutor sem nenhuma convicção — Bem, jovem dama, a melhor sorte para você. Espero que não tenha mais necessidade de meus serviços.



—Um pouco bocudo, não? — disse Jilly uma vez que o doutor se foi — Estava insinuando algo impróprio. Bem, pelo que vi Sir Jack não foi mais que um completo cavalheiro.

—Obrigado, Jilly, mas temo que não me conheça muito bem. Poucas pessoas me chamariam cavalheiro.

Os olhos de Moira se abriram amplamente quando viu Jack ocupando a entrada, magnífico com suas escuras calças cinza e uma jaqueta negra que se moldava perfeitamente a seus amplos ombros. Sua poderosa presença era intimidante, só a visão dele era suficiente para fazer que o sangue se acelerasse em suas veias. Ele caminhou da porta e cruzou a estadia até onde Moira estava sentada.

—O doutor disse que seu braço está tão bem como novo. Como o sente?

—Bastante bem — replicou Moira, flexionando o membro são.

—Alegro-me — repentinamente consciente de que Jilly os estava olhando com curiosidade, Jack disse: — Pode ir, Jilly, desejo falar com sua senhora em privado.

—O que quer me dizer que necessite privacidade? — quis saber Moira, uma vez que Jilly já não podia escutar.

—Não acredito que queira que Jilly saiba que não somos realmente parentes. Está satisfeita com suas novas roupas?

—São encantadoras — admitiu Moira — Nunca tive algo tão esplêndido.

—Espera para ver os vestidos para o baile. Escolhi estilos que realçarão sua figura e colorido. Acredito que estará agradada.

—Minha dança melhorou — disse Moira, procurando a aprovação do Jack.

—Sim, o tem feito. Ninguém encontrará faltas quando dançar. Superou minhas mais profundas esperanças em todos os sentidos. Tomará Londres como um furacão. Predigo que estará casada para a primavera.



O quente brilho pelos elogios de Jack se desvaneceu abruptamente, quando Moira imaginou a si mesma casada com um homem que ainda não conhecia. Um homem que não era Jack. Deus, de onde vinha esse pensamento? Ela não aceitaria um homem como Jackson Graystoke nem que o servissem em bandeja de prata. Um tipo de sua reputação abandonaria o leito nupcial antes que estivesse frio.

— Isso não a agrada? — perguntou Jack, confundido por seu silêncio — Será capaz de trazer sua família a Londres. Ou ajudá-los financeiramente se desejam ficar na Irlanda.

— É óbvio que me agrada — espetou Moira — Algo é melhor que depender de você. E o que tem seus próprios planos de bodas? Aceitou Lady Vitória sua proposta?

Jack afastou a vista.

— Ainda não me declarei. Estive muito ocupado polindo-a para apresentá-la em sociedade. Mas não antecipo problemas. Casar-se por dinheiro é tão necessário para mim como para você. Suponho que poderia pedir dinheiro a meu primo, mas não sou dos que pedem.

— Seu primo?

— Sim, o duque de Ailesbury. Embora não somos muito próximos, é bastante amável e nos respeitamos. Seu pai e minha mãe eram irmãos. Minha mãe se casou abaixo de seu status social, mas isso nunca a incomodou. O jovem William se casará logo, e espero que em pouco tempo haja um herdeiro. Will e eu não temos mais parentes vivos.

— Seu primo é um duque? Não sabia que tinha parentes tão bem colocados.

— Os títulos não me impressionam, assim como tampouco os almofadinhas. O jovem William pode ficar com o ducado; nunca aspirei ao título e ele sabe. O título conduz obrigações; é por isso que o insisti a casar-se e ter um herdeiro. Estou perfeitamente satisfeito sendo a ovelha negra da família.

Os dourados olhos de Moira piscaram travessamente.



—O negro lhe cai bem, Sir Jack. Você sabe usá-lo.

Jack jogou a cabeça para trás e lançou uma gargalhada.

—E você, Lady Moira, vai pôr Londres do avesso com sua inteligência e sua beleza.

Desejaria...

A atenção de Moira se concentrou.

—O que desejaria Jack?

Ele a pôs de pé e a atraiu aos seus braços.

—Desejaria ser o homem que vai conhecer essa noite. Desejaria ser seu amante.



Capítulo 4

—Oxalá fosse seu amante — repetiu Jack quando Moira pareceu deslumbrada por sua admissão — É pura tentação, sabe, verdade?

Seus olhos se encontraram, e, no tenso e vibrante silêncio que seguiu Moira compreendeu que ela estava completamente fora de seu elemento. Seu corpo se sentia cheio de desejo, seu centro ardente estava líquido com antecipação e pulsava com um desejo que não entendia totalmente. Tentou negar os sentimentos que a presença volátil de Jack despertava nela, mas em tudo o que podia pensar era no ardente calor de seu insinuante olhar e a calidez de seu duro corpo.

Quando Moira tentou pronunciar uma resposta, a boca de Jack baixou sobre a dela, dura, rudemente premente. Toda semelhança de controle se esfumou, e seus joelhos se debilitaram. Um audível suspiro escapou de sua garganta. A boca dele se abriu sobre a dela, sua língua empurrando para passar seus lábios e dentes, bebendo, saboreando, retirando-se e empurrando novamente imitando o que gostaria de fazer em suas partes inferiores. Ela sentia a dureza de sua virilha pressionando contra seu suave estômago, sentia suas mãos amassando seus seios, e um êxtase inverificado, puro e agudo, percorreu suas veias. A boca dele na dela era maravilhoso. Nunca conheceu nada comparável ao profundo prazer de seu roce e seu sabor. Era gloriosamente decadente.

O instinto dirigiu seu cérebro enquanto ela envolvia seus braços ao redor do pescoço dele e suspirava contra sua boca. O prazer dela intensificou sua fome selvagem, e ele a atraiu mais perto, enchendo o calor de sua boca com seu sabor ao mesmo tempo em que tomava o dela. Quando ele começou a arrastá-la para a cama, os sentidos de Moira se reavivaram,



advertindo o perigo. Com força nascida do desespero, separou-se dele, respirando com força, seus olhos precavidos.

—Faz-me arder — confessou Jack roucamente — Pensar em fazer amor com você me intriga. Quando estou com você, não posso pensar em nada mais. É um mistério, Moira Ou'Toole, um mistério tentador — ele tocou o medalhão suspenso ao redor de seu pescoço com uma cadeia de ouro, perguntando-se, não pela primeira vez, por que parecia tão afeiçoada a ele — Onde conseguiu este medalhão? Deu-lhe isso um de seus amantes?

—Não há nada misterioso sobre mim, senhor. E, se deve sabê-lo, o medalhão pertenceu a minha avó e, depois, a minha mãe. Agora é meu.

—O que vamos fazer sobre esta atração que existe entre nós? — perguntou Jack brandamente, o medalhão esquecido enquanto se inclinava para morder o pulso que pulsava em seu pescoço. O mundo de Moira girou vertiginosamente — Manter nossa relação em um nível estritamente impessoal é condenadamente difícil para um libertino como eu.

—É o melhor — disse Moira, enquanto retrocedia.

—Demônios Moira, teve amantes antes. Que diferença faz um a mais?

As bochechas de Moira avermelharam. Ela supôs que o merecia por mentir para Jack sobre seu amante inexistente.

—O que acontece a Lady Vitória? Duvido que seja do tipo que perdoe. Nem que compartilhe seus homens.

Jack lançou uma gargalhada.

—Certamente, não é tão ingênua para pensar que serei fiel a Vitória, uma vez casados, verdade? Por que acredita que me chamam Black Jack? Não sou nenhum santo, Moira. Estou além inclusive da ajuda de Lady Amélia.

Moira lhe enviou um olhar confuso.

—Lady Amélia? Está referindo-se ao fantasma familiar? A que vi no retrato do salão?



—Ao demônio com Lady Amélia! É sobre você que quero falar. Desejo-a, Moira, e eu sempre consigo o que desejo.

—Até agora — disse Moira com aspereza. Compadecia a mulher que se casasse com Black Jack Graystoke. Ele era muito bonito e muito arrogante e também condenadamente seguro de si mesmo. Não o conhecia o suficiente para confiar nele.

—Vai rechaçar-me? Negar nossa atração? Dou-me conta quando uma mulher quer ser levada a cama, e seus beijos me dizem que está tão ávida como eu de consumir nossa mútua atração.

Os dourados olhos de Moira arderam de fúria.

—Você é um arrogante, presunçoso e presumido, Sir Jack! Eu poderia esquecer agora mesmo este jogo que você e Lorde Fenwick tramaram e olhar atrás sem arrependimentos.

A sobrancelha de Jack se elevou.

—Poderia? Aonde iria? Que eu saiba não tem dinheiro. Nem tem uma promessa de emprego. Você mesma admitiu que seu amante não quer nada mais com você. Precisa-me, Moira Ou'Toole. Eu diria que ambos temos uma mútua necessidade do outro — seus olhos lhe sorriram, uma esquina de sua boca se elevou, e parecia tão arrogante que Moira quis apagar de uma palmada o sorriso afetado de sua cara.

—É impossível que saiba o que preciso — disse Moira — Guarde seu ardor para sua noiva e amantes. Eu não o desejo. Você me prometeu um marido rico, e isso é tudo o que quero.

Se Moira soava mercenária, era porque estava desesperada. Na última carta de seu irmão, havia indícios de seus horríveis apuros, e, quanto antes lhe enviasse apoio financeiro, melhor.

A luz nos olhos cinza de Jack se obscureceu, e se afastou dela.



—Faça a sua maneira, Moira. Eu nunca forcei uma mulher em minha vida, sequer a uma prostituta...

Ele deixou sua frase no ar, mas Moira soube que estava referindo-se a ela. Que outra coisa podia pensar ele, quando ela o levou a acreditar que era uma qualquer em lugar de uma inocente virgem?

—Nós lhe encontraremos um marido rico, e você poderá seguir seu alegre caminho. Fazê-la passar por uma mulher... Né... Digamos uma dama de qualidade será imensamente divertido — e lucrativo pela quantidade de duas mil libras, pensou Jack, mas não disse — Há um baile no sábado à noite. É o momento perfeito para apresentá-la em sociedade. Agora, se me perdoar, vou visitar Lady Vitória esta tarde. É o momento perfeito para fazer a proposta. Ambos teremos maridos ricos para a primavera. Bom dia, Moira. Não me reunirei com você para o jantar desta noite. É provável que Lady Vitória tenha um entretenimento planejado apropriado para celebrar nosso compromisso.

—Bom dia, Sir Jack — lhe respondeu friamente Moira, sabendo bastante bem o tipo de entretenimento que Lady Vitória proveria a seu viril prometido. Não sabia por que, mas pensar em Jack e Vitória juntos, intimamente, a fazia sentir-se fisicamente doente.

* * *

Jack fechou de um golpe a porta, cheio de fúria. Não era como se estivesse pedindo a Moira algo que ela já não tivesse dado a outros. Ele sabia que a atração entre eles era perigosa para seus planos no futuro com Vitória, mas não podia evitá-lo. Parecia como se estivesse correndo para algum destino desconhecido, guiado por uma mão invisível. Que o amaldiçoem se permitisse danificar seus planos! Sua vida era dele, para vivê-la como condenadamente quisesse. Ele estava absolutamente satisfeito com sua vida, até que foi



enganado e atropelou uma moça irlandesa abandonada por seu amante. Manter-se entretido e pescar uma esposa enriquecida foi suas únicas metas na vida. Não podia esperar até encontrar um marido crédulo para a mulher de virtude questionável que trouxe a sua casa. Nunca seria muito cedo para satisfazê-lo.

—Oh, milady, parece uma princesa — suspirou Jilly nostálgicamente — Sir Jack vai estar tão agradado. Aposto que eclipsará a todas as mulheres no baile desta noite. Pescará um marido imediatamente.

Moira se olhava fixamente, extasiada, no alto espelho entre as janelas, incapaz de acreditar que a imagem refletida era ela mesma. O vestido de baile foi entregue essa mesma tarde. A malha cor prata, brilhando com iridescentes tons de violeta, abraçava seus seios e rodeava sua cintura mais que favorecedoramente, para logo abrir-se em sino em régio esplendor. O decote caía tentadoramente para revelar as curvas superiores de seus seios sem parecer muito atrevido, enquanto as largas mangas ajustadas lhe davam uma aparência de recatada elegância.

Seu cabelo foi amorosamente arrumado por Jilly, que amontoou sua brilhante cabeleira no alto de sua cabeça em um derrame de cachos que proviam um encantador marco a seus delicados traços. Se Moira não estivesse olhando-se no espelho, teria jurado que semelhante transformação era impossível. Ainda assim, a prova vivente estava lhe devolvendo o olhar.

—Adula-me, Jilly — objetou Moira modestamente — Traga meu xale. Eu não gostaria de fazer esperar Sir Jack.

Jack estava se impacientando, caminhado de um lado a outro do salão e fazendo uma pausa na escada a cada poucos segundos para olhar para cima. Estava tão nervoso como



uma mãe a ponto de apresentar sua filha em sociedade. Muitas coisas dependiam da aceitação de Moira pela nobreza. Ele necessitava das duas mil libras de Spence para financiar suas bodas com Vitória, e Moira necessitava de um marido rico que a tirasse de suas mãos.

Sua proposta de matrimônio foi ao chão até que Vitória colocou uma estipulação para seu compromisso. Ela se negava a casar até que sua pupila se estabelecesse em seu próprio lar. Maldição! Graystoke Manor se derrubaria a seu redor se não obtivesse logo os recursos para restaurá-la. Jack se aliviou ao inteirar-se de que a mãe de Vitória chegou inesperadamente para uma visita, o permitindo assim fazer uma elegante saída sem ter que desculpar-se com Vitória por não levá-la à cama, como ela esperaria ao estar sozinha. Sua inapetência o confundia. Até há pouco tempo, deitar-se com Vitória era seu mais agradável trabalho.

Seus bolsos vazios deveriam ser mais que um incentivo para aplacar Vitória de qualquer forma que pudesse. Como encontrar para Moira um marido. Por outro lado, imaginar Moira fazendo amor com outro homem o fazia sentir-se fisicamente incômodo. Supunha que esse sentimento iria uma vez que ambos se casassem sem contratempos.

Fazendo uma pausa ao pé da escada, Jack deu uma olhada para cima outra vez aturdido pela visão ante ele. Resplandecendo em brilhante prata, parecendo um anjo, Moira parecia flutuar baixando os degraus. A seus pés, deviam ter crescido asas, por que lhe parecia que ela, mal tocava os degraus, enquanto se aproximava do final da escada, onde ele estava esperando. Jack foi apenas consciente que deixou de respirar até que um ofego explodiu de seu peito. Quando Moira alcançou o patamar, ele ofereceu seu braço galantemente e a guiou para o saguão onde se afastou para examiná-la criticamente.

O ardente olhar dele caiu de seus olhos a seus ombros, devagar e sedutoramente se dirigiu a seus seios, seu olhar era descarado e avaliador. Toda a existência de Moira pareceu encher-se de espera; prolongada antecipação era quase insofrível.



—Passa-o, Sir?

Passar? Jack mais que aprovador, estava afligido. Nunca em sua mais selvagem imaginação pensou que a lastimosa criatura que havia trazido para casa há um mês poderia transformar-se nesta gloriosa mulher de pé ante ele. A boca de seu estômago se revolveu, e teve que esforçar-se para se acalmar, se repetindo que não podia permitir o luxo de envolver-se com uma órfã sem dinheiro que mais que provavelmente fosse uma prostituta. E Moira não podia permitir o luxo de casar-se com um qualquer sem dinheiro, se desejava ajudar a seus parentes. Miúdo casal pensou obscuramente. Ele era um desacreditado canalha disposto a trocar afeto por dinheiro, e ela era uma mulher com um deplorável gosto para os amantes.

Ele a contemplou por um momento e encolheu os ombros.

—Não é minha aprovação a que estamos procurando. É a seus prováveis pretendentes que precisa impressionar. Mas opino que o fará muito bem. Simplesmente, recorde-se de suas lições e esteja atenta aos passos de dança, e predigo que terá pretendentes de sobra. As pessoas mal pensariam ao olhar que é... — deteve-se no meio da frase, para dizer depois de uma dramática pausa — da classe trabalhadora.

Moira não precisou ser clarividente para saber o que Jack começara a dizer; sua torpe pausa lhe disse tudo. Já que não tinha nada que adicionar para alterar sua opinião sobre ela, disse:

—Vamos?

Jilly apareceu com a nova capa bordada com pele de Moira, e Jack a envolveu sobre os ombros dela. Suas mãos se atrasaram um momento muito longo, e o calor de seu roce a esquentou todo o caminho à mansão Griswald em Mayfair. Por que Black Jack Graystoke a perturbava tanto? Perguntou-se Moira desconsoladamente. Como poderia concentrar-se em outro homem quando o atrativo viril Jack assaltava cada sentido que ela possuía?



—Chegamos — disse Jack enquanto a carruagem rodava até deter-se ante um enorme edifício de pedra cujas altas janelas derramavam luz sobre a rua. As pessoas estavam deixando suas carruagens e caminhando para a entrada em manadas. O chofer diminuiu o passo, e Jack saiu primeiro. Ele ofereceu uma mão a Moira para ajudá-la.

A mão de Moira tremeu quando a pôs na sua. Jack cobriu seus dedos com os seus e a aplaudiu tranquilizadamente.

—Só seja você mesma e recorde-se da história que preparamos para explicar sua presença em Londres. Eu a estarei vigiando.

—Não acredito que isso seja prudente. Não se zangará Lady Vitória se você me observar muito atentamente?

—Possivelmente, mas você é minha pupila, e se espera que a vigie. Além disso, quanto antes lhe encontrarmos um marido, mais feliz será Vitória — adicionou secamente.

A escada que levava ao salão de baile do segundo andar estava repleta de pessoas indo em todas direções. Jack saudou muitos pelo nome enquanto cabeceava sucintamente a outros. A maioria pareceu sobressaltar-se ao vê-lo com uma mulher que não era Vitória, já que o rumor era que Jack e Vitória estavam tudo menos comprometidos. Quando foram anunciados, todas as cabeças se voltaram em sua direção enquanto o mordomo dizia a toda voz:

— Sir Jackson Graystoke e sua pupila, Lady Moira Greeley.

O que seguiu foi uma correria geral para serem apresentados a Moira. Jack a levou primeiro até os anfitriões, explicando a identidade de Moira com umas poucas sucintas palavras. Já que ninguém refutou sua afirmação ou questionou o direito de Moira a concorrer à reunião, ela se permitiu um tremendo suspiro do mais sincero alívio. Jack apertou seu braço e sussurrou:

— Foi apresentada. O resto depende de você.



Spence subiu para unir-se com eles, olhando Moira com aberta admiração.

—Você parece com um anjo, Moira. Quase posso garantir seu êxito — dirigiu um significativo olhar a Jack — Suponho que posso comprar meus próprios ruços — se afastou rindo entre dentes — Ver isto desenvolver-se bem vale a perda.

Moira olhava Jack com receio.

—Do que está falando?

—Não preste atenção. Spence frequentemente fala com adivinhações.

Toda explicação foi esquecida quando ambos foram rodeados imediatamente por jovens cavalheiros exigindo ser apresentados a Moira. Havia tantos, que Moira mal podia mantê-los afastados, nem muito menos decidir-se por algum que chamasse sua atenção. Assim, dançou com todos eles, piscando repetidamente, o que estava totalmente fora de sua forma de ser. O flerte era novo para Moira; assim como o tipo de engano no que estava envolta.

Quando chegou a meia-noite, Lorde Harrington e Lorde Renfrew pediram para serem seus acompanhantes durante o jantar. Quando ela olhou Jack para um conselho, viu que ele estava prestando extasiada atenção a Lady Vitória e não era consciente de seu dilema. Usando seu próprio julgamento, sorriu sedutoramente a ambos os homens e aceitou um braço de cada um, permitindo que os dois ansiosos pretendentes a levassem ao jantar.

—Sua pequena pupila parece fazer algumas conquistas bastante importantes — disse Vitória com um sorriso afetado — Harrington e Renfrew parecem muitos cativados por ela.

A cabeça de Jack girou bruscamente.

—Renfrew? O homem é um bastardo arrogante. Um libertino da pior espécie e definitivamente não é do tipo que se casa. Desculpe-me, enquanto resgato Moira.

Pendurada no braço de Jack, Vitória se negou a soltá-lo.



—Deixa-a sozinha, querido. Possivelmente, a menina o reforme. Seus pais estiveram atrás dele por anos para que se case e produza um herdeiro. Ameaçaram-no deserdando, se não trocar seus perversos costumes. Temem que esteja envolto com o Clube Hellfire.

—Moira levou uma vida protegida — disse Jack brandamente — Não está preparada para dirigir um homem como Renfrew. Ambos, Renfrew e Harrington são uns dandis. Ouvi que Harrington deixou uma moça grávida, e que esta se matou quando ele não se casou com ela.

—Fofocas — alegou Vitória — Os dois homens são perfeitamente convenientes para uma camponesa sem fortuna que a respalde. Ambos são suficientemente enriquecidos para casar-se com quem desejam sem o benefício de um dote. Os pais de Renfrew estarão tão contentes de casá-lo, que sua falta de fortuna não importará, contanto que sua linhagem seja boa. Disse que seu pai é um barão, verdade?

—Sim, um barão — respondeu Jack, distraído quando viu Renfrew inclinar-se para sussurrar intimamente na orelha de Moira — O brincalhão bastardo está olhando sob seu decote! — cuspiu entre dentes apertados — Não pode ver que Moira é muito inocente?

Suas palavras o fizeram deter-se para pensar. Inocente? O que, em nome de Deus o fez dizer isso? Moira era algo menos inocente, apesar de sua virginal aparência. Ela era indubitavelmente mais que capaz de dirigir réprobos como Renfrew e Harrington. Não obstante, ele decidiu ter umas palavras em privado com ambos os pretendentes, em algum momento durante a noite, e com qualquer outro homem que ele estimasse como material não apropriado para marido.

—Leve-me para jantar, querido — disse Vitória — Ultimamente, estive descuidando de mim, e eu não gosto.

—É absolutamente impossível encontrá-la, desde que sua mãe veio visitá-la — a verdade seja dita, a visita de sua mãe lhe deu uma desculpa perfeita para não deitar-se com



Vitória. Se ela o exigisse, ele seria forçado a fazê-lo, mas não seria o apropriado com sua mãe na casa, e ela sabia. Por estranho que pudesse parecer, desde a chegada de Moira a sua vida, fazer amor a sua pretendida noiva tinha pouco atrativo.

—Eu estou tão frustrada como você — ronronou Vitória guturalmente — Possivelmente um período curto de celibato o fará um noivo ardente. Só recorde, querido, mantenha suas calças fechadas enquanto isso. Tudo o que tem é meu.

Jack se esticou ressentidamente. Sua falta de dinheiro era humilhante e vergonhosa, e não desfrutava de ser mandado por Vitória, mas perder Graystoke Manor era uma ideia que não gostava. Se isso acontecesse, todos seus antepassados certamente o rondariam. Ele já tinha que lutar com Lady Amélia. Se sua situação não melhorasse logo, em seu futuro, vislumbrava a prisão de devedores. O quadro não era bonito. Mas que o condenassem se aguentava a dominação de Vitória.

—Vá sozinha ao jantar. Eu me reunirei com você imediatamente. Desejo falar com minha pupila, primeiro.

Vitória balbuciou um protesto que morreu enquanto Jack girava sobre seus pés e saía.

Moira sorria sedutoramente aos dois homens que a acompanhavam no baile, sentindo-se mais a gosto enquanto progredia à noite. Quando ouviu Jack dizer seu nome, deteve-se e esperou que ele se aproximasse. Suas sobrancelhas estavam franzidas, e ela se perguntou o que é que fez para desgostá-lo. Vitória o reclamou toda a noite, sem lhe permitir sequer uma só dança com ela.

—Eu gostaria de uma palavra em privado com minha pupila — disse Jack, despedindo-se de Renfrew e Harrington com uma seca inclinação — Ela se reunirá com vocês imediatamente — ambos os homens se afastaram para esperar a uma curta distância.



Moira olhou Jack com receio.

—Fiz algo mau?

—Não ainda — disse Jack concisamente — Quis adverti-la sobre Renfrew e Harrington. Conheço-os, e eles não são o que está procurando em um marido. Os dois são notórios libertinos e definitivamente não do tipo que se casa.

—E o que é o que estou procurando? — quis saber Moira.

—Maldita seja, Moira, não é tola. Você sabe do que eles estão atrás. Aconselharia que não tomasse amantes até depois de ter um marido.

Os olhos de Moira brilharam com irritação.

—Eu sei que você tem uma baixa opinião de mim, mas isto é horrendo. Não é essa Lady Vitória caminhando para aqui, parecendo como se pudesse me golpear até a morte? Seria melhor que você melhore sua conduta ou se arriscará a perder sua riqueza.

Os olhos cinza de Jack se voltaram frios como pedra, sua voz era baixa e destemperada.

—Há outras herdeiras de onde ela veio.

—Suponho que sempre há mulheres competindo pela atenção de Black Jack Graystoke. As mulheres sempre chegaram facilmente para você?

Dirigiu-lhe um sorriso irresistivelmente devastador.

—Sempre, mas isso está fora de questão. Eu simplesmente desejava adverti-la sobre Renfrew e Harrington.

—Querido, chegaremos tarde ao jantar — disse Vitória, aproximando-se deles — Não pode ver que a está afastando de seus admiradores? Não está feliz pelo êxito esmagador de sua pupila?

—Muito feliz — disse Jack, voltando toda a força de seu potente sorriso a Vitória, obtendo o resultado que procurava quando ela por pouco se funde ao lugar.



Céu santo pensou Moira enquanto se afastava desgostosa. O homem não tinha orgulho? Ele faria algo, diria algo, para conseguir o que desejava. Mas quem era ela para julgar, quando não era melhor que ele? Estava disposta a aceitar um marido sem o benefício do amor com tal de que ele possuísse riqueza. A necessidade de limpar seu nome e ajudar seu irmão era mais crucial que sua felicidade.

Renfrew e Harrington apareceram de novo a seu lado, e a acompanharam para jantar. Ao longo da interminável comida, Moira sentiu o calor do olhar de Jack repousando sobre ela enquanto conversava animadamente com seus dois companheiros de mesa. Jack estava sentado frente a ela, fazendo conhecer seu desgosto ao esclarecer sua garganta ruidosamente sempre que um dos homens se inclinava muito perto ou quando ela paquerava muito alegremente. Quando o jantar acabou, eles a levaram do salão de jantar ao salão de baile. Lorde Merriweather foi reclamá-la para a próxima dança, chegando ao mesmo tempo em que Jack que tomou seu braço e a arrastou afastando-a do homem mais jovem.

—Sinto muito, Merriweather, esta dança é minha — a orquestra começou a tocar uma pervers, e escandalosa valsa, e, sem outra palavra, Jack envolveu Moira em seus braços levando-a a pista de dança. Seus corpos se amoldaram em perfeita união quando ele a sustentou indecentemente perto.

—O que acredita que está fazendo? — carregou Moira.

—Tome cuidado com Merriweather. Ele estava olhando o decote de seu vestido sem um pinga de vergonha. É fácil ver o que pretende.

—É só uma dança, Jack. Está atuando como se eu realmente fosse sua pupila.

Sobressaltado, Jack compreendeu a verdade nas palavras de Moira. Que demônios estava fazendo de todos os modos? Estava atuando como um néscio ciumento quando não havia absolutamente nada sobre o que ter ciúmes. As coisas estavam funcionando



exatamente como ele e Spence planejaram, mas de algum modo ele não estava contente. A única coisa que evitava que levasse Moira da aglomeração de gente eram as duas mil libras que ganharia quando Moira pescasse um marido. O estranho era que Jack não ansiava nem riqueza nem título. O dinheiro ia e vinha com seu êxito no jogo. Não foi até que sua rajada perdedora o ameaçasse com a perda de Graystoke Manor que compreendeu que devia casar-se por dinheiro.

—Tem toda a razão, Moira. Não tenho direito a ser... — ele duvidou —...crítico. Nem tenho direito de dirigir sua vida, porque nós não somos sequer amantes — lhe dirigiu um faminto olhar — Embora isso não seja por falta de desejo — Jack quase havia dito “ciumento” em lugar de crítico, mas no último minuto retornou sua prudência — Deveria felicitar você. Tem-no feito excepcionalmente bem esta noite. Ninguém tem a mais remota ideia que não é o que pretende ser.

—E o que sou Jack? — perguntou Moira, esquadrinhando sua cara.

Jack lhe fez uma careta zombadora.

—Uma dama, é obvio.

Moira se ruborizou e afastou o olhar. Ela desejou nunca ter perguntado.

—Spence está estendendo o rumor que seu pai é um barão irlandês, ligeiramente relacionado comigo pelo lado de meu pai — continuou Jack despreocupadamente — Está dizendo a todos que seu pai a pôs a meu cuidado com instruções de apresentá-la em sociedade.

A dança acabou, e Jack a escoltou fora da pista. Quando Moira foi sitiada por uma avalanche de admiradores, Jack se esfumou para encontrar Vitória que ainda estava fumegando por sua deserção. Duas horas depois, Moira estava pronta para cair pelo esgotamento, mas economizou a vergonha, quando Jack se aproximou com seu xale.

—É hora de ir, Moira. Dê boa noite a seus admiradores.



Um clamor de protestos se levantou ao redor dela, mas Moira os repeliu destramente, deixando atrás uma manada de pretendentes decepcionados.

—Obrigado por me resgatar — disse Moira uma vez que se sentaram na carruagem — Estou exausta. Deve ser perto da alvorada. Meus deveres como criada eram mais fáceis do que estar em exibição toda à noite.

—Se as coisas funcionarem, nunca terá de trabalhar de novo para ninguém. Ou depender de um inconstante amante como o que a abandonou.

Moira se ruborizou, culpada. Ela era consciente de que sua mentira a marcou como uma mulher fácil e estava triste de ter de recorrer a semelhantes medidas desesperadas. Ficou calada, muito cansada para interpretar o inquietante olhar cravado nela por debaixo das pesadas pálpebras dos tormentosos olhos cinza de Jack. Uma vez na segurança de seu próprio quarto, entretanto, seu ardente olhar retornou para atormentá-la, provocando sentimentos que ela não entendia nem desejava.

Despindo-se rapidamente, Moira deslizou na cama e fechou os olhos. Exausta, dormiu. Seus sonhos a levaram através do tempo e do espaço às semanas anteriores da noite em que Jack Graystoke a encontrou jazendo na sarjeta.



Capítulo 5

Prelúdio do desastre: Casa de Lorde Mayhew, seis meses antes

Moira entrou no quarto de Lorde Roger Mayhew sentindo-se agitada. Desde o dia em que aceitou o emprego com Lorde Mayhew, teve que se defender do filho e herdeiro do conde, cuja não desejada atenção a deixava cheia de aborrecimento.

Sua perseguição se tornou tão intensa que se via obrigada a afastar-se de seu caminho quando ele estava em casa, o que felizmente não era frequente. Corrompido e moralmente dissoluto, seus escuros vícios o faziam detestável. Se Roger se dava conta que ela descobriu, inadvertidamente, que ele era um discípulo do retorcido Clube Hellfire, sua vida estaria em perigo, disso estava segura.

Tirando rapidamente os lençóis de linho da cama de Lorde Roger, Moira, despreparada, não se deu conta de que seu Nêmeses entrou na estadia sigilosamente e fechou a porta atrás dele. O audível clique da porta ao fechar a obrigou a voltar à cabeça e enfrentar ao homem que chegou a temer.

—Ah, Moira, que conveniente é encontrá-la em meu quarto.

—Lorde Roger. Pensei que foi embora. Retornarei em outro momento para terminar de limpar seu quarto.

Era alto e tão magro que parecia gasto, seu rosto largo e aristocrático e seus grandes olhos descoloridos davam sinal de sua natureza cruel. Roger Mayhew não era feio e foi malcriado e mimado a maior parte de sua vida. Não aceitava bem o rechaço. Para um



homem de riqueza e posição, a satisfação de ter cada desejo era um dever não uma meta agradável. E Roger Mayhew sentia prazer em si mesmo ao máximo.

—Não há necessidade de que vá Moira. Eu proponho que demos um bom uso à cama, enquanto esteja aqui. Esperei muito tempo para estar a sós com você. Encontrá-la em meu quarto foi um golpe de sorte que não antecipei.

Moira retrocedeu com medo.

—Sou uma garota decente, milord.

Ela tentou passar por seu lado, mas ele deliberadamente se interpôs em seu caminho.

—Você sempre se dá muitos ares, Moira. Deveria apreciar mais meus cuidados. A maioria das mulheres em sua situação estaria emocionada por me ter. Não me encontrará desagradável.

—Eu não sou como a maioria das mulheres.

Quando ela tentou afastar-se sigilosamente, ele riu com crueldade e a segurou pelos braços enquanto a arrastava fortemente contra ele.

—Você não vai a nenhum lado. Não é mais que uma fastidiosa prostituta irlandesa. Sabe o que quero e vou obtê-lo. Não finja ser inocente comigo.

—Deixe-me ir!

Moira lutou furiosamente, mas apesar de seus esforços, Roger era surpreendentemente forte. Agarrando sua cabeça entre suas mãos, ele fechou de repente sua boca contra a dela mordendo seu lábio inferior viciosamente. Moira provou o sangue e lutou violentamente para escapar.

Sua força começava a fraquejar em comparação com a de Roger. Em um terrivelmente curto tempo, a tinha segura na cama debaixo dele, seus beijos babosos e sua língua úmida e invasiva a faziam engasgar-se. Ela sentia sua mão escorregando até suas saias,



subindo, despindo suas pernas e coxas. Seu grito foi silenciado quando Roger pôs uma mão em cima de sua boca.

—O que está tentando fazer, despertar toda a casa?

Moira assentiu vigorosamente. Isso era exatamente o que queria fazer.

—Você quer isto, Moira. Simplesmente está sendo teimosa. No fundo, é uma prostituta. Todas as mulheres são umas prostitutas.

De repente, Moira deixou de mover-se debaixo dele, deixando-o acreditar que estava se submetendo de boa vontade.

—Assim está melhor — disse ele com uma careta, olhando-a de soslaio — Sabia que me daria razão.

Ele tirou sua mão da boca de Moira para poder beijá-la, e, reunindo todo o fôlego disponível, Moira gritou a todo pulmão. Zangado, Roger a golpeou com a palma de sua mão, cobrindo depois sua boca com a dele. A dor explodiu dentro de sua cabeça. Roger tomou vantagem de sua precária condição para subir o vestido até sua cintura e abrir suas pernas. Desesperada, Moira mordeu com força o lábio de Roger. Ele sentiu a dor e lhe pegou de novo.

De repente, a porta se abriu, e Lorde e Lady Mayhew entraram no quarto. Lady Mayhew cobriu a boca com a mão e desmaiaria, se Lorde Mayhew não a sustentasse.

—O que está acontecendo aqui? — estalou o ancião. Embora longamente passada sua juventude, Lorde Mayhew ainda seguia sendo um homem impressionante. Moral, estrito e honrado, era completamente oposto a seu sádico filho e herdeiro.

Roger saltou e ficou de pé. Não podia permitir zangar a seu pai quem esteve ameaçando-o durante anos a deserdá-lo a favor de seu irmão mais jovem. Malcom era honrado e leal, tudo o que Roger não era. Assim, Roger se via obrigado a ocultar sua cruel



natureza para poder aplacar a seus pais. Se eles alguma vez averiguassem sua relação com o Clube Hellfire, ou vissem suas dívidas de jogo, haveria graves consequências.

—Esta prostituta irlandesa esteve jogando comigo desde que chegou — mentiu Roger — Eu simplesmente estou lhe dando o que ela quer.

Moira baixou suas saias para cobrir suas pernas e se endireitou apoiando-se nos cotovelos

—Isso não é certo, milord. Eu estava me ocupando de meus assuntos quando Lorde Roger me encurralou. Sou uma boa garota, não quero... — ela olhou para a cama e fez caretas.

—Oh, Roger, como pôde? — Lady Mayhew se lamentou — Por que não pode ser como seu pai ou seu irmão Malcom?

—Não posso acreditar que acredita em uma prostituta. Sou seu filho pelo amor de Deus!

Embora Lorde Justin não fosse consciente de cada aspecto da libertinagem de Roger, ouviu rumores a respeito dos vícios de seu filho. E não via nada na conduta de Moira que indicasse que era uma dissoluta disposta a estender uma armadilha a seu filho.

—Eu não acredito que Moira seja culpada — Lorde Justin concluiu — Estou dando a você uma justa advertência, Roger. Isto não tem que voltar a ocorrer, entende? No futuro, deixe em paz os serventes. Sei que tem uma amante longe daqui, assim vá até ela quando tiver necessidade. Se persistir em maltratar os serventes, poderia encontrar necessário tirá-lo do testamento, e pô-lo a favor de seu irmão.

Roger se esticou. Ele contava herdar o título e as propriedades de seu pai, e ninguém ia tirá-lo do meio.

—Entendo-o, pai. Não voltará a acontecer.

A amargura o corroia, e jurou fazer Moira pagar por envergonhá-lo frente a seus pais.



Lorde Justin assentiu, satisfeito com a resposta de Roger. Obviamente não conhecia muito bem seu filho.

—Pode ir Moira. Estou seguro de que tem deveres a fazer.

Moira desceu tremulamente da cama e agitou sua saia. Quando passou ao lado de Roger, ele baixou sua voz e disse de forma tão baixa que só ela pôde escutá-lo.

—Não terminei com você, cadela. Vou tê-la de joelhos rogando por minha atenção.

Tragando saliva temerosamente, Moira saiu do quarto.

Uns dias depois, Moira compreendeu quão mal podia ser Roger, quando Lady Mayhew chamou todos os serventes ao vestíbulo a altas horas da noite. Eles desceram em vários estados de vestimenta e olharam uns aos outros quando foram informados que um valioso colar de diamantes e esmeraldas desaparecera do joalheiro de Lady Mayhew. Como ninguém admitiu o roubo, Roger sugeriu que os quartos dos serventes fossem revisados. Foram enviados a seus quartos para esperar ali Lorde Roger e seu pai que dirigiam a busca.

Moira os esperou com um molho de nervos. Realmente, não estava tão preocupada, posto que sabia que não era culpada, mas todo este assunto evidentemente a inquietava. Recordava a ameaça de Lorde Roger e temia sua represália.

Roger e seu pai chegaram ao seu devido tempo. Procuraram primeiro entre seus objetos e não encontraram nada. Então, Roger lhe dirigiu um olhar satisfeito e deu volta seu magro colchão de palha. Embaixo dele, encontrou o colar de diamantes e esmeraldas guardado em uma bolsa de veludo. Moira lançou um lamento de desmaio.

—Não pode ser! Juro-o. Eu não roubei esse colar.

Entristecido, Lorde Justin olhou Moira e negou com a cabeça.

—Estou decepcionado com você, Moira. Talvez estive equivocado com você desde o começo e devo uma desculpa a meu filho.

Roger não disse nada. Não necessitava. Sua expressão zombadora dizia tudo.



—Não sei o que vou fazer com respeito a isto. — Disse Lorde Justin — Não posso tolerar este tipo de conduta em minha casa. É melhor chamar as autoridades para que se encarreguem de você, Moira. Está confinada em seu quarto até que eles cheguem.

—Vigiarei a porta para me assegurar de que Moira não escape pai — se ofereceu Roger.

—Duvido que escape esta noite vestida assim, mas talvez tenha razão. Com este clima, levará bastante tempo convocar ao vigilante e às autoridades, se é que decidem vir.

Depois que se foi Roger fechou a porta e girou a chave.

—Disse que a teria — sorriu com desprezo.

—Você pôs o colar de sua mãe em meu quarto! — acusou-o Moira, ele recorrera ao mais baixo para conseguir o que queria.

—Claro. Acaso o duvida? — admitiu Roger sem remorso. Ele a empurrou para a cama — Às suas costas, juvenzinha. Aposto que não tem aberto as pernas para nenhum herdeiro de um condado. Agradar-me será uma mudança prazerosa depois da gentinha com a que se deitou.

Moira fez um som de desgosto em sua garganta.

—Não me toque! Derrubarei a casa a gritos se o fizer.

—Não seja parva — grunhiu Roger — Se me agradar, talvez convença meu pai para que retire as acusações contra você

—Prefiro ir para a prisão — declarou Moira, enquanto saía correndo da cama pelo outro lado.

Roger que era desagradável até em seus melhores momentos, voltou-se absolutamente repugnante.

—Pensa que é muito boa para mim? Sempre acreditou estar por cima de sua posição social — ele a agarrou — As mulheres são boas só para uma coisa.



Ela se retorceu para soltar-se.

—Se não me deixar em paz, direi a seu pai a respeito de sua relação com o Clube Hellfire!

Roger paralisou, seus olhos se voltaram tão frios como a morte.

—O que sabe sobre o Clube Hellfire?

Sua voz tinha indícios de ameaça, mas Moira chegou muito longe para retroceder agora.

—Sei que é um discípulo. Escutei, por acaso, você e outro membro gabarem-se de ter jogado no Tamises uma pobre moça depois de havê-la sequestrado na rua e utilizado em seus rituais.

A cara de Roger se converteu em uma careta de vingança.

—Esteve escutando atrás das portas.

Moira levantou o queixo.

—Estava limpando fora do quarto. Você não sabia que eu estava aí. Escutei por acaso cada palavra de suas depravações. Sua reputação tal e como está se converterá em farrapos. Toda sua família será repudiada pela sociedade uma vez que suas maldades saiam à luz.

—É uma lástima que não vá ter oportunidade de dizer a ninguém — disse Roger burlando-se dela. Seu movimento foi tão repentino que Moira não teve tempo suficiente para evitá-lo. Ele cobriu sua boca com a mão enquanto segurava seus braços com a outra. —Você crê que vou deixá-la escapar agora que sabe muito sobre minhas atividades? Meu pai certamente me deserdaria. Selou seu próprio destino, puta. — Empurrou-a em direção à porta. — Direi a meu pai que me machucou e que a deixei escapar. Ficará furioso e, de qualquer maneira, talvez levante cargos contra ti, mas ninguém a encontrará.

O medo voltou os olhos de Moira a um ouro luminoso. Por que tentou chantagear Roger com seu comportamento? Lamentou-se. Porque ele a levou a isso, pensou,



respondendo sua própria pergunta. Ela soube que a informação era muito perigosa, quando a escutou e, por isso, não disse nada a ninguém. Colocou-se em uma tremenda confusão. Se só controlasse sua língua. Deveria compreender que ameaçar Roger era algo estúpido.

Agarrando sua capa do gancho, Roger a pôs sobre a cabeça dela e a arrastou para fora do quarto. Não havia ninguém no corredor, e a empurrou para as escadas que levavam a cozinha. A essas horas da noite, os serventes já estavam deitados, e eles cruzaram a cozinha sem serem vistos. A força de Roger era implacável ao lutar com Moira para fazê-la sair pela porta de serviço para a noite chuvosa.

Chutando e lutando furiosamente, Moira foi jogada no interior da carruagem. Roger a seguiu de perto enquanto bramando chamava o chofer que se aproximava aos tropeços de sua cálida cama em cima da garagem.

—Vai sair milord? — perguntou o homem dormitado — É uma noite fria.

—Ate os cavalos à carruagem, Stiles — ordenou bruscamente Roger — Esta noite vamos à propriedade de Dashwood.

Ao tempo que o homem se movia para fazer o que Roger lhe encarregou, viu Moira lutando dentro da carruagem.

—O que ocorre milord?

—Nada, Stiles. Você não viu nada, entendido? Se valorizar em algo seu posto, não mencionará isto a ninguém.

Stiles não era tolo. Tinha uma boa posição, uma cama quente e uma moeda ou duas para uma juvenzinha desejosa. Em mais de uma ocasião, levou Lorde Roger à propriedade de Dashwood e estava a par das maldades que se levavam a cabo nas covas do terreno, mas, como valorizava sua vida, guardou o conhecimento para ele. Além disso, Lorde Roger o recompensava bem. Se ele queria que o incidente se esquecesse, então, o esqueceria,



embora não pudesse desfazer-se da pontada de remorso pela pobre garota irlandesa que estava sendo raptada com propósitos ilícitos.

—Sim, milord, como deseja. Dê-me um minuto para me vestir e estarei com você.

—Ajude-me!

Moira gritou quando Roger tirou a mão liberando sua boca.

—Ele não a ajudará — grunhiu Roger, voltando-se para ela — Adiante, grite, ninguém vai escutar seus gritos com o ruído da chuva.

—Aonde me leva?

—Já que diz saber tanto sobre o Clube Hellfire, penso que seria uma boa ideia a levar esta noite a nossa cerimônia e permitir que você mesma experimente o que acontece durante nossos rituais — ele riu ofensivamente — Vai ser nossa virgem de sacrifício, seja ou não virgem. Os discípulos estarão encantados, embora seja pouco provável que reconheça a alguns deles. Todos usamos túnicas e capuzes sobre nossas cabeças.

—Não quero ter nada a ver com suas perversões! — chiou Moira — Deixe-me ir. Não direi a ninguém o que escutei. Desaparecerei. Retornarei a Irlanda.

—Muito tarde — disse Roger enquanto a carruagem estralava pelo caminho de entrada — Sente-se e desfrute do passeio. Pode ser que, inclusive, você goste do que vai acontecer esta noite, embora o duvide. Terá que ser acessível com cada um dos discípulos que a deseje. Tenha por seguro que serei o primeiro na fila para provar a mercadoria.

Moira fechou os olhos e estremeceu. Seu corpo apareceria amanhã flutuando no Tamises? Perguntou-se.

—Depois da cerimônia desta noite, conheço um bordel na doca que com gosto a acolherá. Juro que não verá a luz do dia, uma vez que esteja encerrada dentro.

Moira cobriu seu corpo frio com a capa e se encolheu no canto mais afastado da carruagem. A noite era crua e ventosa, mas não podia comparar-se com a frieza que sentia



em sua alma. Preferia morrer a permitir que Lorde Roger e seus malvados cúmplices abusassem dela. Moira sempre se considerou uma mulher engenhosa e converter-se na vítima de alguém não era algo que a atraía. Sua mente trabalhou furiosamente, procurando uma forma de escapar.

Quando Roger se inclinou para trás e apoiou sua cabeça contra o respaldo do carro, Moira dirigiu seu olhar para o pomo da porta, tão perto e, entretanto, tão longínquo. Se passasse rapidamente junto a Roger quando ele menos o esperasse, seria possível abrir a porta e saltar à rua, antes que ele fosse capaz de detê-la? Certamente, sofreria uma pequena lesão, mas, se a sorte a acompanhasse estaria em pé e afastando-se, antes que Lorde Roger reagisse.

Sua oportunidade chegou quando o carro derrapou ao dar volta em uma esquina, desequilibrando Roger. Nesse pequeno instante, Moira atuou. Jogando-se por cima dos joelhos de Roger, girou o pomo e se jogou através da porta. Caiu ao chão com um ruído surdo, gritando de dor pelo golpe atordoante que sofreu sua cabeça. Rodou entre o barro e a imundície até deter-se em uma sarjeta cheia de sujeira. Atordoada, ficou imóvel como se estivesse morta, os músculos doíam, os ossos estavam golpeados, sua cabeça palpitava, era incapaz de respirar e muito menos de mover-se.

O carro se deteve uns metros mais adiante na rua deserta. Roger abriu a porta antes que a carruagem se detivesse totalmente. Uns segundos depois, o chofer se uniu a ele. Juntos correram ao lugar no que Moira caíra.

—Está morta senhor? — perguntou Stiles temerosamente quando reparou na cara branca de Moira.

—Vê se respira — ordenou Roger, muito melindroso para tocar o vulto inanimado que estava aos seus pés na suja sarjeta.

Stiles se ajoelhou e posou seu ouvido no peito de Moira



—Não escuto nenhum batimento do coração, senhor.

—Maldição, vamos daqui antes que alguém apareça, meu pai terá um ataque se meu nome se vê ligado à morte de Moira. Leve-me à mansão de Renfrew, necessito de dinheiro para comprar uma passagem para a França, e Renfrew me deve um favor. Retornarei quando tudo isto se acalme. Inventarei alguma história para que conte a meu pai. Se valorizar em algo sua vida, sugiro que esqueça para sempre esta noite.

Stiles empalideceu

—Sim, senhor, nenhuma palavra sairá de meus lábios.

Moira inspirou tremulamente quando Roger retornou à carruagem. Ao cair, o ar saía abruptamente de seus pulmões, e, deliberadamente, conteve sua respiração para fazer Roger acreditar que estava morta. O Senhor sabia que se sentia morta. Quando tentou incorporar-se, seu corpo se negou a obedecer e jazeu imóvel sob a gelada chuva, pensando que, provavelmente, morreria congelada antes que alguém passasse por ali. Recorrendo a sua escassa força, tentou ficar de pé estabilizando-se com os braços. Uma dor debilitante e insuportável a atravessou. Gritou e logo se afundou no esquecimento.

O PRESENTE

Moira ainda seguia gritando, quando despertou do terrível sonho. Morreria de frio, se Jack não a encontrasse. Devia-lhe sua vida e lamentava profundamente não poder lhe dizer que ele não foi o causador de suas feridas.

De repente, a porta de seu quarto se abriu com um golpe, e viu a silhueta alta e musculosa de Jack contrastar com a alvorada cinza. Levava só suas calças, que estava aberta em sua pressa por matar os dragões que atormentava Moira.

—O que acontece? Está doente?



Moira se sentou, sustentando o lençol contra seus seios.

—Não ocorre nada.

Jack foi para a cama detendo-se só para acender uma vela no caminho.

—Algo está mau, gritou. Escutei claramente seu grito do quarto de hóspedes. Olhe suas bochechas estão molhadas, esteve chorando? Está branca como um fantasma — seus olhos se estreitaram pensativamente — Não me diga que Lady Amélia a visitou, pensei que só visitava a família.

—Lady Amélia? — a compreensão abriu caminho — O fantasma? Não, nada disso. Não me dei conta que estava chorando. Devo ter tido um pesadelo — disse, negando-se a revelar os detalhes dessa perturbadora lembrança.

Jack se sentou na borda da cama, tomando suas trementes mãos entre as suas.

—Quer falar disso?

Moira negou com a cabeça

—Não posso.

—Não confia em mim? — meigamente secou uma lágrima perdida em sua bochecha — Por que estava chorando?

—Não me dava conta que o fazia. Não é nada, de verdade. Sinto havê-lo despertado.

—Demônios — amaldiçoou Jack, levantando-se bruscamente. Desejava ficar com ela, mas sabia aonde conduziria tudo isso. — Tente dormir. Esta noite devemos assistir a um baile em Vauxhall, e a quero em boas condições.

Dormir pensou Moira desesperançada. Voltaria a dormir alguma vez? O que aconteceria a ela, quando Roger retornasse da França, e coincidissem em uma festa?

Depois de uma cuidadosa consideração, decidiu que o caminho mais seguro a seguir era casar-se bem e permitir que o nome de seu marido a protegesse. Com esses pensamentos em mente, finalmente dormiu.



Jack soube que não estava sozinho logo que entrou em seu quarto. Gemeu com consternação quando a figura amortalhada de Lady Amélia titilou com uma luz espectral.

—Agora que quer? — perguntou Jack molesto — Não estou com humor para que ande me rondando.

A luz celestial de Amélia se atenuou um pouco quando Jack se atirou na cama e pôs um braço sobre seus olhos.

—Por que me faz isto? — questionou-a — Minha vida era despreocupada e sem problemas até que você jogou a Senhorita Moira Ou'Toole em meu caminho. Que diabos esperava conseguir? Eu estava mais que satisfeito passando minhas noites bebendo, apostando e me divertindo. Vou me casar por dinheiro, isso deveria fazê-la feliz, posto que agora a casa ficará na família e você poderá seguir rondando os futuros Graystokes, se é que terei um herdeiro. O que é muito pouco provável conhecendo Vitória.

Lady Amélia flutuou com o passar do quarto para abater-se ao lado de sua cama. Olhou para baixo e negou com a cabeça.

Sentindo sua proximidade, Jack tirou o braço de seus olhos e a olhou fixamente.

—Não fala muito, verdade? Por Deus santo, estou falando com um fantasma! Ah, bom, que importância tem se não pode repetir o que lhe digo. Não sei o que fazer com Moira nem com meus sentimentos para com ela — Jack continuou como se falar com um fantasma fosse mais que comum — Que me amaldiçoem se não desejo a essa sensual prostituta irlandesa. Não posso recordar estar nunca tão fascinado por uma mulher. É certo que não é a típica faxineira irlandesa. Mas essa não é razão suficiente para desejar coisas que nunca poderão ser. Preciso me casar por dinheiro.



Lady Amélia se aproximou ainda mais, tanto que Jack sentiu a tibieza de sua brilhante luz esquentar seu corpo. Ela agitou seu dedo frente a ele como se o repreendendo por algo que havia dito.

—Esta é sua obra, verdade? — acusou-a Jack — Se não fosse por você, não estaria tão necessitado de meter em minha cama uma mulher que teve muitos amantes. No que diz respeito à Moira, minhas emoções estão divididas e em censura com o que sei sobre ela. Aceitei a responsabilidade de suas lesões e estou fazendo o melhor por seu futuro, mas, perversamente, não quero que outro homem esteja envolto em sua vida. Que diabos me ocorre? É Moira uma bruxa além de uma puta? Se você acredita que, de algum jeito, Moira redimirá minha alma, está malditamente equivocada. A perdição já me reclamou.

Lady Amélia parecia molesta pelo arranque de ira de Jack. Com um movimento de sua cabeça começou a desvanecer-se até converter-se em um pequeno ponto de luz e desaparecer por completo, deixando Jack com um estranho vazio que não tinha nada a ver com sua metida antecessora ou sua óbvia desaprovação por ele.



Capítulo 6

Moira sentia os efeitos de assistir a três bailes seguidos em seus pés doloridos, nos ombros cansados e os caídos músculos faciais, esticados antinaturalmente em um perpétuo sorriso. E a próxima semana estaria tão ocupada como esta. Os convites chegavam diariamente para uma reunião social ou outra. Durante as últimas duas semanas, riu, dançou e comeu em inumeráveis festas com inumeráveis homens que a cortejavam.

Depois do primeiro baile, os Lordes Harrington, Renfrew e Merriweather a visitaram em Graystoke Manor e no muito na moda Hannover Square, levando presentes e flores. Foi convidada a passeios através do parque e a várias outras atividades, ganhando o desgosto de Jack. Não importava que pretendente visse, Jack o desaprovava. Em realidade, Moira encontrava pouco para admirar em seus pretendentes, salvo sua riqueza.

Logo, a seus três admiradores se uniu outro ardente pretendente, o Visconde Peabody. Era um pouco mais velho que os outros, mas tão rico como eles e na linha de sucessão de um ducado. Moira estava desconcertada pela resposta de Jack a sua popularidade. À medida que o número de seus pretendentes aumentava, Jack parecia mais aborrecido.

—Não quero que saia sozinha com nenhum desses homens — disse Jack depois de uma visita de Lorde Renfrew — Arrume-se e leve Jilly com você. Todos eles são notórios libertinos e mulherengos. Quando os vejo adotar uma pose afetada e polir-se para você, agradeço a Deus não ter nenhum título nem ser um dandi.

—Você é um baronet — lhe recordou Moira.

—Ah, mas os baronetes não são pares. Eu não posso me mover nos mesmos círculos, só estou um pouco por cima de ser um plebeu.



Moira pensava que Jack era algo menos um plebeu.

—Nenhum de meus pretendentes o agrada?

Jack franziu o cenho, perguntando o mesmo.

—Sou responsável por você. Eu não gostaria que terminasse em um matrimônio desastroso. Certamente, não está interessada em Harrington, Renfrew, Merriweather ou Peabody, verdade? Deslumbraram-lhe com seus presentes e elogios? Imagina-se com qualquer um deles? — o tom duro que tinha sua voz ao dizê-lo, mostrava seu desgosto.

—Lorde Peabody parece muito bom, não como os outros que estão rivalizando entre si por meus favores.

—Peabody já teve duas esposas. Quer ser sua terceira vítima? — perguntou Jack hermeticamente.

—Ele as matou?

—Bom, não — admitiu Jack — Mas deixou sua primeira esposa no campo para que criasse seu filho sozinha. Diz-se que ela morreu com o coração quebrado devido ao abandono de seu marido, embora o doutor dissesse que expirou de uma enfermidade proveniente das complicações do parto. A segunda se matou em um acidente.

—Jack Graystoke, é muito inteligente para escutar intrigas! Lorde Peabody parece muito agradável para ser culpado das coisas que está sugerindo.

—Não obstante, ele não é o bastante bom para você. Temos tempo. Alguém que eu aprove não demorará a chegar.

Moira duvidava seriamente de que Jack encontrasse alguém que passasse. Contou que Vitória não se casaria até que Moira se estabelecesse em sua própria casa, então por que estava sendo tão obstinado sobre isto?

—Eu tomarei minha própria decisão, obrigada. Aonde vamos esta noite?



—Vamos à recepção que o Duque de Marlboro dá para um dignitário visitante da Rússia. O Príncipe Gregor Vasilov está em Londres com seu séquito, e tive a sorte de conseguir um convite. Toda pessoa importante estará ali.

A opulência da casa de Lorde Marlboro era assombrosa. O salão de baile era duas vezes, não, três do tamanho de seu cottage inteiro na Irlanda. As estadias estavam iluminadas com milhares de velas, e a mesa preparada na sala de jantar tinha comida que não lhe era familiar, preparada por chefs com uma perícia culinária além de sua imaginação. Moira estava tão intimidada pelo entorno que se sentia tristemente inadequada e desconjurada.

Estava agradecida com seus quatro pretendentes que raramente abandonavam seu lado e com Jack que mantinha sua vigilância sobre ela. O momento culminante da noite foi quando Jack a apresentou ao Príncipe Vasilov que pediu uma introdução. O príncipe era um impressionante gigante loiro vestido com um deslumbrante uniforme branco adornado com galões de ouro brilhante. Em contraste com sua formosura, seus olhos eram tão negros como o pecado, sua vivaz cintilação fazia que seu rosto cobrasse vida. Seu sorriso, quando se inclinou sobre a mão de Moira, era capaz de afastar a escuridão mais absoluta.

—Você é encantadora, mademoiselle — disse o príncipe em um inglês com acento francês. O francês era o idioma da corte russa, e todos os nobres o falavam correntemente — Eu sou o Príncipe Gregor Vasilov. Honrar-me-ia com uma dança?

—Encantada — disse Moira, enquanto devolvia o sorriso ao príncipe. Resultou que a dança era uma valsa, e ele tomou em seus braços, deixando Jack franzindo o cenho atrás deles.



—Moira fez outra conquista — disse Spence quando chegou ao lado de Jack — Não contava com um príncipe russo, mas ele servirá se realmente a deseja.

—Ele não pode tê-la! — trovejou Jack ominosamente. Aqueles que estavam o suficientemente perto para escutá-lo o olharam com curiosidade.

—Não tão forte — advertiu Spence — Que diabos ocorre com você? Queríamos um pouco de diversão ante o aborrecimento, e isso é o que estamos conseguindo. É divertida a maneira em que Renfrew, Harrington, Merriweather e Peabody adulam Moira pensando que é uma dama. E, agora, o príncipe. Bem, valem as duas mil libras se se envolver com a realeza. Ah, aí está Lady Gwen. Estive procurando-a. Diga a Moira que eu disse que o está fazendo esplendidamente.

Jack passou os dedos pelo cabelo, ficando mais incômodo com cada minuto que o príncipe sustentava Moira muito perto para seu gosto. Estava a ponto de correr à pista de dança e afastá-la dos braços do príncipe, quando Vitória se aproximou, claramente chateada.

—Bem. Quem haveria pensando que sua pobre pupila irlandesa atrairia um príncipe? — Vitória parecia mais ciumenta que surpreendida — Ouvi que está solteiro. Acredita que tem alguma oportunidade com ele?

—Não se posso fazer algo para evitá-lo — resmungou Jack — Está voando muito alto. Eu pensei em um visconde ou um marquês, inclusive um duque, mas um príncipe está fora de questão.

Vitória bocejou, aborrecida com o assunto.

—Estou morrendo de sede, querido. Você me traria algo de beber do quarto de refrescos?

—É óbvio — disse Jack com um indício de impaciência.



Saiu furtivamente, mas em lugar de ir ao quarto de refrigérios, deteve-se na borda do salão de baile esperando que a música acabasse para poder arrastar Moira para fora e falar em privado com ela.

Moira estava desfrutando imensamente com o príncipe que parecia absolutamente cativado por ela. Viu pela extremidade do olho Jack que a olhava carrancudo e brevemente pensou que detectava um indício de ciúmes em seu fulminante olhar. Aferrando-se à racionalidade, repreendeu-se e retornou sua atenção ao Príncipe Gregor. O único interesse de Jack era lhe encontrar um marido para poder transferir a responsabilidade a outro.

—Irá honrar-me depois com outra dança? — o Príncipe Vasilov perguntou enquanto a dança acabava — Encontro-a fascinante, mademoiselle. Todas as mulheres irlandesas são tão encantadoras como você?

—Adula-me, Príncipe — disse Moira timidamente — Há mulheres aqui que por longe me eclipsam.

—Não ante meus olhos, ma petite. Permitir-me-ia visitá-la amanhã?

Chegaram a borda da pista onde Jack estava esperando.

—Lady Moira não receberá a ninguém amanhã — disse ele bruscamente enquanto a afastava, antes que Moira ou o príncipe pudessem protestar.

—O que ocorre com você? —vaiou Moira, com óbvio desgosto.

—Precisamos falar.

Moira suspirou resignada enquanto o seguia do salão de baile até a pequena sala de espera que estava desocupada.

—O que ocorre agora, Jack? Vai dizer-me que o Príncipe Vasilov é um libertino?

—Está deslumbrada com ele — a acusou Jack — Ponha seu objetivo em outra parte Moira. O príncipe deve casar-se na realeza; você não poderia ser mais que sua amante.



—Por que não o permitiu me visitar?

—Maldição! Já é bastante mal ter esses quatro libertinos babando por você. Nego-me a suportar um príncipe vítima de uma flechada que não pode oferecer nada honrado.

Moira afogou um sorriso. O instinto lhe disse que Jack tinha ciúmes, e seu coração voou com incontrolável alegria. Do momento em que os homens começaram a cortejá-la, ele começou a atuar estranhamente. Atrever-se a esperar que lhe importasse era pedir muito.

—Se não estivesse segura, pensaria que tem ciúmes, Jack.

Houve um silêncio explosivo. Ciúmes? Os pensamentos de Jack se desbocaram. Isso era o que passava? Essa revelação era definitivamente molesta... E provavelmente verdadeira.

—De acordo, maldição estou ciumento! — ele quase gritou. Sua admissão assustou a ambos — Eu a fiz o que é. Ninguém tem mais direito do que eu a converter-se em seu amante. Não entendo seu rechaço. Ou possivelmente sim — corrigiu amargamente — Não há maneira de que possa competir com riqueza ou título.

—Esta brincadeira é sua criação — Moira o recordou — Eu queria deixar Graystoke Manor, uma vez recuperada de minhas feridas.

—Feridas das quais fui responsável — devolveu Jack, enquanto compreendia de repente, quão irracional era seu comportamento — Perdoe-me por interferir. Retorne a seus pretendentes — ele se afastou com visível remorso.

Moira quis chamá-lo para que retornasse, mas soube que não tinha nenhum direito. Jack pertencia a Lady Vitória. Ele precisava casar-se por dinheiro ainda mais que ela. Viu-o partir, mordendo a língua para não gritar seu nome enquanto se afundava na cadeira mais próxima.



—Aqui está, minha querida. Vi Sir Jack saindo há um momento e esperava encontrá-la sozinha. Tenho algo importante que lhe perguntar.

Moira olhou cautelosamente enquanto Lorde Percy Renfrew se sentava em uma banqueta a seus pés.

—Quanto faz que nos conhecemos? Três, quatro semanas? — perguntou Renfrew, enquanto tomava a pequena mão dela na sua — Não importa, é o suficiente para saber que você é a mulher com a que quero passar o resto de minha vida. Iria fazer-me a honra de converter-se em minha esposa, Lady Moira?

Renfrew esperou usar a nota correta de sinceridade. Seus pais lhe estavam respirando na nuca para que se casasse, e Moira parecia não ter nenhuma suspeita de que pertencia ao Clube Hellfire. A maioria dos discípulos chegava a grandes extremos para ocultar suas identidades, e ele não era diferente.

Moira olhou fixamente a Renfrew, enquanto pensava que essa proposta era exatamente para o que Jack a esteve preparando.

—Sinto-me honrada, Lorde Renfrew, mas...

—Mas o que? Se estiver preocupada com Sir Jack, lhe asseguro que ele estará encantado. Minha linhagem é impecável.

—Eu não tenho fortuna, nem dote — disse Moira evasivamente — Minha família é antiga, mas não temos riqueza da que falar — pelo menos uma parte de sua declaração era real. Sim, havia nobreza em sua família, só que ainda faltava descobri-lo.

—Eu sou o bastante rico para me casar com quem me agrada. Não posso recordar quando estive tão obcecado com uma mulher. De verdade. Meus pais estarão encantados de que finalmente tome uma esposa e não oferecerão nenhuma objeção quando se inteirarem que sua família é conveniente. — Em sua exuberância, Renfrew se deixou cair de joelhos



ante Moira e levou a mão dela aos seus lábios. — Diga que sim, minha querida, e anunciaremos nosso compromisso esta noite.

—Necessito o consentimento de Sir Jack — o aplacou Moira — Dê-me tempo para considerá-lo.

Percy franziu o cenho, pensando que Moira estava atrás de padrões mais altos.

—Se pensar que o Príncipe Vasilov fará uma oferta por você, está equivocada. Ele precisa casar-se na realeza. Sei que parece prendado com você, e é bonito como o pecado, mas só pode tê-la como sua amante. Eu lhe ofereço meu nome e respeitabilidade.

—Sei. E lhe asseguro que o Príncipe Vasilov não tem feito tal oferecimento.

—Muito bem. Uma semana, não mais. Enquanto isso, não permita que os outros lhe falem de nada. Todos têm intenções com respeito a você e nem todos são honrados.

—Terá minha resposta ao final da semana, milord — disse gravemente Moira.

Renfrew lhe dedicou um sorriso deslumbrante, ficou de pé e arrastou Moira para ele.

—Já que estamos quase comprometidos, acredito que um beijo não estaria desconjurado.

Ele a aproximou, enquanto amoldava seu corpo ao dele. Ela sentia a paixão crescendo dentro dele e estremeceu delicadamente. A ideia de dar seu corpo a Lorde Renfrew a fez sentir fisicamente doente. Se fosse Jack que a sustentasse em lugar de Lorde Renfrew, estava segura que não sentiria tal repulsa. Então Renfrew a beijou, sua boca úmida e quente, sua língua uma lança repugnante de carne que procurava mais intimidade da que ela estava desejosa de dar. Quando suas mãos roçaram a parte inferior de seus seios, Moira soube o que era o pânico. Como poderia casar-se com um homem que não amava, que nem gostava e submeter-se a todas as intimidades que o matrimônio exigia?



—Sinto muito, não sabia que este quarto estava ocupado — Jack estava de pé na porta com Lady Vitória. Seu olhar fixo em Moira, seus olhos de um cinza turbulento que recordou a uma violenta tormenta no mar enfurecido.

Renfrew se separou de Moira com relutância, mas não antes que Jack visse onde tinham estado suas mãos. Os olhos de Jack se estreitaram quando notou o que parecia ser o estado de excitação de Moira. Sua respiração escapava por seus lábios entreabertos em rápidas rajadas de ar, e seus olhos estavam frágeis pelo que ele equivocadamente pensou, era paixão.

—Maldição, Graystoke, poderia golpeá-lo — disse Renfrew teimosamente.

—Encontremos outro quarto, querido — o insistiu Vitória — Não pode ver que estes amantes querem estar sozinhos?

Isso era exatamente o que preocupava Jack.

Moira fechou os olhos, sua expressão cheia de alívio.

—Não há nenhuma necessidade de sair por nós — disse ela depressa — Eu justamente estava saindo. Prometi outra dança ao Príncipe Gregor, e odiaria defraudá-lo.

Quando se apressou a sair do quarto, Renfrew elevou suas mãos em sinal de desgosto e saiu depressa atrás dela.

—Parece que interrompemos um momento íntimo — Vitória riu bobamente — Eu acredito que sua pupila não é tão inocente como pretende. Depois desta pequena cena de sedução, possivelmente possa convencer Renfrew de que faça seu oferecimento por ela. A mim, a situação pareceu comprometedora.

—Possivelmente tenha razão — disse Jack, nada divertido — Não tinha ideia de que Renfrew tentaria seduzi-la tão logo, embora seja um notório libertino e deveria imaginar. E eu que estava preocupado com o Príncipe Vasilov. Não obstante, acredito que deveríamos



voltar para o salão de baile onde possa vigiar minha pupila. Ela tem um dom para meter-se em problemas.

—E o que sobre a privacidade que procurávamos para nós? —perguntou Vitória, enquanto punha má cara. Não gostava que Jack frustrasse seus planos. Não tiveram um momento privado em semanas, e ela desejava estar com ele.

—Em outro momento — prometeu Jack, apurado por voltar para o salão de baile onde poderia vigiar Moira. Virtualmente arrastou Vitória fora do quarto.

Imediatamente divisou Moira nos braços do alto e resplandecente príncipe russo. Complementam-se perfeitamente, pensou Jack com ciúmes, enquanto os via girar pela pista. De repente, o príncipe levou Moira dançando para o balcão, e Jack sentiu que se arrepiavam os cabelos da nuca. É que a pequena néscia não tinha nada de sentido comum? Dependia dele a salvar de sua própria natureza apaixonada? Como esperava conseguir um marido se insistia em comportar-se descaradamente?

Jack notou que Vitória estava falando com outra mulher e aproveitou sua momentânea distração para ir apressadamente atrás de Moira e do príncipe.

—Tem frio, mademoiselle? — perguntou o Príncipe Gregor enquanto tirava sua jaqueta galantemente e a punha sobre os ombros de Moira — Na Rússia, este é um clima aprazível. Você amaria a Rússia, e eu amaria mostrar-lhe.

—Duvido que jamais veja seu país, Príncipe Gregor — disse Moira ansiosamente — Embora esteja segura de que eu gostaria.

—Então nos asseguraremos de lhe dar a oportunidade de visitá-lo — disse Gregor com sentimento — Como mi... Convidada especial é óbvio.

Moira tinha uma vaga ideia do que ele pensava dizer e procurou trocar de tema.

—Esteve alguma vez na Irlanda, Príncipe Gregor?



—Nunca, mas possivelmente um dia poderíamos ir juntos.

Moira gemeu consternada. Como podia recusar-se graciosamente ao que sabia que o príncipe ia oferecer-lhe?

—Isso é improvável.

Não acostumado a que o rechacem, Gregor girou Moira para que o enfrentasse. Logo, pondo um dedo sob seu queixo, baixou sua boca e a beijou com uma habilidade que a deixou ofegante. Não se parecia em nada aos incompetentes beijos de Lorde Renfrew, ou os fascinantes e destruidores da alma que Jack lhe deu, mas, sim, era bastante agradável embora pouco excitante.

—Temo que minha pupila esteja pouco familiarizada com as regras de conveniência, já que nasceu e cresceu no campo. Por favor, perdoe-a por atuar inadequadamente.

Moira gemeu consternada. Pela segunda vez essa noite, Jack a encontrava em uma situação comprometedora. E nenhuma das vezes os cuidados do homem tinham sido incitados.

O Príncipe Gregor não parecia absolutamente envergonhado, o que fez que a irritação de Jack se incrementasse.

—Sua pupila é deliciosa. Novamente, solicito sua permissão para visitá-la amanhã.

Jack enviou a Moira um olhar penetrante.

—Permissão negada. Nós dois sabemos que nada resultará disto. Vamos Moira, é hora de ir.

O Príncipe Gregor tomou a mão de Moira e a levou a seus lábios.

—Sinto profundamente a decisão de seu guardião.

Os punhos hermeticamente apertados de Jack eram os únicos sinais de sua irritação. Isso e o duro brilho em seus olhos. Consciente do desgosto de Jack, um pequeno pensamento rebelde tomou voo na mente de Moira. Jack estava voltando-se muito protetor.



Nenhum de seus pretendentes o agradava. Ele queria que ela se casasse, embora encontrasse defeitos em cada homem que expressava seu interesse. O que pretendia dela?

Afastando seu olhar de Jack, Moira sorriu ao Príncipe Gregor e disse:

—Obrigado pela dança, Príncipe. Foi muito agradável.

O príncipe enviou um olhar fulminante a Jack, enquanto beijava a mão de Moira novamente, e, com relutância, a soltou.

—O prazer foi meu — saudou com uma inclinação de cabeça a Jack e disse: — Felicito-o por sua encantadora e bela pupila.

—Não esqueça sua jaqueta, Príncipe Gregor — disse Jack enquanto retirava o objeto dos ombros de Moira e a oferecia ao príncipe.

Um tenso silêncio seguiu depois da saída do príncipe. O silêncio entre eles se alargou, até que, de repente, Jack lançou uma explosiva exalação, tomou os ombros de Moira e lhe deu uma furiosa sacudida.

—Que diabos ocorre com você? Está tentando destruir sua reputação deliberadamente? Dois homens em uma noite é muito. Tenha um pouco de consideração com a propriedade. Sei que foi indiscreta no passado, tomando amantes indiscriminadamente, mas isso era antes que debutasse como uma dama. O mínimo que pode fazer é atuar com decoro até que consiga um marido.

O temperamento irlandês de Moira explodiu.

—Ao inferno com você, Jack Graystoke! Não necessito de um guardião. A única razão pela qual estive de acordo com este absurdo plano foi por que... Por que... — suas palavras se detiveram abruptamente. Ela não confiava o suficiente em Jack para lhe dizer que era candidata para a prisão de Newgate.

—Por que, Moira? Eu sempre suspeitei que escondesse algo de mim. O que é?

Seus lábios permaneceram juntos obstinadamente.



—Nada. Estive de acordo com seu plano somente para demonstrar que sou capaz de atuar como uma dama. E... Casar-me com um homem rico que se sinta atraído por mim.

—E assim deveria ser — disse Jack agriamente — Por isso deveria atuar com o apropriado decoro até que consiga o homem correto. — ele a agarrou do braço, enquanto a escoltava de retorno ao salão de baile — Vamos. Acredito que é hora de ir. Já tive bastante destes dandis por uma noite.

Por sorte, Vitória estava dançando com Spence e não o viu partir. Jack deixou uma mensagem para ela com o laçao e empurrou Moira para fora até sua carruagem.

Acurrucada dentro, Moira fumegou com raiva impotente. Não tinha ideia do que acontecia com Jack ou por que parecia tão aborrecido com ela. Estava fazendo o que ele queria, não? Que mais pretendia dela?

—Basta de pôr má cara, Moira — disse Jack, ainda irritado pelos beijos que Moira compartilhou com Renfrew e o príncipe. Deveria saber que uma criatura imoral como Moira gostaria de incitar aos homens até que estivessem enlouquecidos por ela. Ninguém sabia melhor que ele. Ainda podia saborear seus beijos. A lembrança deles era tão vívida como a estrela mais luminosa do céu.

—Eu não estou pondo má cara — declarou Moira — Estou zangada. Não tem direito de me tratar como uma escrava. Até aqui cheguei com esta charada. Estou cansada de que me diga o que tenho que fazer, como tenho que atuar ou a quem tenho que oferecer minha amizade. Não é responsável por mim, Jack. Eu posso cuidar de mim mesma.

Jack lançou uma série de juramentos que lhe fizeram arder às orelhas.

—Ah, sim? Pode? Se eu não tivesse interrompido a você e Renfrew, a teria encontrado de costas com suas saias em cima de sua cabeça e as pernas abertas — seus olhos se estreitaram — Possivelmente isso é o que queria.

Sua brutal acusação a aturdiu.



—Para sua informação, Lorde Percy me propôs matrimônio esta noite.

Jack ficou paralisado.

—Ele a ofereceu matrimônio?

—Não é isso o que você e Lorde Spencer estavam esperando? Estão adequadamente divertidos? Fazer-me passar por uma dama e ver como seus polidos amigos rivalizam por minha atenção deve lhes haver dado horas de entretenimento a minhas custas.

—Aceitou? — perguntou Jack hermeticamente, incapaz de pensar em outra coisa que no descarado do Renfrew tirando de Moira o que ele tinha sonhado tomar para si mesmo.

Depois de uma larga e extensa pausa, Moira disse:

—Não ainda. Darei minha resposta na próxima semana. Mas não vejo nenhuma razão para me negar. Sua oferta é honrada. Ele está na linha de sucessão para um ducado, e eu serei condessa algum dia. Terei os meios para ajudar Kevin e sua família.

—O qual é mais do que eu posso te dar — respondeu Jack brevemente — E o que sobre o príncipe? Pensa voltar um homem contra o outro?

Um calor lento subiu pelo pescoço de Moira. Ele estava acusando-a injustamente.

—O Príncipe Gregor é um homem encantador, mas sei bem que não posso esperar uma proposta honrada dele. Assim, melhor, me caso com Lorde Renfrew.

—É um demônio! — trovejou Jack — Percy Renfrew não é o homem correto para você. Ele pretende ser um cavalheiro, e poucas pessoas conhecem sua verdadeira natureza. Não se casará com ninguém sem meu consentimento.

—Não o entendo, Jack. Pensei que estaria contente por se liberar de mim para poder se casar com Lady Vitória.

—Ao inferno com Vitória! — murmurou Jack entre dentes.



Jack caiu em um silêncio mal-humorado. Maldita Lady Amélia por sua interferência, maldito Spence por sugerir esta charada, e maldito ele por ter estado de acordo! O que ao princípio prometia ser uma entretida aventura se converteu em um desastre. Se tivesse o mais ligeiro indício de que encontraria a juvenzinha irlandesa tão extremamente irresistível, a deixaria esticada na sarjeta.

Por desejar Moira, sua vida se pôs de pernas para o ar. Padecia com a necessidade de fazer amor. Ela enchia seus sentidos; seu som, seu contato e seu aroma alimentavam sua fome. Desde que encontrou Moira, perdeu todo o interesse no jogo e na bebida, e o Senhor sabia que não sentia nenhum desejo de deitar-se com Vitória, sua noiva prevista. A chegada de Moira a sua vida fez questionar sua própria prudência.

Foi um parvo por não alimentar-se de seus encantos, refletiu. Deveria tomar o que queria, quando a necessidade o apressou, em lugar de negar-lhe. Se o fizesse, ela agora estaria fora de seu sistema, e ele poderia continuar com sua vida. Não era como se Moira fosse inocente. Ela confessou livremente, ao menos, ter um amante, e só o bom Senhor sabia quantos outros existiram. Que mal poderia fazer um mais?

Uns minutos mais tarde, quando a carruagem se sacudiu para deter-se frente à Graystoke Manor, Jack ainda estava bastante furioso. Ele baixou e se aproximou de Moira. Mas em lugar de ajudá-la a descer, a tomou em seus braços e a levou a casa. Pettibone abriu a porta antes que eles a alcançassem.

—Disse que não esperasse Pettibone — disse Jack quando passou ao lado do assombrado servente — Vá para cama. Não necessito de você esta noite.

—Está seguro do que vai fazer? — perguntou Pettibone com tranquila dignidade — Possivelmente, eu deveria acompanhar Lady Moira a seu quarto.

—Deixa de se intrometer, Pettibone — disse Jack entre dentes — Sou bastante consciente do que estou fazendo.



—Mas eu não! — rebateu Moira — Solte-me. Sou perfeitamente capaz de caminhar.

Os olhos de Jack reluziram perigosamente.

—Nossa discussão está muito longe de terminar.

—Foi muito longe, no que a mim concerne — disse Moira com pânico crescente. O que pretendia Jack? Parecia muito zangado para escutar a razão.

Ele subiu os degraus de dois em dois, ignorando que Pettibone o seguia de perto até que o homem disse:

—Está zangado, Sir Jack, e bem sabe que seu temperamento pode colocá-lo em problemas. Permita chamar Jilly para ajudar Lady Moira.

—Vá à cama, Pettibone — repetiu Jack — Moira não necessita de Jilly esta noite. Se estiver preocupado com Moira, não o esteja. Não a machucarei.

—Muito bem, senhor — disse Pettibone, enquanto agitava suas mãos desamparadamente ao dar uma última olhada à moça. Ele se foi, quando Jack chegou ao quarto de Moira.

A porta da antecâmara estava aberta e várias velas acesas iluminavam tudo menos as esquinas mais escuras do quarto. Uma chama alegre na lareira afastava o frio. Jilly o fez, supôs Moira, enquanto Jack fechava, de repente, a porta atrás dele e a colocava de pé.

Se Moira esperava que Jack desse a volta e saísse, estava equivocada.

—O que vai fazer? — ela tremia, e não de frio. Poderia ser de antecipação?

Jack lhe dirigiu um sorriso perverso, virtualmente lhe detendo o coração.

—Primeiro vou ajudá-la a se despir, e depois vou fazer amor com você — apesar de sua prévia irritação, sua voz tinha uma nota de sensualidade que enviou calafrios pela coluna dela.

Agitada, Moira retrocedeu vários passos. Jack se aproximou furtiva e implacavelmente.



—Não é como se não fizesse isto antes. Durante semanas, a vi paquerar com diferentes homens, tentando-os com seu sorriso de sereia. Sou um homem, Moira. Suportei muito. Desejei-a do primeiro momento em que a vi toda machucada, cheia de machucados e coberta pela sujeira do canal. Prometo que serei um amante paciente. Seu prazer é tão importante como o meu. Não terá queixa de meu desempenho.

Moira tragou ruidosamente.

—Eu pensei que decidimos não nos envolver intimamente. Converter-nos em amantes só complicaria nossa relação — temia que, se dissesse que era virgem, ele saberia que ela estava mentindo, desde o começo. Não estava pronta para dizer a verdade, porque não estava segura se podia confiar nele. A prisão de Newgate não a atraía.

—Oh, amor, você fala muito.

Ainda sorrindo abertamente, ele estendeu a mão a tomou em seus braços e a beijou. Seus lábios eram brandamente sedutores, meigamente persuasivos, muito quentes. Com um pequeno gemido de rendição, Moira se pegou contra ele. Seus braços ofereciam um refúgio seguro contra o cruel mundo, sua boca e sua provocadora língua convidavam a prazeres pecaminosos que ela só podia imaginar. Ele era pura tentação. Quando suas mãos se moveram sobre seu corpo, Moira sentiu que começava a derreter-se.



Capítulo 7

Durante um longo tempo, Jack simplesmente a sustentou entre seus braços e a beijou, até que a tensão nos músculos e tendões dela começou a aliviar-se. Seu calor e desejo a rodearam lentamente permitindo que sua temperatura aumentasse para igualar-se à dele. Seus beijos eram mais perigosos do que compreendia, porque a faziam desejar e confiar. Parecia tão natural estar em seus braços que não prestou atenção a seu vestido deslizando pelos quadris para cair a seus pés.

A urgência por afastar seus medos e empapar-se de sua força era tão forte que quase esqueceu que Black Jack Graystoke era um homem conhecido por tomar seu prazer onde o encontrava. O pensamento produziu um efeito desagradável tirando-a de seu estado de prazer. Ela rompeu o beijo, agitada, e tentou escapar de seus braços.

— Isto está mau.

Jack lhe dirigiu uma careta preguiçosa.

— Parece-me bem — a boca dele se fechou sobre a dela, silenciando seus protestos eficazmente. O golpe aveludado de sua língua fez difícil recordar por que não deveria estar permitindo este tipo de intimidade. Seu escuro prazer se espessou em um agudo desejo quando ele tomou seu seio e acariciou seu mamilo com o dedo polegar.

Seu beijo se fez mais intrépido, mais profundo, invocador. Ele deslizou as alças de sua regata por seus ombros e desatou os cordões de seu espartilho, enquanto os deslizava por seus quadris para unir-se a seu vestido e anáguas a seus pés. Ele inclinou a cabeça e pressionou o úmido calor de sua boca contra seu seio, fazendo que o batimento do coração dela se emparelhasse com o rítmico tamborilar de sua língua. Seu corpo se arqueou, e ela



empurrou para cima, culposamente consciente que estava lhe oferecendo livre acesso aos frutos proibidos de seu corpo.

Jack gemeu, enquanto sugava o mamilo com sua boca e o lambia para que ficasse ereto. Os joelhos de Moira tremeram. Jack grunhiu profundamente, tomou em seus braços e a levou a cama. Recostou-a sobre a suave superfície, fazendo uma pausa para lhe tirar os sapatos e meias, antes de tornar-se para trás para admirá-la.

—É perfeita — sussurrou enquanto a olhava — Mas provavelmente lhe disseram isso antes.

Ele tomou seus seios em suas cálidas mãos e, logo, se inclinou para sugá-los. Um dilúvio de novas e deliciosas sensações fez com que Moira gemesse e se sacudisse involuntariamente. As mãos de Jack deslizavam por seus membros e torso, tomando incalculável prazer na frágil carne sob as gemas de seus dedos, tão cálida, tão sedosa, tão absolutamente fascinante. Não poderia dizer que era voluptuosa, mas possuía muito bons atributos femininos, pensou Jack, enquanto seus lábios e língua memorizavam as amadurecidas curvas de seus seios.

—Virgem Santa. O que está fazendo? — ofegou Moira alarmada por sua avidez por participar das depravações de Jack. Algo escuro e apaixonado abriu caminho através de seu medo, esquentando seu sangue, acelerando seu coração e atravessando seu corpo como um arpão, com um estranho e doloroso desejo que nunca antes conheceu.

—Fazendo amor — sussurrou Jack roucamente — Não quero que pense em nenhum outro homem enquanto a estou amando.

Como poderia pensar em outro homem, quando Jack estava fazendo tais coisas incríveis a seu corpo? Perguntou-se Moira distraidamente. Antes que ela entendesse o que estava fazendo, ele se despojou de suas calças, jaqueta, camisa, sapatos e roupa interior, e estava apertando sua nudez contra a dela em enfebrecido desejo. Moira fez um som de



estrangulado deleite enquanto sentia que seus músculos se rendiam ao derretidor calor do corpo dele.

— Isto é um engano! — gritou Moira, reunindo os últimos vestígios de seu controle — Não me faça isto.

Dirigiu-lhe um risinho perverso.

— Esta noite queria matar o Príncipe Gregor, sem mencionar Renfrew. Vendo-a em seus braços, me assaltaram um ciúme selvagem, e eu não gosto desse sentimento. Uma vez que satisfaça este desejo por você, conhecerei a paz de novo — por alguma desconhecida razão, ele a desejava com um forte e irracional desejo que excedia seu sentido comum.

Ela elevou a cabeça para olhá-lo fixamente com surpresa. Que um mulherengo como Jack Graystoke expressasse ciúme por causa dela era realmente curioso. Mais que curioso, absolutamente estranho. Mas, antes que tivesse tempo para explorar as possibilidades, a mão dele deslizou entre suas pernas, esfregando a palma contra ela, lentamente, eroticamente, até que seus quadris se arquearam instintivamente contra a mão, e ela sentiu que um calor líquido a banhava justo aí.

Consternada, gritou, e seus olhos pareceram brilhar como prata pura quando ele a olhou com uma escura e faminta expressão em sua cara. Ele apoiava-se contra os ossos de seu quadril, a dura mostra de seu desejo entre as pernas dela. Moira fechou seus olhos, subitamente desejando o que Jack lhe oferecia, apesar de saber que estava mau, que ele estava usando-a para meramente mitigar sua luxúria. Ele a adicionaria a sua lista de conquistas e, alegremente, seguiria com a próxima, esquecendo-se que ela alguma vez existiu.

— Não vou machucá-la — disse Jack, dando-se conta de seu medo — Isto não é novo para você, já foi amada antes.



—Não... Eu... — O que podia dizer? Que mentira desde o momento em que despertou em sua cama? Já era muito tarde para confissões.

O momento para dizer a verdade passou, enquanto Jack baixava sua cabeça e beijava suas pálpebras, acariciando-as brandamente. Sua boca baixou para roçar seus lábios, mordiscando-os ligeiramente, delicadamente, passando sua língua contra a comissura antes de insistir-las a abrir-se para que ele pudesse saborear melhor sua doçura. Quando a língua dela tocou a sua, seu corpo se esticou dolorosamente, menos disposto que sua mente, a aceitar ser paciente.

Seus dedos pinçaram no escorregadio e quente interior dela e a encontraram molhada e pronta. Ele sondou mais profundamente, encontrando dobras de carne delicadas esplendidamente úmidas e surpreendentemente estreitas, que pulsavam contra as gemas de seus dedos. Moira gemeu sobressaltada e enterrou o rosto em seu ombro, perdendo-se em uma névoa de crua sensação.

—Oh, querida — gemeu Jack com voz estrangulada que pouco se parecia com seus típicos tons ressonantes — Não se reprima. Esta noite é nossa para explorar todas as maneiras de fazê-la feliz. Simplesmente me diga o que você gosta. Verá que sou um amante generoso.

Empurrando uma e outra vez, seus dedos desencadearam nela um clamor que cresceu até converter-se em um demolidor crescente. Quando ele inclinou sua cabeça e lambeu seus mamilos, cada músculo no corpo dela se esticou e chegou ao clímax abruptamente, gemendo seu nome emocionada e assustada. Nunca sentira algo tão intensamente satisfatório ou terrível em sua vida! Quase era como se Jack arrancasse uma pequena parte dela, uma parte que nunca poderia substituir-se.

Apenas se recuperou da comoção de seu primeiro clímax, quando ele agarrou seus quadris para levantá-la um pouco enquanto começava a entrar nela. Moira se sentia cheia e



esticada; ainda não era doloroso, mas estava perto. Ela agarrou os fortes e brunidos ombros dele para empurrá-lo.

—Não!

Jack ficou imóvel.

—Não?

—Eu... Não funcionará. Você é muito... Muito... Não encaixará.

Jack lançou uma gargalhada.

—Seus outros amantes devem ser tristemente escassos, querida. Admitirei que esteja muito apertada, mas o acomodará.

Sustentando seus quadris em ângulo, introduziu-se mais nela. Ele estava transpirando pesadamente pelo desacostumado refreamento, perguntando-se por que simplesmente não se afundava até o punho como queria, em lugar de tomar o tempo com uma mulher que provavelmente era tão experimentada como ele. A verdade seja dita, estava começando a intranquilizar-se ante a estreiteza que estava encontrando. De repente, a ponta de seu membro topou contra uma barreira que se supunha que não devia estar ali. Fez uma pausa e franziu o cenho, enquanto notava que os olhos de Moira estavam hermeticamente fechados, e ela estava mordendo seu lábio inferior como se doesse.

—Maldita! Mentiu!

Mas agora era muito tarde para voltar atrás. Estava tão duro que doía. Seu corpo se esticou como uma corda de arco, e, se não encontrasse alívio logo, explodiria. Embora não quisesse machucar Moira desnecessariamente. Agarrando suas pernas, ele as separou tanto como pôde e se apertou contra ela.

—Tentarei não a machucar. É muito estreita, mas também está muito molhada.

Moira conteve o fôlego. A cara de Jack era severa pela necessidade e estava tensa com a voluntária restrição. Olhando-a nos olhos, retirou-se e voltou a entrar nela com um



golpe poderoso. O susto e a surpresa a sacudiram, e gritou enquanto a dor a atravessava. Repentinamente se sentia muito cheia, muito tensa, muito consumida por Jack. Ele estava completamente dentro dela.

—Silêncio, querida — sussurrou Jack em seu ouvido — A dor durará só um momento.

Justo quando pensou que não podia suportar mais a dor, Jack se balançou brandamente de um lado a outro, criando uma sensação deliciosa que enviava o sangue de Moira cantando através de suas veias e aliviando a dor que ele criou momentos antes. Ela cravou seus dedos nos músculos firmes dos ombros dele e esperou que a dor voltasse. Quando não o fez, moveu-se para encontrar-se com os golpes descendentes dele. Jack gemeu com deleite e a insistiu a seguir com elogios. Quando tomou suas pernas e as envolveu ao redor de sua cintura, as coxas de Moira o apertaram com força, seguindo seu ritmo, à medida que ele se movia mais energicamente, penetrando e retirando-se em vigorosas sacudidas que fizeram que seus sentidos se revolucionassem.

A intimidade era assombrosa enquanto ele se movia energicamente, seus lábios capturaram os dela em um beijo profundo, sufocando os gemidos que Moira não era consciente de produzir, as mãos dele acariciavam seus seios, seus quadris, suas coxas, como se nada fosse suficiente.

—Relaxe, querida — insistiu Jack — Está fazendo belamente — ela se arqueou contra ele, enquanto o atraía ainda mais profundo em seu firme canal — Isso, arqueie seu encantador corpo, se entregue toda.

Moira não poderia deter-se embora quisesse. Seu corpo já não trabalhava de acordo com seus desejos. Harmonizou-se com Jack, e as coisas incríveis que lhe estava fazendo. Quando começou a estremecer e a girar em um frenesi de necessidade, Jack gemeu, agarrou suas nádegas e se inundou poderosamente, penetrando-a até o punho. A Moira parecia como se ele estivesse contendo-se, até que seu próprio clímax começou, já que, no instante



em que ela gemeu e estalou em chamas, Jack se impulsionou uma, duas vezes mais dentro dela, ficando rígido e lançando um grito rouco. Então, se derrubou sobre ela, respirando dificultosamente e seu peito bombeando furiosamente.

Passado um momento, ele se afastou e se acomodou ao lado dela, um braço jogado sobre seus olhos.

— Está bem? Não a machuquei, verdade?

— Não me machucou — disse Moira, esperando com preocupação a explosão que sabia com certeza viria. Não teria que esperar muito tempo.

Levantando-se sobre um cotovelo, Jack lhe cravou seu olhar cor de prata.

— Sobre que mais mentiu? Disse a verdade sobre algo? Maldita! Não pensou que reconheceria uma virgem quando encontrasse uma?

Moira retrocedeu ante a fúria implacável da irritação de Jack. Supôs que o merecia, mas não lhe devia nenhuma explicação. Dado que não havia nada que pudesse dizer, permaneceu muda.

Seu silêncio só serviu para alimentar a raiva de Jack.

— E bem, não tem nada a dizer a seu favor? Alguma vez teve um amante, verdade?

Quando ela se negou a olhá-lo, ele a segurou para que o enfrentasse. Moira olhou dentro do inferno cor prata de seus olhos e conheceu um momento de pânico.

— Nunca tive um amante e nunca quis que o averiguasse desta maneira.

Deu-lhe uma furiosa sacudida.

— Maldita! Quem é? O que estava fazendo na rua aquela noite que a atropelou?

— Já lhe disse isso, meu nome é Moira Ou'Toole. Sou uma faxineira. Não queria mentir, mas estava desesperada.

— Obviamente — disse Jack com mordaz desprezo — Se soubesse que era virgem, nunca faria amor com você — isso não era completamente certo, admitiu Jack para si mesmo



enquanto considerava silenciosamente seu desejo por ela. Duvidava seriamente que a virgindade de Moira fizesse a mais leve diferença no que ocorreu essa noite. Esse preciso momento foi predeterminado desde o dia que ele trouxe Moira a sua casa — Deve-me uma explicação, Moira.

—Não lhe devo nada, Jack Graystoke! Disse faz tempo que o absolveria de toda a responsabilidade para mim. Nunca devia aceitar ficar e me envolver nesta charada.

—Agora é muito tarde para mudar o que aconteceu. O fato, feito está. Já que me casar com você está fora de questão, e que não posso me permitir o luxo de uma amante, é meu dever vê-la adequadamente casada. E isso não inclui Percy Renfrew.

—Sua oferta foi honrada — Moira retrucou indignadamente.

—Isso é o que você sabe dele! Seus pais lhe deram um ultimato: Ou se casa ou é deserdado. Sua reputação está tão desacreditada que nenhuma mulher respeitável o aceitaria. Estava começando a se desesperar quando chegou você.

—Há outros homens — lhe recordou Moira.

—Ah, sim, seus outros pretendentes. Nenhum deles serve. Enquanto permaneça sob minha tutela, não se casará com alguém que eu não aprove. A temporada está longe de terminar, e há melhores perspectivas que esses dandis.

Moira o olhou fixamente, enquanto se perguntava se era obstinado porque autenticamente se preocupava com o que lhe acontecesse ou se era por algum motivo ulterior do qual ela não sabia nada. Depois do que passou essa noite entre eles, seria sábio deixar essa casa tão rápido quanto suas pernas o permitissem. Mas aonde iria? Precisaria roubar dinheiro para voltar para a Irlanda, e, depois de sua experiência com os Mayhew, roubar não tinha nenhum atrativo. Ela já era uma mulher procurada.

De repente, Moira se deu conta que a atenção de Jack se enfocava em seus seios e tentou cobrir-se com as mãos, enquanto compreendia que estava totalmente exposta e



vulnerável a sua inspeção. Jack a olhou fixamente, paralisado, seu ardente olhar deslizou desde seus seios até a suave curva de seus quadris e o triângulo enredado de cachos vermelhos entre suas pernas. Sua respiração se estancou em sua garganta e seu membro se endureceu imediatamente, levantando-se em uma esplêndida ereção.

Moira não pôde afastar seus olhos dessa masculina parte dele ao recordar o prazer que lhe deu poucos momentos atrás. Quando ele estendeu a mão e a atraiu contra ele, sentia-se o bastante frágil para quebrar-se. Sabia o que ele queria, e o que ela também queria, e temia seguir Jack à perdição.

—Doce Virgem Maria — gemeu Moira, arrastada na turbulência de sua paixão.

Uma borbulha de risada ferveu da garganta de Jack, quando ele a jogou na cama, cobrindo-a com seu corpo. Mas a risada fugiu abruptamente ao tempo que sua cara se tornava severa e se esticava com fome e seus olhos se voltavam fragmentos de pura prata.

—Desejo-a de novo, Moira.

Antes que Moira pudesse formular uma resposta, ele se levantou garbosamente, mergulhou um pano na jarra de água que descansava em uma mesa próxima e voltou rapidamente para seu lado. Moira ofegou emocionada quando ele separou suas pernas e procedeu a lavar os rastros de sangue e de semente. Quando terminou, jogou o tecido a um lado, estendendo-se ao lado dela e massageando brandamente seu seio com sua palma. Antes de agachar-se para beijá-la, sussurrou-lhe:

—Tem o tipo de beleza que leva aos homens à loucura. Sabia que era pura tentação no momento que pus os olhos em você.

Seus lábios brincaram em sua boca roçando-a com suaves beijos, logo desceu por seu pescoço e por sobre seus tenros seios até que encontrou as cristas que procurava. Sua boca começou a acariciar vorazmente as pontas erguidas, as persuadindo a endurecer-se em picos de cru prazer. Por sua própria vontade, os dedos de Moira agarraram sua cabeça escura,



enquanto o aproximava ainda mais, para poder experimentar melhor essas deliciosas sensações que a atravessavam. Toda ideia de que ele estava usando-a para mitigar sua luxúria se esqueceu momentaneamente. Toda objeção virginal se foi; o acanhamento fugiu no instante que ele a tocou intimamente. Queria seus beijos, necessitava de suas carícias, ansiava suas mãos e seus lábios em seu corpo.

—Não me importa quem ou o que é querida — gemeu Jack contra sua boca — A necessidade de estar dentro de você é uma enfermidade que só sua doce carne pode curar.

Um desejo lento e profundo começou a subir através dela, obrigando-a a reconhecer sua própria necessidade crescente. E, quando a boca de Jack riscou um atalho de fogo por seu corpo, tremeu com antecipação e se arqueou para ele, sentindo seu calor, saboreando o aroma quente, picante de sua excitação. Sua boca continuou o caminho descendente e Moira abriu a boca em um grito sufocado quando compreendeu para onde se dirigia. Tentou afastá-lo, mas ele sustentou seus quadris no lugar enquanto baixava sua boca para saborear sua melosa doçura.

Moira se sacudiu profundamente assustada.

—Jack! Não o faça!

Muito a seu pesar, Jack desistiu, enquanto compreendia que ela era muito inocente para desfrutar da forma mais íntima de fazer amor que ele tentava.

—Muito bem, mas um dia me permitirá amar você desta maneira.

—Jamais! — jurou Moira.

Jack lhe lançou uma careta descarada e se elevou sobre ela, mas em lugar de cobri-la com seu corpo como o fez antes, trocou as posições abruptamente e a elevou sobre ele. Moira proferiu um grito sufocado enquanto ele lentamente a baixava sobre sua ereção.

—Estou machucando você? — perguntou Jack, sua contenção lentamente desaparecia. Em sua memória, Moira era a única mulher que ridicularizou seu autocontrole.



Ele sempre se orgulhou de sua habilidade de manter o mando em todo momento, mas, com Moira, era como um ansioso moço com sua primeira mulher.

Moira se sentia esticar, enchendo-se, mas não havia dor, só uma sensação de posse mais completa do que jamais pensou possível.

—Não está me machucando.

Suas palavras pareceram soltar a um demônio dentro dele, enquanto flexionava seus quadris e empurrava bruscamente para cima. Tomou dura, rápida, veloz e profundamente, amando-a com a fúria impulsionada pelo desespero, desespero de saber que seus caminhos nunca deveriam ter se cruzado. Que eles só se encontraram por um fantasma intrometido.

Moira sentia que se derretia no mais profundo de seu ser. Seu próprio corpo estava além de seu controle, refletiu com um dos poucos pensamentos racionais que ficavam. Então, toda a racionalidade fugiu de sua cabeça, e o ar abandonou seus pulmões em um lento e profundo gemido. Jack continuou movendo-se dentro dela enquanto Moira sentia que começava a tremer, a demolidora sensação se estendia para cima e para fora no ponto mais profundo de sua penetração. Jack esperou até que o queixo dela caiu contra seu próprio peito para dar rédea solta a seu próprio clímax explosivo.

Passou um espaço de tempo desconhecido. Segundos, possivelmente minutos; ela não soube. Mas quando sua consciência retornou lentamente, encontrou-se completamente estendida sobre Jack, suas pernas situadas entre seus membros estendidos, sua bochecha descansando contra seu peito nu. Ainda estavam unidos, mas ela podia senti-lo retroceder devagar. Quando tentou levantar-se, ele a sustentou firmemente no lugar.

—Durma Moira. Preciso de tempo para pensar sobre o que aconteceu esta noite entre nós. Nunca esperei encontrar-me com uma virgem em minha cama. Não sei por que menti, mas penso chegar ao fundo disto.



Moira só ouviu “durma”. Seus olhos piscaram até fechar-se e deslizou facilmente no sono. Jack escutou sua respiração regular e suspirou, a frustração mantinha sua própria letargia a raia. Comoção era uma palavra muito leve para descrever como se sentiu quando descobriu que Moira era virgem. Simplesmente não havia nenhuma explicação factível para sua mentira. O que esperava ganhar lhe permitindo pensar que era uma mulher de virtude questionável? Havia um mistério em alguma parte, e ele odiava os mistérios, sobretudo os que não podia resolver. Tratou Moira como uma prostituta, e ela não podia culpar a ninguém, salvo a si mesma.

Mas, enquanto o pensamento se formava em sua mente, seus braços a atraíram mais perto, estranhamente relutante a admitir quão bem a sentia em seus braços, o muito que seu suave corpo o agradou, o extraordinariamente formosa que estava dormindo sobre seu peito. Justo então as velas chisparam e se apagaram uma a uma, inundando o quarto na escuridão. Jack se deu conta que o fogo na lareira ardeu até converter-se em cinzas, favorecendo a impenetrável escuridão. Cuidadosamente pôs Moira sobre a cama, tampou-a com a manta e começou a levantar-se para reacender o fogo.

Seus pés apenas tocaram o chão quando uma luz nebulosa se formou perto da porta. Recostou-se na cama e afastou o olhar. Quando voltou seu olhar para a luz, esta se intensificara. Jack gemeu, enquanto um ponto mais brilhante dentro da luz tomava forma.

Lady Amélia.

—Boa noite, milady — disse Jack secamente enquanto jogava a manta apressadamente sobre seus quadris nus — A que devo o prazer esta noite?

Lady Amélia flutuou mais perto. Parecia franzir o cenho, se isso era possível. Com lenta deliberação, levantou um braço e apontou um dedo ossudo a Moira.

Jack se voltou e olhou fixamente Moira, ainda dormindo profundamente e parecendo como uma menina inocente.



—Sei o que está pensando — disse Jack, falando baixo para não despertar Moira — Adverti você que estava além da redenção. Sim, a seduzi, mas, se você não a tivesse posto em meu caminho, ela não estaria agora em minha cama — Lady Amélia negou com a cabeça, claramente perturbada — Vou direto à perdição, e não há uma maldita coisa que você pode fazer a respeito. Alguma vez considerou que essa perdição é exatamente onde quero estar? Volte para o lugar de onde veio, milady. Possivelmente uma futura geração de Graystokes necessite de seus serviços.

Lady Amélia flutuou para Jack em um tapete de névoa, aproximando-se tanto que ele jurou que podia sentir seus frios dedos roçando sua bochecha. Ele retrocedeu e tocou sua própria bochecha, sentindo o frio na carne que provocou seu contato. Então, ela falou, e embora suas palavras não tivessem substância, reverberaram ruidosamente na cabeça de Jack.

“Ela o salvará.”

—Perdão? O que disse? Quem me salvará? E por que diabos preciso ser salvo, quando estou absolutamente contente com o que sou?

Jack imaginou que viu Lady Amélia sorrindo. Mas foi tão fugaz que não poderia assegurá-lo. Lançou um olhar a Moira e agradeceu a Deus que ainda dormisse, porque ela acharia difícil de acreditar. Ele mal podia acreditar. Quando deu a volta para enfrentar sua intrometida antepassada. Lady Amélia se foi.

—Milady, desperte. É hora de levantar-se.

Moira gemeu de volta. Certamente ainda não era hora de levantar. Mal acabava de dormir depois que Jack... Meu Deus! Jack! Abriu seus olhos lentamente, temerosa do que veria. Se Jack ainda estivesse na cama com ela, morreria de vergonha. Tremeu aliviada quando descobriu que estava sozinha.



Moira começou a levantar-se, viu que estava nua e voltou a meter-se debaixo dos lençóis. Jilly prestou pouca atenção enquanto recolhia do chão a roupa precipitadamente jogada de Moira.

—Traria para mim um pouco de chá da cozinha, Jilly? — perguntou Moira, negando-se a mover-se até que a donzela não saísse.

—Em seguida, milady — disse Jilly agradavelmente —É melhor você meter-se na tina. Enchi-a em seu vestidor enquanto dormia.

No momento em que a porta se fechou atrás de Jilly, Moira se levantou da cama e caminhou para o vestidor. Cada osso de seu corpo protestava. Doíam-lhe lugares que não sabia que existissem. A água quente a fez sentir-se maravilhosa e aliviava sua carne machucada, não era que Jack não fosse gentil a noite passada, sobretudo logo depois de descobrir que era virgem. Depois da maneira lasciva em que atuou, dava-lhe pavor a ideia de enfrentar Jack. Não só isso, mas também sabia que ele exigiria uma explicação por seu estado virginal, depois que lhe disse essa descabelada mentira sobre ser abandonada por um amante.

—Terminou milady? — perguntou Jilly quando levou o chá ao vestidor.

Moira saiu da tina para a esponjosa toalha que sustentava Jilly para ela. Vestiu-se com pouco entusiasmo e permitiu que Jilly arrumasse seu cabelo encantadoramente com umas voltas de cachos no alto de sua cabeça. Quando terminou seu chá e sua torrada, estava pronta para enfrentar o dia e algo que trouxesse.

Jack estava de pé ao lado da lareira de costas, quando Moira entrou no salão uns minutos depois. Ele se voltou quando a ouviu e lhe dirigiu um olhar inescrutável.

—Tomei a liberdade de rechaçar Merriweather e Peabody esta manhã.

—Está tomando esta tutela com muita seriedade, Jack. Sou uma mulher capaz de tomar minhas próprias decisões. — Pensaria que lhe pertencia, agora que se deitou com ele?



—É uma inocente moça, perseguida por uma manada de lobos. Não tenho ideia de por que viu necessário mentir. Já não sei o que é verdade e que não o é. Enquanto esteja sob meu teto, cumprirá minhas regras. Não se casará com um descarado como Percy Renfrew.

—E o que espera que faça? — perguntou Moira, completamente indignada — Converter-me em sua amante? Não teve nenhuma reserva em... Em fazer amor comigo ontem à noite.

Os olhos cor prata de Jack reluziram perigosamente.

—Isso foi sua culpa. Se soubesse que era inocente, não a tocara.

A mentira quase o afogou. Desejar Moira se tornou uma obsessão. Infelizmente, a tomara até sabendo que era virgem.

Moira o olhou enfurecida.

—Não acontecerá outra vez. Não pode acontecer outra vez. Eu não o permitirei. De hoje em diante, tomarei minhas próprias decisões sobre meu futuro. Ambos sabemos o que temos de fazer. Você deve se casar com Lady Vitória, e eu me casarei vantajosamente para assim poder ajudar meu irmão. Sempre estarei agradecida por esta oportunidade, mas não é meu guardião.

—Maldição, Moira, só estou pensando em seu bem-estar.

—Meu bem-estar! Rogo que me diga de que maneira me ajudou se deitando comigo? — desafiou-o ela.

Jack teve a delicadeza de ruborizar-se.

—Tomo a completa responsabilidade por minha falta de controle, mas que me condenem se vai se casar com Renfrew, ou qualquer outro homem de seu tipo. Está claro?

—Foi suficientemente claro — respondeu Moira — E, agora, eu serei clara. Agradeço por salvar minha vida, mas irei logo que recolha minhas coisas. Quando encontrar um emprego, pagarei a você por tudo o que tem feito por mim.



Ela deu volta para sair.

—Maldição! — grunhiu Jack, tomando seu braço e atraindo-a para que o enfrentasse

— Não vai a nenhuma parte.

Olharam furiosamente um ao outro, e, no tenso e vibrante silêncio, o ardor que emanava de seus corpos era suficientemente quente para chamuscar o ar ao redor deles. O penetrante olhar dele era tão devastador que Moira sentiu a necessidade de escapar para não ser devorada pela fome de Jack. Ela inspirou profundamente, enquanto ele a aproximava, fazendo pedacinhos a tensão que alcançou proporções muito altas. Seu contato era como o fogo. Logo, a beijou, paralisando seu corpo e sua mente.

Tremia como uma folha ao vento quando ele finalmente a soltou. Ela se afastou, seus olhos abertos como um veado assustado. Havia um indício diabólico na inclinação de sua boca cheia, no brilho de seus olhos cor prata. A tensão sexual gotejou por seus poros, fundindo seus ossos. Nunca se sentiu mais necessitada ou desconcertada. Voltando-se abruptamente, fugiu, como se o próprio Satanás a perseguisse.



Capítulo 8

Moira se manteve afastada de Jack o resto do dia. Cair em seus braços como uma ameixa amadurecida foi um terrível engano, embora um sobre o que não teve controle. Mas, agora que conhecia o perigo de seu contato e o efeito que provocava nela, com toda segurança tentaria não voltar a cair sob seu encanto. Com esse fim, suportou a dor de evitá-lo. Brevemente considerou deixá-lo como prometeu, mas, depois de pensar cuidadosamente, chegou à conclusão de que Jack tinha razão. Aonde iria? Não tinha dinheiro, nem amigos, nem oferta de emprego. Sua situação, seu bem-estar dependiam de Jack, e essa desagradável charada que ele e o Senhor Fenwick tramaram para fazê-la passar por uma dama. Desgraçadamente, depois de ontem à noite, convenceu-se de que não poderia casar-se por dinheiro, não importava quão desesperada estivesse por ajudar seu irmão. Depois de provar o amor, não poderia se conformar com menos.

Os pensamentos de Jack foram paralelos aos de Moira. Estava começando a lamentar a absurda aposta que fez com Spence. Se Moira fosse uma prostituta como ele assumiu, não sentiria remorsos por deitar-se com ela ou de tirar de Spence as duas mil libras. E a permitiria casar-se com quem ela quisesse inclusive Renfrew. Descobrir que Moira era inocente mudava tudo. Odiava admitir, mas tinha ciúmes de cada homem que se pegava a suas saias. E, para piorar as coisas, sua obsessão pela bela irlandesa o levou direto à sua cama.

E ela era uma maldita virgem!

Ainda não podia superar o fato de ser o primeiro para ela. Agora, o melhor que podia fazer por ela era lhe permitir que se casasse com Renfrew ou com quem quisesse. Não era



como se, Deus não o permitisse, ela amasse Renfrew. Ela necessitava do dinheiro de Renfrew tanto como ele necessitava o de Lady Vitória. Entretanto, pensar em Moira na cama de outro homem lhe provocava um ciúme selvagem. Perversamente, se ele não podia tê-la, tampouco queria que outro homem a tivesse. Se esta raiva de ciúmes era o resultado da intromissão de Lady Amélia, desejava que ela fosse diretamente ao inferno.

De repente, Jack recordou que ainda não sabia por que Moira mentiu, e muitos tipos de implicações passaram por toda a gama de pensamentos, alguns deles não muito agradáveis. De quem estava se escondendo? Obviamente, estava fugindo de alguém à noite que sua carruagem a atropelou. O que ou quem a assustava? Suas perguntas eram muito prementes, ele queria as respostas e as queria já. E precisava comunicar a Moira à decisão que tomara.

Depois de uma noite acordada, Moira decidiu tomar uma sesta, fazendo saber a Jilly seu desejo de não ser incomodada. Mas Jack prestou pouca atenção às pequenas súplicas de Jilly, quando irrompeu no quarto de Moira, despertando-a de seu profundo sono.

—Jack, o que quer? — perguntou Moira, enquanto esfregava seus sonolentos olhos — Não pode esperar?

—Não, não posso esperar — se sentou na borda da cama e franziu o cenho, quando ela começou a retroceder cautelosamente para afastar-se dele. Supôs que ganhou sua desconfiança, mas, não obstante, o feria — Eu não sou ninguém para lhe dizer o que tem que fazer ou a quem pode ver. É livre para se casar com Renfrew, se for o que deseja. Depois de tudo, foi meu plano encontrar um marido para você. Precisa se casar com um homem endinheirado tanto como eu necessito de uma mulher enriquecida — as palavras quase o estrangularam, mas sua decisão era o melhor para todos os implicados. Estava se envolvendo muito com Moira para seu próprio bem.



—Quer que me case com Lorde Percy? — suas palavras lhe ofereciam pouco consolo.

—Ele não é de meu agrado, mas não sou ninguém para escolher por você. Ouvi rumores sobre ele, mas nada que possa demonstrar-se. Tem dinheiro, e, em sua situação, isso é o que importa — ele a olhou fixamente — Não o ama, verdade? — havia uma forte insinuação de arrogância masculina em suas palavras.

—Não, claro que não — respondeu Moira apressadamente.

—Bem. Já que este é um tema resolvido, podemos nos concentrar nos motivos pelos que mentiu. O que a aterroriza, Moira? Ou melhor, quem a atemoriza? Está se escondendo de alguém. Quem é? Quem quer que seja ou o que seja, pode me dizer.

Moira pestanejou e desviou o olhar. Jack era muito ardiloso para não dar-se conta de que ela estava escondendo algo. Desgraçadamente, não era algo que ele pudesse solucionar. Este dilema teria que resolver ela mesma; ninguém podia ajudá-la. Envolver Jack só complicaria mais as coisas.

—Sinto defraudá-lo, mas não estou me escondendo nem de nada nem de ninguém — a teimosa inclinação de seu queixo advertiu a Jack que não ia ser fácil obter informação de Moira.

—Deve-me uma explicação, Moira.

—Possivelmente, o faça, e, possivelmente, um dia, a consiga, mas não agora. Não há nada no que possa me ajudar.

—De quem fugia a noite que a atropelou minha carruagem? — insistiu Jack. Não houve resposta — Teme alguém? — não respondeu — Maldita seja, Moira, é a mulher mais irritante que conheci. Quero ajudar você.

—Ninguém pode me ajudar.

—Permita-me, ao menos, tentar. Não a culpo por não confiar em mim e posso assegurá-la de que não interferirei outra vez em sua vida.



—Estou segura que a Vitória agradecerá ouvir isso — respondeu Moira asperamente — Você a ama, Jack? — Moira sabia que não era de sua incumbência, mas não pôde evitar perguntar.

—Deus, não! Mas a união convém a ambos. Suponho que tomaremos distintos caminhos uma vez que passe a novidade de nosso casamento. Vitória não é conhecida por sua fidelidade a seus amantes. Só Deus sabe por que me quer.

Deus não poderia sabê-lo, mas Moira sim. Se Jack fez amor com Vitória com o mesmo ardor e habilidade com o que fez com ela, sabia exatamente por que Vitória queria Jack. Que mulher não o quereria? Perguntava-se como se sentiria ser sua esposa, experimentar a paixão e a intimidade com ele uma e outra vez. Era um pensamento imprudentemente sedutor, um que ela não ousava conservar. Perguntou-se como podia Vitória aguentar a paixão sem emoção. A paixão satisfaria o corpo certamente, mas, uma vez que a obtivesse, só ficaria o vazio. Esse pensamento levou a outro. Depois que Jack fez amor com ela, por que se sentiu completamente satisfeita em lugar de vazia? Sentiu-se emocionada e contente. Muito mais do que podia suportar. O que dizia isso sobre suas emoções? A resposta a essas perguntas a incomodavam até os limites do imaginável, mas, deliberadamente, afastou essas ideias. Esses sentimentos eram muito perigosos para tê-los em conta. Admitir que tivesse sentimentos por Black Jack Graystoke só traria desditas.

—Por favor, parte, Jack. Não estarei em condições de ir a Vauxhall, se não descansar um pouco.

—Essa é sua última palavra, Moira? Entendo que não a posso obrigar que me revele seus segredos, mas não vou me dar por vencido. Descanse. Continuaremos com esta conversa mais tarde. Falei com Spence para que a leve esta noite a Vauxhall, posto que eu vou escoltar Lady Vitória.



Moira conseguiu descansar um pouco, mas só depois de tirar Jack de seus pensamentos, o que não era uma tarefa fácil dada à maneira em que ele dominava cada aspecto de sua vida. Ultimamente, inclusive seus sonhos estavam cheios de sua presença vital. Depois de ontem à noite, só tinha de fechar seus olhos para recordar a sensação de seu peso sobre ela, seu corpo arqueando-se para ir encontro do dele, a dureza de sua carne inundando-se nela. Perguntava-se se ele o recordaria da mesma maneira.

Moira despertou de sua sesta renovada, mas não menos preocupada. Jilly lhe trouxe uma bandeja enquanto ela se vestia para Vauxhall, e conseguiu comer o suficiente para poder aguentar a fome até que se servisse o jantar, à meia noite, para os convidados. Levou o segundo dos três vestidos que Jack ordenou fazer para ela. Era de veludo verde com o decote quadrado baixo, mangas abobadas que se aferravam à parte superior de seus braços e uma saia que caía em brilhantes dobras justo por debaixo de seus seios. Ela se negou a empoeirar seu cabelo e o levava com seus próprios cachos castanhos avermelhados por cima de sua cabeça em uma detalhada confecção de escadas de cachos.

—O Senhor Fenwick está aqui, milady — disse Jilly quando entrou no quarto com o xale de Moira — Está na biblioteca com Sir Jack.

—Estarei pronta em um momento — disse Moira. Realmente, não importava seu aspecto para ir a Vauxhall. Estava farta desta absurda charada. Podia ser um jogo para Jack e para Lorde Spencer, mas, para ela, era uma abominação. Não gostava de mentir. Desgraçadamente, o destino lhe deu poucas opções. Lady Vitória não se casaria com Jack até que Moira saísse de sua casa, e Jack queria desesperadamente sua fortuna. Não queria interpor-se com o destino de Jack.

Quando chegou ao final da escada, Moira ouviu vozes masculinas que vinham do estúdio. Sua atenção se aguçou quando ouviu que mencionavam seu nome. Aproximou-se da



porta e fez uma pausa para escutar, consciente de que estava escutando às escondidas, mas muito curiosa para desistir.

Jack levantou a luz o copo que tinha em sua mão, admirando a cor ambarina clara de sua última garrafa de bom conhaque. Tomou um sorvo, suspirou com apreciação e se voltou para Spence que estava sentado descuidadamente em uma quebrada poltrona de couro.

—Um bom conhaque é como uma mulher disposta — meditava Jack. — Ambos saboreiam-se melhor devagar. Com o cuidado adequado, se reforça seu sabor. Alguém deve apreciar os sutis matizes de seu caráter para desfrutá-lo — tomou outro sorvo, manteve-o em sua boca e o tragou — Moira é como este conhaque — continuou ele brandamente — Ela tem todo seu bom sabor, mas desgraçadamente nada de seu caráter.

Spence ficou olhando-o fixamente com curiosidade.

—Que demônios significa isso?

—Simplesmente, o que lhe disse Spence, que encontro que, a Moira, falta caráter. É uma mentirosa. Não reconheceria a verdade nem que a olhasse fixamente à cara.

— Poderia me dar mais detalhes?

—Não.

Spence encolheu os ombros descuidadamente.

—É um excelente conhaque, Jack — lhe dirigiu um olhar penetrante — Mas não posso comparar seu sabor devidamente com o de Moira, pois não saboreei os encantos da dama. Claramente, você é um perito nos dois, o bom conhaque e Moira. Terei que confiar em você, velho amigo, definitivamente não perdeu o tempo. Suponho que já esteve com ela, verdade?

Jack franziu o cenho, enquanto compreendia que exteriorizara o que pensava. Não queria divulgar sua relação íntima com Moira.



—Não aconteceu tal coisa, Spence. Moira é meramente uma responsabilidade da que estou ansioso por me liberar — tomou outro profundo gole de seu copo — Percy Renfrew ofereceu casamento a ela. Parece que ganhei a aposta.

—Não o duvidei nem por um minuto, embora realmente cobiçasse seus ruços — Spence sorriu abertamente — Supus que Renfrew seria o primeiro, já que seus pais lhe deram um ultimato para casar-se e passou muito mal tentando encontrar uma mulher que não conheça sua sórdida reputação. Abundam os rumores de sua participação no Clube Hellfire. Pessoalmente, não acredito que ele tenha bolas para isso.

Os olhos de Jack se obscureceram e seu cenho se converteu em uma fera olhar.

—Provavelmente, seja tudo certo.

—Acredita que Moira se casará com ele?

—Provavelmente.

—Trarei seus dois mil no transcurso da manhã.

O gemido de Moira retumbou fortemente na estadia, o que atraiu a atenção dos homens para a porta onde ela tentava manter o equilíbrio. Estava pálida; sentia frio e calor ao mesmo tempo.

—Moira. Quanto tempo leva aí?

—O suficiente para saber que sua tentativa de me fazer passar por uma dama e me encontrar um marido é mais que um simples jogo para você.

—Não se zangue Moira — rogou Spence — O resultado de nosso jogo o fez mais interessante. A diversão é boa, mas uma pequena aposta adiciona entusiasmo ao jogo.

—Spence tem razão, Moira — disse Jack, tentando tirar um sorriso — Fiz uma boa aposta a favor da proposta de Renfrew. Isso é o que todos pretendíamos conseguir, ou não?

—Eu descobri da forma mais dura o que você pretendia, Jack — disse Moira amargamente — É lamentável sua escassez de honra.



A expressão de Jack se endureceu.

—O que aconteceu ontem à noite... — ele se ruborizou e olhou Spence que escutava extasiado a conversa que mantinham ele e Moira. Apertou fortemente seus lábios. Revelar sua vida pessoal a seu intrometido amigo era simplesmente algo que não faria — Seu bem-estar é importante para mim, Moira. Pense o que quiser de todas as formas o fará, mas não esqueça que estou fazendo possível que possa ajudar seu irmão. Não precisa se casar com Renfrew; seria melhor se não o fizesse. Encontrará a alguém mais conveniente e, então, me agradecerá isso. Neste momento, necessita de mim, Moira. Não sei do que ou de quem se esconde, mas necessita do meu amparo.

—Posso arrumar isso sem o tipo de amparo que você oferece — contra-atacou Moira, não desejando divulgar o perto que estava de apaixonar-se por Jack Graystoke. Ser amada por Jack foi à experiência mais incrível de sua vida, e ele o converteu em algo vulgar. Para Jack, deitar-se com ela foi só um incidente passageiro para saboreá-lo nesse momento e depois esquecê-lo.

—Está sendo muito dura com Jack — protestou Spence —Proporcionou-nos uma via de escape para o aborrecimento e, ao mesmo tempo, Jack ganhou o dinheiro do qual necessita. Se eu ganhasse, agora, os ruços de Jack seriam meus.

Jack viu que a irritação nos olhos de Moira se desvanecia até converter-se em dor e desilusão, e seu coração se contraiu dolorosamente. Como uma simples aposta podia acabar com um resultado tão desastroso? Ele nunca quis ferir Moira. Nunca imaginou que a mulher ferida que tirou do canal mudaria o curso de sua vida. Resistiu a ela tudo o que pode. Quem pensaria que os ciúmes seriam a causa de sua perdição? Não podia recordar ficar ciumento por uma mulher em toda sua vida.

Apesar das descaradas mentiras de Moira, Jack ainda a desejava. Só olhando-a seu sangue corria uma amalucada corrida através de suas veias e despertava a atenção de certas



partes de seu corpo. Maldição! Ela era virgem! Só esse fato teria que havê-lo mantido afastado dela, mas não, ontem à noite ele se glorificou em sua inocência e se perdeu entre sua doce carne, não uma, a não ser duas vezes. E o faria de novo, a menos que aprendesse a controlar sua desenfreada luxúria pela juvenzinha.

—No que a mim respeita, Jack pode ir ao inferno — disse Moira a Spence — Decidi me casar com Lorde Renfrew assim Jack ficará livre para casar-se com Lady Vitória — ela endireitou seus ombros — Estou pronta para ir a Vauxhall, Lorde Spencer.

—Ao seu serviço, milady — disse Spence, executando uma cavalheiresca reverência. Ele acompanhou Moira até a porta, enquanto dirigia um envergonhado olhar a Jack, por cima de seu ombro. A situação voltava-se mais complicada, a cada minuto. Nunca viu Jack tão fascinado com uma mulher. E, obviamente, Moira lhe correspondia.

Em algum momento durante as passadas semanas, Jack e Moira se converteram em amantes, até um parvo podia ver isso. Infelizmente, Jack precisava casar-se por dinheiro, e Moira era uma simples granjeira irlandesa muito bela e sem muito mais para recomendar. Uma situação interessante que valeria a pena observar.

A Moira, não faltou par de danças essa noite, embora Jack não estivesse entre eles. Vitória o segurava firmemente sem perdê-lo de vista. Mas Moira ainda podia sentir o calor de seu olhar, quando ele acreditava que ela não estava olhando. Cada vez que ela se voltava para encontrar-se com seu olhar, seu coração começava a pulsar ferozmente, incapaz de negar os sentimentos que ele despertava nela. Doía-lhe pensar que era meramente um peão para Jack. Obviamente, ela não era nada para ele, exceto um meio para encher seus bolsos. Ele tomara sua virgindade com uma descuidada crueldade, para depois lhe dar permissão para casar-se com Lorde Renfrew, ou alguém como ele. Suas emoções eram tão cruas que o desespero a carcomia por dentro.



—Ah, aqui está, Lady Moira. Um admirador quer conhecê-la.

Pondo um sorriso em seu rosto, Moira se voltou para saudar lorde Peabody. Mas quando viu quem estava com Peabody, seu sorriso começou a desfazer-se perigosamente e quase desmaiou. Um estrito controle foi tudo o que impediu que seus joelhos fraquejassem quando Lorde Roger Mayhew tomou sua mão e a levou até seus lábios.

—Estimada dama, só queria conhecê-la. Sou Lorde Roger Mayhew. Possivelmente tenha ouvido falar de mim — o malévolo brilho de seus descoloridos olhos lhe fizeram ter sabor da Moira que ele a recordava, e não afetuosamente — Tenho entendido que é a pupila de Black Jack Graystoke — as comissuras de sua boca se elevaram criando a paródia de um sorriso — Que extraordinário.

—Sir Jack é um parente longínquo — se apressou a explicar Moira. Sabia que não acreditava, mas para manter as aparências devia seguir com o jogo até seu amargo final, o qual se aproximava mais rápido do que esperava.

—Isso entendi. Poderia honrar-me com uma dança?

—Não, estou cansada e...

Roger não ia aceitar uma negativa. Tomou seu cotovelo e a guiou até a pista de dança. Moira tropeçou ao dar os passos, querendo fugir desesperadamente. Se soubesse que Lorde Roger voltaria tão rápido do continente, fugiria de Londres semanas atrás. Esperava casar-se e ficar fora de seu alcance antes que retornasse.

—Preciso falar com você a sós — sussurrou Roger em seu ouvido — Poderia desmascarar sua pequena farsa agora mesmo se quisesse, mas sinto curiosidade por saber que interesse tem Graystoke neste jogo. Pensei que estava morta, sabe? — ele apertou sua cintura tão forte que ela fez um gesto de dor — Encontre-se comigo na casa de verão em quinze minutos.

Moira empalideceu.



—Não posso. Jack notaria minha ausência e viria me buscar.

—Muito bem, seguirei seu jogo até que saiba mais sobre ele. Alegue uma dor de cabeça e retorne a casa. Minha carruagem estará no beco atrás de Graystoke Manor. Saia às escondidas a meia-noite. Estarei esperando-a.

—Não!

—Faz ou anunciarei a todo mundo que é uma fraude e que seu amante tomou por parvos a seus pares. Quer ver Graystoke arruinado?

Moira empalideceu. Ela não queria isso.

—Não sei do que está falando.

—Não sou tolo. Você e Black Jack são amantes.

A dança acabou. Roger escoltou Moira fora da pista, fez uma galante reverência e a deixou depois de pronunciar uma última palavra.

—Meia-noite.

Ela tremia incontrolavelmente enquanto o via sair pela porta.

—Encontra-se bem, Moira? Esse bastardo a insultou? Roger Mayhew não assiste frequentemente a este tipo de reuniões. Ouvi que estava no estrangeiro. Uma pena que tenha retornado. A Inglaterra não necessita dos de seu tipo.

Moira se alegrava tanto de ver Jack que o beijaria. Tal como estavam às coisas, agarrou seu braço com tal desespero que ele se sentiu agradado e assombrado ao mesmo tempo.

As sobrancelhas de Jack se elevaram.

—Algo anda mal. Que demônios disse Mayhew?

—N-nada. Tenho uma terrível dor de cabeça. Desejo ir para casa.

Jack expressou preocupação imediatamente.

—Eu levarei você.



—Não! Não quero incomodar. Pedirei um carro de aluguel...

—Maldita seja, Moira, já disse que eu a levarei a casa, e isso é o que farei.

—Mas Lady Vitória...

—Ao inferno com Vitória. Ela pode entreter-se só até que eu volte. Avisarei que a deixarei durante um momento e recolherei seu xale. Espere-me no vestíbulo.

Moira não esperou para ver a reação de Vitória ao inteirar-se que Jack partia. Ela deixou a estadia imediatamente e se dirigiu direto ao vestíbulo. Cinco minutos depois, Jack retornou com seu xale. Notava-se pela expressão de seu rosto que não foi bem com Vitória.

—Realmente, isto não é necessário, Jack. Eu posso chegar sozinha em casa. Lady Vitória é importante para você, não deveria perturbá-la.

Jack escrutinou sua cara.

—Temo que ela esteja desgostada desde o dia em que a trouxe para casa. Superará. Além disso, retornarei a tempo para escoltá-la ao jantar da meia-noite e levá-la a sua casa — o que não lhe disse foi que a mãe de Vitória finalmente se foi, e Vitória queria que ele passasse a noite em sua cama.

Jack e Moira se mantiveram em silêncio durante a viagem para casa. Se Moira tivesse acesso aos pensamentos privados dele, se surpreenderia. Jack estava pensando quão molesta estava se voltando Vitória com suas demandas. Ela sabia que ele necessitava de seu dinheiro e, por isso, esperava que dançasse ao som de sua melodia. Estas últimas semanas, Jack decidiu que suas demandas se tornaram excessivas. Era certo que ele necessitava do dinheiro, mas era muito orgulhoso para ser manipulado por uma mulher. Deu-se conta de que não desejava fazer amor com Vitória. A única mulher com que queria fazer amor estava sentada ao seu lado. Que diabos lhe ocorria, perguntou-se distraidamente. O jogo já não o atraía, beber até o estupor lhe parecia uma perda de tempo, e as demais mulheres



empalideciam em comparação com Moira. Se não tomasse cuidado, emendaria suas más maneiras e destruiria uma lenda.

Deus, Lady Amélia estaria encantada!

A intuição lhe dizia que tudo o que ocorreu era o resultado da intromissão de Lady Amélia. Independente de gostar de saber o que ela planejou para ele. Não podia ver outra solução que não fosse casar-se com Vitória ou alguém como ela, a menos que desejasse acabar seus dias na prisão de devedores.

Muito logo, a carruagem se deteve ante Graystoke Manor. Quando Jack se preparou para baixar, Moira pôs uma mão sobre seu braço.

—Não se incomode eu posso chegar a casa. Lady Vitória está esperando.

Os olhos de Jack se estreitaram com suspeita.

—Está tentando se livrar de mim?

O olhar de Moira se encontrou com o seu e se desviou. Jack suspeitava algo? Sem importar quanto temia encontrar-se com Lorde Roger, tinha de fazê-lo. Faria algo para evitar ferir Jack e danificar seus planos para casar-se por dinheiro.

—Não, nada disso. Por que desejaria me livrar de você?

—Não sei. Desde que dançou com Mayhew, atuou estranhamente. Esse homem é corrupto e inadequado para a boa sociedade. Mas o nome de sua família poderia responder por ele. Sua família é muito antiga e poderosa. Sei coisas de Mayhew que a assustariam. — Ele a ajudou a descer da carruagem e a acompanhou até a porta. Mas, em lugar de deixá-la como ela esperava, seguiu-a para dentro. — Moira o que disse Mayhew para perturbá-la desta maneira?

—Por favor, Jack tenho uma aguda dor de cabeça. Não quero falar sobre Lorde Mayhew. Retorne para Lady Vitória; ela está esperando — se voltou abruptamente e



caminhou com rapidez para a escada. Jack correu a toda velocidade atrás dela, tomou seu braço e a girou para enfrentá-lo.

—Maldita seja, Moira, Vitória pode esperar eternamente, pelo que a mim respeita. Estou cansado de que me digam o que tenho que fazer. Ela não é minha proprietária, e eu não gosto que me levem pelo nariz. Quanto a seu dinheiro, prefiro pedir um empréstimo a Ailesbury. William é um bom tipo; ele não me negaria isso.

—Não precisa me dar explicações — disse Moira, ainda estava molesta pela aposta que Jack e Spence fizeram a seus gastos — depois que me case com Lorde Renfrew, possivelmente possa convencê-lo de que pague suas dívidas.

Suas palavras enfureceram Jack. Moira pertencia a ele. Ele foi o primeiro para ela, e a mera ideia dela na cama de outro homem o fazia perder a cabeça. Não recordava sentir nada tão forte por uma mulher em toda sua vida. A confusão em seu coração fazia estragos com suas emoções.

Seus sentimentos se opunham diretamente à maneira em que vivia até que Moira Ou'Toole entrou em sua vida. Black Jack o libertino, o mulherengo bebedor, o jogador, aonde foi esse homem? E por quê?

—Deixe-me ir. Já disse que me dói a cabeça.

Moira não queria que ele a tocasse. Com apenas seu contato recordaria vividamente cada detalhe do que ocorreu aquela noite entre eles, cada excitante carícia, cada palavra provocadora e cada olhar íntimo de seus ardentes olhos cinza.

Mas Jack fez mais que só olhá-la, muito mais. Empurrando-a para seus braços, baixou a cabeça e a beijou. Seu beijo não tinha limites. Foi faminto, com a boca aberta e íntima. Foi rude e possessivo. Saboreou-a por completo, explorando sua boca até que ela não teve controle sobre as respostas de seu corpo. Estremecia-se e aterrava. Nunca se sentiu tão perdida. Nunca desejou um homem como desejava Jack Graystoke. Ela se deixou levar pelo



beijo, permitiu que as mãos dele vagassem livremente por seu corpo, o permitiu tomá-la em seus braços e levá-la a seu quarto, o permitiu deitá-la na cama.

Hipnotizada, Moira viu como Jack tirava a roupa, seu olhar cinza e penetrante não abandonava o seu. Quando finalmente cada gloriosa polegada dele esteve à vista, sua boca secou e ela lambeu seus lábios para umedecê-los. Tentou mas não pôde resistir a olhá-lo, estava tão fascinada que não podia controlar suas reações. A noite anterior estava muito envergonhada para olhá-lo, mas esta noite queria vê-lo por completo. Sabia que isto estava mau, sabia que permitir a Jack fazer amor de novo complicaria sua vida, mas que Deus a perdoasse, porque queria senti-lo dentro dela, queria-o inclusive sabendo que ela era meramente um peão em seu vil jogo. Com Roger Mayhew ameaçando-a, esta poderia ser a última vez que estaria assim com Jack.

Seus ombros eram largos; seu peito e braços se esticavam em flexíveis músculos. Suas pernas eram fortes colunas que subiam para encontrar magros quadris, e nessa união se elevava uma rígida coluna de carne que palpitava com vida própria. Ela o olhou fixamente, impressionada e um pouco assustada ante sua masculinidade.

—Deus, Moira, não me olhe dessa forma. Já é bastante difícil poder me controlar sem que me devore com esses olhos dourados como os de um gato.

Ele se deitou na cama e a beijou, enquanto desatava cuidadosamente as fitas de seu vestido até poder deslizá-lo por seus ombros.

—Isto não deveria acontecer — ofegou Moira molesta por seu fracasso para controlar suas emoções. Até ali chegava sua determinação de não permitir que Jack se aproveitasse dela outra vez — Disse-lhe que não seria sua amante. Jurei que não permitiria que se aproveitasse de mim, mas está acontecendo de novo. O que vou fazer?



—Deixar que a ame — disse Jack — Isso é o que vais fazer. Nunca antes me senti assim, nunca desejei uma mulher como desejo você. Isto é pura loucura, e você é pura tentação.

De repente, Moira recordou as palavras de Roger sobre encontrar-se com ele à meia-noite e ficou rígida sob as errantes mãos de Jack.

—Que horas são?

—Importa?

Moira tragou seu crescente pânico.

—Importa muito. Por favor. Que horas são?

Jack suspirou, alcançou da cama a jaqueta que descartara e tirou seu relógio de bolso.

—Dez e trinta. Agora podemos continuar?

—Não deveríamos. Ainda estou zangada por essa descabelada aposta que fez com Spence. Não sou uma posse que pode manipular à vontade. Sou uma mulher de carne e osso.

Jack lhe lançou um penetrante olhar.

—Deus, crê que não sei? Não deveria mentir sobre algo tão importante como sua virgindade.

—É muito tarde para recriminações. O que acontece com Vitória?

—O que acontece com ela?

—Está esperando você.

—Não até mais tarde. Além disso, estou reconsiderando me casar com ela. Não se sentirá muito defraudada; já suspeita de que estou perdendo interesse.

—Mas precisa — insistiu Moira — O que acontecerá com Graystoke Manor?

—Eu sobreviverei, e também Graystoke Manor.



Ele continuou despindo-a, tirando o vestido, anáguas e roupa interior.

—Espere! — ela rodou para afastar-se e se levantou no lado oposto da cama — Não sou uma prostituta, Jack. Não posso fazer isto. Deixamos claro ontem de noite. Retorne a Vauxhall. Faça as pazes com Lady Vitória. Se importar... — ela se engasgou com o resto da oração. Era ridículo pensar que Jack tinha sentimentos para ela. Inclusive se o fizesse, esses sentimentos não podiam trazer para nenhum deles nada de bom. Ela ainda tinha que lutar com Roger Mayhew e seu passado, e Jack necessitava da riqueza de Lady Vitória. Quão último queria era que Lorde Roger destruísse a oportunidade de Jack de conseguir um matrimônio benéfico.

Jack parecia aturdido enquanto Moira tirava o lençol da cama e se envolvia nele.

—Pensei que me desejava. Permitiu que a beijasse, devolveu-me os beijos.

—Não entende verdade? — disse Moira brandamente — Para você, beijar e fazer amor não significam nada, exceto prazer.

Jack lhe dedicou uma careta zombadora.

—Está me dizendo que não desfrutou?

—Desfrutei-o tanto que perdi de vista meus princípios. Tem um dom para me distrair, para me fazer esquecer o decoro aprendido sobre o colo de minha mãe. Não posso fazer isto; não está bem. Tentarei esquecer o que ocorreu ontem à noite.

—É uma pequena provocadora! — disse alcançado suas calças e colocando-as com puxões furiosos — Nunca tomei uma mulher que não estivesse desejosa, e nunca o farei. — a frustração e a desilusão se revolveram dentro dele. Arrependia-se de fazer a aposta com Spence, arrependia-se de tentar encontrar um marido para Moira, arrependia-se de tudo, exceto, de fazer amor com ela. Poderia fazer amor com ela todas as noites durante o resto de sua vida e não arrepender-se. Mas era bastante inteligente para saber que não era bom



para Moira. Ela necessitava de alguém que pudesse manter ela e sua família, e ele não era esse homem.

Fechou de repente a porta, levando suas botas e colocando-as, enquanto baixava rapidamente a escada. Quando Moira ouviu a carruagem afastar-se da entrada, derrubou-se na cama, ansiando as carícias de Jack e sabendo que nunca poderia ter. Mesmo que se atrevesse a pensar em Jack e no amor ao mesmo tempo, seria só um desejo. Não tinha ideia de que maldade planejava Lorde Roger agora que retornou a Londres. Tinha de proteger Jack a qualquer custo, sem importar o que acontecesse com ela.



Capítulo 9

O relógio do suporte da lareira tocava às doze da noite, quando Moira abriu brandamente a porta da cozinha. Jack não retornara ainda de Vauxhall, supunha que Lady Vitória o manteria ocupado até a alvorada. Embora doesse pensar nele com outra mulher, era o melhor, pensava Moira, enquanto avançava lentamente para a porta traseira que levava ao beco onde Lorde Roger disse que se encontrariam. Não importava quão assustada estivesse, tinha de averiguar o que queria dela. Temia que usasse o conhecimento de seu passado para prejudicar Jack e não podia permitir que isso ocorresse.

A carruagem de aluguel estava esperando além da porta traseira. Moira se aproximou precipitadamente, enquanto notava como o condutor estava curvado em cima das rédeas, sem olhar nem à direita nem à esquerda. Lorde Roger devia estar lhe pagando muito bem para que se ocupasse de seus próprios assuntos, refletiu Moira. Quão último queria era estar a sós com Roger e não tinha nenhuma intenção de entrar na carruagem, mas não teve opção quando a porta se abriu e uma mão segurou a dela, arrastando-a dentro. Moira gritou quando caiu desajeitadamente sobre o assento em um redemoinho de saias. A porta se fechou, de repente, e a carruagem se sacudiu ao ficar em movimento, Moira se endireitou com dificuldade, empurrando suas saias para baixo e olhou ao homem ajeitado no assento de frente. Nem Moira nem Roger viram que Jilly os observava da porta traseira. A pequena faxineira não podia dormir e foi à cozinha por um bocado quando viu Moira sair discretamente pela porta de trás. Jilly ficou olhando com incredulidade ao notar o contorno escuro do rosto de um homem através do guichê da carruagem.

—Foi sábio se apresentar — disse Lorde Roger ameaçadoramente.



—Aonde vamos?

O pânico consumiu os limites do controle de Moira. Recordou, com crescente medo, o que ocorreu na última vez em que esteve a sós com Lorde Roger. Quase se matou saltando de sua carruagem.

—Às estadias que tenho para ocasiões como esta. Não se preocupe, não farei nada que não permitiu fazer a seu amante. E não estou a levando a Newgate. Tenho outros planos para você.

—É desprezível. Sabe que eu não roubei o colar. Por que não diz a verdade a seus pais?

—Nem pensar. Eles já estão zangados comigo por deixar você escapar e ir de Londres sem explicações. Tive de pedir emprestado o dinheiro da passagem para a França. Não terei minha atribuição até dentro de quinze dias, e meu pai é muito estrito com o pressuposto. Condenado bode. — Percorreram uma curta distância quando a carruagem se deteve. — Já chegamos. Venha. Continuaremos esta conversa lá dentro.

Agarrando seu braço, arrastou-a da carruagem, enquanto ordenava ao condutor que esperasse. Um estremecimento de medo deslizou pelas costas de Moira, quando compreendeu que Roger pensava tomá-la na estalagem mais desonrosa que já viu. Um letreiro deteriorado pelo tempo pendurava oblíquo em cima da porta e, apesar de ser uma hora tão tardia, podiam ouvir-se risadas saindo da escura estalagem.

Moira parou em seco quando Roger tentou arrastá-la para o interior.

—Não vou entrar aí.

—Se souber o que é bom para você, fará. Cubra a cabeça com o capuz. Não é a primeira prostituta que trago a minhas estadias no Galo e Galinha e não será a última. A gentinha que frequenta este lugar presta pouca atenção a uma pequena prostituta que faz seu trabalho.



Quando Moira continuou resistindo, Roger puxou exasperadamente seu braço e a arrastou através da porta. O som da farra desenfreada assaltou seus ouvidos. Os aromas nauseabundos do licor rançoso e carne podre a silenciaram. Retrocedeu, afastando-se dos olhares curiosos e se escondeu profundamente dentro de seu capuz, enquanto Roger a levava aos desvencilhados degraus.

—Já chegamos — disse Roger, enquanto abria uma porta e a empurrava para dentro.
—Tire sua capa e se ponha cômoda.

—Não, obrigado — objetou Moira quando deu um olhar superficial pela escura estadia — Não ficarei muito tempo. O que desejava discutir?

—Maldição, sabe bem o que quero. O que aconteceu quando saltou de minha carruagem? Estava seguro de que morreu, por isso, fugi de Londres. Não pode imaginar como me assustei quando a vi esta noite em Vauxhall. Quando me disseram que era a filha de um barão irlandês, quase morro da risada. Então, me inteirei que era a pupila de Jackson Graystoke e quis descobrir imediatamente o engano. Mas, depois, considerei a situação e mudei de ideia. Decidi que guardar silêncio poderia servir melhor a meus propósitos. Ainda a desejo. Vendo-a esta noite com os atavios de uma dama, me abriu o apetite por saborear o que me negou há umas semanas.

Moira enviou um olhar gelado.

—Dá-me asco.

Roger riu perversamente.

—A menos que deseje ser encarcerada por roubo e Jack Graystoke ultrajado e condenado ao ostracismo por seus pares, fará exatamente o que eu diga. O rumor diz que Graystoke precisa casar-se por dinheiro e que pôs seus olhos em Lady Vitória Greene. Eu já a gozei. É uma pequena coisinha ardente — observou Roger — O que acredita que ocorrerá quando Lady Vitória se inteirar que a pupila de Graystoke não é dos seus? Pensará o pior,



claro. O matrimônio com uma herdeira estará fora de questão quando a sociedade souber que Graystoke os enganou. É isso o que quer para o homem que salvou sua vida? Porque ele salvou sua vida, não é certo?

—Ele não me deixou jogada ao lado da estrada morta de frio e ferida — acusou Moira — Tem compaixão, algo que lhe falta.

Roger sorriu burlonamente com desprezo.

—De quem foi a ideia de fazê-la passar por uma dama? Parece uma das engenhosas ideias de Graystoke.

—Isso não é seu assunto.

—Já estou fazendo-o meu assunto. Se não fizer quanto eu diga, danificarei os planos de Graystoke. Para a sociedade, não significará nada, entretanto, para ele, será o fim. É por uma boa razão que se chama Black Jack.

—O que quer de mim? — perguntou Moira enquanto o olhava com fúria — Seja o que seja não envolva Jack.

Roger a olhou sorrindo.

—Possivelmente. Se fizer o que eu digo. Acredito que sabe muito bem o que quero. Enganou aos discípulos uma vez, mas não o fará de novo.

O Clube Hellfire. O homem era verdadeiramente malvado.

—Não! Nunca estarei de acordo.

—Espera, ainda não terminei. Se se negar, voltarei a falar com o magistrado para lhe informar que Graystoke é seu cúmplice no roubo. Sabe que há uma recompensa por sua captura? Suas opções estão limitadas a Newgate ou ao Clube Hellfire.

Moira nunca odiou tanto um homem. Seu temperamento bulia de raiva.



—Antes, morreria a me prostituir para você e seus malvados amigos. Já ouvi que poucas mulheres sobrevivem a uma noite com os adoradores de Satanás. Se sobrevivesse à prova, juro-lhe que iria direto a seus pais e lhes contaria que é um membro do Clube Hellfire.

—Ah, sobreviveria. Eu me asseguraria disso. Depois, farão os acertos necessários para colocá-la em um bordel. Inclusive pode ser que você goste do que os discípulos farão com você. A maioria das prostitutas que contratamos parece desfrutá-lo. Graystoke foi um membro do clube durante algum tempo. Surpreende-me que não a trouxe antes aos rituais. Maldito bastardo, provavelmente a queria conservar para ele.

—Virgem Bendita, me ajude! — rogou Moira — Está mentindo. Jack nunca seria membro de uma organização tão vil como o Clube Hellfire.

—Reze tudo o que você queira doce Moira, mas não mudará nada. — Roger se felicitou por sua destreza. Plantar a semente da dúvida na mente de Moira sobre a implicação de Black Jack com o Clube Hellfire era um golpe de mestre, ainda que fosse mentira. — Conforme dizem, Newgate é um lugar desagradável. Enfermidades, pestilência, sujeira, fome, experimentará tudo isso e muito mais. Não seria difícil de envolver Black Jack como seu cúmplice. Facilmente, poderia conseguir alguém que jure que ele a convenceu de roubar o colar de minha mãe. É de comum conhecimento que sempre tem necessidade de dinheiro.

Moira empalideceu.

—Nem você poderia ser tão perverso.

Estava mentindo sobre Jack? Sua mente dizia que não, mas seu coração se negava por completo a acreditar que Jack pudesse estar envolto com uma seita dedicada ao mal. Entretanto tinha sentido. Por algo, ganhou seu apelido.

Roger sorriu ligeiramente.



—Poderia, e o sou. Como membro do Clube Hellfire, aprendi que nada é mais importante do que a satisfação de todos os sentidos. Algo que façamos para conseguir o que queremos é aceitável. O mal é excitante. Pergunte a Black, se tiver dúvidas. Ou a Lorde Renfrew. Eles são membros do Clube. Todos dedicados ao prazer.

A cor desapareceu do rosto de Moira. Lorde Renfrew também?

—Se seus pais soubessem o tipo de homem que é, repudiar-lhe-iam.

—Meu pai é um asno pomposo que constantemente briga comigo por minhas más maneiras, embora ele não saiba nem a metade. Ameaça-me me deserdando a favor de meu irmão pequeno, um imbecil virtuoso como nunca vi em minha vida. Ninguém roubará minha herança. O título me pertence.

Havia tanta maldade em sua voz que Moira temeu pelas vidas de seu pai e irmão. A repulsão a atravessou como uma faca. Esse tipo de corrupção a assustava.

—Não posso fazer o que pede, não importam as consequências.

—Não estou dando a escolher. Tire a roupa. Tenho que a provar antes que os outros tenham seu turno contigo.

Moira retrocedeu um passo.

—Não.

Roger a alcançou, atraindo-a para ele.

—Não sou um homem paciente.

Ele a empurrou em direção à cama. O pânico percorreu Moira, lhe infundindo coragem apesar de ser mais débil. Ela sentia suas mãos em seus seios, sentia-o explorar sob suas saias, sentia sua língua quente sondando em seus lábios fechados. Em silêncio, tragou a bÍlis que a alagava. Não podia permitir esta abominação.

Roger, com sua macilenta carne, com seu corpo rígido e duro como o aço, a segurou sobre a cama e subiu escarranchado sobre ela. Seus babeantes beijos sabiam a pecado e



corrupção. Ela lutou corajosamente, mas quando compreendeu que Roger estava desfrutando da resistência, ficou flácida debaixo dele. Então o viu, o cântaro da água estava sobre a decrepita mesinha de noite, quase ao seu alcance.

Roger subiu suas saias até sua cintura e estava momentaneamente distraído com as ataduras em suas calças, tinha a vista hipnotizada nos cachos acobreados que brilhavam fracamente entre suas coxas. Impulsionada pelo desespero, Moira esticou seu braço, oferecendo uma oração de agradecimento, quando seus dedos se curvaram ao redor da asa do cântaro.

Excitado até a loucura; Roger agarrou a asquerosidade entre suas pernas e a posicionou à entrada das delicadas pétalas de Moira.

—Prepare-se para sentir um homem de verdade entre suas brancas coxas. — Disse-lhe roucamente, enquanto encurvava seus quadris para mergulhar dentro de sua doce passagem.

Moira tinha outras ideias. Assim, quando Roger apertou suas nádegas e encurvou seus quadris, elevou o cântaro e o deixou cair sobre sua cabeça. Ele se sacudiu, sobressaltando-se, olhando-a fixamente com cepticismo, então, caiu pesadamente contra ela com os olhos abertos e desvanecidos. Moira deslizou para o lado, enquanto ainda sustentava a asa quebrada do cântaro. Olhou-o aterrorizada, logo abriu seus débeis dedos e deixou cair à asa. Roger estava de barriga para baixo na cama, completamente imóvel, e ela o empurrou para afastá-lo. Deu um rápido olhar, endireitou sua roupa, colocou a capa e saiu do quarto.

Enquanto baixava os degraus e saía pela porta, agradeceu a Deus que a estalagem se esvaziasse durante a noite. A carruagem estava esperando na rua. Moira se esqueceu que Roger disse ao condutor que esperasse. Armando-se de valor, chamou o condutor com voz autoritária.

—Leve-me a Hannover Square.



O condutor se agitou despertando e apareceu olhando Moira através de seus olhos nublados.

—Onde está o cavalheiro? — o homem arranhou sua cabeça — Não sei senhorita, me pagaram para esperar.

—E o tem feito — disse Moira laconicamente — Já tem seu dinheiro, agora me leve a casa em Hannover Square. Não tem necessidade de baixar, posso subir sozinha ao carro.

O condutor a olhou confundido, logo assentiu com a cabeça. Moira virtualmente se jogou dentro da carruagem, enquanto olhava de esguelha para a estalagem, atenta a qualquer sinal de Lorde Roger. Não necessitava de mais preocupações. Quando teve fechado de repente a porta da carruagem, esta avançou cambaleando-se. Moira se apoiou no respaldo e fechou os olhos, ainda agitada pelas íntimas carícias. Quando Roger despertasse, estaria furioso com ela. Não tinha ideia do que ele faria, mas tinha uma carta na manga. Conhecia sua vinculação com o Clube Hellfire e não tinha nenhum reparo em informar seus pais.

Jack chegou à sua casa e subiu fatigadamente os degraus. Livrar-se de Vitória depois do baile não foi nada fácil. Ela se zangou mais que nunca quando ele rechaçou seu insinuante convite para passar a noite em sua cama. Nem podia recordar que desculpa usou para negar, mas não a satisfez. Vitória lhe deu um ultimato: a menos que lhe demonstrasse sua devoção, ela e seu dinheiro iriam à outra parte. Não lhe faltariam aspirantes, disse a Jack, com toda segurança. Ele nem se incomodou em desculpar-se por sua falta de paixão. Girou abruptamente sobre seus pés e partiu. Não fazia muito, casar-se com Vitória parecia uma boa ideia, dado o estado desesperado de suas finanças. Assustava-o compreender, ao fim, que nenhuma quantidade de dinheiro poderia suprir a falta de amor em uma relação. Maldição! Não podia entender como mudou tão drasticamente nas últimas semanas. Onde



estava o velho e dissoluto Black Jack? Onde estava seu caráter depravado que tanto conhecia e amava?

Quando Jack alcançou o patamar, seus pensamentos se voltaram para Moira. Ela disse que lhe doía a cabeça e precisava deitar-se, e, agora, a fronte de Jack se enrugava com preocupação. Sabia que não devia, mas o impulso por ver como se encontrava era muito urgente para ser ignorado. Detendo-se em frente à sua porta, agarrou o trinco e a abriu lentamente. O fogo agonizante na lareira estendia um halo mortiço ao longo da estadia e proporcionava suficiente luz para ver que a cama estava vazia. Onde estava ela? Depois de acender uma vela, Jack investigou a estadia, um visível alívio se apoderou dele quando viu que toda a roupa de Moira estava em seu lugar, salvo uma capa escura. A seguinte emoção que experimentou foi de raiva. Aonde foi e com quem?

Baixou a escada e tinha a porta principal aberta e pronta para sair apressadamente, quando ouviu um ruído atrás dele. Girando sobre seus pés, viu Jilly, sua figura encurvando-se atemorizada contra a parede.

—Por Deus, Jilly, se souber onde está sua senhora, diga-me isso.

Jilly empalideceu mais assustada do que esteve jamais em sua vida. A expressão feroz de Black Jack a fazia pensar que o homem era tão perigoso como seu infame nome assegurava.

O medo de Jilly deve ter abrandado a Jack, já que este suavizou sua expressão.

—Não vou lhe fazer dano, Jilly. Quando falou com Moira? Disse-lhe aonde ia a estas horas da noite?

—Não, senhor — disse Jilly com voz trêmula — Vi Lady Moira deixar a casa pela porta da cozinha, mas não sei aonde foi ou quem era o homem que estava na carruagem.

A última frase de Jilly disse a Jack tudo o que queria saber. Desviou o olhar, seus olhos cor de prata brilhavam ameaçadores.



—Um homem? — esse pensamento fez que a raiva o atravessasse — Moira se encontrou com um homem e se foi com ele em uma carruagem?

—Sim.

—Quem? — perguntou Jack concisamente.

—Não sei senhor. Estava escuro. Não consegui ver bem seu rosto. Em minha opinião, não acredito que Lady Moira fosse de boa vontade.

Os traços de Jack assumiram a dureza do granito.

—Deixou voluntariamente a casa?

Jilly tragou convulsivamente. Nunca diria nada que pudesse ferir sua senhora. Se ao menos Sir Jack não se visse tão aterrador.

—Eu... Eu, não sei.

Os punhos de Jack se fecharam tão hermeticamente que os nódulos ficaram brancos.

—Obrigado, Jilly. Agora pode retornar à cama.

—Mas, senhor — começou a dizer Jilly timidamente — Não acredito que Lady Moira haja...

—Deite-se. Eu me ocuparei de tudo.

Não estando preparada para enfrentar a força da ira de Black Jack, Jilly deu volta e fugiu. Tinha lástima a pobre Lady Moira e não invejou a tarefa de enfrentar ao formidável temperamento de Black Jack.

Jack voltou para sua estadia para esperar a chegada de Moira, seus pensamentos eram um tumulto. Por que sairia furtivamente no meio da noite e com quem? Uma vez mais, mentiu, e a raiva se acumulou dentro dele. Desgraçadamente, a longa espera até a chegada de Moira fez pouco para aliviar sua fúria.

Duas horas depois, ouviu o som inequívoco de uma carruagem aproximando-se pela rua. Olhando pela janela, viu como esta se detinha e descia uma mulher. Moira retornava de



sua entrevista, e sua expressão se endureceu. O impulso de lhe dar uns açoites bulia dentro dele, quando ouviu que Moira entrava na casa e se dirigia lentamente à escada. Com passos irados, se dirigiu à porta do quarto, mas, antes que pudesse abri-la para enfrentar Moira, uma visão apareceu bloqueando seu caminho.

—Demônios!

Suas violentas palavras demonstravam que sua paciência terminara.

—Agora, não tenho tempo para você, milady. Moira vai me dizer com quem se encontrou ou vou retorcer seu encantador pescoço. Tinha razão desde o começo sobre ela. Não é mais que uma fastidiosa prostituta que salta de cama em cama. Assim que tomei sua virgindade, quis esticar as asas e provar novos amantes. Maldição! Não vou tolerar, me ouve?

Lady Amélia não parecia disposta a mover-se. Parecia ser consciente do estado de ânimo de Jack e desejava evitar que Moira enfrentasse sua ira.

—Parta! Não é mais que uma invenção de minha imaginação — rugiu Jack — Não tente interferir. A pequena parva tinha uma entrevista com um amante e, de uma maneira ou outra, vou descobrir com quem estava.

Lady Amélia negou com a cabeça e permaneceu firme.

—Você me colocou em um maldito apuro, milady. Minhas perspectivas para um matrimônio vantajoso voaram pela janela e, com elas, minha reputação como libertino e mulherengo. Desde sua chegada, já não bebo nem jogo nem persigo mulheres — acusou tristemente — É por sua intromissão que Moira chegou a minha casa. Depois disso, já não sou o mesmo. Deitar-me com a pequena bruxa irlandesa foi um engano. Mas como podia saber que ela era virgem?

Lady Amélia inclinou a cabeça, como avaliando cada palavra que dizia Jack.



—É que não o entende? — Jack continuou seriamente — Moira necessita do dinheiro tanto como eu. Não somos adequados um para o outro. Sei que deveria permitir que vá, mas, que me condenem, se posso deixá-la partir — Lady Amélia assentiu com a cabeça — Sei que não tenho nada a oferecer a Moira ou ela a mim. Mas serei condenado antes que permitir que outro homem a corrompa.

Lady Amélia pôs uma mão em cima de seu coração, como se tentasse transmitir uma mensagem do outro mundo, mas Jack estava muito encolerizado para deduzi-lo. E não estava disposto a permitir que um fantasma intrometido evitasse seu enfrentamento com Moira. Sabia que devia esperar até que seu temperamento esfriasse, mas a ideia de que Moira estivesse com outro homem roubou o bom sentido que possuía. Deu um passo para diante como se fosse passar através do fantasma, mas o interior de Lady Amélia brilhou estalando em um halo de chamejante luz, criando um intenso calor que obrigou Jack a retirar-se.

—Maldição! O que devo fazer?

Lady Amélia simplesmente o olhou, mas suas palavras de algum jeito chegaram ao cérebro de Jack.

“Não a machuque.”

—Realmente pensa que poderia ferir Moira? Até se enfrentasse ela no topo de meu temperamento, duvido muito que pudesse danificá-la.

Obviamente aplacada, Lady Amélia assentiu e deslizou a um lado, lhe permitindo sair. Jack não tentou compreendê-la, só abriu a porta e se dirigiu intencionalmente até o quarto de Moira.



Moira ainda tremia quando entrou em sua estadia. Matou Lorde Roger? Duvidava-o. Bateu bem forte, mas o golpe se desviou por não dispor de um bom ângulo devido a sua posição na cama.

Despiu-se à luz de uma vela e subiu à cama usando só a regata, estava muito cansada para colocar sua modesta camisola. A alvorada aparecia ao longe quando fechou seus olhos em busca do sono. Sua mente se concentrou nos vis planos de Roger para com ela. Desta vez conseguiu escapar, mas poderia fazê-lo de novo? Deixaria-a tranquila agora ou consideraria que o conhecimento que tinha de suas atividades era muito perigoso para ser ignorado? Deixar Londres parecia ser o prudente neste momento, mas conseguir o dinheiro para a passagem a Irlanda seria um problema. Ainda contemplava suas alternativas quando Jack irrompeu na estadia.

—Onde diabos esteve?

Sua voz era áspera, seu rosto inflexível e duro como pedra, seus braços estavam cruzados sobre seu peito. Moira deu uma rápida olhada a sua expressão implacável e ao ver seu olhar escuro e cheio de fúria, compreendeu que ele sabia que tinha deixado a casa. Graças a Deus, não sabia por que ou com quem se encontrou.

Mal suportava olhá-lo. Imaginá-lo participando de ritos satânicos com homens como Lorde Roger Mayhew a adoecia.

—O que está fazendo em casa? Pensei que você e Lady Vitória...

Jack entrou na estadia e se ergueu ameaçadoramente sobre ela.

—Pensou mal. Se estava desesperada para se deitar com um homem, por que não veio a mim? Por que procurou outro homem, por Deus? Maldição, Moira, não sei o que fazer com você. Continua me desconcertando e me confundindo. Até que fizemos amor foi inocente. Criei uma mulher lasciva?



Embora por dentro Moira estivesse furiosa, manteve-se obstinadamente calada, o que fez que o temperamento de Jack se disparasse.

—Pensei que a conhecia, mas estava equivocado. Pode ser que era virgem quando a tomei. Mas, no fundo, é uma puta.

—E eu também pensei que o conhecia! —disparou Moira.

—Possivelmente não procuraria a outro homem para se deitar, se mais cedo esta noite tivesse seguido meu instinto e fizesse amor. Mas, se for um homem o que quer, eu a agradarei. Como bem sabe suas necessidades serão satisfeitas.

Jack soube que estava permitindo que sua irritação nublasse sua cabeça, mas não podia evitar. Feria-o terrivelmente pensar em Moira com outro homem. Queria castigá-la, fazê-la pagar por rechaçá-lo. Tirou a jaqueta e a jogou a um lado para continuar com a camisa.

—O que está fazendo?

Jack lhe dirigiu um olhar tão escuro e voraz que, de repente, sua pele se sentia muito tensa para cobrir seu corpo.

—Vou fazer amor com você, se pode estar com outros, pode estar comigo.

—Não me toque!

A respiração gelou em sua garganta, quando viu que Jack deslizava as calças por suas pernas e as tirava, junto com suas meias e sapatos. Sua expressão rígida e implacável era tudo, menos reconfortante. Mas não era seu rosto o que ela olhava. Seus olhos desceram. Ele estava totalmente excitado, seu corpo duro e inflexível, cada fibra de seus músculos fervendo de desejo.

Dedicou-lhe um sorriso zombador, que não alcançou seus olhos. Ela estremeceu e tentou desviar o olhar, mas não pôde.

—Seu amante está mais bem dotado que eu?



Sua arrogância liberou o temperamento irlandês de Moira.

—Bastardo desdenhável! Pense o que quiser, mas eu não tenho nenhum amante. Você é o único. Se soubesse o tipo de homem que é e as baixezas das que é capaz, abandonaria esta casa muito antes que me manchasse.

—Não sei de que diabos está falando.

Ele não tinha ideia de que ela estava se referindo ao Clube Hellfire. Desceu sobre a cama e esticou-se sobre ela, segurando-a contra seu palpitante corpo, estava muito excitado para deduzir o significado atrás das palavras de Moira.

—Além disso, não acreditaria em nada do que me dissesse.

Moira ficou rígida e tentou escapar, mas não era rival para a formidável força que a mantinha contra a cama.

—Deseja se explicar? — A voz enganosamente tranquila deveria havê-la prevenido.

—Não.

Agarrando as bordas de sua regata, rasgou-a pela metade, despindo as suaves curvas de seu corpo.

—Quem era o homem que estava com você esta noite?

Ele acariciou seu seio, e estremecimentos de calor incontrolláveis se estenderam até onde descansava sua mão.

Sua boca permaneceu fechada. Sentia como se já não conhecesse Jack. Conheceu-o alguma vez?

—É uma mulher bonita, Moira, qualquer homem a desejaria.

Se Moira não fosse consciente dos vínculos de Jack com o Clube Hellfire, suas palavras a enterneceriam. Irritava-a pensar que se preocupou por danificar a oportunidade de Jack de ter um matrimônio próspero, quando deveria se preocupar por sua própria



segurança e os planos que ele tinha para ela. Jack e Lorde Renfrew estavam conspirando para pô-la a mercê dos discípulos do mal?

—Não estava com ninguém que conheça.

—Espera que acredite nisso?

Com uma clareza surpreendente, Jack compreendeu que queria ser o único homem na vida de Moira. Pela primeira vez em sua vida, lamentava não ter nascido entre a riqueza. Não queria um título, mas a riqueza faria possível que pudesse casar-se com a mulher que ele escolhesse, em lugar de alguém como Vitória. Vitória não expressou muito desejo por lhe dar um herdeiro e, assim que a novidade do matrimônio se desgastasse indubitavelmente se converteria em um cornudo. Tampouco ele poderia prometer fidelidade a uma mulher a qual não amava.

Amor. Maldição! Esse exaltado sentimento não tinha significado nada para ele no passado; por que teria de contemplá-lo agora? Baixou o olhar para Moira, seu corpo tenso pelo desejo. Desejava a esta pequena bruxa teimosa mais do que desejou a outra mulher. Mas ainda não podia superar o fato de que Moira se encontrou com alguém essa noite. Ela negava haver-se deitado com outro homem, e ele se inclinava a acreditar, mas isso ainda não explicava nada. Ele intuía que havia algo mais, havia medo em seu rechaço. E de que demônios o acusava?

—Mentiu-me de forma constante, desde o começo — lhe recriminou Jack — Por que não pode dizer a verdade, uma vez em sua vida?

Moira se agitou em reação.

—E por que não o faz você?

—Eu não menti. Por que não confia em mim?

—Não confio em nenhum homem. Não depois do que me inteirei esta noite. Como pôde?



Jack viu o brilho das lágrimas nos olhos dourados de Moira, e toda sua irritação se evaporou, substituído pela urgente necessidade de aliviá-la, de fazer amor, até que se esquecesse de tudo e só ficar o prazer mútuo. Mas seu último comentário o confundia muito para ignorá-lo.

—Como pude o que? Ainda fala com adivinhações.

—Sei! — disse-lhe Moira gritando — Sei que é membro do Clube Hellfire.

—O que? Quem disse uma mentira tão ultrajante?

— Está negando?

—Maldição, sim, estou negando.

Ela queria acreditar. Virgem Santa queria acreditar, mas não podia.

—Eu não sou a única mentirosa nesta estadia — cuspiu Moira.

Trocando de posição, elevou-a facilmente sobre ele. Os músculos de seus braços ondaram com força. Os traços de seu rosto se afiaram com fome. Quando seus seios estavam balançando-se no ar diante de sua cara, aproximou-a para poder acariciar seus mamilos com a língua e a boca. O pânico a alagou. Não queria que isto acontecesse. Lutou contra ele. Logo, cada nervo de seu corpo se contraiu com ardor e estalou em chamas.

Depois de atender com ternura cada seio, ele capturou sua boca para lhe dar um beijo arrasador. Sua língua provava, sondava e explorava as doces profundidades de sua boca. Beijou-a até que se sentiu enjoada e teve de separar-se para respirar. Então, rodando, pressionou-a contra o colchão, enquanto procurava melhor acesso. Agarrando as partes destroçadas de sua regata, afastou-as a um lado, não querendo nenhuma barreira entre eles.

—Quem era o homem com o que esteve esta noite? — perguntou-lhe com determinação.

—Por que se importa?



Agarrando sua mão pelo pulso, ele a apertou contra a longitude de seu rígido membro.

—Sente o duro que estou Moira. Sente o que me faz. Acredite quando digo que me importa.

Os dedos de Moira deslizaram ao redor dele. Sentia-se rígido e duro sob sua mão. Aço coberto de veludo. Vivo, inflamado e pulsando de desejo. Moira elevou a vista para olhá-lo. No piscar da luz da vela, seus olhos eram dois lagos de prata que refletiam um voraz apetite. Parecia febril, como se sua pele se esticasse muito, afiando as bochechas de seu rosto. Suas fossas nasais se ampliavam cada vez que inalava, lhe recordando a uma besta em zelo.

Jack gemeu, enquanto fechava seus dentes ao redor de seu mamilo. Moira choramingou, as sensações eram tão deliciosas que oscilavam em algum lugar entre o prazer e a dor. Sua mão se apertou ao redor dele em resposta.

—Jesus, doce Jesus! — sua voz era uma suplica áspera enquanto os tremores atormentavam seu corpo. Ele afastou sua mão tão violentamente que temeu feri-la.

—Maldição perco completamente o controle quando estou com você. Não tem nem ideia do perto que estou de me derramar. Nasceu para o prazer Moira, e eu quero ser o único que lhe proporcione isso. Sou um amante ciumento.

Ele riscou um caminho de beijos úmidos e ardentes ao longo de seu ventre, sua língua se atrasou no umbigo, e suas mãos escorregaram até os cachos enredados que guardavam a entrada a seu sexo. Estendeu as pétalas com seus dedos e dois deles deslizaram gentilmente em seu interior.

—Suave tão suave — murmurou enquanto separava suas pernas e se ajoelhava entre elas — Tão molhada — beijou o interior de suas coxas, os dedos ainda se deslizavam dentro dela provocando e acariciando.



Ela se arqueou, enquanto mordida os lábios para evitar gritar seu nome. Ele só pôde gemer em resposta, enquanto continuava pulverizando beijos ao longo de sua coxa e em direção ascendente até encontrar seu pequeno broto rosado de prazer e chupar com sua boca a sensível carne inflamada.

—Jack! Não! O que está fazendo? Isso é imoral.

—Não é imoral — murmurou Jack contra sua carne — Há muitas formas de amar a uma mulher — então sua língua tocou ali, e a habilidade de falar o abandonou. Seu aroma almiscarado o inflamou, enviando puro fogo a sua virilha, fazendo-o pulsar e inflamar-se pela paixão não satisfeita. Ele sentiu como o pequeno corpo dela se arqueava, viu seu rosto paralisar-se pelo prazer e substituiu seus dedos pelo impulso úmido de sua língua.

Moira gritou, enquanto se segurava a seus ombros com desespero. Ardia de necessidade e com a tortura de cada fôlego de Jack, esticava-se e ansiava mais. Ele a ouviu gemer de paixão e sentiu como suas débeis pernas se abriram ainda mais quando ele as levantou e saboreou sua doçura. Saqueou-a sem piedade, suas mãos escorregaram debaixo dela e agarraram suas nádegas, forçando-a a aceitar cada golpe de sua intrépida língua. Sua respiração entrecortada se acelerou. Ela se esticou até que ele temeu que explodisse. E, então, ela estalou. Ele escutou seu pequeno ofego, sentiu os tremores que estremeceram seu corpo e soube que encontrou o prazer.

Antes que ela se recuperasse totalmente da incrível espiral de prazer, Jack deslizou até acima entre suas pernas. Seu membro explorou, encontrando sua entrada, e, logo, se inundou profundamente dentro dela.

Os olhos de Moira se abriram de repente, e gritou, ao sentir o calor e a dureza incrível de seu aveludado membro, assim como seus músculos esticando-se sobre ela. Ondas de puro êxtase a arrasaram com um calor abrasador e sentiu que alcançava uma cúpula mais



alta de sensações eróticas, com cada implacável estocada a seu corpo. Estava ardendo com um prazer tão poderoso que ameaçava consumindo-a.

Envolvendo-o com seus braços e pernas, aferrou-se ferozmente a ele.

—Jack... — seu nome era um suspiro ofegante, quando ela alcançou o orgasmo, seu corpo estremecendo-se em uma espiral de luz. — Oh, Jack... — a sensação de tê-lo em seu interior intensificou seu prazer, quando sentiu que ele se sacudia com violência e a corrente quente de sua semente entrava em seu corpo e a enchia.

Os últimos espasmos apenas a abandonaram, quando o conhecimento doloroso da vinculação de Jack com o Clube Hellfire a trouxe bruscamente à realidade. Formaram-se lágrimas em seus olhos, e gotas salgadas desceram por suas pálidas bochechas. Ele estava talhado pela mesma tesoura que Roger Mayhew e Lorde Fenwick. Ele a usou, e ela o permitiu. Tentou afastar Jack, mas ele rodou sobre seu lado, levando-a contra ele. Jack sentiu a umidade molhando seu peito e a olhou.

—Por que está chorando?

—Odeio-o — soluçou Moira.

—Quase consegue me enganar.

—Rouba minha vontade e meus sentidos.

—Então temos algo em comum — ele se deitou com inumeráveis mulheres, sequer podia recordar os nomes de algumas delas, mas até agora, fazer amor nunca foi uma experiência tão emocional. Uma ideia relampejou em sua cabeça, e compreendeu que não podia permitir que outro homem tomasse Moira. Nem agora nem nunca.

—Esteve com Lorde Renfrew esta noite? Será melhor que me diga isso, porque, de uma ou outra maneira, averiguarei. O que lhe disse para que se zangasse tanto comigo?

Moira o olhou de esguelha.



—Não vi Lorde Renfrew desde que me propôs matrimônio. É consciente de que ele é membro do Clube Hellfire?

Jack retrocedeu alarmado.

—Quem diabos lhe disse isso? Os homens levam túnicas e capuzes para manter em segredo suas identidades. Alguém tentou convencer você a assistir seus ritos esta noite?

—Eu nunca aceitaria algo assim! Nem Lorde Roger poderia... — compreendendo o que disse Moira tampou a boca com a mão.

O medo e a repulsão estremeceram Jack.

—Esteve com Roger Mayhew esta noite? Está louca? Não prestou atenção a minha advertência?

—Aceitei me encontrar com ele pelo seu bem, mas, quando ele me disse de sua vinculação com o Clube Hellfire, compreendi a parva que fui.

Ele a agarrou pelos ombros, lhe dando uma sacudida.

—Pelo meu bem! De que diabos está falando? Sei com certeza que Mayhew é um membro do clube, mas definitivamente eu não sou — seus olhos arderam com uma fúria implacável — Acredito que estou começando a entender. Você conheceu Roger Mayhew antes que nos encontrássemos verdade? Ele é o filho de seu patrão, verdade? Que estava interessado por você. O que lhe disse para convencê-la de que se reunisse com ele esta noite?

Moira o olhou fixamente, compreendendo que ele estava muito perto da verdade, para seu gosto. Mesmo assim, não podia lhe dizer do roubo. Se fosse um membro do Clube Hellfire, não teria nenhum escrúpulo. Tão desesperadamente necessitado de dinheiro como estava, provavelmente a denunciaria para cobrar a recompensa.

—Não lhe devo nenhuma explicação. Aborreço-o tanto como a você. Já lhe disse que não me deitei com ele, e isso é tudo o que direi.



—Estamos em um beco sem saída. Nenhum dos dois confia no outro. Tudo o que temos é isto — agarrou seus quadris e a posicionou debaixo dele. Sua voz áspera e rouca pela paixão. Jack sabia que este desejo insaciável era uma loucura, mas não podia evitá-lo. Uma tensão selvagem se perfilou dentro dele, quando mergulhou em seu interior e começou a mover-se. Os batimentos de seu coração se aceleravam ao ritmo dos impulsos de seu corpo.

A paixão comovedora de sentir sua estreiteza rodeando-o, o fazia esquecer-se de tudo, salvo a união de seus corpos, a necessidade primitiva de afundar-se tão profundamente como fosse possível dentro dela. A irritação desaparecia como uma maré minguante, à medida que empurrava mais rápido, seus quadris movendo-se contra o corpo de Moira, até que ela se esticou e chegou ao clímax. Ele deixou escapar um grito rouco, enterrou-se até o fundo e a encheu com sua semente.

Quando ela abriu os olhos, Jack a estava olhando com estranheza. A prata fundida de seus olhos atravessou profundamente sua alma. A expressão furiosamente possessiva fez que a percorressem centelhas de pânico. Sabia que ele não descansaria até que ela se resignasse a falar e lhe contasse toda a verdade sobre sua relação com Lorde Roger.

—Maldição, Moira já basta de mentiras! Não ficarei como um parvo. Não irei desta estadia até que me diga o que está ocorrendo.

Moira desviou seu olhar até o céu violáceo que se via pela janela. A alvorada era uma franja escura, onde as raias da luz do dia iluminavam o céu no horizonte. Como pôde sua vida converter-se em semelhante desastre? Perguntou-se tristemente. Tudo o que podia fazer agora era dizer a verdade e rogar para que Jack acreditasse. Se ele tivesse um pouco de decência, compreenderia que ela não era capaz de enganá-lo. Abriu a boca para aliviar sua alma, quando o destino interveio na forma de Pettibone.



—Senhor Jack! Está aí? Desperte senhor. Um mensageiro chegou de Cornualles. Galopou sem parar para lhe trazer notícias. É muito urgente, senhor!



Capítulo 10

—Melhor que seja importante Pettibone — disse Jack, enquanto jogava a um lado os lençóis e alcançava suas calças — Leve o homem ao escritório. Falarei com ele diretamente.

—Doce Virgem, ele sabe que está aqui comigo — se lamentou Moira infeliz — O que pensará de mim?

—Não há muito nesta casa que Pettibone não seja consciente — disse Jack secamente — Não se preocupe, ele é a alma da discrição e completamente fiel. Lamento que nossa conversa seja interrompida, mas isto não ficará assim. Quando voltar, retomaremos onde ficamos.

Estando tão apresentável como poderia estar à semelhante hora temprana e ímpia, Jack saiu pela porta e entrou no vestíbulo onde Pettibone estava de pé esperando.

—Diz que o mensageiro é de Cornualles? — perguntou Jack, enquanto Pettibone ia atrás dele descendo os degraus.

—Sim, isso é o que disse. Mas é toda a informação que pude obter do homem.

—Meu primo Ailesbury está em Cornualles. Possivelmente, quer que vá a suas bodas, embora seja bastante tarde para me convidar. Espero que Will esteja bem.

Quando terminou de descer os degraus, Jack sentiu um vago pressentimento. Teve premonições em vários momentos durante sua vida, mas nada tão forte como as vibrações que estava recebendo agora. Com inquietação, abriu a porta e entrou no estúdio. Pettibone o seguiu, pego a seu calcanhar.

O mensageiro ficou de pé de um salto, e Jack pôde ver profundas linhas de fadiga gravadas ao redor de seus olhos e boca. O homem parecia preparado para desmaiar de



esgotamento, e Jack compreendeu que só algo de grave importância poderia induzir a um homem a cavalgar sem trégua.

—Sente-se antes que desabe — disse Jack, fazendo gestos ao homem para que voltasse a sentar — Meu mordomo disse que tinha uma mensagem para mim — ele ofereceu sua mão. O mensageiro procurou em seu bolso e extraiu um envelope selado que pôs na palma aberta de Jack. Este o olhou fixamente, sua premonição foi tão forte que sem abri-lo quis jogar a mensagem ao fogo.

—Leve este homem à cozinha, Pettibone. Deve estar faminto. Logo, lhe mostre um quarto onde possa descansar.

Apenas Pettibone e o mensageiro saíram, Jack rompeu o selo do envelope, tirou a folha de pergaminho e rapidamente leu a mensagem. Quando terminou, o papel caiu de seus dedos e ondeou esquecido, para o chão. Voltou-se para olhar fixamente através da janela, evitando o glorioso amanhecer que coloria o céu do oriente.

Com súbita intuição, Jack se deu conta que não estava sozinho. Voltando-se devagar, encontrou Lady Amélia. Não mostrou surpresa alguma, só uma petrificada aceitação.

—Você sabia que isto ocorreria milady? — Jack não estava seguro, mas acreditou ver Lady Amélia negar com a cabeça — Sabe que nunca desejei isto. Era o último que queria ou esperava — Lady Amélia baixou sua cabeça em comiseração.

Pettibone escolheu esse preciso momento para voltar. Olhou com temor a etérea figura vestida de branco. Ficou sem respiração, incapaz de acreditar em seus olhos, quando a aparição se esfumou lentamente. Pettibone era muito educado e foi digno de sua parte não mencionar o fato de que o fantasma familiar visitou um dos Graystoke mais dissolutos de todos os tempos. Pettibone pensou que tudo era bastante extraordinário e, alegremente, aceitou o fato de que Black Jack estava marcado para obter redenção. Logo, espiou a carta que jazia aos pés de Jack e se inclinou para recolhê-la.



—Algo está mau, Sir Jack? Não pude obter muita informação do mensageiro, só que era portador de notícias tristes.

Jack se voltou para enfrentar Pettibone, e o servente se comoveu pelas profundas linhas de pesar gravadas no atrativo rosto de seu patrão.

—Não poderia ser pior, Pettibone. Ailesbury está morto. Morreu a caminho de suas bodas. Seu carro foi apanhado por uma violenta tormenta. Ia viajando pelo caminho de um alto precipício, o qual cedeu sob as rodas de seu veículo, e se precipitou sob um aterro. Will morreu imediatamente. — Jack enterrou seu rosto entre as mãos, tentando recuperar a compostura. Quando finalmente levantou a vista, Pettibone se emocionou ao ver as lágrimas nos olhos de seu patrão. — Não tem sentido, Pettibone. Will era um bom homem. Tinha toda uma vida por diante. Ia casar-se com a mulher que amava e produzir os herdeiros para o ducado. Eu sou o réprobo. Por que não pude ser eu?

Pettibone não via Jack tão arrasado pelo pesar desde que perdeu seus pais.

—Deve aceitar a morte do jovem Ailesbury como a vontade de Deus. Irá a Cornualles?

—Sim, partirei imediatamente para escoltar o corpo de volta a Dorset para que tenha um enterro apropriado. Enviaram as notícias da morte de Ailesbury a seu advogado e ao rei. Espero em breve ter notícias do advogado. Irá se encarregar de minha bagagem, Pettibone?

—Sim, milord.

Jack lhe dirigiu um olhar sobressaltado. Milord. Ele nunca quis o título, nunca aspirou à posição de Will como Duque de Ailesbury, mas, agora, por mão do destino, era dele. De algum modo, não parecia correto. Era uma carga imponente, mas ele estava obrigado a aceitar a responsabilidade. O dever. Dedicou pouco tempo a pensar no dever durante seus vinte e sete anos. Não se levava bem com o dever e a responsabilidade. Já podia senti-los pesando fortemente sobre seus ombros. Se tivesse se preparado para o ducado, seria



diferente, mas, tendo que assumi-lo debaixo de trágicas circunstâncias, o deixava com um sentimento de incompetência.

—Vai ser difícil acostumar-se a um título quando sempre considerei à nobreza com desdém — disse Jack a Pettibone.

—Você o conseguirá, milord — disse Pettibone vigorosamente.

—Isso espero. Em minha ausência, contratará a qualquer servente que considere necessário para dirigir apropriadamente Graystoke Manor. Arrumou isso só durante muito tempo. Conto com você para cuidar de Moira em minha ausência.

—Pode confiar em mim, milord — disse Pettibone, enquanto saía para fazer o que Jack lhe tinha encarregado.

Jack fez uma pausa, perdido em seus pensamentos. Moira. Ele não considerou o que isto significaria para sua relação. Não só o título passaria a ele, mas também o volume inteiro das propriedades de Ailesbury. Havia numerosas posses, incluindo a valiosa propriedade e todo o dinheiro das rendas sobre aquelas propriedades. Por não mencionar as milhares de libras em vários bancos e os lucrativos investimentos em navegação, mineração e cultivos. Agora, eram todas dele. Já não teria que casar-se por dinheiro. Ele tinha tudo o que necessitava e mais. Suficiente para dar recursos a Moira para ajudar sua família e protegê-la de algo ou quem quer que a ameaçasse.

Ontem à noite, ambos disseram coisas levados pela irritação que não deveriam dizer. Ele não podia suportar a ideia de Moira relacionando-se com outro homem, e ela o acusou de algo vil. Desgraçadamente, agora não havia tempo para esclarecer o equívoco ou resolver o mistério concernente a sua associação com Mayhew.



Moira estava pronta e vestida quando Jack retornou ao quarto. Ela mesma fez crescer a raiva dentro de si, ainda enfurecida por sua filiação com o Clube Hellfire, mas um olhar a seu rosto disse que não era o momento nem o lugar para confrontá-lo.

—Jack, o que acontece? O mensageiro trouxe más notícias?

—As piores — disse Jack, enquanto caminhava para onde estava de pé e a tomava em seus braços. Ela ficou rígida, mas não se afastou — É Will. Está morto. Era o único parente que tinha no mundo.

A compaixão fundiu sua irritação.

—Oh, Jack, sinto muito.

—Saio imediatamente para escoltar o corpo de Will a Dorset para seu enterro. Não irei muito tempo. Duas semanas no máximo. Pettibone está empacotando o que necessito para mim, e espero o advogado de Ailesbury em breve.

—Sei que estava apegado a seu primo.

—Era mais que apego. Respeitávamo-nos. Quero que me prometa que permanecerá em Graystoke Manor até que volte. Ainda não sei o que está ocorrendo entre você e Mayhew ou o que a faz tão disposta a acreditar em suas mentiras sobre mim, mas resolveremos tudo quando voltar. Não quero que deixe a casa enquanto eu esteja fora. Pettibone se ocupará de tudo o que necessite.

—Não deixar a casa?

—Assim é. Não lhe pediria isto, se não pensasse que é necessário. Mayhew é perigoso; só Deus sabe o que está planejando. Irei me encarregar dele quando retornar.

Não esperou que respondesse, mas, sim, a segurou firmemente contra ele, procurando sua boca com desespero quase frenético. Beijou-a forte, quase dolorosamente, deixando Moira deslumbrada e agitada. Um momento depois, afastou-a e murmurou:



— Nada de ir, coração. Eu a encontrarei não importa aonde vá. Temos um assunto inconcluso por discutir — a beijou, duramente, de novo. Moira fechou seus olhos para escapar a seu penetrante olhar chapeado. Quando os abriu, ele se foi.

A casa parecia vazia sem Jack. No dia posterior à sua partida, Lorde Renfrew fez uma visita, exigindo uma resposta a sua proposta matrimonial. Moira sentiu muito pouco remorso, ao ter que desenganá-lo. Depois de saber que ele era um membro do Clube Hellfire, apenas podia resistir sua presença.

—Está me rechaçando? — disse Renfrew, aturdido — Não conseguirá uma oferta melhor.

—Sinto muito, milord. Não estou apaixonada por você — objetou Moira.

—O amor é um estado mental. Você poderia me amar, se o tentasse.

—Sinto muito.

Ao escutar sua última palavra sobre o assunto, Renfrew ferveu de raiva.

—É uma pequena provocadora! Não sou suficientemente rico para você? Animou-me durante semanas, me fazendo acreditar que aceitaria minha proposta. Escutei os rumores a respeito de você e Black Jack, mas fui bastante generoso para ignorá-los. É seu amante, não é certo? Agora que é um duque, não pensa realmente que se casará com você, ou sim? Black Jack não é do tipo que se casa — a olhou estreitamente — Lorde Mayhew disse que nem é uma dama. Disse que você e Black Jack enganaram a todos. É isso certo?

—Se você crê nisso, por que veio aqui esperando que eu aceitasse sua proposta? — contra-atacou Moira.

—Realmente acredita que desejo carregar com uma esposa? Que inocente é. Meus pais estão me perseguindo para que me case e produza um herdeiro. Precisava encontrar alguém que não soubesse nada de mim ou de minhas... Né... Escapadas. Então, chegou você.



Mas, se Mayhew estiver certo sobre sua origem plebeia, já não me servirá. Meus pais são rigorosos sobre a linhagem — ele a olhou de soslaio — Isso não significa que não possa me deitar com você. Deve ser uma tremenda coisinha ardente para satisfazer um homem como Black Jack. Possivelmente logo tenha a oportunidade de comprová-lo.

Moira retrocedeu com repulsão. Como pôde acreditar que este homem a queria? Todos os homens eram vis e corruptos? Como pôde estar tão cega? Soube intuitivamente que Lorde Mayhew não mentiu sobre a filiação de Lorde Renfrew com o Clube Hellfire. E, se tivesse razão sobre Lorde Renfrew, com toda probabilidade esteve dizendo a verdade sobre Jack. Os três descarados eram discípulos do Diabo.

—Escoltarei você à porta, Lorde Renfrew — Pettibone apareceu como por arte de magia ao lado de Moira, seu semblante duro bastava para pôr medo nos corações mais fortes. E Renfrew não era o mais valente dos homens — Você ia retirar-se, não é assim?

Renfrew amaldiçoou Pettibone com um azedo olhar, logo, se voltou abruptamente sobre seus pés.

—Meu assunto aqui está terminado. Dê minha lembrança a Ailesbury quando voltar de Cornualles. Um estranho golpe de sorte, ele herdar o ducado, não?

Moira ainda estava agitada, quando Pettibone voltou uns minutos depois, para anunciar Lorde Spence. Spence se apressou a entrar no quarto, claramente consternado.

—Acabou o baile, Moira. O que daria para ter Black Jack aqui agora.

—Do que está falando, milord?

—Estamos acabados. Por toda Londres, se sabe que você e Jack fizeram passar por parvos a toda a sociedade. Lady Vitória está furiosa, e não é a única.

—Quem contou? — Moira sabia a resposta; Spence só a confirmaria.



—Lorde Mayhew. Esse bastardo está dizendo a qualquer um que queira escutá-lo que foi uma criada em sua casa, que o seduziu e, logo, convenceu Jack para que a fizesse passar por uma dama.

—Agradeça que Lorde Mayhew não sabe que você está envolvido. Pensa que os rumores afetarão Jack?

—Possivelmente. Ele tem um título agora. Tem de manter certo status. Há algo que eu possa fazer? Temo que seja a única que sofrerá por nosso desafortunado plano.

Essa era só parte de seus problemas, pensou Moira, mas não disse. Lorde Mayhew devia estar furioso com ela pelo golpe que lhe atirou, e temia que isso não fosse o último assunto que escutaria dele. Agora, só havia uma coisa por fazer, e era fugir por sua vida.

—Obrigado por sua preocupação, Lorde Spencer.

—Moira, sinto-me responsável por isso. Foi minha ideia fazê-la passar por uma dama. Por que não nos disse que Mayhew podia identificar você?

—É uma longa história, milord. Lorde Mayhew estava no estrangeiro. Não pensei que voltaria tão cedo. Além disso, não tinha muitas opções.

—Graças a Deus, Jack voltará logo. Ele porá fim a estas falações e solucionará tudo. Bem, devo ir. Se necessitar de mim, não duvide em me avisar.

Moira acompanhou Spence à porta e voltou para seu quarto. Jilly estava esperando-a.

—Pettibone está contratando novos serventes, milady. Enviar-me-ão de retorno com os Fenwick? Eu preferiria ficar aqui com você.

—Estou segura que se pode encontrar uma solução, Jilly. Estou absolutamente satisfeita com você, mas pode ser que não fique mais tempo. Fale com Pettibone; ele se encarregará de tudo.

Jilly sorriu de orelha a orelha.



—Obrigado, milady. Agradecerei toda a vida. Odiaria voltar a esfregar panelas — de repente seu sorriso vacilou — Vai a alguma parte, milady?

—Não estou segura — disse Moira com incerteza. Não tinha nem a mais remota noção do que o futuro lhe proporcionava, mas se sentia aprisionada entre dois maus: Lorde Mayhew, por um lado, e Jack, pelo outro. Lorde Mayhew queria que ela participasse de ímpias orgias, e até onde sabia Jack também. Não havia nenhum homem honrado neste mundo, salvo seu irmão? Inclusive sua pobre avó, que foi abandonada por um amante de nobre berço aprendeu de maneira, cruel que não se podia confiar nos homens.

Moira só empacotara dois de seus vestidos mais resistentes, roupa interior apropriada e coisas pessoais em uma bolsa de viagem grande que encontrou no apartamento de cobertura, quando Pettibone apareceu em sua porta retorcendo suas mãos e claramente angustiado.

—O que acontece, Sr. Pettibone? Ocorreu algo? Não é Jack, verdade? Ele está bem, não é assim? — ela não sabia por que deveria preocupar-se com Jack. Os homens como ele sempre caíam parados.

—Não tive notícias de Sua Senhoria, milady, mas Lorde Mayhew está no andar inferior exigindo vê-la. Temo que possa haver problemas. Traz dois agentes de polícia consigo — pela primeira vez desde que o conheceu, o imperturbável Pettibone parecia confundido.

Moira endireitou seus estreitos ombros, sabendo muito bem o que Lorde Mayhew queria. Estava se vingando. Era muito tarde para correr. Devia enfrentar a justiça e orar por um juiz pormenorizado.

—Desço em um momento, Sr. Pettibone. Diria a Jilly que desempacote minha bolsa? Não irei a nenhuma parte agora — exceto a prisão, ruminou silenciosamente.



Pettibone manteve Lorde Mayhew e os agentes esperando no vestíbulo. Quando Moira desceu as escadas, os quatro homens se voltaram para olhá-la. De todos eles, só Mayhew a olhava com tudo, exceto apreciação. Ainda levava o galo em sua cabeça onde a pequena bagunceira o golpeará, e ele não era dos que esquecem ou perdoam. Considerou sua vingança enquanto estendia o rumor de que Moira não era quem seus pares pensavam que era. Esperava arruinar Black Jack ao mesmo tempo, mas o destino interviu pondo um ducado em suas mãos.

A sociedade poderia desprezar Moira, mas estaria mais que disposta a perdoar um duque. Quando Mayhew soube que Jack saía a toda pressa para Cornualles, decidiu atacar, enquanto Moira estava temporariamente sem protetor. Depois de pensar cuidadosamente, Mayhew confiou seu plano a Lorde Renfrew que se queixou amargamente e ressentidamente da maneira com que Moira desdenhou de sua bem intencionada proposta de matrimônio.

—Já era hora — Mayhew sorriu com desprezo, quando Moira chegou ao pé da escada — Pensou que poderia cometer um roubo e escapar? — Moira permaneceu muda — Trouxe dois agentes comigo. Uma vez que a identifique como a ladra que furtou o valioso colar de minha mãe, será presa e levada a Newgate para esperar o julgamento.

—Estou seguro de que há algum engano — interveio Pettibone — Lady Moira não é nenhuma ladra.

—Lady Moira não é nenhuma dama. É uma vulgar prostituta que trabalhou em minha casa como criada. Ela tentou me seduzir, mas falhou — ele se voltou para os agentes de polícia que pareciam profundamente incômodos — Esta é a mulher. Prendam-na.

Fiel até os ossos, Pettibone se colocou diante de Moira, tentando protegê-la com seu fraco esqueleto.



—Fora de nosso caminho — ordenou um dos agentes — Interferir com a lei é um crime.

—Tudo está bem, Sr. Pettibone — disse Moira, enquanto caminhava rodeando-o. Quão último queria era criar problemas ao fiel servente de Jack. Pettibone era tão fiel que provavelmente expiraria quando soubesse que Black Jack estava talhado pela mesma tesoura que Lorde Mayhew e Renfrew.

—Mas, milady — protestou Pettibone — A Sua Senhoria não vai gostar disto. Eu prometi cuidar de você.

—Sua Senhoria pode ir direto ao inferno — Mayhew riu, enquanto agarrava o braço de Moira e a empurrava pela porta.

Se Lorde Mayhew não houvesse trazido a lei, Moira não iria sem uma resistência. Mas ela reconhecia a derrota quando a olhava fixamente à cara. Olhou para trás para ver Pettibone que estava de pé na porta profundamente abatido.

* * *

Os escuros e úmidos corredores de Newgate cheiravam a urina, excremento e mofo. Moira tremia como uma folha, sentia-se fria, miserável e assustada.

—Aqui — disse o carcereiro quando se deteve ante uma fornida porta de carvalho e encaixou uma grande chave na fechadura — Não são alojamentos precisamente cômodos, mas a palha se troca a cada seis meses e os baldes de água suja se esvaziam a cada dois dias.

Moira gemeu cheia de pânico, quando ele abriu a porta e a empurrou dentro de uma cela escura e úmida iluminada por uma só vela. Ela olhou com horror, enquanto formas fantasmagóricas se destacavam nas sombras e se aproximavam dela. Antes que a porta se



fechasse atrás de si, Moira enviou um olhar suplicante a Mayhew. Enquanto ele se afastava dela, dirigiu-lhe um sorriso malévolo.

Para espanto de Moira, sua capa foi arrebatada por uma das escuras sombras que se materializaram das escuras profundidades da cela.

—Isso é meu! — Moira gritou quando uma mendiga marcada pela varíola, com o cabelo murcho e os olhos selvagens, colocou sua capa ao redor dos andrajosos restos de sua roupa.

—Agora é meu — os espectros riram — Olhe-me! Sou uma dama — Ela desfilava pela cela, passando ao lado dos outros ocupantes.

—Você nunca será uma dama, Birdie — Moira olhou alarmada como outra mulher se pavoneava no círculo de luz.

—Aos demônios, Min, mofar-se porque é mais bonita que eu e conseguir trato especial jogando à prostituta não a faz uma dama — disse Birdie melancolicamente.

Moira olhou fixamente Min, reconhecendo a beleza da mulher, apesar da sujeira e as manchas que sujavam sua cara e corpo. Seus trapos eram um pouco menos andrajosos que os de Birdie, e uma vez pôde ser considerada vistosa. De repente, uma mulher que antes não notara se arrastou fora das sombras, olhando avaramente seu vestido. Adivinhando seu propósito, Moira retrocedeu. Mas não havia aonde ir, nenhum lugar para esconder-se. Birdie e Min estavam de pé a um lado, enquanto a mulher grande e esquelética se aproximava de Moira.

De repente Moira se afastou. Se esta mulher queria seu vestido, teria de lutar por ele. Ela se preparou para receber a mulher que se equilibrou sobre ela. Ao final, não houve nenhuma luta. Devido a seu menor peso e inexperiência, logo foi dominada e despojada de seu vestido. Quando as mulheres se preparavam para lhe tirar também a regata, Min se interpôs.



—Vai deixá-la nua, Alice? Sabe condenadamente bem que o vestido não vai entrar em você. Ao menos, deveria lhe deixar sua regata.

Alice se deteve.

—Maldita seja, Min, poderia trocar o vestido e a regata por uma manta se não me servir.

—Deixe sua regata — repetiu Min — Não é correto deixá-la nua. E devolva sua capa, Birdie. Querem que congele até morrer?

Para surpresa da Moira, Alice desistiu imediatamente, queixando-se amargamente, enquanto se arrastava de retorno a seu mofado montão de palha, abraçando o vestido contra seus curvados seios. Inclusive Birdie cumpriu devolvendo a capa a Moira, embora um pouco menos caridosamente. Moira a colocou ao redor dela, enviando um olhar agradecido a Min.

—Obrigada — disse Moira. Era óbvio que as outras mulheres consideravam Min sua líder.

—Não me agradeça por isso, doçura, simplesmente estou protegendo a mim mesma. Um olhar a sua figura, e os guardas pararão de pedir meus favores e buscarão você para aliviar-se. Não estou disposta a deixar os privilégios que ganho com meu traseiro, assim não faça nenhuma ideia sobre acolher aos guardas.

Moira retrocedeu com horror.

—Eu nunca faria tal coisa!

Birdie riu burlonamente.

—Espere até estar aqui um tempo. Estará mais que contente de servir a um guarda brincalhão se conseguir uma manta quente ou comida extra. Eu o faria só que não sou bonita como você ou Min. Inclusive Alice ganha alguns privilégios extra, quando os guardas estão bastante excitados e não há ninguém mais disponível.



—Qual é seu nome? —perguntou Min.

—Moira Ou'Toole.

—Irlandesa. Imaginei. Qual é seu crime?

—Roubo, mas eu não o fiz.

Alice riu a gargalhadas.

—É óbvio, nenhuma de nós é culpada.

Min a ignorou.

—Conhece nossos nomes. Quando é o julgamento?

—Não sei. Tudo isto é novo para mim. Você está aqui muito tempo?

—O tempo suficiente para lhe fazer uma advertência. Não se coloque com Alice ou Birdie, elas são perigosas. Ambas as mulheres mataram e o fariam de novo, sem remorso. Se um dos guardas quiser, lhe sirva. A vida é um inferno muito mais cômodo, se souber quando abrir as pernas. Simplesmente, não tome nenhum de meus favoritos ou lamentará.

—Eu não quero nenhum homem — disse Moira com sentimento — Não há um homem neste mundo, salvo meu irmão, que valha um pepino.

Moira pensou em Jack e quão completamente a enganou. Ela suspeitou desde o começo que estava corrompido, mas seu encanto e astúcia a fizeram acreditar que ele a queria, como ela estava começando a querê-lo. De fato, "querer" era uma palavra apazível comparada com o que realmente sentia por Black Jack Graystoke. Mas, depois de inteirar-se que era um seguidor do Clube Hellfire, nunca voltaria a confiar nele.

As condições de Newgate eram deploráveis. Tudo o que Moira ouviu falar, era verdade. A comida era escassamente comestível, as frias celas eram poços negros e úmidos de pestilência e enfermidade, e os sádicos guardas eram os sedimentos da humanidade. O sujo fedor de enfermidade e morte revolveu seu estômago. Durante os quatro dias que residiu dentro das paredes de Newgate, Moira experimentou uma fome atroz, um frio que



impregnava até os ossos e degradação verbal. Agradeceu a Deus não ser abusada fisicamente. Mas, em seu interior, sabia que era só questão de tempo, antes que os guardas caíssem sobre ela com luxúria. Por alguma razão desconhecida, Moira suspeitava que Min estivesse protegendo-a. Cada vez que um guarda a olhava especulativamente, Min voltava sua atenção sobre si mesma, fazendo ondear seus encantos ante ele e estimulando seu desejo.

Moira se enroscou em seu montão de palha, doente de mente e corpo. Retornaria Jack de Cornualles? Perguntou-se. Saberá o que ocorreu? Acaso se importava? Ela se arranhou ausentemente, retrocedendo com horror quando encontrou uma pulga. O que esperava? Tudo e todos na cela estavam cheios de pulgas. Como caiu tão baixo? Alojada com assassinos e prostitutas sentia-se como se o mundo inteiro conspirasse contra ela.

De repente, escutou a chave na fechadura e olhou para a porta com vacilação. O carcereiro, sustentando uma luz no alto, revisou a cela com a vista. Seus olhos posaram em Moira com ávida antecipação.

—Venha comigo, senhora. Precisam de você.

O batimento do coração de Moira se acelerou, quando olhou temerosamente ao carcereiro.

—Para que? — Os guardas decidiriam que ela era um brinquedo atrativo?

—Têm alguns amigos poderosos, isso é tudo o que direi.

Moira se levantou tremendo e seguiu o carcereiro, seu coração voando. Teria se informado Jack de seu destino e foi por ela? A esperança floresceu em seu coração.

—Boa sorte — disse Min brandamente atrás dela.

Quando Moira foi chamada ao escritório do diretor da prisão, atreveu-se a acreditar que o horror de sua existência se acabou, acreditou que foi exonerada e liberada.

E nunca esteve mais equivocada.



Capítulo 11

—Para dentro, moça — disse o carcereiro, enquanto golpeava a porta do diretor, abria-a e empurrava Moira dentro. Moira tropeçou através da abertura, endireitou-se e olhou os dois homens que estavam dentro da estadia. Grunhiu com consternação, afligida por uma sensação de condenação tão forte que quase podia saboreá-la.

—É uma mulher afortunada, Senhorita Ou'Toole — disse o diretor, franzindo o cenho a Moira com desaprovação — Os Mayhew retiraram os cargos em seu contrário e estão desejosos de levá-la de volta para casa. A pouca gente se dá uma segunda oportunidade. Use-a bem, embora tenha poucas esperanças. Uma vez ladrão, sempre ladrão, é o que sempre digo.

Moira passava o olhar de lorde Mayhew ao diretor, muito assombrada para falar. Por muito que desejasse sair desse buraco, não confiava em lorde Mayhew.

—Os Mayhew retiraram os cargos? — repetiu atordoada — Está seguro?

—Lorde Mayhew disse que é o que seus pais desejam. Já não querem prosseguir. É livre para ir com lorde Mayhew.

O sorriso afetado de Mayhew encheu Moira de medo. Não queria ter nada a ver com esse demônio diabólico.

—Se for livre para ir, preferiria não fazê-lo com lorde Mayhew.

Mayhew deu um passo em sua direção, mais ameaçador que amistoso.

—Preferiria retornar a sua cela? Sempre posso voltar a apresentar os cargos — Moira o olhou fixamente sem palavras agarrou o braço dela — Venha, querida.



Forçando-a a dar esse primeiro passo, Moira foi arrastada na esteira de Mayhew. Só quando as portas de Newgate se fecharam atrás dela, resistiu a sério.

—Não vou a nenhum lado com você! Deixe-me ir!

—Nem sonhe — disse furiosamente Mayhew, enquanto a arrastava para a carruagem que os esperava — Pensei que, depois de pô-la para refrescar uns quantos dias em Newgate, teria mais vontade de participar de uma das orgias dos discípulos. Muito inteligente de minha parte, verdade? — sua expressão se obscureceu — Possivelmente não a deixei aí o suficiente.

Moira cravou os pés e resistiu os esforços dele para colocá-la no carro. Por meio de sua força superior a dominou, jogando-a dentro como um saco de batatas. Ele a seguiu muito de perto, fechando de repente a porta, enquanto gritava ordens a seu chofer. Moira deslizou ao canto mais distante do veículo, inconsciente de que sua capa se abriu na resistência. Mayhew a olhou boquiaberto e, logo, lançou uma gargalhada.

—Já vejo que não passou muito bem na prisão — enrugou o nariz com desgosto — Se Black Jack a visse agora duvido que lhe dedicasse um segundo olhar. Parece uma suja prostituta de rua. Seu fedor me ofende. Nem eu a tocaria nestas condições.

—Aonde me leva? — perguntou Moira, repentinamente contente por sua aparência imunda e seu corpo cheio de pulgas.

—Saberá quando chegarmos ali. Relaxe. Espera-nos uma longa viagem. E não pense em se jogar do carro; desta vez estarei atento. Não vai me enganar de novo. Merece ser castigada pelo que me tem feito passar. Meus pais estavam tão desgostados comigo por deixar Londres sem explicações que já não confiam em mim.

Moira se afundou contra o respaldo e economizou suas forças para o que estava por chegar.



Cansado até os ossos, Jack desceu da carruagem que levava o brasão de Ailesbury. Passou duas longas semanas da última vez que viu Graystoke Manor. Levou o corpo de Will ao imóvel rural de Ailesbury em Dorset, onde foi enterrado na cripta familiar. O serviço foi dirigido pelo sacerdote do povo na pequena capela. A gente do povo e das granjas dos arredores enchia a igreja a transbordar, e inclusive Jack estava impressionado com o emotivo serviço. Depois, ficou para saudar os assistentes ao funeral e encontrar-se com seu pessoal.

Parecia irreverente pensar em si mesmo como o Duque de Ailesbury, mas, gostasse ou não, o título era dele. Um grande número de pessoas dependiam agora dele para seu sustento; a responsabilidade era imponente para alguém que passava seus dias e noites bebendo, jogando e com mulheres. Estranhamente, essas atividades ociosas não lhe agradavam há muito tempo. Não desde...

Moira.

Deus sentia falta da pequena bagunceira. A profundidade de suas emoções, no que se referia a Moira, abrasava. Mentiu-lhe sistematicamente, até já não saber o que era realidade e o que era ficção. Sentiu profundamente, quando o acusou de ser um membro do Clube Hellfire. Atuou como se esperasse ser recrutada por ele para uma de suas orgias. Perguntava-se por sua relação com lorde Mayhew e por que ela escolhia acreditar em suas mentiras. Todas estas perguntas e muitas mais lhe remoíam a consciência, fortalecendo sua determinação de conhecer as respostas.

—Milord, graças a Deus que está em casa! — Pettibone se reuniu com Jack na porta, mais nervoso do que Jack jamais o tinha visto. Jilly rondava atrás de Pettibone, claramente alterada. O temor o estremeceu.

—O que ocorreu Pettibone?

—É a senhorita Moira milord. A coisa mais terrível aconteceu.

O temor de Jack se converteu em pânico.



—Cospe-o, homem! Que demônios está tentando me dizer?

—Foi-se, milord. Levaram-na pela força. Ai de mim! — lamentou-se o fiel servente — Prometi me ocupar dela, mas foi arrancada de minhas mãos.

Jack lhe agarrou os ombros e o sacudiu brandamente.

—Deixe de choramingar, homem, e me diga o que ocorreu.

—Lorde Mayhew veio com dois agentes da polícia e a levou — disse Jilly.

—Levou-a aonde? — O medo golpeou Jack. Se tão só tirasse a verdade de Moira antes de ir-se, isto poderia haver-se evitado.

—A Newgate — informou Pettibone, uma vez que recuperou a compostura. Era um fato estranho para ele, encontrar-se emocionalmente aturdido, o que alertou Jack da seriedade da situação — Esse cão de lorde Mayhew a acusou de roubo, e os agentes a levaram a prisão.

—Faz quanto tempo? — perguntou Jack concisamente. Seu cansaço desapareceu substituído pelo medo e a raiva.

—Cinco dias — disse Pettibone — Ao dia seguinte, fui a prisão com alguns artigos de vestir e comida, mas me jogaram. Parece que, à senhorita Moira, não lhe permite ter visitantes até depois do julgamento. Só o bom Deus sabe quando será isso. Tem de fazer algo, milord. Quanto tempo poderá sobreviver em Newgate? É muito frágil para suportar as condições péssimas que existem na prisão.

A mandíbula de Jack se endureceu com firme determinação.

—Irei tirá-la, Pettibone, não o duvide.

—Bendito seja, milord — sorveu Jilly, retirando as lágrimas dos olhos — Não poderia suportar que algo acontecesse à senhora.

—Nem eu — aceitou ele — Sairei para Newgate logo que me refresque e troque de roupas. Contratou pessoal suficiente, Pettibone?



—Estive muito perturbado para dedicar toda minha atenção. O jovem Colin é o novo chofer auxiliar, e há duas novas donzelas e uma cozinheira. Ainda não tive tempo de entrevistar governantas.

—Tome seu tempo — disse Jack — Imagino que viveremos parte do tempo em Ailesbury Hall, em Dorset. Tenho intenção de restaurar Graystoke Manor imediatamente. Diga que preparem meu banho e prepare minha roupa, Pettibone. E, Jilly, peça à cozinheira que me prepare algo de comer.

Jack subiu os degraus de dois em dois. Se Moira estava há cinco dias em Newgate, não havia um minuto a perder.

Duas horas mais tarde, Jack chegava à entrada de Newgate e exigia ver o diretor.

—Sinto muito, lorde Graystoke. A mulher pela qual está perguntando já não está presa.

Jack dirigiu ao diretor um olhar gelado.

—Está me dizendo que foi liberada ou está indicando algo mais? Ela não há — conteve a respiração e perguntou com medo — expirado, verdade?

—Não, não, nada disso — assegurou o diretor. O novo Duque de Ailesbury não era um homem para quem queria mentir — O cargo contra ela foi retirado e foi liberada justo ontem. De fato, sua estadia conosco foi curta.

Jack arqueou uma sobrancelha e perguntou friamente:

—Que cargo?

—Roubo. A senhorita Ou'Toole foi acusada de roubar uma valiosa peça de joalheria de sua empregadora. Lorde Mayhew veio ontem e pediu que os cargos fossem retirados. Seu pai, o conde, é um homem compassivo. Liberei à senhorita Ou'Toole, e ficou em custódia de lorde Mayhew. Seus pais ofereceram generosamente lhe devolver seu emprego.



Jack tentou não mostrar sua consternação, mas foi difícil. Obviamente, Moira não o informou dessa ridícula acusação de roubo por razões só conhecidas por ela. Mofou-se das implicações. Moira podia ser uma mentirosa, mas não era uma ladra. Intuíu algum tipo de artimanha, e suspeitava que Mayhew era o culpado. E, agora, Moira caiu em suas pouco escrupulosas mãos. Essa ideia era tudo, menos confortante.

—Obrigado, Diretor. Farei uma visita aos Mayhew imediatamente. É de máxima urgência que fale com a jovem senhora.

Vinte minutos mais tarde, Jack estava parado no vestíbulo de Mayhew, esperando o conde. Apareceu, dez minutos mais tarde, e convidou Jack a seu escritório. O ancião se sentou em uma poltrona de orelhas e indicou a Jack que tomasse assento na poltrona frente a ele.

—O que posso fazer por você, lorde Graystoke? Sinto muito sobre seu primo.

—Obrigado — disse Jack, estava gostando do homem à simples vista. Como podia um homem tão digno ter um filho como Roger? Foi diretamente ao ponto, pois não via razão para perder tempo em um bate-papo sem sentido — Tem uma donzela chamada Moira Ou'Toole a seu serviço?

O conde olhou Jack com suspeita.

—Qual é seu interesse na moça?

—É pessoal. Ela está aqui?

—Agora, não. A moça roubou uma valiosa peça de joalheria de minha mulher. Depois que a encontrou na posse de Moira, ela foi encerrada em seu quarto, à espera da chegada de um agente da polícia. Desgraçadamente, meu filho Roger sentiu pena por ela e a deixou ir. Devo dizer que eu estava molesto. Suponho que essa é a razão pela qual se foi tão bruscamente ao Continente, para escapar de minha ira. Moira se desvaneceu no ar, mas eu senti que era meu dever apresentar os cargos contra ela.



—Sabia você que Moira foi presa e conduzida a prisão de Newgate faz vários dias?

O conde pareceu sobressaltado.

—Dou-lhe minha palavra de que não. Por que não fui informado?

—Seu filho se ocupou dos acertos. Uns poucos dias mais tarde, lorde Roger voltou à prisão e pediu que os cargos fossem retirados. Disse ao diretor que a você se abrandou o coração e que desejava dar a Moira outra oportunidade.

—Dou minha palavra — repetiu o conde — No que estará metido Roger? Não o vi há dias. Alugou uns apartamentos privados agora que entrou em posse da herança de sua avó.

—Esperava encontrar Moira aqui. Mas se você não a viu, então, obviamente, lorde Roger a levou a algum outro lugar. Sabe que lugar poderia ser?

—Não tenho a mais remota noção. Sei que gostava dela. Possivelmente a instalou em alguma parte como sua amante, embora me surpreendesse. Pensei nisto durante longo tempo depois do desaparecimento de Moira e decidi que poderia ser uma ladra, mas não é uma puta como Roger insinuava — meneou a cabeça tristemente — Algumas vezes não entendo meu próprio filho. Há uma nervura de selvageria em seu sangue que me assusta. Espero que encontre a moça. Minha mulher tem seu colar, assim suponho que não houve nenhum dano. Estou disposto a lhe dar uma segunda oportunidade se deseja voltar a trabalhar para mim.

—Isso é muito generoso de sua parte milord, mas Moira não voltará aqui depois de que eu a encontre, e o farei. Se vir lorde Roger lhe diga... Não importa, o direi eu mesmo.

Os temores de Jack cresceram depois que abandonou a casa da cidade de Mayhew. Se Moira não estava na casa dos Mayhew, então Roger a levou a algum lugar com propósitos nos que não queria sequer pensar. Mesmo assim, a resposta óbvia golpeava seu cérebro com dolorosa intensidade.

O Clube Hellfire.



Levou-a Mayhew à propriedade de Dashwood? Estava Moira destinada a ser uma vítima dos diabólicos apetites dos discípulos durante sua seguinte orgia? Ou já foi uma vítima de seus ritos, uma inocente em um ninho de víboras?

Sem importar quanto tentasse Moira não podia permanecer acordada. Exausta de mente e corpo caiu adormecida em um canto distante da carruagem, tão longe de lorde Mayhew como pôde. Não soube por quanto tempo dormiu, mas, quando despertou, a carruagem estava reduzindo a marcha. Endireitou-se bruscamente e olhou pelo guichê.

O crepúsculo se aproximava, e podia ver um raio de lua que se elevava sobre uma grande mansão de tijolo de dimensões suntuosas. A tênue luz que aparecia através das janelas não era acolhedora. Algo na mansão era perturbador, quase horripilante.

—Onde estamos? — perguntou, quando lorde Roger a agarrou pelo cotovelo e a empurrou fora da carruagem, no momento em que se deteve.

—Duvido que saiba se lhe dissesse isso. Ouviu falar da propriedade Dashwood? — Moira negou com a cabeça. — É o lar de Sir Francis Dashwood de Medmenham em Buckinghamshire — disse Mayhew — Os discípulos se reúnem aqui a cada quinze dias, em covas calcárias atrás da propriedade, para seus rituais. Será a convidada de Sir Francis até a próxima reunião, dentro de dois dias. Vamos, está lhe esperando — a empurrou para a entrada principal.

Um áspero servente respondeu às chamadas de Mayhew.

—Sir Francis está esperando-os — disse, enquanto olhava por cima de seu nariz a Moira — Sigam-me.

Dashwood estava convexo em uma poltrona de orelhas, contemplando uma taça de conhaque. Elevou a vista, quando entrou Mayhew, arrastando Moira atrás dele.



—Ah, Mayhew, é esta a mocinha que vai proporcionar-nos nossa próxima função? Não é muito atrativa que digamos.

—Não é muito atrativa agora, mas, depois que esteja limpa, estará mais que agradado. É uma visão condenadamente melhor que a das prostitutas que contratamos normalmente ou as tímidas ratinhas sem fogo que raptamos das ruas.

Dashwood tomou um beliscão de rapé, espirrou várias vezes e fixou em Moira um olhar especulativo.

—Pode falar moça?

—Posso falar muito bem. Desejo ir. — sua valentia era louvável, mas não tomaram muito bem.

—Pensei que havia dito que estava desejosa — disse Dashwood agriamente — Não podemos nos permitir problemas com a lei. Já tivemos problemas com as mulheres que raptamos da rua, embora a maioria delas seja prostitutas que desfrutam de um bom momento e do dinheiro que lhes damos.

—Não se preocupe Moira não terá oportunidade de falar com a lei. Tenho planos para ela, depois de nossa próxima reunião.

—Muito bem — concedeu Dashwood — Será bastante refrescante ter alguém que nos entretenha, além de prostitutas. É virgem?

Moira ofegou mortificada pela pergunta de sir Francis.

—É? — perguntou Mayhew enquanto apertava o braço de Moira dolorosamente.

Apesar de sua incerta situação, a irritação explodiu no interior de Moira.

—Não é assunto seu maldito seja! Quero ir, e quero ir agora!

Dashwood riu entre dentes, imensamente divertido pelo arranque de Moira.

—Eu gosto das mulheres com espírito. Fá-lo-á bem, Mayhew. De fato, o fará muito bem. Pô-la-ei nas habilidosas mãos de minha governanta, até que estejamos preparados para



ela. Wilkes está registrando Londres em busca de prostitutas complacentes que se unam a nós, mas a pequena Moira será a estrela de nossa atração.

Dashwood tomou uma campainha que estava em uma mesa auxiliar e a sacudiu vigorosamente. Ao cabo de certo tempo apareceu na soleira uma mulher alta de meia idade com um rosto simples.

—Chamou senhor?

—Está surda, Matilda? É obvio que chamei — disse Dashwood descortemente — Tome à juvenzinha e limpe-a. Vai permanecer encerrada sob chave na estadia de convidados até que necessite dela. Entendido?

—Entendido — respondeu Matilda sucintamente — Algo mais, senhor?

—Isso é tudo.

—Não irei! — resistiu Moira — Não pode me manter aqui contra minha vontade.

—Está se pondo pesada, querida — disse Dashwood sufocando um bocejo — Leve isso, Matilda.

Matilda dirigiu a Dashwood um olhar de ódio desenfreado, agarrou o braço de Moira e a arrastou fora da estadia. Moira resistiu o melhor que pôde, mas a força da governanta era formidável. Quando Matilda pediu ajuda, o mordomo lhe uniu, e juntos a subiram à força pelas escadas.

Uma vez que se foram, Dashwood pôs cara de amargura.

—Matilda se volta mais mal-humorada a cada dia. Se não confiasse em que fará o que lhe diz e manterá a boca fechada, mandá-la-ia embora.

—Como pode estar seguro que não falará do que ocorre aqui?

Dashwood soltou uma desagradável gargalhada.

—Matilda é a prima de minha defunta esposa. Faz anos a acolhi quando estava na miséria e lhe dei um trabalho como governanta. Sem mim, terminaria na prisão de



devedores faz tempo. Deve-me sua lealdade e sabe o que lhe ocorrerá se não mantiver a boca fechada sobre nossas cerimônias. Preciso dela aqui para controlar as mulheres pouco dispostas para nosso prazer. Tornou-se bastante hábil para mantê-las a raia.

—Então me sinto crédulo que Moira não escapará desta vez — disse Mayhew — Voltarei em dois dias para nossa reunião.

—Espero-o com ansiedade — disse Dashwood olhando para as escadas.

Jack caminhava inquieto. As profundas sombras desafiavam a dançante luz das velas quando caminhava de um lado a outro. O sono era um luxo que não podia permitir-se. Não tinha a mais ligeira ideia de como resgatar Moira dos discípulos de Satã, se, de verdade, caiu em suas mãos, como suspeitava. Parou para olhar pela janela, escassamente capaz de ver a rua através da névoa úmida que vinha do rio. Acabava de girar sobre seus pés para voltar para o lado oposto da estadia quando a viu. Para falar a verdade, nunca esteve tão contente de ver alguém em sua vida. Chegou a esperar por Lady Amélia, nos momentos de horrível necessidade.

—O que deveria fazer milady? — perguntou. Sua voz estava tão cheia de angústia que o fantasma estendeu a mão para ele, detendo-se justo antes de tocá-lo. — Não posso entrar precipitadamente nas covas e resgatar Moira sem ajuda. Fale! Maldição, nenhuma mulher merece ser usada para o prazer de um homem, a menos que seja sua decisão.

Lady Amélia pareceu brilhar do interior, mostrando que estava de acordo.

—Moira insistia que aborrecia a Mayhew — continuou Jack, enquanto o fantasma inclinava sua cabeça a um lado e escutava — É bastante óbvio que plantou o colar de sua mãe no quarto de Moira para dobrar sua vontade. Não tenho ideia do que ocorreu essa noite que a encontrei no canal, mas estou absolutamente seguro de que vou averiguar. O horror desse fato impediu que Moira confiasse em mim.



As mãos de Lady Amélia tremeram garbosamente.

—Está tentando me dizer algo, milady? Se fosse possível, recrutaria todo um maldito exército para ir a Dashwood e resgatar Moira.

“Use sua cabeça.”

As palavras não tinham substância, mas Jack as ouviu tão claramente como se a dama falasse em voz alta.

—Do que está falando?

Lady Amélia parecia perturbada pela incapacidade de Jack para compreender.

“Não lute contra eles, una-se a eles.”

Como antes, os pensamentos do fantasma se transmitiram telepaticamente, em vez de falar em voz alta. Mas a mensagem era clara e sucinta. Jack sabia exatamente o que devia fazer. Seu sorriso iluminou a estadia, quando se voltou para agradecer a seu fantasmal visitante. Ser frequentado por um ancestral insistente certamente proporcionava uma vida interessante, embora agitada, decidiu ele. E, por alguma estranha razão, depois de cada visita, a perdição parecia mais longínqua que a última vez. Possivelmente, depois de tudo, não estivesse além da redenção.

Infelizmente, quando Jack procurou lady Amélia na estadia, esta se reunira com as sombras, sem deixar nada mais que uma brasa resplandecente de luz em sua esteira. Jack suspirou fatigadamente, esticou-se e se dirigiu à cama. Não havia nada que pudesse fazer até que chegasse o dia, exceto rezar para que Moira não fosse danificada. Mas, cada momento de atraso, trazia imagens aterradoras de Moira sendo forçada a participar dos corruptos ritos praticados pelos discípulos do Clube Hellfire.



Jack golpeou a porta de Fenwick Hall até que um zangado mordomo lhe abriu a porta. Só se passavam duas horas desde o amanhecer, uma hora em que a gente elegante ainda estava na cama.

—Lorde Graystoke, é estranhamente cedo — se queixou o homem — Lorde e Lady Fenwick estão no campo, e Lorde Spencer está dormindo. Dir-lhe-ei que veio quando despertar.

Jack empurrou o sobressaltado homem para entrar.

—Diga a Spence que desejo vê-lo imediatamente. É da maior urgência. Esperarei no escritório.

Ao não ver nenhuma forma de convencer o decidido Jack de voltar em uma hora mais razoável, o mordomo assentiu com graça.

—Muito bem, milord, direi a lorde Spencer que você está aqui.

Depois de encontrar o escritório sem muitos problemas, Jack se jogou em uma poltrona de orelhas, resmungando impacientemente sobre o preguiçoso hábito de Spence de dormir até o meio-dia ou mais tarde.

—É melhor que seja importante Jack — disse Spence quando entrou na estadia, apertando fortemente o cinturão da bata — Quando retornou? Sei que deve estar zangado por todas as fofocas que circulam sobre Moira. Maldito Mayhew! Se não retornasse do estrangeiro e não a visse em Vauxhall, nossa pequena travessura teria êxito. Moira deveria falar dele.

—Retornei justo ontem. Sabia que levaram Moira a Newgate? —disse Jack sem preâmbulos.

—O que? Demônios! Não podem enviá-la a prisão pela pequena brincadeira que perpetramos. Somos tão culpados como ela. O que vai fazer?



—Não a levaram a Newgate por causa de nossa travessura, Spence. É mais sério que isso. Foi acusada de roubar um valioso colar da mãe de Mayhew enquanto estava empregada com eles. Levou agentes de polícia a casa, e a arrastaram à prisão, enquanto eu estava fora.

—Moira não é uma ladra — soprou Spence com indignação.

—Certamente que não — esteve de acordo Jack — Fui velozmente ao cárcere, logo que cheguei à cidade, e me disseram que os cargos foram retirados, e que se foi com Mayhew.

Spence franziu o cenho.

—Isso fez? Encontro-o difícil de acreditar.

—Aborrece ao homem, Spence. Se Mayhew a levou, foi pela força.

—Mas por quê? Mayhew é... Bom Deus, não quer dizer que...! Não se atreveria a levá-la à propriedade Dashwood, verdade? Sabe tão bem como eu que Mayhew está relacionado com o Clube Hellfire e que participam de depravados rituais a cada duas semanas aí no campo.

—Penso que isso é exatamente o que Mayhew tinha em mente quando plantou o colar na estadia de Moira. Ela rechaçou suas insinuações, e sua vingança se voltou muito desagradável.

—O que podemos fazer?

—Está comigo?

—É obvio que sim! Diga-me o que fazer.

—Nada no momento. Necessito de mais informação. Como sabe, Dashwood e Wilkes estiveram atrás de mim durante meses para que me unisse ao clube. Sempre me neguei, pois não sinto nenhum desejo de acelerar minha viagem à perdição, me unindo a esses descarados. Mas, de repente, me encontro bastante ávido de me unir a suas filas. Visitarei Dashwood e lhe expressarei meu desejo de assistir a sua próxima reunião.



—E o que tenho eu? Como posso ajudar?

—É muito convencional, Spence. Nunca acreditariam que está interessado em se unir ao grupo. Mas sua ajuda será bem-vinda, quando pensar em uma forma de resgatar Moira. Pode ser perigoso. Entendo que, para proteger suas identidades, os discípulos vestem túnicas e capuzes que cobrem tudo salvo os olhos. Não esperarão problemas. Estaremos armados e encapuzados quando entrarmos. Conseguirei para você uma túnica, e podemos decidir como proceder depois que eu fale com Dashwood. Suspeito que me infiltrar em suas filas é a única forma de tirar Moira.

—Conte comigo, Jack. Esta será uma aventura maior, inclusive, que a de fazer Moira passar por uma dama e ver como os dandis se fazem de parvos por ela. Quando verá Dashwood?

—Quanto antes, melhor. Levará três ou quatro horas para chegar a cavalo a seu imóvel em Buckinghamshire. Ouvi em alguma parte que está estabelecido permanentemente no campo e que vem a Londres só em estranhas ocasiões. Farei contato com você assim que volte para que possamos fazer planos. Darei uma olhada pelos arredores quando estiver ali. Quem sabe o que encontrarei.

Era a última hora da tarde quando Jack se aproximava do imóvel de Dashwood. Inclusive à luz do dia, a casa insinuava maldade. Um jovem servente saiu imediatamente para tomar as rédeas das mãos de Jack e se ofereceu a levar ao estábulo o ruço se Jack o desejava. Jack declinou; não tinha intenção de permanecer mais do que levaria unir-se ao clube maldito e perguntar sobre a seguinte reunião.

Dashwood e Wilkes estavam no salão, quando um servente de aspecto brusco introduziu Jack na estadia. Dashwood elevou a vista com o assombro claramente visível em seus traços toscos.



—Ailesbury, que agradável surpresa. Cavalgou todo este caminho para ver-me? Herdar um título trocou seu ponto de vista a respeito de... Certas coisas?

—Sim, tem-no feito — disse Jack com um sorriso insosso — Agora sou um par, com os recursos suficientes para agradar a meus vícios. Posso entender por que o Clube Hellfire atrai aos homens de riqueza e posição. Recordei seus esforços para me atrair a suas filas e decidi aceitar sua oferta. Isto é, se ainda estiver vigente.

Dashwood e Wilkes trocaram olhadas inquietas.

—Possivelmente, fui indiscreto ao mencionar o clube. Nesse momento, assumi que um homem da reputação de Black Jack aceitaria sem vacilar a oportunidade de unir-se aos discípulos. Mas agora que é um par poderia não estar tão desejoso de participar de nossas cerimônias.

—Ser um par aguçou meu apetite pelas atividades deliciosamente imorais. O Clube Hellfire parece perfeito para meus... Né... Gostos. O que diz Dashwood? Posso me unir?

—Sente-se, Ailesbury. Entende que se requer o segredo mais absoluto de nossos membros, verdade?

Jack assentiu.

—Não tem que preocupar-se por isso, Dashwood.

—Nem todos nossos membros se conhecem uns aos outros —acrescentou Wilkes — Usamos túnicas e capuzes, que pomos antes de entrar em nosso lugar de reunião. Certamente que há alguns aos que não lhes importa que sua identidade seja conhecida, mas oferecemos a nossos membros o anonimato, se o desejarem. Para unir-se, deve estar disposto a participar dos ritos de iniciação.

A atenção de Jack se aguçou.

—Ritos de iniciação?



—Correto — deu fé Dashwood — Todos os novos membros sofrem algum tipo de iniciação para provar sua lealdade.

—O que deve fazer exatamente alguém para ser iniciado? —perguntou Jack cautelosamente.

—Não esteja tão sério — riu Dashwood — Existimos para o prazer. Não somos malvados. Nem somos adoradores do diabo. Só preparamos orgias e agradamos nossas fantasias com mulheres desejosas.

Jack bocejou como se se aborrecesse com o assunto.

—Ouvi histórias de mulheres que são raptadas nas ruas. Ocorreram suficientes vezes para não ser verdade. Mas não me interprete mal. Não estou contra um pouco de esporte inocente com tal que ninguém resulte prejudicado.

—Em sua maior parte usamos prostitutas para nossas cerimônias — explicou Dashwood — De vez em quando, é necessário procurar mulheres onde estão disponíveis. Certamente, ninguém poderia sentir falta dessas tímidas ratinhas que tiramos das ruas, em ocasiões. Normalmente, lhes oferecemos dinheiro, e estão perfeitamente felizes de nos agradar. E se não for assim... — encolheu-se de ombros significativamente.

Jack reservou sua opinião, pois sabia muito bem o que ocorria a essas participantes contrárias.

—Conte-me mais sobre esta iniciação. O que se requererá de mim?

—Em nossa sala de reunião, há uma laje de pedra elevada, ou altar, se o desejar, onde realizamos nossos sacrifícios. Ninguém resulta ferido, tenha-o claro. Tentamos encontrar virgens para nossas iniciações, mas isso nem sempre é possível. Quando não há virgens disponíveis, usamos sangue real para simular o sangue virginal. Dispostemos que tenha uma redoma para derramar, quando perfurar a virgindade da mulher, ela tenha uma ou não.



Jack tentou não fazer evidente seu desgosto.

—Devo entender que a iniciação consiste em tomar uma mulher no altar de sacrifícios, à vista de todos os membros? Que cômico!

Dashwood e Wilkes trocaram olhares agradados.

—Sabia que estaria conforme uma vez que soubesse o que era —exclamou Dashwood — Esperei muito tempo para iniciá-lo no Clube Hellfire. Vivemos para o prazer; existimos para satisfazer cada uma de nossas fantasias, sem importar quão exóticas sejam. Se estiver conforme, sua iniciação pode levar-se a cabo em nossa seguinte reunião. Reunimo-nos amanhã à noite exatamente a meia-noite, quando a lua está mais cheia. Inclusive temos uma mulher especial para você.

Jack tentou esconder seu entusiasmo.

—Mulher especial? Alguma prostituta bem usada, suspeito. —bocejou — Suponho que se dever...

—Nenhuma prostituta, Ailesbury. Esta mulher foi trazida por um de nossos discípulos de mais confiança. Inclusive, pode ser que seja virgem. Depois que você a possua, os outros estarão excitados a tal extremo que lutarão uns contra os outros por ela, mas o privilégio de tomá-la a seguir pertence ao homem que nos trouxe.

—A moça está disposta, suponho.

Wilkes riu desagradavelmente.

—Estará — estava se referindo às drogas que usavam, algumas vezes, para controlar a vontade de uma mulher. A Jack não gostou de como soava isso.

—Eu não gosto da ideia de usar a força. Nem tomarei uma mulher que esteja traumatizada ou da que se abusou. Tenho que cuidar de minha reputação. Não quero meu nome unido a uma mulher que saia daqui em condições questionáveis. Se quiser que me



uma a suas filas, deve prometer não machucar a mulher de nenhuma forma, e isso inclui abusar fisicamente dela antes que eu a tome.

—Devo admitir Ailesbury, que contar com você entre nossos discípulos só pode reforçar nossa reputação — observou Dashwood — Tem minha promessa de que a mulher não será danificada de nenhuma forma. Podemos contar com você amanhã à noite?

—Sim. Não perderia minha iniciação por nada. Alguma instrução antes da cerimônia?

—Receberá sua túnica e sua capa antes de ir esta noite. Darei as indicações para ir às covas calcárias; assimila-as antes de entrar. Simplesmente, siga o passadiço à caverna grande onde se reúnem os discípulos. Verá o altar de pedra no centro. Mescle-se com os outros até que se traga a mulher e eu anuncie que os ritos de iniciação estão a ponto de começar. Quando despir ao sacrifício e a coloque no altar, esse é seu sinal para que a tire de qualquer forma que deseje. As prostitutas pagas virão uma vez que a iniciação tenha terminado, e será livre para tomar seu prazer com qualquer delas que deseje.

Jack ficou em pé e apertou os punhos para evitar golpear Dashwood na cara.

—Se isso for tudo, cavalheiros retiro-me — estava tão aliviado de que Dashwood parecesse desconhecer sua relação com Moira que não podia esperar a chegar a casa e contar a Spence o que descobriu.

De repente, uma comoção no vestíbulo atraiu a atenção de Jack. Já de pé, saiu rapidamente do salão para o vestíbulo, com Dashwood e Wilkes pegos a seus pés. Sem prévio aviso, Dashwood ultrapassou Jack, fazendo-o a um lado de um empurrão.

—Como demônios conseguiu sair? — trovejou Dashwood quando viu Moira lutando com seu mordomo.

O coração de Moira se afundou. Desesperada por fugir, escapou da estadia, quando a governanta abria a porta para lhe trazer o jantar. Empurrou Matilda tão forte como pôde e saiu correndo pela porta e desceu as escadas. Ouviu vozes que vinham do salão, mas não



prestou nenhuma atenção ao dar-se conta que a porta principal não estava vigiada. Entretanto a sorte a abandonou. O mordomo saiu da parte de trás da casa, viu Moira e a agarrou, antes que alcançasse a porta.

—Deixe-me ir! — gritou Moira — Não pode me manter aqui contra minha vontade. Há leis contra isso.

—Bom trabalho, Plunket. Leva-a de novo escada acima — disse Dashwood — E quanto a você jovem dama, os discípulos estão acima da lei. Nossos membros são tão poderosos que a lei não interferirá.

Enquanto lutava fortemente contra o agarre cruel de Plunket, Moira de repente viu Jack. A comoção de vê-lo na propriedade de Dashwood foi tão esmagadora que ficou mais morta que viva.

—Virgem Maria! Você!



Capítulo 12

Jack observou atentamente Moira, seu olhar deslizando-se por seu rosto e corpo com quieto desespero, assegurando-se de que estivesse ilesa. Seu rosto estava branco, sua cólera e comoção por vê-lo eram evidentes. Era tudo o que Jack podia fazer para evitar agarrá-la, brigar com Dashwood e Wilkes e tirá-la dessa atmosfera maligna. Ele tentou transmitir essa mensagem com seus olhos, mas Moira estava além do entendimento.

—Vocês dois se conhecem? — perguntou Dashwood, repentinamente cauteloso.

Moira abriu a boca para cuspir uma réplica, mas o olhar de advertência de Jack a fez calar.

—Cruzamo-nos brevemente em Vauxhall — disse Jack simplesmente — É uma verdadeira provocadora. Todos os jovens a adulavam.

Jack quase se engasgou com as palavras. Os olhos de Moira estavam desesperançados e feridos, tão cheios de desespero que ele preferia cortar a língua antes que machucá-la dessa maneira.

Dashwood se permitiu relaxar.

—Ah, sim. Mayhew mencionou algo desses disparates.

Um suspiro surpreso gelou na garganta de Moira, enquanto olhava fixamente os olhos de Jack. O que estava tentando fazer? Por que estava fingindo que não a conhecia? Ele a observava tão intensamente que ela soube que estava tentando lhe mandar alguma mensagem, mas não tinha ideia de qual era. Encontrá-lo aqui com Sir Dashwood confirmou sua crença de que ele era um membro do Clube Hellfire. Ele a enganou e a seduziu, mentiu e a utilizou. E ela se apaixonou pelo pior mulherengo de todos os tempos. Que Deus a ajudasse.



—Leva-a acima, Plunket — ordenou Dashwood — E vê o que a mocinha fez com Matilda. Quero-a bem vigiada até amanhã à noite. Depois da cerimônia, Lorde Mayhew pode fazer com ela o que lhe agrada.

Moira enviou a Jack um olhar suplicante, mas não podia interpretar a resposta em seus olhos. Tinha a impressão de que ele tentava tranquilizá-la, mas isso parecia improvável. Ele quase a convenceu de que se preocupava com ela e a queria ajudar com seus problemas. Mentiras, todas mentiras. Como desejou poder odiá-lo como ele merecia. Logo, todo pensamento se deteve, quando Plunket a arrastou para longe.

Jack olhou com indefesa frustração como Moira lutava contra o corpulento criado. Queria assassinar, e o faria se pensasse que isso ajudaria Moira. Mas, para salvá-la, tinha que manter a cabeça fria. Não poderia ajudá-la se mostrasse sua jogada ou tentasse um resgate sem prepará-lo corretamente. Fingir indiferença parecia o melhor caminho, embora fazê-lo quase o matou.

—Não o esqueça, Dashwood — recordou Jack — Prometeu que nada ocorreria à mulher. Assumindo que seja ela a que deve ser usada nos ritos de iniciação.

—É perceptivo, Lorde Graystoke. Efetivamente, a mulher é para o sacrifício de amanhã. Ela estará mais que cooperativa, quando a levar ao altar, assim não precisa preocupar-se em experimentar o tipo de resistência que acaba de ver. Temos formas de tratar a mulheres recalcitrantes que não produzem más consequências.

O sangue de Jack congelou. Pôr uma mulher em um estado cooperativo só podia significar uma coisa. Drogas.

—Não me importa um pouco de resistência, Dashwood. Aumenta o prazer. O prazer é tudo para a irmandade, não é assim?

Dashwood sorriu.



—Certamente. Asseguraremos-nos que ela lute um pouco para seu prazer. Minha governanta se encarregará de tudo. Vá com Wilkes, lhe encontrará uma túnica e lhe dará a direção para as cavernas.

Era quase meia-noite quando Jack retornou da fazenda Dashwood e localizou Spence na sala de cartas do Clube White. Spence divisou Jack, no momento que ele entrava a grandes pernadas no abarrotado quarto. Imediatamente, jogou suas cartas, desculpou-se e interceptou seu amigo.

—Estive doente de angustia por você, Jack. Saiu tudo bem? O que averiguou?

—Não aqui — disse Jack, olhando fixamente à turfa de pessoas formando redemoinhos ao redor do quarto — Venha a Graystoke Manor. Contarei tudo.

Jack girou rapidamente sobre seus pés para voltar sobre seus passos para a porta e se encontrou cara a cara com Lady Vitória.

—Deixe-me felicitar você por sua ascensão em fila e fortuna —disse Vitória sem benevolência — Não aprecio que me deixem em ridículo. Por que não me disse que sua pupila era, em realidade, uma criada? O que esperava obter fazendo passar Moira por uma dama, quando em realidade era sua amante? Pensava casá-la e, logo, se entreter com ela, depois de que você e eu estivéssemos casados e minha fortuna segura em seus bolsos?

Jack se ruborizou colericamente.

—Primeiro, me deixe dizer que nunca aspirei ao título de meu primo. É certo que precisava me casar por dinheiro, mas fazer passar Moira por uma dama começou como uma brincadeira. Algo que Spence e eu imaginamos por diversão. Não entrarei em detalhes, mas devo a Moira meu amparo.

—Será melhor que você não apareça por aqui, não depois da maneira em que enganou Renfrew, Peabody e Merriweather. Não se surpreenda se é tratado friamente por seus pares, a menos até que a sociedade se distraia com um novo escândalo.



—Importa-me um cominho a sociedade — disse Jack sinceramente. Ao longo dos anos, fez um grande esforço para ocultar suas poucas boas qualidades sob o peso de sua reputação de libertino, jogador e mulherengo — Sou um homem de poucos princípios. Um desafortunado enguiço em meu caráter.

—Sei. Isso é o que o faz tão diabolicamente excitante. Seu nome evoca todo tipo de pensamentos deliciosamente lascivos — ela tremeu delicadamente — Muito poucos podem estar à altura de um nome como Black Jack. Se ainda me quiser, Jack sou tolerante. Posso imaginar coisas piores que ser uma duquesa.

—Estou seguro que pode — disse Jack, procurando uma forma de escapar sem ofender Vitória — Tal como estão às coisas, já não procuro uma esposa rica. Graças ao pobre Will, agora tenho mais recursos dos que necessitarei durante o resto de minha vida. Se me desculpar, milady devo sair. Spence e eu temos um assunto urgente.

—Arrumado que seu assunto envolve essa pequena puta que pretendia ser uma dama. Tem-na feito sua amante, não?

—Está equivocada, Vitória, Moira nunca será minha amante — se ele se saía com a sua Moira seria sua esposa.

—É hora de ir — disse Spence, ansioso por ausentar-se antes que criassem uma cena. A sociedade já tinha bastante do que falar para aumentar as falações.

Vitória fumegava impotente raiva, enquanto Jack a deixava com tanta graça como podia reunir.

Trinta minutos mais tarde, os dois homens estavam a salvo no escritório de Jack. Spence escutava ansioso todos os detalhes relacionados com a reunião de Jack com Sir Dashwood.

—De verdade, viu Moira? — perguntou Spence em voz baixa — Como se via? Está bem? Deus, deve ter se assombrado ao vê-lo ali.



—Assombro é uma palavra muito suave. Moira estava horrorizada. E zangada. Pensa que faço parte do Clube Hellfire.

—O que! Ela deveria ter melhor critério. O que fará? — perguntou Spence, quando soube da iniciação de Jack no clube — Não vai a... Sem dúvida alguma, não vai levar a cabo a iniciação. Só o feito de pensar em Moira, ou alguma outra desventurada mulher deitada em um altar de pedra, adoece-me. Tomo meu prazer tão seriamente como qualquer outro, mas nunca recorrerei aos métodos usados pelos discípulos de Satanás.

—Nem eu — disse Jack reservadamente — Pude furtar um capuz e túnica adicional para você, quando Wilkes girou sua cabeça. Vestidos com túnicas e capuzes poderemos entrar amanhã à noite nas cavernas sem medo que nos reconheçam. Estaremos bem armados, é obvio. Quando Moira for conduzida ao quarto, faremos nossa manobra. Esteja preparado para me seguir.

—Possivelmente deveríamos informar às autoridades — sugeriu Spence — Eu não gosto das desigualdades.

—Pensei nisso e votei contra. Estou seguro que Dashwood paga à lei para proteger seu segredo. Se algo se filtrar, Dashwood poderia cancelar a reunião, e Moira terminaria em mãos de Mayhew. Não posso me arriscar a que Mayhew a danifique.

Spence estudou a cara de Jack.

—Nunca pensei que veria o dia em que Black Jack Graystoke poria sua vida em perigo por uma mulher. Pegou-o mau. É uma maldita lástima que só possa tê-la como amante. Não estaria bem que o Duque de Ailesbury se case com uma mulher da classe trabalhadora.

—Maldição, Spence, acredita que me preocupa a diferença de classes? Cruzarei essa ponte quando chegar a ela. Vamos por partes. É imperativo que ponhamos Moira fora do alcance do Clube Hellfire. — ele fechou seus olhos, recordando a claridade brilhante de seu espírito, a beleza de sua alma.



—Pode contar comigo, Jack. Diz que se encontrarão amanhã de noite?

—Sim. Pettibone conduzirá o carro. Ele é o único além de você em quem posso confiar.

—Não se preocupe garotão. Teremos êxito — disse Spence com mais convicção da que sentia. Parecia como se estivessem mordendo mais do que podiam mastigar, mas ele estava preparado, se Jack ia. Pelo bem de Moira, não podiam falhar — Só me diga a hora, e estarei preparado.

Jack subiu as escadas para seu quarto revisando em sua mente os planos que ele e Spence faziam para o resgate de Moira. Se tudo saía como o planejaram, ela retornaria a salvo junto a ele e nunca voltaria a perdê-la de vista. O amor era uma emoção debilitante, decidiu. Golpeava poderosamente. E, uma vez que penetrava no coração, o fazia débil e indefeso para resistir seu atrativo. Requereu muito tempo para dar-se conta de que amava Moira, mas, uma vez que admitiu a emoção, soube que esperou toda sua vida por uma mulher a quem amar. Moira alimentava sua alma e nutria seu corpo. Foi difícil aceitá-lo, mas agora sabia que Lady Amélia colocou Moira a seu cuidado por uma razão. Só Deus sabe o que ocorreria com ele se Moira não irrompesse em sua vida. Ela o fez ver que sua vida não tinha nenhum valor. Moira o desviou do caminho da perdição e sua entrevista com o Diabo.

Jack se deteve na parte superior das escadas, repentinamente consciente de que não estava sozinho. Olhando para o vestíbulo, viu Lady Amélia de pé no exterior do quarto vazio de Moira. Jack se aproximou cautelosamente, até que esteve parado suficientemente perto para sentir o calor irradiando de seu trêmulo centro. O que viu o sobressaltou. As mãos de Lady Amélia estavam cruzadas sobre seu peito, e tinha um olhar triste. O coração de Jack se afundou.



—O que acontece? — perguntou temeroso — Moira está em perigo? —Lady Amélia simplesmente cravou os olhos nele — Falharei?

“Tome cuidado.”

As palavras golpeavam silenciosamente contra seu crânio.

—Não pode me dizer mais? — o fantasma negou com a cabeça — Maldição, milady — explodiu Jack — Se não pode me dizer nada bom, por que me chateia?

Embora seus traços fossem confusos e indistintos, Jack se deu conta de que ofendera Lady Amélia. Sua imagem se obscureceu e desapareceu nas sombras.

—Espere maldita seja não se vá! Você pode comunicar-se comigo, por que não pode me dizer do que devo tomar cuidado?

—Com quem fala milord?

Jack girou surpreso de ver Pettibone de pé a seu lado.

—Viu algo, Pettibone?

Pettibone olhou com atenção para o vestibulo fracamente iluminado.

—Não vi ninguém, milord. Está você bem?

Jack passou os dedos por seu cabelo.

—Não é nada, Pettibone. Vá à cama. Amanhã será um dia muito longo para ambos.

—Tudo irá bem, milord — Pettibone lhe assegurou.

—É óbvio — disse Jack com mais convicção da que sentia. A advertência de Lady Amélia o perturbou mais do que queria admitir.

Moira olhava fixamente a noite escura através da janela. Nunca se sentiu tão profundamente doente ou desiludida. Encerrada com seus pensamentos e sua privacidade, não podia encontrar uma razão lógica para a traição de Jack. A cercania das paredes e a deterioração do quarto fechado pareciam pôr obstáculos a sua habilidade para pensar... Para



respirar. Que Jack soubesse que ela era uma virtual prisioneira e não fazia nada para ajudá-la, quase a destruiu. Como pôde estar tão equivocada a respeito dele?

Qualquer pequena esperança que Moira pudesse ter morreu. No momento que encontrou Jack na casa de Sir Dashwood. Não encontrou consolo na oração; obviamente Deus a abandonou, por pecar com Black Jack Graystoke.

Moira se afastou com indiferença da janela, ao abrir a porta. Matilda entrou com uma bandeja em suas mãos.

—Não tenho fome — anunciou Moira.

Matilda lhe dirigiu um olhar difícil de interpretar. Às vezes, Moira intuía que a mulher sentia compaixão por seu apuro, mas compreendeu que só eram seus desejos. Matilda não mostrou ser outra coisa que a leal empregada de Sir Dashwood.

—Coma, milady. Sir Dashwood se zangará se estiver muito fraca para assistir à cerimônia desta noite.

—Ao inferno com Sir Dashwood! — cuspiu Moira. Pela extremidade do olho, viu Matilda reprimir um sorriso e se perguntou o que considerava tão divertido.

—Necessita de ajuda? — perguntou Plunket, enquanto enchia a porta com sua considerável massa corporal. Parecia mais que ansioso de pôr suas mãos sobre Moira, e ela se afastou dele.

—Posso controlá-la — assegurou Matilda — Seus serviços não são necessários.

—Só sigo as ordens do amo. Depois de que ela a atacou, Dashwood me pediu que fizesse guarda.

—Não voltará a ocorrer — disse Matilda de maneira concisa — Ela aprendeu sua lição.

Plunket grunhiu em resposta e saiu do quarto. Matilda esperou até que fechasse a porta.



—Esse homem é um porco, igual ao seu amo.

A cabeça de Moira se elevou rapidamente, convencida de estar alucinando.

—O que? O que você disse?

Dando-se conta de que disse muito, Matilda mordeu seu lábio e colocou a bandeja na mesa.

—Nada — ainda não saía, dando a Moira a impressão de que queria dizer mais.

—O que ocorre, Matilda?

Matilda lançou um olhar furtivo para a porta, logo negou com a cabeça.

—Não é nada — mas Moira sabia que algo ocorria — Fiz que o cozinheiro preparasse algo especial para você. Está debaixo do prato coberto. Prove-o, acredito que o encontrará de seu gosto.

Repentinamente, a porta se abriu, e Plunket apareceu à cabeça.

—O que a retém, mulher?

Girando abruptamente, Matilda se apressou a sair do quarto.

Um relâmpago atravessou o negro horizonte, seguido pelo retumbar distante do trovão. Seus sentidos se agudizaram ante a cercania da tormenta e o aroma da chuva. Jack deu uma olhada a Spence e se perguntou se seu amigo estava tão nervoso como ele. O carro se aproximava da propriedade de Dashwood, e Jack golpeou no teto com o extremo de sua pistola de duelo para advertir Pettibone.

—Já chegamos? — perguntou Spence, olhando com atenção pela janela. As árvores delineavam o caminho, obscurecendo a vista da casa, mas Jack sabia que estava justo depois da seguinte curva.

—Falta pouco. Poderá ver a casa logo que rodeemos a curva. À esquerda, há uma estrada que rodeia a casa e conduz às cavernas. Dei a Pettibone instruções de virar à



esquerda. Deixaremos o carro escondido entre as árvores até que estejamos preparados para entrar.

—Não chegamos cedo? — perguntou Spence.

—Planejei desse modo. Quero me assegurar de que todos estejam dentro antes de ingressar. Desta vez quero chegar elegantemente tarde.

—Ali está a casa — disse Spence, sua voz aguda pela excitação — Demônios, vê-se enfeitiçada.

—Não tem que fazer isto, Spence.

—É obvio que sim — disse Spence, ofendido — Para que estão os amigos se não para ajudar-se um ao outro?

O carro desacelerou, logo, virou à esquerda, seguindo o caminho cheio de buracos até a parte traseira da propriedade. Um relâmpago revelou uma formação de colinas justo frente a eles. Seguindo as direções dadas mais cedo por Jack, Pettibone se desviou fora do caminho para um espaço cheio de árvores. Estavam o suficiente perto das cavernas para observar a entrada sem ser vistos. O carro se deteve.

—O que fazemos agora? — perguntou Spence.

—Esperamos — Jack tirou seu relógio de bolso, esperou até que outro relâmpago o iluminasse e disse — São dez em ponto. Os homens começarão a chegar logo. Wilkes me disse que esperava que uma dúzia ou mais de homens assistissem esta noite à cerimônia. Esperaremos até que todo mundo chegue. Está armado?

Spence sorriu abertamente e abriu seu casaco, revelando um par de pistolas de duelo carregadas e aderidas em seu cinturão.

—Também tenho minha espada curta.

—Bom homem. Espero que a força não seja necessária, mas, ao menos, estaremos preparados para qualquer situação que surja. A maior parte dos discípulos é nobre e não



querem que suas identidades sejam reveladas ao público. Querem continuar suas orgias sem problemas e pagar ao magistrado local para fazer vista grossa ao que ocorre aqui fora. Sou da opinião de que a maioria dos discípulos foi enganada por Dashwood e Wilkes e acreditam que todas as mulheres utilizadas em seus rituais são putas que recebem pagamento por fingir resistência a fim de realçar o prazer dos discípulos. Algo que Dashwood disse me induz a acreditar que normalmente drogam as mulheres reticentes.

Spence franziu o nariz.

—Repugnante.

—Exatamente. Ah, olhe... alguém chegou cedo.

Um homem a cavalo se aproximou das cavernas. Depois de atar seu cavalo, vestiu uma túnica negra, cobriu sua cabeça com o capuz e se meteu pela enorme abertura que servia como entrada. Ao pouco tempo, os homens chegaram sozinhos ou aos pares, alguns a cavalo, alguns em carro e outros a pé, pelo caminho da casa.

—É hora — disse Jack, depois de contar mais de uma dúzia de homens entrando nas cavernas.

Deu a Spence uma túnica e um capuz e golpeou o teto. Pettibone guiou os cavalos pelo bosque para as cavernas. Quando o carro se deteve na entrada, Jack e Spence já vestiam as túnicas que eram como quimonos e as enfaixavam amplamente ao redor de suas cinturas, de tal maneira que ficasse dissimulada a protuberância das pistolas debaixo delas.

—Prepare-se para qualquer eventualidade, Pettibone — disse Jack ao homem sentado na cadeira do condutor.

—Seja precavido, milord.

Jack inclinou a cabeça.

—Vamos.



Inspirando profundamente, caminhou resolutamente a grandes passos através da entrada e por um longo corredor iluminado a intervalos por tochas. Spence o seguiu de perto. Sombras estranhas dançavam nas paredes em uma dança surrealista de demônios. Embora Jack tentasse não pensar na advertência de Lady Amélia, era tudo no que podia pensar. Pelo bem de Moira, não podia se permitir o luxo de falhar. E não falharia.

O coração de Jack palpitava acelerado quando, ao fim, alcançaram uma câmara cavernosa iluminada com tochas. O fôlego congelou em sua garganta quando viu o altar de pedra descrito por Dashwood em um extremo da câmara. Os discípulos davam a aparência de estar preocupados. Jack e Spence se mesclaram discretamente entre eles, permanecendo o mais perto possível da saída. Os discípulos cravavam os olhos no altar com um ar de espera. A atmosfera estava carregada com a essência da luxúria masculina, e Jack se preparou para o enfrentamento que chegaria a qualquer momento.



Capítulo 13

Consternada, Moira olhou fixamente a bata transparente que Matilda lhe dera. Nada ou ninguém poderia fazê-la levar algo tão descaradamente sexual ante um grupo de homens estranhos com gostos pervertidos. Matilda disse que não levasse nada debaixo da bata e que Plunket viria por ela pouco depois da meia-noite. O pânico corria por suas veias com um desespero que nunca antes experimentou. Como podia Jack permitir que isto lhe ocorresse? Maldito seja seu negro coração! Tomando a bata com as duas mãos, rasgou o frágil tecido em pedaços e a atirou ao chão. Logo, pisou nos restos em um ato fútil de desafio.

Moira se sobressaltou ante o som da chave girando na fechadura. Olhou fixamente à porta com inquietação. Já era a hora? A porta se abriu, e Matilda entrou. Levava uma bandeja na qual havia um copo cheio com um líquido esbranquiçado. Pôs a bandeja cuidadosamente em uma mesa. Moira observou que a mulher tinha uma expressão estranha e se sentiu tão perplexa como alarmada por isso. Os olhos de Matilda expressaram uma advertência, e sua cara indicava o mesmo desespero que Moira sentia. Sem mover-se do lugar, Moira esperou com ansiedade que sua carcereira falasse.

—Apure-se, não há tempo a perder — Medo e impaciência fizeram que a voz de Matilda fosse aguda.

—Você sozinha não conseguirá me dobrar — declarou Moira com admirável valor — Não irei voluntariamente até seu vil amo. Nem levarei posta essa repugnante bata.

—Esqueça-se da bata — vaiou Matilda, dando uma nervosa olhada para a porta — Quando Plunket não a levar às cavernas em um tempo razoável, Dashwood virá procurá-la.



A esperança se elevou no peito de Moira, logo se afundou rapidamente. Por que trairia seu empregador deliberadamente o laçao de Dashwood? Isto não fazia sentido.

—Por favor, senhorita não temos muito tempo. Necessitará de sua capa. Vai haver tormenta.

—Aonde vamos? — perguntou Moira com desconfiança.

—Tão longe como podemos chegar.

—Possamos? — Moira não passou por cima a utilização do plural.

—Se a deixo ir, pode estar segura que Sir Dashwood quererá vingar-se por minha traição. Deve prometer que me deixará ir com você.

—Por que faria isto? Foi à leal empregada de Sir Dashwood por anos.

—E odeio cada minuto que passei aqui. Pensar em todas as jovens e indefesas mulheres que passaram por estas portas, põe-me doente. Ao princípio, não possuía outra opção que seguir as ordens de Dashwood. Ele me acolheu aqui, quando estava na miséria a pedido de minha irmã, mas minha irmã está morta, e já não tenho nenhuma razão para ficar. Estou mais do que farta com esta sórdida desordem.

—Doce Virgem, di-lo a sério, verdade?

—Sim. Tenho dinheiro guardado. Suficiente para que as duas escolhamos aonde ir. Não posso ficar aqui onde Sir Francis me encontrará. Sei muito.

—Irlanda — disse Moira — Podemos ir à granja de meu irmão perto de um pequeno povo de Kilkenny. Oh, Matilda, não sei o que dizer. Salvou-me a vida.

—Ainda não — disse Matilda laconicamente — E não vai ocorrer, se você não se apressa. Ordenaram-me que lhe prepare uma bebida que contem uma droga para fazê-la maleável. Esperarão você logo.

—E o que tem Plunket?



Matilda sorriu transformando completamente suas feições normais. Não era uma beleza, mas seu sorriso fez que seu rosto fosse quase bonito.

—Pus uma droga em sua sopa. Agora mesmo está roncando sobre a tigela vazia. Basta de bate-papo. Teremos de roubar os cavalos da quadra. Logo, podemos reservar uma passagem de Londres à Irlanda.

—Obrigado, Matilda. Estarei em dívida com você para sempre — disse Moira enquanto tomava sua capa do gancho que havia sobre a parede e a lançava sobre seus ombros.

Matilda abriu a porta, olhou com atenção pelo corredor, encontrou-o vazio e fez um gesto a Moira para que a seguisse. Esquivaram-se pelas escadas sem nenhum percalço. Matilda recuperou seu pacote do vestíbulo onde o deixara preparado para sua partida e abriu a porta. As dobradiças bem engorduradas se moveram sem nenhum protesto, e, em poucos minutos, estavam correndo entre os brilhos dos relâmpagos até as quadras que estavam atrás da casa.

Jack manteve seus olhos pegos à entrada da câmara, esperando que Moira aparecesse. Seus nervos não podiam estar mais tensos; a espera se fazia insuportável. Seus dedos estavam perto de seu cinturão, preparados para abrir a túnica e alcançar suas pistolas, se a necessidade surgisse. Rogou a Deus que não fosse necessário. Repentinamente, se produziu uma comoção quando um homem entrou cambaleando na câmara. Jack imediatamente o reconheceu como o bruto que maltratou Moira dentro da mansão de Dashwood. Um discípulo encapuzado, que Jack assumiu que era Dashwood, caminhou com largas pernadas para frente para falar com o criado. Depois de uma acalorada troca de palavras, o criado saiu a toda pressa. Dashwood retornou ao estrado, onde o altar dava



mudo testemunho das depravações que se praticavam ali. Levantou suas mãos para pedir silêncio.

A cacofonia das vozes foi desaparecendo até converter-se em um simples zumbido, logo parou totalmente.

—Irmãos unidos para o prazer — disse Dashwood, dirigindo-se à multidão — Há uma pequena mudança no programa desta noite. A cerimônia de iniciação terá que pospor-se para outra ocasião. A pomba voou — gemidos de decepção encheram a câmara, e outra vez Dashwood fez um sinal solicitando tranquilidade — Mas não podemos deixar que uma mulher danifique nossa busca de prazer. Há mulheres em abundância para satisfazer cada um de nossos caprichos.

Ao sinal de Dashwood, um grupo de mulheres entrou na estadia. E nesse preciso momento, deixaram cair suas capas, revelando seus corpos totalmente nus ou em certo grau de nudez. Esta visão obteve por resposta fortes aclamações e uma correria geral para reclamar alguma das putas.

—Foi-se — murmurou Jack a Spence — De algum modo, Moira arrumou para escapar. Vamos. Temos de encontrá-la — tão discretamente como foi possível, moveram-se sigilosamente para a entrada e se agacharam completamente.

Desgraçadamente, um homem os viu partir, um homem tão alterado pela fuga de Moira que literalmente jogava espuma pela boca. Roger Mayhew se voltou contra Dashwood.

—Como pôde acontecer isto? Esta noite era planejada, faz tempo que aceitei deixá-lo utilizar Moira para a iniciação, apesar de minhas reservas; logo, ela devia ser exclusivamente minha.



—Inclusive você estará de acordo em que usar à mulher para nossos ritos de iniciação era uma boa ideia, quando lhe disser quem ia ser iniciado em nossas filas esta noite — disse Dashwood em uma tentativa por acalmar Mayhew — Finalmente, Black Jack Graystoke aceitou unir-se à irmandade e ia ser iniciado nos ritos desta noite. Espero que a infeliz demora não o faça trocar de opinião.

—É um maldito idiota! — quase gritou Mayhew — Graystoke está aqui esta noite? Maldição. É o protetor de Moira! Se não me equivoco, ele e seu amigo se foram logo que anunciou que Moira escapou. Vou atrás deles.

—Deixe-os ir, Mayhew. Há muitas mulheres de onde veio Moira. Não quero ter problemas por isso. Devia ter me dito à relação que havia entre Lorde Graystoke e a mulher. Se o fizesse, isto nunca ocorreria.

Mayhew não estava com humor para escutar a razão. Estava armado, e não ia deixar que ninguém lhe tirasse o que era dele. Esperava Moira há muito tempo. E não esqueceu que lhe atirara um golpe na cabeça. Moira não podia estar muito longe. De uma coisa estava seguro. Se não podia tê-la, ninguém mais o faria. Tirando seu capuz, correu pela estadia, com Dashwood lhe pisando os calcanhares, suplicando seu perdão.

Moira e Matilda chegaram às quadras sem nenhum percalço. Devido à forma secreta da reunião desta noite, tanto ao moço de quadra como ao chofer tinha dado a noite livre. Matilda foi diretamente a um cubículo e tirou dois cavalos.

—Pode montar? — perguntou Matilda, quando arrastou duas selas da prateleira.

—Montei a cavalo na granja toda minha vida, mas não estou muito habituada às selas. Montei sempre a pelo.

—Nunca selei um cavalo tampouco, mas não deve ser muito difícil.



Temerosas em acender uma luz, trabalharam na escuridão. Moira temia estar fazendo mal o trabalho, pois o cavalo se movia agitado e dançava nervosamente, enquanto lutava com as correias e fivelas. Guiaram aos cavalos para fora da quadra justo quando o céu se convulsionava com um trovão e a chuva começava a cair muito sobre as densas folhas. Um relâmpago rasgou o céu, e até os alicerces da terra tremeram. Moira ajudou a mulher mais velha a montar, logo, já empapada até os ossos, montou torpemente seu próprio cavalo.

Matilda tomou a dianteira, encurvada contra a aguda chuva. Moira a seguiu de perto resistindo de boa vontade a todo mal-estar sempre e quando obtivesse sua liberdade.

Jack e Spence correram a toda velocidade fora da caverna, procurando Pettibone e seu carro. Viram Pettibone a pouca distância. Desceu do assento do condutor para acalmar os cavalos, que se assustaram ante o brilhante estalo dos relâmpagos e o retumbar dos trovões. Pettibone os viu imediatamente e soube que algo saiu mal.

—O que ocorreu milord? Onde está a senhorita Moira?

Antes que Jack pudesse responder, Roger Mayhew saiu da boca da caverna, brandindo uma pistola. Pettibone o viu, mas Jack e Spence não.

—Atrás de você, milord!

A advertência chegou muito tarde. Mayhew apontou a pistola e, ajudado pelo brilho de um relâmpago que iluminou seu campo de visão, disparou. A bala encontrou seu destino nas costas de Jack. Jack emitiu um som estrangulado e cambaleou, caindo ao chão.

—Ficou louco, Mayhew? — Dashwood se jogou em cima, arrebatando a arma de fogo da mão de Mayhew — Não precisamos deste tipo de má fama. Não se dá conta que um homem como Ailesbury poderia nos fazer muito dano se quisesse? É um duque, pelo amor de Deus! Saia daqui e não volte. Vamos ter que nos dissolver por um tempo. Se alguma vez voltarmos a nos reunir, pessoas irascíveis como você não serão bem-vindas.



—Dê-me a pistola — grunhiu Mayhew, lutando com Dashwood para obter a arma — Matarei cada um destes bastardos maquinadores.

Alheio à briga entre Dashwood e Mayhew, Spence olhou fixamente a Jack com horror.

—O maldito bastardo disparou em Jack! — graças ao esplendoroso desdobramento dos foguetes celestiais, Spence identificou facilmente Mayhew como o executor deste fato.

Pettibone foi o primeiro em despertar do choque. Observara consternado quando Mayhew disparava em Jack pelas costas e temia que fosse fatal. Ajoelhando-se ao lado de Jack, notou com alívio que o peito de seu amo subia e baixava a um ritmo regular, embora fosse pouco profundo.

—Devemos conseguir um doutor — disse Pettibone a Spence — Ajude-me a levá-lo até o carro, milord.

Jack se agitou e abriu seus olhos.

—Temos que... Encontrar Moira.

Lutou para dissipar a debilitante dor e a espessa escuridão que ameaçava o engolir.

—Faremos — lhe assegurou Spence — Mas tudo passo a passo. Morto não será de utilidade para Moira. Necessita de um médico.

A situação já era complicada, quando uma chuva torrencial começou a cair em forma de geladas agulhas.

—Depressa, antes que sua senhoria pegue uma pneumonia — insistiu Pettibone — Acredito que devemos levá-lo diretamente a Londres. Não confio nestes doutores de província. Roguemos que sobreviva à viagem.

—Estou de acordo — disse Spence enquanto ajudava Pettibone a subir Jack ao interior do carro. A dor demonstrou ser muito para Jack. Gritou uma vez mais e desmaiou.



Spence subiu a seu lado enquanto Pettibone saltava a boleia e dirigia o látego para as garupas dos cavalos. O carro ficou em marcha com uma sacudida, enquanto Spence lutava por fechar a porta. Enquanto isso, Mayhew conseguiu arrebatá-la a pistola de Dashwood e apertar o gatilho. A bala se estrelou contra a porta do carro justo quando Spence a fechava, de repente.

Moira se manteve na sela com bastante dificuldade. Devido a sua falta de experiência a sela escorregava precariamente da parte traseira do cavalo, e o caminho enlameado fez que o viajar fosse mais lento e perigoso. Moira tremeu debaixo de sua capa molhada, rogando que os discípulos estivessem pouco dispostos a enfrentar os elementos e as perseguir. Seu coração caiu como chumbo até as pontas de seus pés, quando escutou o som de um disparo por cima do retumbar dos trovões. Matilda deve tê-lo escutado também, porque deu uma olhada por cima de seu ombro, seu rosto era uma máscara de terror.

Alguns minutos depois, um segundo disparo soou na escuridão, e Moira soube o que era o verdadeiro pânico. O som de rodas que removiam o barro do caminho a grande velocidade quase deteve seu coração. Alguém vinha! Tão logo descobriram sua fuga? Foram em vão todos os planos de Matilda?

—Já vêm! — gritou a Matilda.

Logo, a carruagem se aproximou até ficar ao lado delas, os cavalos corriam quase ao mesmo tempo.

—Moira! Detenha-se!

Moira girou sua cabeça, aturdida ao ver Spence com uma bata negra. Estava apoiando na janela e fazia gestos desesperadamente.

Estava consternada e desiludida por Spence, já que tudo sugeria que era membro do Clube Hellfire.



—Não! Não voltarei!

—Senhorita Moira, aqui ninguém vai machucá-la! — esse era Pettibone, que diminuía a velocidade do carro, mantendo-se ao lado do cavalo.

Moira puxou as rédeas, aturdida ao ver Pettibone conduzindo uma carruagem. Certamente não estaria envolto no Clube Hellfire, ou sim?

—Você também, Senhor Pettibone? Você e Lorde Spencer deveriam envergonhar-se de si mesmos.

—Não é o que pensa — gritou Spence através da janela — Dispararam em Jack. Poderia morrer.

Jack ferido? Que tipo de truque era esse? Perguntou-se Moira. E se não fosse um truque? Que aconteceria se Jack, de verdade, estivesse em perigo de morrer? Assustada ante a ideia da iminente morte de Jack freou bruscamente. Pettibone se arrumou para deter a carruagem e saltar da boleia. Spence tirou a cabeça pela janela, sua expressão era séria.

—Quem disparou em Jack, e por quê? — quis saber Moira.

—Venha aqui dentro, longe da chuva — disse Spence, mantendo a porta aberta.

Moira levantou seu queixo belicosamente.

—Não vou retornar ao Clube Hellfire.

—Meu deus, não! Viemos a resgatá-la, não a machucar. Ao Jack dispararam enquanto se afastava das covas. Fomos logo que nos inteiramos que conseguiu escapar. Infelizmente, Mayhew nos seguiu.

Moira mordeu o lábio.

—Como sei que está dizendo a verdade?

—Olhe dentro, senhorita — a insistiu Pettibone — E veja por si mesma.

Moira olhou para dentro com atenção, vendo só a escuridão.

—Não vejo nada.



Mas então o brilho de um relâmpago iluminou os céus, revelando mais do que estava preparada para ver. Jack estava estendido sobre o assento. Seu rosto estava branco, e seus olhos estavam fechados. Viu a grande mancha de sangue crescer sobre a bata negra que ainda levava posta, e gritou pela consternação.

—Estou lhe dizendo a verdade, Moira — disse Spence — Por favor, entre. Jack necessita de um médico. Poderia sangrar até morrer, se não o fizermos logo.

Moira desmontou, começou a subir ao interior, mas, então, recordou-se de Matilda. Olhando o caminho, pôde ver, a pouca distância da carruagem, a mulher com os ombros caídos, ainda sobre o cavalo. Matilda vacilou um pouco, logo avançou com cavalo.

—Entre na carruagem, Matilda. Tudo está bem. Não nos vão fazer mal.

—Está você segura, senhorita?

—Quem é esta mulher? — perguntou Spence cautelosamente.

—É Matilda, a governanta de Sir Dashwood — explicou Moira. — Ajudou-me a escapar. Não partirei sem ela.

—Muito bem — acessou Spence — Entre. Apresse-se, não há tempo a perder.

Pettibone se moveu com presteza, ajudando Matilda a desmontar e a subir à carruagem. Moira deixou um lugar para ela, e Spence fechou a porta atrás deles. Com uma sacudida, o carro saiu estralando pelo caminho cheio de buracos. Moira se ajoelhou e pôs uma mão sobre o coração de Jack, aliviada ao encontrar um batimento firme.

—Vai estar bem? — a preocupação aumentou como se fosse um espectro à espreita. Não compreendia nada do que ocorreu ou por que Jack esteve entre os discípulos esta noite, a menos que fosse verdade o que Spence dizia. Foi realmente resgatá-la?

—Só um médico poderá dizer isso — disse Spence.

Repentinamente, a roda da carruagem se chocou com um buraco empurrando os ocupantes. Jack gemeu e teria caído no chão, se Moira não se movesse para sentar-se a seu



lado, mantendo-o em seu lugar. Com uma mão, retirou uma mecha de cabelo de seus olhos. Seus dedos estavam frios sobre sua fronte. Jack os sentiu e levantou as pálpebras. Tentou sorrir, mas o resultado foi uma careta de dor.

—Moir.

—Não fale.

—O que ocorreu?

—Levou um tiro. Vamos levá-lo a um médico — Jack começou a incorporar-se, apertando seus dentes para suportar a dor — Não, não se mova — abriu a bata e tentou esconder sua angústia quando viu a grande quantidade de sangue que manchava seu colete. Girando-o ligeiramente, rompeu uma parte de sua anágua, fez uma almofadinha com o tecido e a pressionou contra a ferida.

—Tiro — repetiu Jack fracamente — Está bem?

Moir sorriu através das lágrimas.

—Estou bem.

Jack aferrou sua mão, seu agarre era surpreendentemente forte, ainda depois de perder tanto sangue.

—Estava tão preocupado. Fazer-me sócio do Clube Hellfire foi o único que me ocorreu para averiguar o que ocorria com você ali. Fui a Newgate buscando-a depois de retornar de Cornualles e me inteirei que Mayhew a levaria. Inclusive interroguei o pai de Mayhew. Não obtive nada. A propriedade de Dashwood era o único lugar em que sabia que Mayhew poderia levá-la. Spence e eu estávamos planejando resgatar você à força, se era necessário. Em realidade, não pertencemos ao Clube Hellfire.

—Não fale — insistiu Moir — Descanse — suas palavras foram desnecessárias. Jack foi perdendo a consciência até inundar-se em um profundo vazio.



—Aonde vamos senhorita? — atreveu-se a perguntar Matilda. — Sir Dashwood já deve saber quem foi a que a ajudou a escapar. Plunket se assegurará disso. A esse homem, nunca caí bem.

—Vamos a Graystoke Manor — Spence proporcionou esse dado — Pettibone e eu estamos de acordo em que deveríamos ir diretamente à cidade. O Dr. Dudley é um doutor excelente, e Jack confia nele.

—Pensei que íamos à Irlanda — disse Matilda, confundida.

—Faremos Matilda, mas não até que Lorde Graystoke esteja fora de perigo. Eu... Lorde Graystoke me ajudou uma vez, e não posso abandoná-lo nestas condições. Não se preocupe você estará o suficientemente segura em Graystoke Manor.

—Não se sua senhoria pertence ao Clube Hellfire — insistiu Matilda com gravidade — Todos eles são malvados.

—Escute-me bem, boa mulher — disse Spence mal-humorado — Tanto Jack como eu desgostamos de tudo o que se refere ao Clube Hellfire. Jack fingiu unir-se ao grupo pelo bem de Moira. Levou-me e a Pettibone para ajudar no resgate.

Matilda não parecia absolutamente convencida, mas, no momento, não tinha alternativa.

—Se você o disser, milord.

A tormenta amainou pouco antes que chegassem a Londres. Sua frenética corrida da propriedade de Dashwood lhes permitiu chegar à cidade a altas horas da madrugada. As ruas estavam molhadas e desoladas, quando avançava diretamente até Graystoke Manor. Pettibone deteve a carruagem frente à porta principal, logo, baixou a toda pressa para tirar o chofer e seu ajudante de suas camas. Colin foi enviado imediatamente para trazer o Dr. Dudley, enquanto que o chofer ajudou a levar Jack a sua estadia. Matilda se manteve a um lado, retorcendo as mãos e preocupando-se com o que seria dela.



—Senhora Matilda? — Matilda conteve o fôlego e girou, surpreendida de encontrar Pettibone parado a seu lado — Sou Pettibone. Lorde Spence me disse o que você fez para ajudar à senhorita Moira. Se me acompanhar, mostrar-lhe-ei sua estadia. Está no primeiro andar; a encontrará bastante confortável — seu amigável sorriso lhe ofereceu uma pequena amostra de confiança, e lhe devolveu o sorriso.

—Não sou suscetível, senhor. Qualquer quarto me virá bem.

—Só me chame Pettibone. Sou o braço direito de Lorde Graystoke. Estamos muito agradecidos pelo que fez pela senhorita Moira. Lorde Graystoke está muito afeiçoado com a moça — afeiçoado era uma palavra muito débil segundo sua opinião, mas ele não era ninguém para opinar.

—Fiz o que me ditou a consciência, Senhor Pettibone. Sinto-me envergonhada por todos os anos em que não fiz nada por essas pobres moças que foram levadas para o prazer dos discípulos. É certo que a maioria delas era... Er... Senhoras da rua, mas algumas não o eram. Quando vi que a senhorita Moira era uma vítima involuntária, soube que tinha de fazer algo.

—Fez o correto — disse Pettibone, aplaudindo a disforme mão da mulher com inexperiência — Lorde Graystoke desejará recompensá-la.

O rubor de Matilda foi o primeiro desde que deixara de ser uma juvenzinha com olhos brilhantes como as estrelas e sonhos de um futuro feliz.

Moira se dispôs a trabalhar assim que Jack esteve deitado sobre a cama. Primeiro, lhe tirou a bata negra e, logo, sua jaqueta, ordenando a Spence que o segurasse firmemente, enquanto tirava suas enlameadas botas. Fazendo-o rodar sobre seu estômago, Moira viu que o pano de tecido que tinha posto sobre sua ferida estava empapado em sangue.



—Lorde Spencer, diga ao Senhor Pettibone que necessitaremos muita água quente e panos limpos para quando chegar o doutor.

—Meu senhor, Moira, todo esse sangue! Não se vê muito bem.

—Ficará bem. Só faça o que digo — sua voz era aguda e feroz. Spence lhe dirigiu um estranho olhar, logo, saiu a toda pressa para fazer o que pediu.

Afogando um soluço, Moira observou o rosto cinzento de Jack e desejou fervorosamente que vivesse.

—Não se atreva a morrer, Black Jack Graystoke!

Era culpa dela que estivesse ferido e, possivelmente, moribundo. Não quis envolver Jack em seus problemas; por isso, é que mentiu desde o começo. Mas, quanto mais mentiras dizia, mais se enredavam suas vidas. Logo, perdeu o controle de seus sentimentos e permitiu que Jack lhe fizesse amor. Mas se apaixonara por Black Jack Graystoke muito antes dessa memorável noite.

Moira estava tentando lhe tirar a camisa, quando Jack abriu os olhos e gemeu. Moira se manteve quieta, desconcertada ao encontrar o olhar cinza de Jack firme, embora nublado pela dor.

—Machuquei você? Sinto muito.

—Nunca poderia me machucar — disse Jack — Eu gosto de sentir suas mãos sobre mim.

—Perdoe-me se pensei mal de você, Jack. Pensava que era membro do Clube Hellfire. Estava disposta a acreditar em Lorde Mayhew, antes que em meu coração. Deveria saber que não era capaz de tal libertinagem.

—Deveria acreditar em mim, querida. Queria que confiasse em mim. Pensou que acreditaria que você fosse capaz de roubar?



—Não me conhecia. Por que não acreditaria? Encontrou-me estendida em uma sarjeta e pensou que era uma... Uma prostituta. Se nisso acreditou, então, poderia acreditar que era capaz de roubar algo tão valioso como uma joia.

Os olhos de Jack foram fechando-se, e Moira pôde comprovar que estava tendo problemas para permanecer lúcido. Onde estava esse médico?

—Agente, Jack. O médico chegará logo.

Jack tentou alcançar sua mão, e Moira não pôde negar-lhe, por isso, pôs sua mão menor na sua.

—Não vá Moira. Não... Vá...

Repentinamente, a porta se abriu, e o Dr. Dudley avançou com enérgicas pernadas, transbordando confiança. Moira deixou escapar um suspiro de alívio.

—Deixe-me com meu paciente — disse o doutor resolutamente — Pettibone pode me ajudar — logo que o doutor pronunciou o nome de Pettibone, este entrou na estadia levando um recipiente com água muito quente e panos limpos dobrados sobre seu braço. Com notável relutância, Moira se uniu a Lorde Spencer no corredor.

—Quanto tempo pensa que o doutor estará aí? — perguntou Spence com ar de preocupação — Jack estará bem, não? Deus é o melhor amigo que tive em toda a vida.

—E você é o melhor amigo que ele teve em sua vida — disse Moira com convicção.

—Oh, milady, está em casa! Sinto-me tão feliz. Estávamos tão preocupados, quando esses homens a levaram a prisão. Encontra-se bem?

Jilly despertou pela comoção e saiu de sua estadia para ver qual era o motivo de tanto alvoroço. Quando viu Moira no corredor, seu rosto se iluminou pelo prazer.

—Eu estou bem, Jilly, mas temo que Lorde Graystoke não esteja. Deram-lhe um tiro. O doutor está com ele agora.

O rosto de Jilly perdeu toda cor, e uma mão voou para sua boca.



— Atiraram nele, milady? Oh, Deus.

—Estou segura de que ficará bem, Jilly. Volte para a cama.

—O que devo dizer aos outros?

—Outros?

—Sim, o Sr. Pettibone contratou alguns criados. Há duas donzelas além de mim, Annie e Agnes. E a Sra. Harcourt é a nova cozinheira. Logo, está Colin, o ajudante do chofer — ante a menção de Colin, a cara de Jilly se voltou de um vermelho brilhante — Todos estão esperando na cozinha.

—Faça tudo o que possa para acalmá-los, Jilly. Diga que houve um percalço de pouca consideração, e que Lorde Graystoke vai estar bem.

—Sim, milady — disse Jilly, afastando-se a toda pressa pelo corredor.

—Pergunto-me o que estará fazendo o doutor? — disse Spence enquanto deixava de passear pelo corredor, para ficar olhando a porta fechada — Está ali dentro há muito tempo. Só então a porta se abriu, e Pettibone saiu a toda pressa.

—Sr. Pettibone! — gemeu Moira — O que ocorre? Jack está...?

—O doutor necessita de mais água quente — gritou Pettibone por sobre seu ombro.

—Vou entrar — disse Moira com determinação — O doutor poderia necessitar outro par de mãos.

Antes que Spence pudesse detê-la, abriu a porta e entrou.

—Traga a água aqui, Pettibone — disse o Dr. Dudley sem levantar o olhar.

—Não sou o Sr. Pettibone, Doutor, sou Moira. Queria ajudar.

O doutor olhou Moira por cima de seus óculos.

—O sangue a impressiona?

Moira tragou, logo, mentiu

—Não. O que posso fazer?



—Pettibone é um bom homem, mas suas mãos são muito torpes. Pode segurar as pinças enquanto procuro no interior a bala. Está muito profunda, mas não parece prejudicar nenhum órgão vital.

Moira se aproximou rapidamente e agarrou o instrumento que o doutor lhe mostrou.

—Jack está acordado?

—Graças a Deus, não. Desmaiou quando comecei a investigar. Agora, senhorita, segure firmemente as pinças.

Quando o doutor escavou na carne de Jack, Moira tentou afastar o olhar, mas não pôde. Começou a brotar sangue ao redor da incisão, mas o doutor parecia indiferente. Pettibone retornou e pôs a água quente sobre a mesinha, logo, aguardou por mais instruções. Quando nenhuma chegou, deu um passo para trás, mas não deixou a estadia. Repentinamente, o doutor soltou um grito jubiloso, retirou a bala ensanguentada e a deixou cair em uma bacia.

—Feito — disse, arrancando o retrator dos débeis dedos de Moira e deixando-o a um lado — Agora só falta costurar a ferida.

—E a infecção? — perguntou Moira, consciente de que a infecção matava mais pessoas que a ferida em si.

—Sou meticuloso com a limpeza. Há muito tempo, soube que toda infecção é o resultado de ter os instrumentos sujos. Sei que meus colegas se burlam e pensam que é uma tolice, mas permanecerei fiel as minhas estatísticas. Poucos de meus pacientes feridos morrem por uma infecção, e sou bastante consciencioso no referente a lavar previamente minhas mãos e inundar meus instrumentos em água fervendo antes e depois de cada uso. Se um desses doutores rurais retirasse a bala, sua senhoria não teria nenhuma oportunidade.

O doutor colocou linha em uma agulha e fez o primeiro ponto. Moira ficou sem fôlego.



—Está tão pálido.

—Perdeu muito sangue, mas confio em que vai se recuperar. Deve consumir muito líquido. Lorde Graystoke é forte e são. A seu devido tempo estará como novo. Preparado — disse, efetuando o último ponto e fixando a bandagem — Terminei. Deixarei láudano para a dor e retornarei amanhã para visitá-lo.

Depois introduziu suas mãos na água quente que Pettibone havia trazido, lavou-as com sabão e as secou logo o Dr. Dudley se foi. Pettibone o acompanhou até a porta. Spence entrou na estadia quase imediatamente.

— Como vai?

—O Dr. Dudley pensa que ficará bem — deu uma olhada a Spence, notando as linhas de fadiga ao redor de sua boca e olhos — Por que não descansa um pouco? Eu ficarei com Jack.

Spence vacilou.

—Está segura? Deve estar tão exausta como eu.

—É algo que devo fazer — disse Moira — Se não fosse por Jack, não sei o que seria de mim.

—Muito bem — esteve de acordo Spence — Procurarei uma estadia vazia e dormirei umas horas. Desperte-me se necessitar de mim.

Moira aproximou uma cadeira da cama e se sentou muito cansada para notar o espetacular amanhecer que coloria o céu no este. Olhou fixamente Jack, temerosa de afastar seus olhos dele. Embora estivesse tão pálido como a morte, o constante movimento de seu firme peito a reconfortava. Estava jogado sobre seu estômago, na mesma posição em que o doutor o deixou depois de retirar a bala.

Sua mente começou a divagar. Perguntou-se se alguma vez alguém conheceu realmente este homem. Chamavam-no Black Jack, um nome que insinuava libertinagem,



dissipação e depravação. Era conhecido como um mulherengo e jogador, como um homem que participava de todo tipo de excessos.

Pelo contrário, Moira descobriu que Jack era amável, atento e valente. Queria-o, mas sabia que não poderia haver futuro para eles. Ele era um duque, e ela a filha de um pobre agricultor. Não podia aspirar a ser mais que a amante de Jack. Rapidamente, desprezou a extravagante história de sua mãe, quando disse que poderiam ter um possível antepassado na nobreza. Não tinha nenhuma prova concreta de que seu avô fosse um nobre, e, sem importar seu desejo de que fosse assim, suas possibilidades de uma vida junto a Jack seguiam sendo quase inexistentes.

Fechou seus olhos ante a dor que este conhecimento lhe trouxe.

—Moira.

Os olhos de Moira se abriram rapidamente para encontrar que Jack a olhava fixamente.

—O que acontece? Quer um pouco de água? O doutor disse que vai ficar bem — disse.

—Ainda está aqui.

Moira tragou saliva e assentiu com a cabeça. Chegaria o dia em que não estaria ali, mas, até que esse dia chegasse, não deixaria o seu lado. Ficou de pé e verteu água de uma jarra em um copo, mesclou-a com um pouco de láudano e o pôs sobre seus lábios. Jack bebeu copiosamente, logo, ficou adormecido outra vez. Moira retornou à sua cadeira e apoiou sua cabeça na borda da cama. Em poucos segundos, estava adormecida.



Capítulo 14

Jack despertou lentamente, consciente da dor, a luz do sol e mais dor. Moveu sua mão e encontrou algo suave e sedoso. Acostumando seus olhos à luz que entrava pela janela, surpreendeu-se e se alegrou de ver Moira dormindo com sua cabeça descansando sobre a borda da cama. Ela não o deixara. Apoiou sua mão na cabeça dela, enquanto saboreava a sensação de seus despenteados cachos acobreados sob seus dedos. Ela estava a salvo e estava aí, e ele nunca voltaria a perdê-la de vista.

De repente, a porta se abriu com um rangido, e Pettibone apareceu à cabeça. Vendo que Moira dormia, entrou nas pontas dos pés para não perturbá-la.

—Há algo que possa fazer por você, milord? Subirão o café da manhã imediatamente. Nada substancial, em realidade. O doutor deixou ordens específicas.

Jack se moveu incômodo e dirigiu um olhar a Moira, que ainda dormia placidamente.

—Tenho uma necessidade bastante urgente, Pettibone. Mas, primeiro, atende a Moira. Esteve aqui comigo toda a noite e precisa descasar em uma cama. Depois, pode me dar mais desse láudano. Temo que a dor é bastante insuportável.

—Acordo-a eu ou o fará você?

—Eu o farei — disse Jack, acariciando brandamente a bochecha de Moira. Ela suspirou, murmurou e aproximou sua bochecha a sua carícia. Agarrando seus ombros, ele a sacudiu brandamente. Moira se ergueu despertando.

—Jack! O que acontece? Necessita de algo?

Jack conseguiu emitir um sorriso vacilante.



—Necessito de que vá à cama. Pettibone pode ocupar-se de minhas necessidades. Você esteve sentada comigo toda a noite; deve descansar — Moira começou a protestar, mas Jack a impediu — Não, sem discutir. Não corro nenhum perigo.

—Muito bem — aceitou ela relutantemente — Mas Pettibone deve me chamar se necessitarem de mim.

—Fá-lo-ei, Senhorita Moira. Claro que o farei.

Depois que Moira deixou o quarto, Pettibone atendeu rápida e eficazmente as necessidades pessoais de Jack.

—E agora o láudano, se me fizer o favor, Pettibone — disse Jack. Apesar do muito que desejava uma explicação sobre a fuga de Moira e seu tiroteio, simplesmente não estava em condições para concentrar-se nos detalhes.

Pettibone lhe administrou a droga e saiu silenciosamente, depois de que Jack caísse dormindo. Uns minutos depois, Spence deslizou no quarto e tomou a cadeira que Moira deixara vaga pouco tempo antes.

Dois dias mais tarde, Jack dormia menos, consumia comida sólida e se sentia o suficientemente bem para ouvir tudo o que aconteceu depois de receber uma bala nas costas. Spence relatou os detalhes de sua selvagem volta a Londres.

—Alguém viu Mayhew depois que me deu o tiro? — perguntou Jack a seu amigo.

—Não que eu saiba. Pelo que ainda se fala em Londres é da infrutífera entrada de Moira na sociedade. Inclusive há uma aposta nos livros do Clube White sobre quanto tempo a manterá como sua amante. Não se ouviu nenhuma palavra sobre o que ocorreu no Clube Hellfire na outra noite.

—E não se ouvirá — disse Jack — Dashwood e Mayhew são os únicos além de você, eu, Pettibone e Moira que sabem sobre o tiroteio, e eles não vão se incriminar.



—Está Matilda.

Jack ficou pensativo.

—Pode-se confiar na mulher?

—Ela ajudou Moira. Pettibone parece estranhamente afeiçoado a ela.

Jack elevou uma elegante sobrancelha.

—Pettibone? Quer dizer que o velho réprobo finalmente encontrou seu par?

Spence se encolheu de ombros.

—Simplesmente o mencionei de passada — ele se levantou para ir — Bem, vou, velho amigo. Moira querará minha pele se se cansar. É um verdadeiro dragão, no que respeita ao seu estado de saúde.

Jack sorriu excessivamente agradado com a preocupação de Moira.

—Não me viria mal um descanso. Mantenha os olhos e ouvidos abertos; não terminei com esta conspiração. Eu me levantarei em um dia ou dois, e, então, decidirei o que se deve fazer, se é que se faz algo, sobre o ataque não provocado de Mayhew.

Se Moira irá deixar que Jack deixe a cama em um dia ou dois, ele comeria seu chapéu, pensou Spence.

Uma hora depois, Moira apareceu no quarto de Jack quando descia as escadas, viu que estava dormindo e sorriu com satisfação. Ele estava recuperando forças rapidamente, e, agora, estava convencida de que se recuperaria sem problemas. Isso significava que tinha decisões a tomar, nenhuma delas fácil. Agradecia que Matilda estivesse encaixando tão bem na casa. Assumiu os deveres de governanta e parecia levar de maravilhas com Pettibone.

Moira entrou no salão, surpreendida por encontrar às novas criadas e Jilly agrupadas no centro do aposento. Com as mãos nos quadris, Jilly parecia estar envolta em uma acalorada discussão. A entrada de Moira as fez sobressaltar-se e separar-se com ar culpado e



Moira compreendeu que estavam mexericando sobre ela. Separaram-se tão logo ela entrou no aposento, salvo Jilly, que ficou atrasada com uma expressão envergonhada em sua cara.

—Sinto muito, milady. Irei assegurar-me de que isto não ocorra de novo.

—Presumo que estavam falando de mim.

Jilly baixou sua cabeça.

—Eu não, milady. Nunca faria ou diria algo para feri-la. Você sabe como viajam as intrigas entre os criados. Eu simplesmente estava as corrigindo sobre umas poucas coisas.

—Em primeiro lugar, deve deixar de me chamar milady. Moira estará bem. Eu não sou uma lady como deve saber agora. E sequer estou remotamente relacionada com Lorde Graystoke. Segundo, quero saber a natureza dos contos que circulam sobre mim.

—Não me importa o que elas digam mil... Senhorita Moira. Elas não a conhecem como eu.

—Obrigado, Jilly — disse Moira com gratidão — Mas insisto que me diga o que está se dizendo sobre mim.

Jilly trouxe com dificuldade, claramente incômoda.

—Estão dizendo que você seduziu Lorde Graystoke e, depois, o convenceu de que a introduzisse na sociedade como uma dama. Dizem que você é sua amante. Também se rumoreja que você atraiu Lorde Roger Mayhew a sua cama, durante seu anterior emprego antes de pôr o olho em Lorde Graystoke.

Os orifícios nasais de Moira se agitaram com irritação.

—Continue — ela estava determinada a ouvir tudo, não importa quão mal fosse.

—Está segura?

—Sim.

—Há uma aposta nos livros do Clube White a respeito da data em que Lorde Graystoke a enviará de passeio.



A cara de Moira perdeu toda a cor.

—Quais são os sentimentos das pessoas com respeito à Lorde Graystoke?

—Estão dispostos a perdoá-lo, uma vez que a afaste de seu amparo. Acreditam que todo este assunto é inteiramente culpa sua, mas os sentimentos estão se pondo em seu contrário, pelo menos, até que ele redima a si mesmo ante seus olhos.

Nunca deixava de assombrar a Moira quão rápido os falatórios viajavam de casa em casa entre os criados. Era assim quando trabalhava na casa de Mayhew, e assim seria até o fim dos tempos. Os criados conseguiam chegar ao coração da coisa bastante rápido.

—Obrigado, Jilly. Aprecio sua honestidade.

—Não me importa o que eles digam Senhorita Moira — declarou Jilly incondicionalmente — Você é boa e amável e incapaz de ser hipócrita. Nem me importa se for a amante de Lorde Graystoke.

Depois de que Jilly saiu Moira sentiu o peso do mundo sobre seus ombros. Se Jack não herdasse o ducado, suas diversões seriam consideradas como uma conduta normal para um homem com a desfavorável reputação de Black Jack Graystoke. Receber o título mudou tudo. Agora, Jack tinha certas normas que seguir, gostasse ou não. Agora, em lugar de burlar-se da sociedade, tinha que seguir suas regras. E fazê-lo significava casar-se com uma mulher de igual fila e posição. Ainda podia beber, jogar e ser um mulherengo, a maior parte dos membros da sociedade o fazia, mas, no referente ao matrimônio, havia estritas regras a seguir. As fofocas, combinadas com a importante fila de Jack, faziam que a decisão sobre seu futuro fosse dolorosa, mas clara.

* * *



Em poucos dias, Jack estava dando alguns passos tentativos ao redor de seu quarto e determinado a aventurar-se ao andar inferior apesar das objeções tanto de Moira como de Pettibone.

—Esta maldita ferida não vai continuar me mantendo na cama — disse Jack belicosamente uma tarde enquanto Moira o cuidava — Tenho deveres urgentes e numerosas responsabilidades que devem ser atendidas.

—Podem esperar — disse Moira, enquanto reprimia um sorriso. Não fazia muito, a única responsabilidade de Jack era casar-se com uma esposa enriquecida e seu único dever manter sua reputação como libertino — Falou com você o Senhor Pettibone sobre Matilda?

—Sim. Nunca pensei que Pettibone se faria cargo da causa de uma mulher como tem feito com Matilda. Se não o conhecesse bem, pensaria que o golpearam.

Moira lhe dirigiu um olhar suspeito.

—Matilda tem feito cargo das tarefas de governanta e está fazendo um notável trabalho. Estou-lhe agradecida por me ajudar. Não tem família e nenhum lugar aonde ir. Temo que Sir Dashwood a encontre e exija um castigo por sua traição se a encontra na rua.

—Já disse a Pettibone que ponha à mulher na lista de empregados —disse Jack — Estou mais que agradecido pelo que fez por você. Terá trabalho em minha casa por todo o tempo que goste.

O alívio de Moira foi imediato. Não desejava cabos soltos, quando se fosse.

—Obrigado. Há algo que deseje enquanto estou aqui? Possivelmente possa ler algo.

Jack dirigiu um enigmático olhar a Moira, depois deu uns golpezinhas sobre a cama.

—Sente-se aqui, do meu lado.

—Eu não acredito... Isso...

—Por favor.



Posto assim, ela não podia negar-se. Pousando-se cautelosamente na borda da cama, não teve ideia do que Jack planejava até que ele a atraiu aos seus braços.

—Deus senti saudades de você — ofegou ele roucamente. Beijou o cocuruto de sua cabeça, enquanto inalava profundamente o aroma da fragrância que ela usava em seu cabelo. Amava a cor; mais acobreado que vermelho tão vibrante que tinha vida própria.

Levantou seu queixo, baixou sua boca e a beijou, faminto pelo sabor de sua doce boca. Aturdida por sua força depois de sofrer tão grave lesão, Moira se submeteu de boa vontade à faminta violência da boca de Jack, separando seus lábios para que ele pudesse aprofundar o beijo. A mão dele baixou a seu seio, e ela se inclinou para a carícia, amando-o tão excessivamente que não tinha nenhum controle sobre sua resposta. Seu corpo ardia de desejo, fazendo-a esquecer que ele se estava se recuperando de uma séria ferida.

Depois de vários minutos de beijá-la frenético, Jack arrancou sua boca da sua.

—Desejo-a, Moira. Assusta-me como um demônio pensar o perto que estive de se converter em uma vítima dos discípulos do Clube Hellfire — suas mãos procuraram os botões em seu vestido — Necessito de você. Não compreendi quanto até que se foi.

Moira ficou imóvel.

—Não está suficientemente bem para isto, Jack — deliberadamente tirou as mãos de seu sutiã — Além disso, há coisas que não sabe de mim — ela inspirou profundamente — Sobre o colar de Lady Mayhew...

—Eu sei que não pegou. Você nunca poderia fazer algo desonesto.

Moira esclareceu sua garganta e disse:

— A noite que me encontrou estendida na sarjeta... Sua carruagem não me golpeou. Saltei do carro de Sir Mayhew. Ele estava me levando ao Clube Hellfire, e eu preferia morrer antes de permitir que isso ocorresse. Ele pensou que estava morta e me deixou esticada na sarjeta. É um milagre que chegasse justo nesse momento.



A sombra de um sorriso cobriu as esquinas da boca de Jack.

—Não foi um milagre. Lady Amélia sabia exatamente o que fazia essa noite.

Moira estava muito afligida para entender o que Jack queria dizer.

—Esteve mal de minha parte deixar que pensasse que foi responsável por minhas lesões. Não o conhecia e temia que me entregasse às autoridades se lhe dizia a verdade. Os Mayhew estavam decididos a apresentar cargos. Não tinha aonde ir, ninguém a quem recorrer. Eu me aproveitei de você, Jack. Como pode me perdoar?

—Fui eu quem se aproveitou de você — a corrigiu Jack — Spence e eu não tínhamos por que usá-la para nossa diversão. Nesse momento, sua aposta de duas mil libras era uma poderosa tentação. Ao princípio, sinceramente desejava lhe encontrar um marido rico. Depois, cheguei a conhecê-la e não podia suportar a ideia de que outro homem a tivesse. Que enredo tenho feito das coisas.

—Eu sou tão culpada como você. Poderia dizer a verdade a qualquer momento.

—Já acabou tudo. Ainda não decidi o que fazer com respeito a Mayhew, mas juro que ele nunca a danificará de novo. Quero que seja minha esposa, Moira.

—Esposa? Não! É impossível. Você não pode. Isso não se faz.

—Eu posso fazer o que me dê à condenada vontade.

—É um duque. Eu sou a filha de um granjeiro — ela tomou o medalhão que pendurava de seu pescoço, desejando saber quanta verdade havia na história de sua mãe sobre sangue nobre fluindo por suas veias.

—Não me importa o que é. Você é a mulher com que quero me casar, a mulher que quero como mãe de meus filhos — Moira parecia desconcertada — Ainda não o entende, verdade? Amo você, Moira.

—Oh, não, não pode!

—E acredito que você me ama.



—Esse não é o problema. Ouvi as fofocas. A sociedade nunca o perdoará. Se casar comigo, arruinará sua reputação.

Jack riu.

—Que reputação? Essa é uma maneira cortês de dizer que não me ama?

Moirá queria gritar ao mundo que amava Jack Graystoke além da razão, além do tempo e espaço, mas ela o amava muito para arruiná-lo.

—Estou dizendo que não posso me casar com você.

A cara de Jack se endureceu.

—Não posso acreditar que prefira se converter em minha amante, antes que se casar comigo.

Moirá empalideceu.

—Não estou dizendo isso, tampouco.

—É a mulher mais exasperante que conheci em minha vida. Eu não a quero como amante.

Ele tomou, aproximando-a e sustentando-a fortemente, enquanto lutava contra o medo de perdê-la. Parecia como se esperasse toda sua vida por Moira. Beijou-a meigamente. Furiosamente. Ignorando a pontada em suas costas pela ferida em cura, emoldurou o rosto dela com suas mãos. Passou seus lábios sobre suas pálpebras, seguiu a curva da sobrancelha e desceu por suas bochechas de seda. Sua língua deu um golpezinho sobre seus lábios, provando-os, tentando-os, partindo-os para explorar as doces profundidades internas.

Sua mão deslizou descendo por sua garganta, por seu seio, seu estômago, continuando por seu quadril até a união de suas pernas. Cavando sua mão entre as coxas dela, sentiu o incrível calor de sua necessidade que umedecia a roupa.

—Deseja-me — sussurrou ele furiosamente — Está quente e molhada aí abaixo — a apoiou brandamente na cama e levantou suas saias com um rápido movimento de sua mão.



—Jack, não! Alguém poderia entrar. Há suficientes falatórios na casa sem prover mais forragem para o moinho da intriga.

Antes que ela soubesse o que fazia, ele deslizou da cama e fechou a porta com chave. Moira ofegou, ignorando que ele estava nu sob os lençóis. Assumia que ele usava roupa interior na parte baixa de seu corpo. Ela o olhou boquiaberta, magnetizada pela bela simetria de seu corpo. Salvo a atadura que cobria sua ferida, ele era pura perfeição. Forte, viril e perversamente tentador. Devido a sua ferida que estava cicatrizando, seus passos eram lentos e cuidadosos, mas seu corpo era forte e decidido, quando voltou e pressionou Moira contra o colchão.

—Machucará você —resistiu Moira — Sua ferida...

—Machucará se não faço amor com você — lhe disse Jack, enquanto começava a despi-la com dedos firmes e seguros — Você é minha querida. Sempre será minha. Lute tudo que quiser, mas eu insistirei e pressionarei até que aceite se casar comigo.

Arrancou-lhe o vestido, depois, sua regata, jogando-os a um lado. Olhou fixamente seus seios, tomando-os brandamente e elevando-os para sua boca. A pele dela era quente e tentadora, e Jack bebeu profundamente do limpo, excitante aroma dela. Ouviu-a inspirar bruscamente quando introduziu um mamilo em sua boca e o sugou. A mão dele se moveu baixando sobre seu abdômen, e ela se arqueou contra ele, seu corpo esticando-se pelo mesmo tipo de prazer que experimentou antes nos braços de Jack. Quando seus dedos deslizaram possessivamente no suave triângulo entre suas pernas, doces, agudas, quase dolorosas sensações dispararam por suas veias.

Onda após onda de um delicioso calor a percorreu, até que não ficou nada mais que uma crua necessidade. Como por vontade própria, seus braços se envolveram ao redor de seu pescoço, atraindo-o mais perto, arqueando suas costas, oferecendo mais de si mesma a



sua boca e mãos. Jack ficou rígido e ofegou. Compreendendo que o machucou, ela começou a retirar-se, mas Jack não o permitiu.

—Não. A dor é nada comparada com a agonia de desejá-la. O dia que a encontrei jazendo na sarjeta foi o dia mais afortunado de minha vida.

Então, sua boca seguiu o mesmo caminho que tinha seguido sua mão, abrindo um ardente atalho dos pequenos brotos firmes que coroavam seus seios, por seu liso estômago até os lustrosos cachos acobreados que coroavam suas coxas. Um grito baixo escapou da garganta dela e seus quadris se elevaram.

—Jack! Não, não deve!

Uma discreta risada escapou de seus lábios, enquanto suas mãos tomavam seus quadris e rapidamente a sustentava.

—Sim, carinho. Devo. Prometo que você gostará.

Ele tomou seu traseiro e o levantou ainda mais, lhe negando escapar à íntima exploração de sua boca. Ela deixou escapar um suave som de choramingo do profundo de sua garganta, querendo morrer da vergonha. Ela nunca imaginou que homens e mulheres fossem capazes de fazer semelhantes coisas perversas.

Moirá estava assombrada pelas sensações que experimentava tão novas, mas, oh, tão maravilhosas. Ardentes chamas consumiam seu centro de mulher, destruindo seus sentidos, roubando sua razão. Estava dolorosamente consciente de cada sensação, cada ofego, cada gemido, das ásperas mãos dele em seu corpo, de sua boca em seus lugares mais íntimos. A antecâmara ressonava com os sensuais sons dos enfebrecidos amantes. O sussurro dos lençóis sob suas costas nuas, a vibração da respiração quente sobre a carne até mais quente, o sedoso deslizamento de pele contra pele. Sons de amor, sons eróticos. Sons muito íntimos para descrevê-los. Os gemidos dela chegavam mais rápidos, e seu corpo estremeceu com líquidos tremores, enquanto um ardente calor se apressava por suas veias.



—Jack! Não posso suportá-lo! É muito perverso.

—Sim. Seu gosto é malvado e lascivo e incrivelmente maravilhoso. Mais doce que a mais doce ambrósia. E não me conformarei com nada menos que você toda.

Narcotizada por suas palavras, Moira se balançou contra sua boca, suas mãos aferrando os ombros dele, suas unhas afundando-se em suas costas. Sentia-se como uma corda de arco esticada ao limite de sua resistência, e além. De repente, a corda se rompeu, enviando um cru êxtase através dela. Gritou sem palavras, não encontrando nenhuma para descrever o sentimento. Então, Jack deslizou ao longo de seu corpo, para encontrar sua boca e beijá-la. Ela se saboreou nos lábios dele, pensando vagamente que não era nada desagradável.

Agarrando sua mão, Jack a baixou a sua virilha.

—Sente o que me faz amor. Não tenho nenhum controle no que a você concerne.

Ele estava duro e quente. Aço coberto de veludo. Ela moveu sua mão experimentalmente de cima a baixo por sua palpitante longitude, assombrada por sua perversidade. Jack lançou um áspero grunhido e afastou sua mão. Moira esperava que ele se localizasse sobre ela e tomasse seu próprio prazer, mas se sobressaltou quando ele somente a beijou e acariciou.

Ela conteve o fôlego. Certamente não era possível encontrar prazer outra vez, tão logo, verdade? Jack procedeu a lhe mostrar quão ingênua era. Beijou-a vorazmente, até que seus lábios estiveram inchados e vermelhos, então dedicou uma encantada atenção a seus seios, introduzindo cada mamilo profundamente em sua boca e lambendo os firmes brotos com a áspera superfície de sua língua. Suas mãos obravam magia em suas escorregadias, sensíveis dobras, colocando seus dedos na úmida fenda até que ela vibrava de necessidade.

—Tome Moira. Tome inteiro — disse ele ofegando. Seu controle pendendo de um fio magro. Se não estivesse profundamente dentro dela logo, explodiria.



Moira duvidou por um momento, logo agarrou a grossa raiz que saía do escuro bosque entre suas pernas e o guiou a seu úmido centro. Não houve palavras para danificar o momento, só o retumbar dos batimentos do coração, quando ele se introduziu nela, enchendo-a tão completamente que se sentiu possuída. A boca dele devorou seu pescoço e ombros, arrastando-se para baixo até que se prendeu a seu seio. As costas dela se arquearam, tomando-o totalmente dentro dela, esticando-a insuportavelmente. O poder dele, sua força absoluta parecia fluir dentro dela com cada impulso. Ela gritou de pura alegria, apanhada em um torvelinho que a transportou além do mero prazer a uma muito entusiasta inconsciência. Nunca se sentiu tão completamente consumida por outro ser humano.

Era uma estranha forma de impotência, bem-vinda, mas aterrorizante. O deslumbrante calor crescendo em seu centro movendo-se para cima e para fora. Depois se sentiu cair, descendo em espiral para um escuro e ardente abismo que a afundou em um atoleiro de puro êxtase.

Estimulado pela selvagem resposta de Moira, Jack se introduziu profundamente dentro de sua estreiteza, selvagem com o puro êxtase de estar onde pertencia, onde ele queria estar. Quando notou que seus pequenos soluços se intensificavam e a sentiu contrair-se ao redor dele, Jack se enterrou profundamente e se manteve ali, em equilíbrio a borda do êxtase. Quando ela se arqueou para encontrá-lo, ele flexionou seus quadris, empalando-a, fluindo para ela, nela, um gemido retumbando em seu peito. Ela sentiu sua semente salpicar contra as paredes de seu útero e o apertou fortemente com seus braços e pernas, desejando mantê-lo ali tanto como fosse possível. Ele a olhou fixamente aos olhos, seus próprios olhos eram selvagens, ferozes, intensos. Satisfeitos. Não importava quem ou o que se interpunha, eles se pertenciam.



Jack suspirou e rodou de cima de Moira. O exercício lhe havia enfraquecido muitíssimo. Sua ferida estava ardendo e sua cabeça estava pulsando, mas valeu à pena. Moira o olhou estreitamente, compreendendo que este tipo de atividade definitivamente não era recomendável para um convalescente. Alagou-a a culpa, e ela deslizou da cama.

—Isto não deveria ocorrer. Permita-me olhar sua ferida.

Jack a agradou, rodando sobre seu estômago. Soltando um suspiro de alívio, Moira viu que a atadura não mostrava nenhum sinal de ter sangrado. O doutor ia tirar os pontos amanhã, e ela teria certa dificuldade para explicar um novo sangramento.

—E bem, qual é o veredicto? —perguntou Jack com um toque de diversão.

—Acredito que não se tem feito nenhum dano, mas, para estar seguros, isto não pode acontecer de novo.

Quando não recebeu nenhuma resposta, os olhos de Moira se pousaram no rosto de Jack. Não se surpreendeu ao ver que ele dormiu. Pôs um cobertor sobre ele, vestiu-se e saiu da estadia silenciosamente. Tinha muito que pensar. A declaração de amor de Jack e a proposta subsequente foram totalmente inesperadas. Sem importar o que ele dissesse, ela não podia lhe permitir manchar seu título casando-se com alguém de uma classe inferior. Adquiriu seu título recentemente e não estava pensando com clareza. Tinha uma responsabilidade para com seus pares e valores que manter. Ele já não era Black Jack Graystoke, o perverso libertino. Era o Duque de Ailesbury, um antigo e honrado título, um que ele não podia manchar. Devia à memória de seu primo comportar-se com razoável dignidade. E isso significava casar-se com uma mulher de igual fila.

Uma hora depois, um visitante chegou a Graystoke Manor. Como Pettibone se foi para algum misterioso recado para Jack e não havia nenhuma criada à vista, ela respondeu a porta. Quando viu quem estava chamando, sua boca se abriu com surpresa.



—Moira! Já vejo que Lorde Graystoke a encontrou. Nunca perguntei como se conheceram vocês dois e não quero sabê-lo, mas ele certamente parecia decidido a encontrá-la quando me visitou — Lorde Mayhew, Conde de Montclair, estava de pé na soleira, sua alta e majestosa figura só ligeiramente dobrada com a idade. Moira empalideceu e teria se tornado e deslocado se pensasse que assim ele partiria.

—Lorde Montclair, não sabia que você e Jack eram conhecidos. Veio pelo colar? Eu não o roubei.

Montclair lhe dirigiu um olhar sobressaltado.

—Não é por isso que estou aqui. É imperativo que fale com Lorde Graystoke. Posso entrar?

Moira permaneceu firme no lugar, negando a entrada a Montclair.

—Lorde Graystoke não está recebendo. Está se recuperando de uma lesão.

O homem velho estudou sua cara.

—Que tipo de lesão?

—Não estou em liberdade de dizê-lo.

—Veja jovem dama, não tenho rancor contra você. Entendo que meu filho anulou todos os cargos, e eu não o questionarei. Lady Mayhew tem seu colar, e não estou seguro de que você o roubou em primeiro lugar.

—Isso fala bem de você, milord. Eu não roubei o colar.

—Seja como for, estou lhe dando o benefício da dúvida. Agora, ambos sabemos que já não sou jovem e não ficarei aqui de pé enquanto você procura desculpas. Insisto em ver lorde Graystoke.

O temperamento de Moira flamejou.

—Lorde Graystoke foi seriamente ferido. Precisa descansar. Não despertou ainda de sua sesta.



—Novamente pergunto que tipo de lesão sofreu?

—Muito bem, se você insistir. Ao Jack, disparou seu filho, milord. Um tiro nas costas.

O conde cambaleou sob o peso das palavras de Moira.

—Certamente está brincando.

—Desejaria fazê-lo.

—Isto é pior do que esperava — se lamentou ele — Esperarei até que Lorde Graystoke desperte.

—Está bem, Moira. Leve Lorde Montclairre acima. Irei recebê-lo.

Girando sua cabeça, Moira viu Jack parado no topo da escada. Pôs-se calças e uma camisa e estava apoiando-se pesadamente contra o corrimão.

—O que está fazendo fora da cama? — Moira não pôde menos que lhe gritar— Está seguro que pode receber companhia?

O olhar afiado de Montclairre se fixou em Moira, sua percepção aguçada apesar de sua idade avançada. Assumiu que Moira era a amante de Jack, mas agora compreendia que era mais profundo que isso.

—Deixa de me confrontar, Moira. Sou absolutamente capaz de tratar com isto.

Quando Jack voltou para sua antecâmara, Moira fez uma dura advertência.

—Acompanharei você à antecâmara de Lorde Jack, milord, mas você deve prometer não cansá-lo.

—Tentarei jovem dama — disse Montclairre — Mas devo chegar ao fundo disto. Envolve meu filho, não é assim?

Mantendo sua boca fechada, Moira lhe mostrou o caminho à antecâmara de Jack. Este estava sentado em uma poltrona de orelhas perto da lareira, esperando. Indicou a Montclairre que tomasse a cadeira situada frente a ele. Moira girou para sair.

—Não, Moira, não vá. Isto também a envolve. Quero que fique.



Se Montclair se sobressaltou pelas palavras de Jack, escondeu-o bem. Moira tomou assento cautelosamente na borda da cama, ruborizando-se quando recordou a maneira lasciva em que ela respondeu a Jack fazia menos de duas horas, nesta mesma cama. Seu olhar voou a seu rosto, procurando algum sinal que mostrasse se a exaustiva atividade fez algum dano e notou com alívio que ele parecia depravado e bem.

—Você desejava falar, milord? — disse Jack.

—Lamento-o profundamente, milord. Eu sabia que Roger tinha uma nervura selvagem, mas nunca imaginei que machucaria a alguém.

—Sabe?

Montclair enviou a Moira um olhar que disse tudo.

—Moira me disse isso. Desejo saber tudo, Ailesbury. Onde e por que meu filho o atacou? Minha razão para vir hoje era inquirir sobre as fofocas que ouvi em meu clube, algo sobre apresentar Moira em sociedade e pretender que ela fosse uma dama. Parece que meu filho foi o que a desmascarou. Quis perguntar a Roger sobre o tema, mas não o vi em dias. Lady Montclair está angustiada. Nem sei onde tem ele suas estadias.

—Não sei se está preparado para ouvir isto, Milord — começou Jack — Mas há coisas que você não sabe de seu filho. Ouviu falar alguma vez do Clube Hellfire?

Montclair empalideceu.

—Certamente, quem não? Mas que tem isso a ver com... Meu Deus, não querará dizer que Roger...?

—Certamente, você o suspeitava.

O conde pareceu doído.

—Supunha, mas a gente sempre tem esperanças. Sobretudo no que concerne a seu herdeiro.



—Seu filho raptou Moira de sua casa com o propósito de oferecê-la aos membros do Clube Hellfire. Moira saltou de um carro em movimento para escapar, e Roger equivocadamente pensou que estava morta. Por isso, partiu tão abruptamente para a França. Temeu ver-se envolvido em sua morte. Quando voltou e encontrou Moira viva, renovou seus esforços para usá-la nos ritos do clube.

—Meu Deus! Nunca me ocorreu que ele se tornou tão corrupto. Temo que o mimamos pecaminosamente. Desde o dia de seu nascimento, sua mãe e eu permitimos ser um desenfreado. Mas disparar em outro homem pelas costas é algo que não pode perdoar-se. Por quê? Por que o fez?

—Eu fui à propriedade de Lorde Dashwood onde seu filho levou Moira e a mantinha contra sua vontade. Planejava resgatá-la — dirigiu um tenro olhar a Moira — Mas resultou que Moira não necessitou de minha ajuda. Ela já escapara sozinha. Quando fui ajudá-la, seu filho se incomodou e me disparou.

—Sinto-o sinceramente, milord. O que planeja fazer? Notificou às autoridades?

—Não ainda — disse Jack — Em realidade, não decidi o que fazer.

—Imploro-lhe me permita dirigir isto a minha maneira — Montclair parecia envelhecer dez anos desde que entrou na antecâmara, e o coração de Moira se compadeceu dele — Se isto se fizer de público conhecimento, minha família será arrastada pelo barro. O título é antigo e venerável, e me mataria vê-lo manchado.

—Quais são suas intenções, milord? — quis saber Jack — Seu filho poderia me haver matado. Não posso simplesmente esquecê-lo.

—Assim que saiba onde tem Roger suas estadias, eu pessoalmente o porei a bordo do primeiro navio que parta para a América. Terá que subsistir com uma remessa até que alcance sua maior idade no próximo ano. Posso lhe assegurar que nunca voltará para as costas inglesas, enquanto eu esteja vivo. Além disso, instruirei a meus advogados para que



preparem os papéis nomeando meu filho menor meu herdeiro. Já que o título não está vinculado, posso fazer o que desejo. Isso o satisfaz, milord?

—Não tenho nenhum desejo de destruir um homem tão nobre como você, Montclair, ou trazer a ruína sobre sua família. Deixarei a questão em suas mãos.

—Eu sei onde Lorde Roger tem suas estadias — informou Moira aos homens — Aloja-se sobre o Galo e Galinha.

Jack lhe dirigiu um olhar sobressaltado, mas Montclair simplesmente assentiu e a agradeceu. Depois, agradeceu a Jack profusamente e se levantou para sair. Fez uma pausa na porta.

—Farei tudo o que possa para suprimir as fofocas referentes a você e Moira. É o mínimo que posso fazer. Perdoe-me, Moira, por ter duvidado alguma vez de sua honestidade.

—Dentro de pouco tempo, as intrigas não importarão — disse Jack — Vou casar-me com Moira.

A consternação de Montclair deu a Moira uma visão de como os membros da nobreza reagiriam se ela realmente se casasse com Jack. O escândalo o arruinaria. Para seu crédito, Montclair se recuperou muito bem.

—Desejo-lhes boa sorte.



Capítulo 15

Essa noite, enquanto jazia na cama, os pensamentos de Moira percorreram toda uma série de emoções. Deixar Jack era uma decisão dolorosa, uma que não era fácil de tomar. Casar-se com um duque estava fora de questão. Simplesmente não se fazia. A reação de Spence ao anúncio de Jack que ia casar-se com Moira indicou o quanto a decisão de Jack era equivocada. Spence ficou pasmado, por não dizer mais. Podia ser seu amigo, mas a amizade só se estendia até certo ponto. Sua silenciosa desaprovação sobre a intenção de Jack de casar-se com ela, disse mais que as palavras.

Mais cedo esse dia, Spence lhe fez uma visita. Quando ela deixou o quarto para procurar uns refrescos, atrasou-se o tempo suficiente do outro lado da porta para ouvir Spence dizer:

— Está pisando em chão perigoso, velho amigo. Concedo-lhe que Moira é uma beleza, mas agora tem um dever com a sociedade. Ainda não foi totalmente exonerado pela brincadeira que fizemos. Tome Moira como sua amante, mas não brinque com a sociedade se casando por baixo de sua categoria. Black Jack podia burlar-se da sociedade e sair-se com a sua, mas o Duque de Ailesbury deve seguir certas regras.

Ela não escutou a resposta de Jack, porque fugiu chorando. O que Spence disse era verdade. Quanto mais tempo ficasse, mais difícil seria ir embora. Amava muito Jack para arruiná-lo. Não revelou ouvir, por acaso os comentários de Spence, enquanto tranquilamente fazia planos.

Moira ainda estava totalmente acordada quando chegou à meia-noite. Seu corpo se negava a aceitar o que sua mente sabia com certeza: não poderia ter Jack Graystoke.



Infelizmente, seu corpo recordava cada mágico matiz da forma em que ela e Jack faziam amor, cada toque, cada carícia. Ela ardia. Tão quente, tão imensamente ardente. Retirando as mantas, tentou liberar sua mente das coisas íntimas e maravilhosamente malvadas que Jack fez e falhou estrepitosamente. Embora não pudesse tê-lo, nunca deixaria de desejá-lo ou necessitá-lo. Nunca deixaria de amá-lo.

Jack caminhava inquieto por seu quarto. Seu rosto era furiosamente selvagem, seu corpo tão tenso como a corda de um arco. Por alguma razão, Moira o evitou desde que propôs matrimônio a ela. Graças a Deus, ela não ouviu Spence expressar sua desaprovação por seu matrimônio, pensou agradecido. Mas ele estava decidido. Desejava Moira, e não havia dúvidas de que ia tê-la! Não estava seguro de que gostasse deste assunto do ducado. Ninguém nunca se importou com o que fizesse antes que lhe jogassem o ducado em cima. Por que deveriam se importar agora? Ser respeitável não era o que parecia, decidiu.

Realmente mudou tanto? Perguntou-se Jack. Beber já não o interessava, e jogar já não o atraía. Perseguir mulheres ainda exercia certa atração, mas a única mulher que desejava levar à sua cama era Moira. Que demônios aconteceu? Não fazia muito tempo, estava satisfeito com sua existência, e, então, um intrometido fantasma entrou em sua vida. Sinceramente, esperava que Lady Amélia estivesse satisfeita e voltasse para o escuro passado onde pertencia.

“Ainda necessita de mim.”

As silenciosas palavras bateram contra as paredes de seu cérebro. Ele girou sobre seus pés, e ali estava ela.

—Perdoe-me. Reconheço que você me dirigiu para Moira, mas não tenho mais necessidade de você, milady. Enviei Pettibone para conseguir uma licença especial para que Moira e eu possamos nos casar. Neste momento, já está em meu escritório.



“Ela não o aceitará.”

—O que disse? Claro que Moira me aceitará.

A luz interior de Lady Amélia flamejou com irritação, depois, minguou.

—Maldição, milady, se não queria que me casasse com Moira, para que a pôs em meu caminho?

“Você necessitava dela.”

O fantasma inclinou sua cabeça e olhou fixamente a Jack. Uma estranha sensação arrepiou sua pele.

—Eu não nego isso. E também a amo — admitiu-o sem vergonha.

Lady Amélia assentiu compreendendo perfeitamente, depois, sacudiu sua cabeça em vigoroso rechaço.

—Que demônios significa isso? Você me confunde.

“Ande com cuidado. Forças escuras o rodeiam.”

Jack a olhou de forma sobressaltada.

—O perigo já não existe. Nada nem ninguém afastarão Moira de mim. Suas constantes aparições tiveram sua recompensa. Lúcifer já não é meu amo, e provavelmente permanecerei repugnantemente sóbrio pelo resto de meus dias. Jogar e perseguir mulheres já tem pouco atrativo, temo que a perdição já não me aceite. Pode retornar para qualquer lugar que os fantasmas vão quando não estão interferindo nas vidas das pessoas.

“Não deixe que se vá.”

Jack olhou fixamente ao fantasma com desconcerto. Não tinha ideia de como conseguia comunicar-se com ele, mas entendia cada palavra embora não emitisse nenhum som. Se ela podia transferir seus pensamentos, por que não podia explicar o que queria dizer? Quando abriu a boca para expressar sua queixa, Lady Amélia estava se misturando



lentamente com as sombras, deixando atrás uma vaga bruma que não havia nada parecido com o brilhante espírito de sua intrometida antepassada.

Jack retomou sua caminhada, meditando sobre as palavras de Lady Amélia. O que estava tentando lhe dizer? Onde estava o perigo? De repente a necessidade de ver Moira o afligiu. Imaginava-a nua, tão belamente nua e suave, estendida sob seu duro corpo, sua mão escura descansando sobre a branca coxa dela. Recordou seus seios e sentiu uma sacudida de calor queimando-o. Imaginava o triângulo entre suas coxas, coroados com cachos de uma cor dourada avermelhado, tão tentadores que venderia sua alma ao Diabo, para estar agora dentro dela e explorar o secreto caminho que dava um prazer incomparável.

Era inquietantemente consciente de que Moira o evitava, e isso o perturbava. O quase incandescente impulso por vê-la, por confirmar que ela ainda estava ali, em sua casa, em sua vida, golpeou-o energicamente. Vestido só com calções muito ajustados, Jack tomou um candelabro e silenciosamente saiu de seu quarto.

Movendo-se e dando voltas desveladas na enrugada cama, Moira ouviu o rangido da dobradiça da porta e se ergueu. Ofegou consternada quando viu a poderosa forma de Jack emoldurada em um nimbo dourado de luz. Exalou bruscamente quando ele entrou e fechou a porta atrás dele.

Jack sustentou o candelabro em alto, encontrando com facilidade Moira sentada em um atoleiro de luz de lua sobre a cama, seu cabelo caía sobre seus ombros como uma brilhante capa acobreada. Ele se aproximou da cama como em transe, instantaneamente duro, tão malditamente necessitado que doía. Recordava vivamente como se sentia estar enterrado no mais profundo dela, rodeado pela úmida promessa de sua carne. Moira o olhava fixamente, incapaz de falar além do nó em sua garganta.



As palavras foram desnecessárias enquanto Jack baixava cuidadosamente a vela e se aproximava dela. Deslizando-se a seu lado na cama, tomou em seus braços e a beijou vorazmente. Moira fechou seus olhos e correspondeu o beijo, desfrutando do puro êxtase que lhe produzia enquanto um lânguido calor corria através dela. O beijo foi maravilhoso, cheio de um tipo de magia e intensidade que ela desejava recordar quando se fosse.

—Não deveria estar aqui — sussurrou Moira, quando ele se afastou de sua boca — O que aconteceria se alguém o visse? Os serventes já estão mexericando sobre nós.

—Ao diabo as intrigas! Além disso, ninguém anda por aqui a estas horas da noite. E, embora fôssemos descobertos, faria pouca diferença. Estou totalmente recuperado, e nos casaremos em um ou dois dias. Tomei a liberdade de conseguir uma licença especial. Enviei Pettibone a meu homem de negócios, e ele se ocupou de todos os detalhes. Não pode escapar de mim, amor.

Moira negou com a cabeça tristemente.

—Esperava que a esta altura, recuperasse a prudência. Eu não desejo criar um escândalo maior ou arruinar sua vida.

—Fala muito. Odeio vir às escondidas a sua cama. Quero fazê-lo legalmente. Quero que todos saibam que é minha. Estou seguro que nenhum dos discípulos, salvo Mayhew, Dashwood e Wilkes, sabe que estive na propriedade de Dashwood essa noite. Nenhum deles falará por medo de incriminar-se. Não haverá nenhum escândalo.

—O escândalo ocorrerá quando se casar com uma imigrante irlandesa sem um penique.

—Não desejo ouvir outra palavra — disse Jack com voz mais cortante do que pretendia — Pode abrir a boca, mas só para me beijar.

Ela abriu a boca para fazer uma réplica mordaz, e Jack tomou vantagem de seus lábios abertos, capturando-os com os seus e empurrando sua língua na boca dela. Seu beijo



foi selvagem, possessivo, seu rosto feroz em seu ardor. A resistência de Moira se fundiu como manteiga quente, quando sentiu a boca dele assolando a sua e sua língua pinçando profunda e ousadamente. Devolveu o beijo, com todo o amor que tinha em seu coração.

Despojando-se de seus calções, Jack a apoiou de costas sobre a cama. Nunca ansiou tanto possuir uma mulher. Estava em chamas, queimando-se, faminto. Separou-lhe as pernas, ajoelhou-se entre elas e em seguida tirou a camisola, olhando e passando suas mãos pelo ruborizado corpo dela. Era deliciosa. Seu rosto era tão adorável como o de um anjo; seus excitados seios estavam cheios e inchados, e suas suaves coxas tremiam com desejo. O ardente olhar dele se atrasou longamente, tensos momentos entre suas coxas enquanto acariciava o montículo de cabelo acobreado, então, afundou seu dedo em sua melosa doçura.

Ele ouviu seu suave ofego de excitação, pelo menos, esperava que fosse de excitação e não de protesto, e baixou seu olhar para vê-la olhando-o fixamente, seus olhos dilatados e seus lábios abertos.

—Não tenho nenhuma vontade no que a você concerne — se queixou Moira com um ofegante gemido.

—Isso é exatamente o que quero. Você me pertence, Moira.

Ele se localizou sobre ela, apoiando seu peso nos cotovelos para evitar esmagá-la enquanto beijava seus lábios, sua garganta, depois tomando um seio em sua boca, brincando com sua língua sobre o tenso mamilo.

Moira gemeu delirante. Ele se sentia tão maravilhosamente tenso contra ela, com a quente carne de seu maciço peito pressionando contra seu estômago e movendo rapidamente sua língua sobre seu tenso mamilo. Quando ele se levantou ligeiramente e deslizou sua mão entre suas pernas e dentro dela, o estímulo de suas mãos e boca foi tão agudo que Moira gritou e se retorceu frenética.



De repente, Jack trocou as posições, pondo a ambos de lado e curvando-se atrás dela como uma colher.

—Eleve sua perna, querida — ela o fez com impaciência e o sentiu deslizar-se grosso e duro dentro dela.

A quente e úmida estreiteza de sua vagina o fez perder o controle de seus sentidos. Ela era irresistível; tão docemente formada e toda dele. Ele a devorou como um homem faminto, empurrando, retirando-se, suas mãos acariciando seus seios e mamilos e sua boca deixando cair pequenos beijos em seus ombros, pescoço e costas.

Moira se aferrou ao lençol em um frenesi de insofrível prazer. Seu coração estava pulsando furiosamente, sua respiração aguda e grosseiramente errática. Estava ardendo com o calor e a dureza dele. Arqueou ferozmente suas costas, encontrando seus impulsos com selvagem entusiasmo. Jack se afundou repetidamente nela, seus suaves gemidos de prazer multiplicando seu próprio prazer por dez. Com rápidos e destros golpes, ele levou a ambos até a borda, para depois lançá-los por cima e além. Moira gritou, depois ficou flácida.

Retirando-se brandamente dela, Jack a atraiu a seus braços, limpou suaves mechas de cabelo de sua testa úmida enquanto esperava que seu galopante coração voltasse a seu ritmo normal.

—Durma amor. Depois que estejamos casados, dormirá em meus braços todas as noites.

Moira dormiu. Jack olhou fixamente seu ruborizado corpo, banhado pelo suor e a luz dourada da vela. Amo você, pensou ele, e as palavras foram tão dolorosas como doces. Quem pensaria que um libertino como ele se apaixonaria? Bem, possivelmente Lady Amélia, pensou pesaroso. Encolerizava-o pensar que o imperfeito julgamento de Moira não a permitiria casar-se com um homem tão por cima dela em fila. Não gostava de pensar mal dos mortos, mas, se seu primo não morresse tragicamente, ele não estaria encarregado de um



ducado que não queria nem merecia. Desde que o tinha, não podia fazer nada menos que levar o título com dignidade.

O baixo retumbar de uma risada ferveu em seu peito. Se alguém falasse, seis meses atrás, que Black Jack Graystoke se voltaria respeitável, ele riria em sua cara. Seu conhecido trato com o Diabo quase lhe assegurou um lugar na perdição, e esperou com prazer conhecer Lúcifer em pessoa. A libertinagem se tornou um estilo de vida; não conhecia nenhum outro. Vivia para o prazer. Embora não caísse tão baixo como os discípulos do Clube Hellfire, o único que o impediu que se unisse a suas filas foi seu alto respeito pelas mulheres. Em sua opinião, nenhuma mulher merecia a desonra. E Jack gostava muito das mulheres para degradá-las como os membros do Clube Hellfire faziam a suas vítimas.

Jack teve a intenção de procurar sua própria cama depois de fazer amor com Moira, mas durante suas meditações, seu corpo o traiu. Ou possivelmente inconscientemente não podia suportar deixar Moira. O sono o reclamou rápida e profundamente. Com Moira descansando entre seus braços, deslizou sem esforço para o sono.

* * *

Nem o ruído metálico do fecho da porta nem o tamborilar de passos despertou os dormidos amantes. Não foi até que Jilly abriu as cortinas, viu os amantes dormindo e gritou, que Jack e Moira despertaram assustados.

—Oh, senhorita, milord, e-e-eu s-s-sinto muito – gaguejou Jilly, enquanto jogava seu avental sobre sua cabeça gemendo.

Foi Jack quem reagiu primeiro, puxando o lençol para cobrir sua nudez.

—Não ocorre nada, Jilly. Detenha seus lamentos. Pode ir e retornar para assistir a sua senhora em trinta minutos.



—Sim, milord — disse Jilly, saindo do quarto como uma gama assustada.

Apenas a porta se fechou, Moira se voltou para Jack, seus olhos dourados ardendo com fúria.

—O que ainda está fazendo aqui? Compreende o que tem feito? Meu Deus. Fez isto de propósito, não? Não serei forçada a me casar, não importa o que faça.

—Maldição, Moira, não quis que isto ocorresse. Estava totalmente decidido a ir antes que a casa despertasse — lhe dirigiu um sorriso torcido — Embora não posso negar que eu gostei de dormir toda a noite com você em meus braços. Agora, terá que se casar comigo. Negar já não é uma opção.

Moira estava tão zangada que tremia.

—Entrou em meu quarto sem convite, seduziu-me, deliberadamente permitiu que os serventes nos encontrassem juntos. Eu não mereço que me trate assim.

O temperamento de Jack flamejou.

—De que demônios está falando? Isto não foi deliberado.

A ira de Moira fermentava perigosamente.

—Acredito que deveria ir.

—Está louca? Aonde irá?

—Não posso viver como sua amante. Quero ir à minha casa, a Irlanda.

—Nunca pedi que fosse minha amante — sua voz foi fria, seus olhos escuros e severos — Está sendo ridícula. Maldição, Moira, não me faça lamentar de pedir que se case comigo.

—Foi um engano — argumentou Moira — Nunca deveria haver me proposto isso. Eu... Não o amo — mentiu ela — Não estou preparada para dirigir o escândalo que se desatará, se me caso com você. Cedo ou tarde, minha relação com o Clube Hellfire se voltará de conhecimento público — Ela tinha a esperança de que isso não ocorresse, mas já disse



que se casando com ele causaria um escândalo, e não a incomodava o mínimo. Dependia dela salvá-lo dele mesmo.

A expressão de Jack era austera, sua voz lisa e sem emoção.

—Ao diabo com o amor. Não irá, e isso é definitivo. Deu-me sua virgindade, pertence-me. Se eu não posso ter você, ninguém mais a terá — sua irritação a queimou — Será minha amante. Estabelecerei você em alguma parte e a visitarei quando me convier — Ele podia ser tão frio e insensível como ela.

Suas desapaixonadas palavras gelaram Moira até os ossos. O que fez? Matou o amor que ele sentia por ela? Realmente a faria sua amante? O estreito e escuro olhar em sua cara lhe disse que ele era capaz de algo. Parecia e soava como o antigo Black Jack, o corrompido libertino que foi quando eles se encontraram pela primeira vez.

—Deixarei você saber quando tudo esteja arrumado. Seremos discretos sobre nosso pequeno... Acerto. Verá que sou um amante generoso.

O rosto de Moira passou por distintos tons de vermelho. Doce Virgem, como podia tratá-la assim? Ela não era nenhuma prostituta. E aí terminava o amor, pensou ironicamente. Deveria saber que Black Jack Graystoke estava muito fundo na libertinagem para mudar.

—Vá para o inferno! — gritou Moira — Não quero nada de você.

A raiva de Jack fez erupção em uma enxurrada de maldições que teriam chamuscado as orelhas de uma estátua. Não podia recordar estar alguma vez, tão condenadamente zangado. Parecia que Moira só o desejava pelo prazer que ele podia dar. Se isso era tudo o que queria, daria todo o prazer que ela pudesse suportar. Devotou-lhe respeitabilidade, seu nome, tudo o que ele possuía, e ela o rechaçou. Quanto mais pensava no assunto, mais se zangava.

Jack afastou sua larga figura da cama e colocou os calções com zangados puxões. Lágrimas rondavam pelos olhos de Moira, enquanto ela o olhava. Tentou convencer a si



mesma que, ao rechaçar sua proposta, ele estava voltando-se odioso, que realmente não pensava no que dizia. Não compreendia quanto a estava ferindo? Ela estava fazendo um favor a ele; inclusive seu melhor amigo insistiu que não se casasse com ela.

—Não tem motivo para ser tão odioso comigo. Por que está fazendo isto?

Algo escuro e perigoso passou sobre seus belos traços.

—Essa é uma pergunta estúpida, Moira, e não merece uma resposta. Pense no que ocorreu ontem à noite entre nós. Com sua negativa a se casar só posso concluir que não sente nada por mim. Desfruta do prazer que lhe dou, ainda assim, procura débeis desculpas para evitar um compromisso. Quer a verdade, Moira? Preferia ter uma amante antes que uma esposa. Só perguntei por que pensei que era o que você queria — virando-se abruptamente, saiu furiosamente do quarto.

Os olhos de Moira o seguiram. A excitante vista das firmes curvas de suas nádegas e fortes coxas envoltas na camurça ajustada a fez estremecer e arder. O suor brotou de sua testa quando recordou como apertava suas nádegas enquanto ele se afundava nela e a sensação dos largos músculos de suas coxas rodeando-a. Por cima de seu cinturão, suas largas costas se esticavam com nodosos tendões, e, quando ele se esticou para abrir a porta, recordou a forma em que seus bíceps se avultavam, quando ele se sustentava sobre ela. Moira mordeu sua língua para evitar voltar a chamá-lo.

Poderia odiá-la agora, mas, algum dia, agradeceria seu sacrifício. Sempre suspeitou que ele não quisesse uma esposa e acabava de confirmar suas suspeitas. Deveria saber que ela nunca consentiria ser uma mulher mantida, escondendo sua vergonha em uma pequena e ordenada casa, aonde ele viria a ela ao final da noite, e sairia antes da luz da alvorada. Não, decidiu Moira, iria muito antes que os acertos fossem feitos.



Jilly não mencionou encontrar Moira e Jack juntos na cama, e Moira suspeitou que Jack falou com ela. Não importava agora a casa inteira sabia que ela era a amante de Jack. Tanto Matilda como Pettibone estavam claramente desgostados com as fofocas que circulavam pela casa sobre Moira e Jack e tentaram suprimi-los. Pettibone estava convencido de que Jack faria o correto com Moira, sobretudo depois de passar pelos problemas de procurar uma licença especial para casar-se.

Pettibone foi o primeiro em notar a mudança em seu dissoluto amo depois que Moira entrou em sua vida e ficou pasmo essa manhã quando Jack lhe disse que não pensava usar a licença e que ia encontrar uma casa para Moira. Pettibone sabia o que isso significava e não gostou nada. Temia que seu amo voltasse para seus pervertidos costumes.

—Isto é uma confusão — disse Pettibone a Matilda — Até um parvo pode ver que ambos estão apaixonados. Eu gostaria de sacudir Sua Senhoria até que recupere a sensatez. Como pode tratar Moira assim? É óbvio que ela era uma inocente até que caiu em suas mãos.

—Possivelmente não conhecemos toda a história — sugeriu Matilda — Tenho a sensação de que as coisas se arrumarão. Escute minhas palavras, Sr. Pettibone, algum dia, esses dois encherão esta casa de meninos.

Os olhos de Pettibone cintilaram alegremente.

—Você é uma mulher sábia, Matilda. Agradeço a Deus por trazê-la a minha vida. Eu já não sou jovem, mas você me faz sentir cheio de vigor, juro-o.

—E eu não sou nem jovem nem bonita. Sou uma solteirona, Sr. Pettibone. Tudo o que conheço dos homens é o quão vis e indisciplinados podem ser. Estou agradecida por homens como você e Sua Senhoria.

—Silvestre.

—O que?



—Meu nome é Silvestre. Iria sentir-me honrado se você me chamasse Silvestre quando estivermos sozinhos.

—Silvestre — repetiu Matilda timidamente — É um... Lindo nome. Sinto-me honrada de chamá-lo Silvestre.

Pettibone pensou em seu encantador sorriso e desejou poder mantê-la ali para sempre.

—Sobre o que estão mexericando vocês dois? — quando Jack não pôde encontrar Pettibone acima, dirigiu-se para a cozinha. Não se surpreendeu de encontrar seu homem com Matilda.

As mãos de Matilda tremeram desamparadamente.

—Oh, milord, não estávamos mexericando, juro-o. Silvestre e eu estávamos simplesmente discutindo os assuntos da casa — seu rosto carmesim disse a Jack que esses "assuntos" envolviam ele e Moira. Decidiu deixá-lo passar sem comentários e concentrar-se em algo um pouco mais agradável.

Sua boca se torceu com o princípio de um sorriso, o primeiro desde que deixou a cama de Moira mais cedo. De algum modo conseguiu controlar-se.

—Silvestre? Poderiam me dizer quem é Silvestre?

Pettibone esclareceu sua garganta e olhou Jack aos olhos.

—Eu sou Silvestre, milord.

—Silvestre? — repetiu Jack, sacudindo sua cabeça com incredulidade — Como conseguiu mantê-lo escondido todos estes anos? Que eu saiba ninguém jamais soube seu primeiro nome, ou inclusive que tivesse um.

—É um bom nome, não é certo, milord? — disse Matilda, olhando Pettibone com um carinho pouco comum.



—Em efeito — esteve de acordo Jack, enquanto controlava a risada. Pela maneira em que Pettibone o estava olhando, assumiu que o velho réprobo estava lhe advertindo que não repetisse o que acabava de escutar.

—Buscava-me por algo em particular, milord? — perguntou Pettibone, recuperando sua dignidade.

—Desejava informá-lo que estarei fora à maior parte do dia, procurando uma casa. Pettibone ficou rígido.

—Muito bem, milord. Espero que Lady Amélia entenda — resmungou, enquanto Jack deixava a cozinha.

Quando Moira se inteirou do que Jack estaria fora todo o dia, tomou vantagem de sua ausência. Por mais que odiasse fazê-lo, tomou suficientes recursos da caixa forte do escritório de Jack para comprar a passagem à Irlanda. De algum modo, o devolveria, jurou, enquanto calculava quanto necessitaria para chegar a salvo em casa. Mais tarde, quando era menos provável que os da casa notassem sua ausência, saiu furtivamente, contratou um carro de aluguel para que a levasse ao porto e encontrou um navio que sairia para a Irlanda no dia seguinte. Voltou antes que Jack retornasse para casa na última hora da tarde.

* * *

“Tolo!”

Jack se sentou de um salto, envolvendo-se com o lençol enquanto procurava no quarto escuro à sua visitante noturna. Lady Amélia estava parada junto à janela, de costas a ele.

“Tolo. Por que não fez caso a minha advertência?”



—Maldição, milady, você não compreende. Eu ofereci matrimônio a Moira, e ela me rechaçou rotundamente. É óbvio que não me quer como marido. Por conseguinte, serei seu amante e protetor. Ela tem a louca ideia que se casando comigo arruinará minha vida. Maldição! Se ainda fosse Sir Jack em lugar de Lorde Jack, Moira não seria contrária a casar-se comigo. Por outro lado — meditou cuidadosamente — se seguisse sendo Sir Jack, me casaria com Lady Vitória, e isso seria uma tragédia.

Lady Amélia não se aplacou. Girou em uma espuma de luz iridescente e desapareceu em uma nuvem de fumaça.

—Maldição, igual a todas as mulheres — murmurou Jack, cavando seu travesseiro e voltando a deitar-se.

Necessitava de uma bebida, mas temia que, se voltasse para seus antigos costumes dissolutos, Lady Amélia voltaria e o atormentaria pelo resto de seus dias. Tinha muitos problemas sem que um espírito zangado lhe complicasse a vida. Fechou os olhos e tentou dormir. Quando isso não funcionou, provou recordando com vívidos detalhes cada aspecto erótico do delicioso corpo e as deleitáveis curvas de Moira. Ainda estava zangado, ainda estava enfurecido com ela por rechaçá-lo. Desejava entrar em sua antecâmara e sacudi-la até que entrasse em razão.

Mas, depois de considerá-lo cuidadosamente, decidiu que uma amante era muito menos problemática que uma esposa. Podia imaginar muito bem a reação de Moira quando lhe dissesse que arrendou uma casa para ela. Moira o encolerizou tanto que partiu em um impulso. Mas teve sorte de encontrar um lugar perfeito. Felizmente, agora tinha os recursos para manter uma amante com estilo. De uma coisa estava seguro: ela não ia deixá-lo. Ele a desejava e, definitivamente, ia tê-la. Queria-a como esposa, mas se conformaria com uma amante.



Moira fechou fortemente os olhos para impedir que as lágrimas caíssem. Pensar que essa era a última vez que dormiria nesta cama era desolador. Se tão somente pudesse sentir os braços de Jack ao seu redor uma última vez, pensou com crescente tristeza. Experimentar o maravilhoso regozijo de sua forma de fazer amor. Sentir o vibrante poder de seu corpo entrando no seu, consumindo-a em ardente esplendor. Desgraçadamente, as ofensivas palavras de Jack levantaram uma parede entre eles que parecia impossível de romper. Sua própria irritação não foi menos desalentadora. Sem importar se sentia o que disse ou não, seus insultos a feriram profundamente.

De repente, Moira sentiu uma misteriosa presença. Seus sentidos despertaram; seus nervos estremeceram. Seu coração pulsava furiosamente, e gotas de suor brotaram em sua testa. O que sentia era surrealista, algo além de toda razão ou explicação. Investigou o quarto, seu olhar revooou de esquina a esquina, de sombra a sombra, seu coração pulsava como o martelo de uma báscula. Quando descobriu uma figura vestida em um vestido claro, gritou assustada.

Lady Amélia enviou a Moira um olhar escrutinador, e pareceu evaporar-se através da porta fechada, deixando um atalho de bruma em sua esteira.

—Espere! Não se vá. Quem é você?

Saltando da cama, Moira abriu de um puxão a porta, olhou com o passar do vestíbulo e viu o fantasma fazer uma pausa frente ao quarto de Jack. Viu com apreensão como o fantasma desaparecia no quarto de Jack, atravessando a porta fechada. Sem considerar as consequências, Moira irrompeu precipitadamente na antecâmara.

—Onde está ela?

Jack se sentou, pestanejando incrédulo. Estava sonhando?

—É você, Moira? O que ocorre? Está doente?



Os pés nus de Moira deslizaram sobre o danificado tapete, enquanto se aproximava da cama.

—Estou bem. Ela entrou aqui. Eu a vi.

Esfregando os olhos para despertar, Jack envolveu um lençol ao redor de seu quadril, levantou-se da cama e acendeu uma vela.

—Viu quem?

Moira começou a tremer temerosa de estar ficando louca. A resplandecente luz da vela revelou um quarto vazio salvo por ela e Jack.

—Ela entrou aqui; sei que o fez — sua voz continha um pinga de pânico.

O tremor de Moira se voltou tão pronunciado que Jack pôs um braço ao redor de seus ombros e a levou para cama.

—Está gelada. Coloque-se na cama e me diga que viu. — Quando Moira se mostrou relutante, Jack a tomou em braços e a levou a sua cama. Logo, a cobriu com uma manta e deslizou ao lado dela. — Agora, me diga que é o que te assustou tanto.

O bem-vindo calor do corpo de Jack a rodeou, a aliviou, a fez sentir-se abrigada e segura. Não precisava tocá-lo para dar-se conta da força contida nele.

Moira tragou saliva e lambeu seus lábios.

—A princípio, pensei que era simplesmente a luz da lua brilhando através da janela, mas então compreendi que estava vendo uma espécie de estranho fenômeno. Era um fantasma; estou segura disso. Não poderia jurar, mas estou segura de que o fantasma era uma mulher.

—Uma mulher? — perguntou Jack consternado. Segundo o que sabia da história de Graystoke, Lady Amélia nunca apareceu ante alguém que não era da família — Como era? O que vestia? Assustou-a?



—Vi uma luz — meditou Moira, vagamente consciente de que não sentiu medo, só curiosidade — Não era para nada atemorizante. A figura de uma mulher apareceu dentro da luz, embora como soube isso, não estou segura.

—Disse algo?

—Nenhuma palavra. Saiu através da porta fechada antes que conseguisse vê-la bem. Eu me apressei a segui-la pelo vestíbulo e a vi entrar em seu quarto, de novo, através de uma porta fechada — ela avermelhou e afastou o olhar — Sinto, devo estar sonhando. Não o quis perturbar. Esteve mal por minha parte irromper em seu quarto sem bater.

—Não posso acreditar que viu Lady Amélia. Ela não está acostumada aparecer frente a alguém que não seja da família.

—Lady Amélia — repetiu Moira, imensamente aliviada — Pensei que estava ficando louca. O Sr. Pettibone me contou sua história. É bastante triste.

Jack percorreu seu rosto, dourado com a luz da vela e dolorosamente formoso. Seus olhos quentes e da cor do mel, olhavam-no fixamente, e seus lábios vermelhos eram o suficientemente doces para saboreá-los. Sentiu um intenso calor começar em sua virilha e fluir espesso e quente através de suas veias. Desejava-a. Ela era sua amante, e não havia nenhuma razão pela qual não devesse aproveitar-se de seus encantos, verdade? Ela estava aqui, em sua cama, embora fosse uma intrometida fantasma quem a trouxe a seu quarto, e ele definitivamente ia aproveitar a oportunidade de fazer amor com ela.

—Ainda está assustada? — perguntou Jack.

Moira sacudiu sua cabeça.

—Já não — Como podia estar assustada com os fortes braços de Jack rodeando-a? Podia sentir os pêlos em suas pernas cravando sua pele e... Ficou imóvel, compreendendo que Jack estava nu sob os cobertores. Exalou grosseiramente, todo pensamento derrapando até deter-se.



—Está bem, Moira? — disse Jack, confundindo sua quietude com medo — Pessoalmente, não acredito em fantasmas — olhou ao redor do quarto procurando seu malicioso antepassado e rezou para que ela o perdoasse — Mas Lady Amélia é uma alma bem-intencionada, embora um pouco intrometida.

—Não estou assustada. Estou... — sua voz vacilou — Oh, Deus, sequer posso pensar. Não deveria irromper assim.

—Você é minha amante, tem todo o direito a estar aqui em minha cama — suas palavras descuidadas a feriram no mais profundo.

—Apesar de todos seus grandes planos, eu não sou sua amante, nem o serei nunca — replicou Moira asperamente.

—É uma mulher condenadamente exasperante, Moira Ou'Toole — disse Jack com aspereza — Negou-se a se casar comigo uma vez, e não perguntarei de novo. A Black Jack Graystoke, nunca faltou orgulho. Desgraçadamente, não posso resistir a você. É pura tentação, senhorita.

Sua boca se moveu sobre a dela com lenta sedução, sua língua era como uma arma do Diabo, enquanto pinçava dentro e explorava as doces profundidades. Antes de afundar-se em um abismo de pecaminoso prazer, Moira se convenceu de que Jack era mais Diabo que homem. Enquanto seus narcotizantes beijos fundiam seus ossos, ela desejava ter o valor para permanecer com ele e arruinar sua vida.

—Seus braços e beijos levam a perdição, Lorde Graystoke — disse Moira, afastando-se dele com muito esforço — Não sou sua prostituta, e não pode me tratar como uma.

Tirou forças de sua irritação para sair da cama com um salto e fugir da antecâmara de Jack.



—Está equivocada, Moira — disse Jack, enquanto ela saía — Você é minha, da forma em que a deseje. Pode correr agora, mas não irá longe. Eu fui Black Jack mais tempo de que fui Duque de Ailesbury, e Black Jack sempre tem recursos para conseguir o que quer.

Doce Cristo jurou baixo, como pôde uma mulher fazê-lo cair tão baixo?



Capítulo 16

Moira despertou com um dia cinza e aborrecido envolto em névoa que parecia tão deprimente como ela se sentia. Sua embarcação saía ao meio dia, e, contra vento e maré, ela estaria ali. Não podia casar-se com Jack e não seria sua amante. Depois da maneira como ele a tratou na noite anterior, sentia-se como se já não o conhecesse. Entendia que rechaçar sua oferta de matrimônio ferira seu orgulho, mas nunca imaginou que ele pudesse atuar tão odiosamente. Todos os homens eram tão suscetíveis, perguntou-se abatida, ou Jack estava mostrando sua verdadeira forma de ser? Em realidade, nunca chegou a ver seu lado escuro, só o bom, e rogava que sua repentina mudança não fosse permanente. Amando-o como o fazia, era difícil acreditar que se comportou tão insensível.

Decidida a não tentar o destino tomando o café da manhã com Jack, Moira utilizou esses momentos para guardar um par de coisas em uma pequena bolsa que encontrou no armário. Temia perder novamente a coragem para partir, se visse Jack. Seu alívio foi profundo quando, através da janela, viu-o subir à carruagem dos Ailesbury.

O carro ficou em marcha e desapareceu na névoa. O som dos cascos dos cavalos sobre os calhaus desapareceu com um ressonar oco e sinistro.

Quando Jilly chegou com a bandeja do chá e torradas, Moira já escondera a bolsa sob a cama e se acalmou. A pequena criada, ainda agitada por encontrar Jack e Moira na cama, apenas a olhou quando acomodou a bandeja e perguntou se havia algo mais que sua senhora necessitasse.

—De fato, há algo — disse Moira enquanto compunha em seu rosto uma doída expressão. —Tenho uma terrível dor de cabeça. Peça a Matilda que me prepare uns pós para a dor e, logo, se assegure de que ninguém me perturbe durante o resto do dia.



Provavelmente, durma todo o dia. Utilize esse tempo para fazer algo que queira; não necessitarei de você por várias horas.

—Oh, Srta. Moira, obrigado — gorjeou Jilly — Colin disse que me levaria para ver minha família na primeira oportunidade que tivesse. Mamãe tem má saúde.

—Então, é obvio vá — Insistiu Moira — Diga a Pettibone que lhe dei permissão para visitar sua família e que Colin deve a levar no carro.

—Sim, senhora. Trarei seu remédio para a dor de cabeça, em seguida. E lhe agradeço de novo. Estive muito preocupada com minha mãe — se voltou para sair, então fez uma pausa — Eu não penso menos de você por... Não tem importância o que dizem, você é uma boa mulher — dito isso, fugiu da estadia.

A expressão de Moira se voltou solene, quando observou Jilly sair do quarto. As palavras da criada serviram para confirmar sua crença de que ela e Jack eram a fofoca de Londres. O escândalo que os rodeava provavelmente não desapareceria até que outro mais notável ocupasse seu lugar. Sua decisão de deixar Jack não foi tomada rapidamente, e sabia que era o melhor. Ontem à noite, Jack a fez sentir como uma prostituta, e não a agradou ser tratada dessa maneira. Seu temperamento foi imponente e suas palavras desprezíveis. Como se atrevia a pensar que podia mantê-la como amante contra sua vontade!

A casa estava silenciosa. Jilly saíra com Colin, e fazia só alguns minutos que escutou que Pettibone e Matilda deixavam a casa para ir ao mercado. Com Pettibone fora, as faxineiras provavelmente estavam relaxando na cozinha, enquanto bebiam chá e mexericavam. O relógio do salão acabava de marcar as nove, e Moira tinha três horas para chegar ao porto de Londres e abordar o Rainha Esmeralda.

O vestíbulo estava vazio, quando Moira abriu a porta e apareceu com cuidado. Recuperando sua bolsa de debaixo da cama, deixou sua antecâmara em silêncio e desceu as



escadas principais sem inconvenientes. Só teve um momento de preocupação quando, ao sair, a porta principal chiou.

A úmida neblina enviou correntes geladas ao longo de suas costas, mas agradeceu a forma em que a neblina cinza envolvia sua diminuta figura ocultando-a. Em segundos, afastou-se da casa. Devido à névoa, tomou a Moira mais de trinta minutos encontrar um carro de aluguel, mas chegou a tempo antes que a embarcação desdobrasse suas velas e avançasse lentamente pelo Tamises. Moira viu da coberta como a densa névoa tragava a embarcação e apagava a borda. Quando deu uma olhada a terra, não viu nada mais que formas indistintas vislumbrando-se através de uma neblina cinza e densa.

A força do hábito fez Moira agarrar o medalhão que sempre a confortava nos tempos difíceis. Um grito de consternação saiu de seus lábios quando compreendeu que o perdera. A perda a golpeou energicamente. O medalhão era mais que uma lembrança; era um vínculo com seu passado. Agora não tinha nada.

* * *

Jack retornou à casa pouco antes da hora do jantar. Quando perguntou por Moira, disseram-lhe que ela estava com dor de cabeça e manteve-se todo o dia em sua estadia. Imediatamente, Jack sentiu uma pontada de culpa. Não deveria ter sido tão duro com Moira a noite anterior, mas se zangou tanto que retornara a ser o mesmo de antes, um homem de que já não gostava. Ela feriu seu orgulho e o machucou profundamente, quando se negou a casar-se com ele. Devotou seu coração, sua casa, toda sua riqueza, e ela desdenhou sua oferta.

Moira pensava que ele ficaria tranquilo e a deixaria partir, mas não contava com sua atitude possessiva no que a ela concernia. Moira era dele; ninguém mais poderia tê-la. Se



preferia ser sua amante, então, que assim fosse. Da noite anterior, seu temperamento se esfriou um pouco, mas ainda estava decidido a instalá-la na casa que arrendou e ver se desfrutava sendo sua amante. Possivelmente, então, saberia o que perdeu ao rechaçar sua legítima proposta.

Nunca antes disse a outra mulher que a amava, e era improvável que voltasse a fazer, dada a resposta que recebeu de Moira. Possivelmente, não era amor o que sentia por Moira; possivelmente, era luxúria. Não podia manter suas malditas mãos longe dela. Maldita fosse Moira, por ser tão teimosa; e maldita fosse Lady Amélia, por tentar reuni-los.

À hora do jantar foi deprimente. Jack esperou que Moira se reunisse com ele, e quando não o fez, pediu a Matilda que ainda não servisse o jantar. Sentou-se em silêncio, meditando sobre a ausência de Moira e sua necessidade inextinguível pela pequena zorra. Finalmente, seu temperamento explodiu e chamou Jilly à cozinha.

—Jilly, por favor, relate a Srta. Moira que requeiro sua presença à mesa.

Jilly fez uma reverência e se apressou a abandonar o salão de jantar. Depois de um tempo considerável, a criada retornou. Seu rosto estava vermelho e sua expressão triste. Quando se aproximou de Jack, pôs seu avental sobre sua cara e começou a chorar.

Jack se levantou abruptamente de sua cadeira e jogou seu guardanapo.

—Pelo amor de Deus, Jilly, O que ocorre agora? Aconteceu algo ruim a Moira?

—Não a encontro, milord. Procurei por toda parte.

Sinos de alarme soaram na cabeça de Jack.

—O que quer dizer? Como que não a encontra?

—Temo que se foi milord. Falta algo de sua roupa.

—Traz Pettibone. — Quando Jilly não se moveu o suficientemente rápido, gritou: — Agora!

Escutando o alvoroço, Matilda saiu da cozinha.



Pettibone chegou apressado ao salão de jantar, com Jilly atrás de seus pés.

—Jilly me disse isso, milord. Não posso imaginar aonde foi a Srta. Moira.

—Quando foi à última vez que a viu?

—Ontem, milord. Jilly lhe levou um pó para a dor de cabeça esta manhã cedo, e Moira lhe deu permissão para visitar sua mãe doente. Logo, Matilda e eu fomos ao mercado, pensei que a Srta. Moira ainda estivesse em sua estadia, mas pôde partir enquanto todos estavam fora.

—Algum de vocês tem ideia de onde pode ter ido?

Seu temperamento estava a ponto de explodir, mas o manteve cuidadosamente sob controle. Como pôde fazer isto a ele?

—Nenhuma pista. Exceto — Pettibone adicionou com um olhar doído — hoje notei que faltava dinheiro de sua caixa forte quando tomei algumas moedas para o mercado. Acredita que Moira pôde roubar o dinheiro? — Dirigiu um olhar penetrante a Jack. — Possivelmente tinha uma boa razão.

Jack lhe dirigiu um olhar esmagante.

—Está confabulado com Lady Amélia?

—Desculpe?

—Não importa — Jack se voltou para Matilda — Moira lhe mencionou algo sobre partir?

Matilda retorceu suas mãos, claramente perturbada.

—Uma vez, milord. Depois que deixamos a propriedade de Sir Dashwood, disse que iria à casa de seu irmão perto de Kilkenny, na Irlanda. Prometeu me levar com ela. — Pettibone se via inquieto. — Isso antes que Lorde Jack me trouxesse como sua governanta — acrescentou rapidamente Matilda, quando viu o olhar devastado na cara de Pettibone — Talvez se foi à Irlanda.



—Reservo uma passagem no próximo navio à Irlanda, milord? — perguntou Pettibone.

—Não! — seu arrebatamento sobressaltou Pettibone — Amanhã, perguntarei se alguém com a descrição de Moira reservou passagem à Irlanda em alguma embarcação que tenha saído hoje.

—Segui-la-á, milord? — quis saber Pettibone.

—Eu não tenho nenhum poder sobre Moira; pode fazer o que gostar. Agora pode servir o jantar, Matilda.

Embora sua voz fosse fria e impassível, sentia como se lhe tivessem dado um golpe nos intestinos. Não podia acreditar que Moira fosse capaz de roubar dinheiro para a passagem à Irlanda. Tanto o odiava? Foi muito longe lhe exigindo que se convertesse em sua amante? Se não rechaçasse sua proposta, ele nunca consideraria semelhante acerto. Maldição, o que queria dele? Quando ela rechaçou seu amor, ele se retratou e, em sua cólera, lhe ofereceu algo menos respeitável, querendo machucá-la como ela o fez. Tudo o que conseguiu foi perdê-la. O inferno se congelaria antes que ele a perseguisse. Seus dias de súplica terminaram.

—Milord.

Repentinamente Jack se deu conta de que Matilda ainda estava silenciosamente de pé ao seu lado.

—Deseja dizer algo, Matilda?

—Sim, milord, só isto.

Procurou no bolso de seu avental e tirou um objeto de ouro brilhante.

Jack estendeu sua mão, e Matilda pôs o medalhão de Moira em sua palma. Ele o segurou com força, imaginando que ainda sustentava a tibieza da carne de Moira.

—Onde o encontrou?



De uma olhada se deu conta de que a frágil cadeia se quebrara.

Matilda o olhou direto aos olhos e disse:

—Em sua cama, milord. É da senhorita Moira. Ela nunca o tirava — disse com um tom de censura em sua voz.

Jack teve a graça de avermelhar.

—Sou consciente disso. Obrigado. Guardarei. Quanto ao jantar, Matilda, acredito que já não tenho fome. Vou a minha estadia. Pettibone pode me trazer uma bandeja depois.

—Como você deseje milord.

Sentando-se em uma poltrona de orelhas frente à lareira, Jack girou o medalhão entre suas mãos uma e outra vez, recordando as inúmeras vezes que viu Moira nos últimos meses sustentando o medalhão nos momentos mais estressantes. Parecia ter um efeito quase tranquilizador nela. Além disso, o fato de pertencer alguma vez a sua mãe e a sua avó, pouco sabia sobre a delicada peça de joalheria. Embora não fosse um artigo caro ou valioso, parecia ter valor sentimental para Moira.

Jack se sentiu como um intruso quando abriu o medalhão cuidadosamente com a unha de seu polegar. Não tinha ideia do que encontraria, mas definitivamente não esperava ver uma descolorida miniatura de um homem em uniforme. A imagem era tão velha que se gretou em vários lugares, mas estava o suficientemente sã para mostrar um agradável jovem na flor de sua juventude. Olhando-a mais de perto, Jack ficou perplexo pelo familiar que lhe parecia o homem do retrato. Era muito estranho. Pettibone entrou pouco depois com uma bandeja de comida que Jack fez a um lado com uma curiosa falta de apetite.

—Vou sair, Pettibone — informou Jack a seu servente que o olhou sobressaltado — Prepare minha roupa de noite e diga a Colin que traga a carruagem dos Ailesbury. Acredito que irei ao Clube White esta noite e farei minha ronda habitual.

—Vai sair milord?



Às escuras sobranceiras de Jack se elevaram.

—Tem alguma objeção Pettibone?

—Não, milord. É só que você não se permitiu nenhum... né... excesso ultimamente, e eu pensei...

—Então, fui negligente, não lhe parece?

Assim que Pettibone se foi, Jack dirigiu um olhar audaz e desafiante para as esquinas da escura estadia.

—Se pode me escutar, Lady Amélia, não se incomode em me dar um sermão. Já estou cansado de suas interferências, que o único que me deram foi dores de cabeça. Fui bondoso, e olhe o que consegui com isso. Exatamente nada. Herdei um ducado que nunca quis e perdi uma mulher devido a ele.

Se Lady Amélia o escutou, decidiu não responder nem materializar-se. Mas Jack não terminou seu falatório.

—Decidi que voltarei a tratar com o Diabo. A perdição nunca me pareceu mais atrativa que agora.

Caminhou a pernas de forma determinada até o armário de licores, abriu-o e serviu uma generosa medida de uísque em uma taça. Elevou-o com um gesto de brinde ao fantasma ausente e o terminou em um gole. Sua risada ressonou na estadia muito depois que partiu. Ele não viu nem escutou Lady Amélia que rondava do teto olhando fixamente para baixo com compaixão.

“Homem tolo. É muito tarde. Não pode voltar a ser o de antes.”

O silêncio se apoderou da multidão quando Jack entrou na sala de jogos. Era sua primeira aparição em público desde que sua brincadeira foi desmascarada e herdou o ducado. Não fazia ideia de como o receberiam seus iguais, e não se preocupava. Agora



mesmo se sentia mais Black Jack que Lorde Jack, e, ao Black Jack, importava um corno o que os estúpidos almofadinhas com sapatos de salto e calças de cetim pensassem dele.

Tratou de esconder sua surpresa quando Lorde e Lady Crenshaw, líderes respeitados da sociedade londrina, saudaram-no cordialmente.

—Ailesbury, é bom vê-lo fora novamente. Que horrível o de seu primo, realmente terrível — disse Lorde Crenshaw.

—Sim, efetivamente — repetiu lady Crenshaw — Teremos uma reunião na próxima semana em honra do décimo oitavo aniversário de nossa filha. Estamos enviando convites. Não há muitos solteiros que sejam um bom partido nos arredores, e estou segura que receberá muitos convites deste tipo.

Os Crenshaw deixaram passo aos Gorman, e, depois disso, foi como um maremoto de pessoas que avançavam a saudá-lo. A maioria era da nata da sociedade e tinham filhas em idade casadoira. Até a algumas semanas, estas mesmas pessoas acreditavam conveniente proteger suas inocentes filhas de Black Jack Graystoke. Era assombroso o que podia fazer um título.

—Jack, não esperava vê-lo aqui esta noite. Senti saudades, milord.

Jack sorriu a Vitória. Já não precisava casar-se por dinheiro, mas isso não significava que não pudesse paquerar com ela.

—Brilha muito atrativa esta noite, milady. Esqueci quão formosa é.

Vitória se poliu para seu benefício e disse sedutoramente:

— Estão tocando a valsa, milord. Dançará comigo?

Jack tomou sua mão e a escoltou até a seguinte estadia onde os bailarinos se apinhavam na pista de dança.

—Pensei que estava zangada comigo, Vitória — disse Jack enquanto a fazia girar em um elegante círculo.



—Estava, mas é um homem muito intrigante para permanecer zangada com você durante muito tempo. Foi muito peralta ao me jogar uma brincadeira como essa. Confio que enviou a pequena puta a fazer suas malas.

Jack sorriu através de uns olhos tão frios como o gelo.

—Moirá já não está comigo.

—E eu estou disposta a continuar onde ficamos sem ressentimentos — ronronou timidamente.

—Já não estou no mercado para procurar esposa — disse Jack com lentidão — Entretanto, estou disponível para outras... Sugestões.

Vitória soprou zangada, logo, rapidamente sufocou seu temperamento. Estava segura que, assim que Black Jack estivesse de novo em sua cama, ele trocava de ideia. Passou muito tempo da última vez que provou sua extraordinária maneira de fazer amor. Agora, desejava não ter aceitado essa noite uma entrevista com Lorde Renfrew. Sempre poderia desculpar-se, mas Renfrew não era um homem que se pudesse evitar facilmente.

—Não estou livre esta noite. Busque-me amanhã.

Repentinamente, Jack compreendeu que não sentia nada por Lady Vitória, nem interesse. Perguntou-se se o homem com quem ela dormiria essa noite saberia que ela já estava planejando um encontro com outro homem. Ao antigo Black Jack, não teria importado com quem ou com quantos homens dormia Vitória, enquanto lhe desse prazer quando fosse seu turno, mas Lorde Jack era algo mais seletivo. Depois de fazer amor com Moira, que era pura e sem mácula, antes que ele tomasse sua virgindade, Vitória lhe parecia pouco atrativa. Demônios poderia retorcer o pescoço de Lady Amélia por ter dado a ele uma consciência.

—Buscarei você, se não estiver ocupado — improvisou Jack quando acabou a dança — Se me desculpar, milady, acredito que provarei minha sorte nas cartas.



Realizou uma rápida retirada, considerando-se afortunado de que Vitória não fosse sua esposa. Em seu caminho à sala onde se jogavam cartas, deteve-se para conseguir algo de beber. Com um uísque grande em sua mão, avançou através da névoa proveniente dos cigarros, procurando uma mesa com uma cadeira vazia. Viu Spence em uma das mesas de jogo e se dirigiu nessa direção.

—Importa-lhes se me uno a vocês, cavalheiros?

—Jack! Demônios! — exclamou Spence, enquanto parava de um salto e aproximava uma cadeira para Jack — Não esperava vê-lo aqui. Como nos velhos tempos, né? É uísque o que está bebendo? Já era hora de que voltasse para as noitadas. Estava começando a pensar que se reformou.

—Nem o diga — disse Jack, enquanto se sentava e saudava com uma inclinação de cabeça aos outros jogadores.

Jack perdeu em excesso. Sua mente não estava no jogo. Sua destacada habilidade com as cartas se viu diminuída pelos numerosos whiskies que estava consumindo. Pelo sabor que sentia em sua boca, parecia que comeu o conteúdo de uma lata de lixo, e uma terrível dor de cabeça se iniciou atrás de seus olhos. Começava a pensar que já não era capaz de jogar libertino vicioso. Atirando suas cartas, ficou de pé algo instável e anunciou que teve o suficiente por essa noite.

—Irei com você, Jack — disse Spence.

Percebia a preocupação de Jack e se perguntou o que estaria incomodando-o. Estava jogando como um principiante e bebendo muito, inclusive para ser Black Jack.

—Não é necessário. Tenho minha carruagem.

—É cedo ainda. O acompanharei a sua casa e poderemos ter um bom bate-papo. Passou tempo. Confio que Moira esteja bem.

Ante a menção de Moira, os lábios de Jack se reduziram em uma furiosa linha.



—Venha se quiser, mas não tenho vontade de responder perguntas tolas.

Jack se deixou cair em um silêncio melancólico que continuou até chegar a Graystoke Manor. Um Pettibone com expressão séria abriu a porta.

—Brandy no escritório, Pettibone — ordenou Jack, ao passar junto a ele.

—Milord, penso que não...

—Não o pago para pensar, Pettibone.

Quando Jack entrou no escritório, Spence se atrasou para falar com Pettibone.

—Que demônios foi isso? O que acontece com Jack?

—A senhorita Moira se foi. Sua Graça o está tomando muito mal.

—Por que se foi? Jack estava louco por ela. Teria lhe dado o que quisesse. Inclusive queria casar-se com ela.

—Suspeito que ele o propôs, mas a senhorita Moira se negou.

—A dama tem sentido comum. Não seria apropriado. O Duque de Ailesbury tem que manter um status. Embora me agrade Moira, casar-se com ela seria um engano que algum dia Jack lamentaria.

—Spence, vem ou planeja ficar conversando toda a noite com Pettibone? — a voz de Jack soava impaciente. Spence encolheu os ombros e o seguiu ao escritório. Depois de uns minutos, Pettibone chegou com uma garrafa cheia de brandy e duas taças. — Fecha a porta atrás de você, Pettibone, e vá deitar. Não requererei seus serviços esta noite.

—Que mosca o picou, Jack? — atacou Spence — Nunca ouvi que falasse tão bruscamente com Pettibone. O homem o estima.

—Não mereço sua estima — disse Jack melancólico — Sou um maldito bastardo de coração negro; nem o título nem as riquezas mudarão isso. Inclusive Lady Amélia perdeu o interesse em mim.

—Demônios, Jack, está falando com adivinhações. O que aconteceu?



—Direi o que aconteceu. Moira me deixou. Estou quase seguro que tomou um navio para a Irlanda, mas não saberei com segurança até que pergunte no escritório de carga amanhã. Pedi que se casasse comigo, pelo amor de Deus. E ela se negou.

—Moira tem mais sentido comum que você — murmurou Spence — Aceita o fato de que precisa se casar com alguém de sua própria classe. Demônios Moira agrada-me, sabe, mas estou sendo prático.

—Ao demônio a praticidade! Estava apaixonado por ela, Spence. Ela estava intacta até que tomei sua virgindade. Negou-se a casar-se comigo. Eu me enfureci e lhe exigi que se convertesse em minha amante. Até aluguei uma casa para ela. Planejei mantê-la com todas as comodidades. Em minha irritação, inclusive me convenci de que realmente não queria uma esposa, que Moira seria melhor como amante.

—Então, que ocorreu?

—Devia saber que Moira não aceitaria minhas condições. É muito orgulhosa para viver como uma amante, assim que se foi.

Procurando em seu bolso, tirou o medalhão de Moira e o girou uma e outra vez entre seus dedos. Ainda estava com o calor de sua carne. Fez saltar o ferrolho e olhou o interior da miniatura.

—O que é isso? — perguntou Spence com curiosidade.

—O medalhão de Moira. O cordão se rompeu, e Matilda o encontrou depois que Moira se foi.

—Posso vê-lo?

Jack o jogou com estudada indiferença. Spence o apanhou habilmente e o sustentou na luz. Olhou fixamente a imagem desbotada de um homem jovem e franziu o cenho com concentração.

—Juro que vi este mesmo retrato antes, só que em maior escala.



Jack agitou a cabeça para limpar-se. Arrependia-se de tomar esse primeiro copo de álcool essa noite. O álcool nunca resolvia nada, maldição. Levou quase trinta anos chegar a essa conclusão.

—Está seguro? Pense homem! Não sei o que isto significa para Moira, mas tem que ser importante ou ela não levaria uma imagem do homem.

—Levarei isso para ver o que posso averiguar. O homem leva um uniforme do exército inglês; isso deveria ajudar. — Spence colocou o medalhão no bolso e o olhou de soslaio. — Maldição, Jack, está louco por essa garota, verdade?

—Pode ser que, em algum momento, foi assim, mas, agora, não sei o que sinto — admitiu Jack amargamente — Nunca antes me senti assim... como se me tivessem mastigado e cuspidos. Demônios! Tenho o impulso de me perder entre a fresca e aromática carne de uma mulher.

Spence sorriu abertamente com perfeita compreensão. Este era o Jack que conhecia e admirava.

—Conheço o lugar perfeito. Madame Fifi tem as melhores garotas da cidade, mas é obvio você sabe isso.

—Não funcionará — se lamentou Jack — Vitória estava mais que disposta, mas minha mente rechaçou absolutamente a ideia. Por não mencionar que minha carne se retraiu ante a ideia de me deitar com Vitória ou com qualquer outra mulher. Meu Deus, Spence, Moira me castrou! Se não estivesse seguro do contrário, pensaria que pôs uma maldição irlandesa sobre mim. Viu-me na mesa de jogo esta noite, não pude fazer nada bem. O uísque tem sabor de cinza, e o bom brandy se azeda em minha boca.

Spence agitou sua cabeça com comiseração.



—Está muito mal, companheiro. Vá se deitar. Verá as coisas de outra maneira depois de uma boa noite de sono. Enquanto isso tentarei averiguar o que puder sobre o homem da miniatura.

Jack ignorou o conselho de Spence. Em lugar de deitar-se como seu amigo sugeriu, ajeitou-se em uma cadeira frente ao agonizante fogo e continuou bebendo brandy. Pettibone o encontrou ali pouco depois da alvorada, sua cabeça desabada contra seu peito e um copo quebrado no chão a seu lado. Pettibone suspirou e negou com a cabeça. De volta aos velhos tempos, quando Jack voltava para casa depois de uma noite de farra procurando uma cama, pensou tristemente. Desdobrando uma manta que estava em uma cadeira próxima, cobriu Jack cuidadosamente e saiu do escritório na ponta dos pés.

Fechando a porta silenciosamente atrás dele, Pettibone deu um olhar cauteloso ao redor e sussurrou na escuridão.

—Se você está vendo-o, Lady Amélia imploro que faça algo. Tinha tantas esperanças para Sua Graça — se deteve abruptamente envergonhado por estar falando com algo ou com alguém que poderia não existir, afastou-se com toda a dignidade que pôde reunir. Não queria que o encontrassem suplicando a um fantasma.

Moira se sentiu chateada do momento que o Rainha Esmeralda zarpou de Londres. Os dias que passou na diminuta cabine mal ventilada estavam entre os mais miseráveis que alguma vez teve. Não podia entender por que. Desfrutou completamente da viagem por mar da Irlanda a Inglaterra, por que, agora, se sentia mal, tanto o canal inglês, como o Mar da Irlanda estavam serenos e o ar balsâmico estava temperado pelo fim do verão. Entretanto,



vomitou continuamente, principalmente pela manhã. Para quando a embarcação atracou no porto de Rossiare, estava tão fraca que mal podia sustentar-se em pé.

Pôr seus pés em terra firme ajudou um pouco, mas não completamente. Arrastando sua pequena bagagem, Moira localizou o escritório de transporte e comprou uma passagem a Kilkenny em um veículo de serviço público. Tomou o resto de todas suas moedas reunir o suficiente para fazê-lo, o que a deixou sem nada de dinheiro para comprar algo para o café da manhã. De qualquer maneira, não estava muito faminta. Seu estômago ainda estava revoltado, e a tintura verde ao redor de seus lábios dava fé de seu mal-estar matutino.

O carro público estava lotado, e Moira se apertou entre uma enorme mulher que levava uma cesta de comida e um sacerdote cujos magros lábios se moviam em constante oração. Não recordava que a viagem a Kilkenny fosse tão longa. Embora a mulher gorda falasse constantemente, Moira escutou pouco do que dizia. Quando a mulher lhe ofereceu amavelmente uma gordurosa salsicha de seu cesto, só o aroma fez que lhe dessem vertigens, e isso que era uma comida que Moira desfrutou enormemente no passado. Não podia encontrar nenhuma explicação para seu delicado estômago e só podia concentrar-se em manter o mal-estar a raia.

O carro chegou a Kilkenny a última hora da tarde. O sacerdote e a mulher seguiram caminho a Carlow, Moira disse adeus a ambos e se apressou a descer. Passara sua vida inteira na área, conhecia muito bem o povo, por isso não a surpreendeu ser saudada por seu nome pelos lojistas e as pessoas da cidade.

—Assim que está de retorno moça? — disse o lojista, quando passou por sua loja — Seu irmão se alegrará.

—Isso espero Sr. Hurlehey — disse Moira, saudando-o ao passar. Ainda tinha de caminhar oito quilômetros antes de chegar à granja de seu irmão, e sua bolsa estava ficando mais pesada com cada minuto que passava.



—Espera moça, vai a pé todo o caminho?

Moira se deteve e voltou.

—Sim. Kevin não sabia que eu vinha, assim não está aqui para me receber.

—Se espera que arrume o pedido para a Senhora Bailey, levarei você em meu carro. Sua casa está perto da dela, e posso me desviar um pouco e a deixar aí.

—É muito amável de sua parte, Sr. Hurlehey.

Pouco tempo depois, Moira se sentou ao lado do Sr. Hurlehey na boleia da carroça, enquanto escutava sua conversa a respeito de tudo o que ocorreu em sua ausência.

—Uma lástima o de Kayla McGuire — se lamentou enquanto agitava sua cabeça cinza — A febre a levou duas semanas depois de que se foi. Deixou seu marido com dois bebês ainda em fraldas.

—Oh, não — disse Moira aterrada — Pobre Paddy. Como está? — Kayla e Paddy eram os vizinhos mais próximos dos Ou'Toole. Um pouco mais velho e mais prático que Kayla, Paddy era um complemento perfeito para sua briosa esposa. Moira sabia que Paddy devia estar devastado pela morte de sua esposa.

—A mãe de Paddy está cuidando dos bebês, mas está muito velha e doente para isso, e Paddy sabe. Diz-se que ele está procurando uma esposa.

—Espero que encontre uma logo — disse Moira com compaixão — Simpatizava realmente com Paddy e odiaria ver seus dois pequenos filhos crescer órfãos de mãe.

—Quase chegamos — disse o Sr. Hurlehey quando se aproximavam do caminho cheio de buracos que conduzia à granja dos Ou'Toole. Quando a robusta estrutura de pedra esteve à vista, Moira compreendeu, de repente, o quanto sentiu saudades, não só do lugar, mas também das pessoas que viviam ali.

Kevin saiu do celeiro, quando escutou o som das rodas e o som dos cascos dos cavalos. O carro apenas se deteve quando Kevin reconheceu Moira e começou a correr.



Saltando do assento, Moira se apressou a encontrá-lo, caindo em seus braços com um soluço de pura alegria.



Capítulo 17

Uma vez que Kevin superou a comoção de ver Moira, conduziu-a dentro da cabana de pedra que foi sua casa desde seu nascimento. A esposa de Kevin, Katie, estava inclinada sobre a estufa, sua barriga grande com um menino. Os filhos, Allie, Mary e Liam, estavam sentados na mesa praticando suas letras, quando Moira entrou na alegre e grande cozinha.

—Moira! — gritaram os meninos ao uníssonos enquanto se aglomeravam ao seu redor.

Beijando a cada um por turno, Moira não poderia pedir uma bem-vinda mais estupenda. Sua volta era atenuada só pela dolorosa tristeza de deixar o homem que amava.

—Por que não escreveu para me avisar que vinha? — exortou-a Kevin — Esperaria sua embarcação. Veio para casa para ficar, então?

Moira assentiu com a cabeça, incapaz de falar pelo nó na garganta.

—Vê-se terrível — exclamou Katie consternada — Sente-se. Prepararei uma xícara de chá.

—Estarei bem agora que me encontro outra vez em terra firme — disse Moira desdenhosamente enquanto olhava o proeminente estômago de Katie — Por que não me disse que estava esperando um filho antes de ir?

—Não queria preocupá-la querida — disse Katie gentilmente dedicando a Kevin um tenro olhar — Esperamos que seja outro menino.

—Sentimos saudades, tia Moira — disse Allie abraçando Moira com força. Ruiva e de olhos verdes, Allie tinha cinco anos e era a demonstrativa da família. Mary tinha sete, uma tímida e tranquila beleza com cabelo castanho avermelhado e olho marrom dourado muito parecido com os de Moira. Liam era o maior e assumia sua responsabilidade seriamente.



—E eu senti saudades de vocês, amor — respondeu Moira dando aos meninos outro abraço antes de deixar-se cair na cadeira mais próxima.

—Está exausta — disse Katie astutamente — Está segura que se encontra bem?

—Agora que Katie o menciona você não se vê bem — disse Kevin com preocupação — O que ocorreu na Inglaterra? Tinha que ter ficado em casa onde podemos cuidar de você. Podemos ser pobres, mas não somos indigentes.

—Preocupa-se muito Kevin — disse Moira, fazendo a um lado sua preocupação — Estarei bem em um ou dois dias.

—Vão brincar lá fora meninos — disse Kevin, percebendo a reticência de Moira a falar francamente frente a eles — As lições terminaram por hoje. — Alegres de escapar do triste mundo das letras e números, os meninos fugiram pela porta. No momento que desapareceram da vista, Kevin girou para Moira. — Você gostaria de me falar disso moça? Algo a incomoda. O que aconteceu na Inglaterra?

—Dê-lhe tempo para recuperar o fôlego e descansar — disse Katie, percebendo a angústia de Moira — As perguntas podem vir depois. Liam ocupou seu antigo quarto, mas ele pode se mudar para o desvão. Sobe querida. Prepararei uma boa xícara de chá e a levarei mais tarde.

—São muito bons comigo — disse Moira muito perto de chorar — Tinha tanta vontade de ajudar, mas as coisas não funcionaram como planejei.

—Nunca o fazem — disse Kevin astutamente — Tudo estará mais claro depois que descanse um pouco.

Moira não pensava o mesmo, mas ficou calada. Kevin tinha suficientes problemas sem os dela. O homem que amava não era quem ela acreditava. Por que Jack não podia entender que sua negativa de casar-se com ele era por seu próprio bem? Por que teve que danificar tudo exigindo que se convertesse em sua amante?



—O que pensa que aconteceu? — perguntou Kevin uma vez que Moira saiu do quarto — Em primeiro lugar, eu estava contra que Moira fosse, mas você sabe quão teimosa pode ser a moça — seus olhos marrons dourados se obscureceram com preocupação.

Katie se esticou, pondo suas mãos na parte mais estreita de suas costas para aliviar a carga.

—Não sei, mas certo que tem a ver com um homem.

Kevin a olhou horrorizado.

—Um homem? Nossa pequena Moira? Ela nunca mostrou interesse em nenhum homem antes.

—Nossa pequena Moira é uma mulher — lhe recordou Katie — Só o tempo dirá o que a preocupa.

Jack deu o melhor de si para manter sua reputação de libertino. Flertou escandalosamente, bebeu prodigiosamente e perdeu tanto dinheiro jogando às cartas que Spence começou a pensar que seu amigo estava possuído. Inclusive Pettibone, acostumado desde fazia muito tempo aos costumes decadentes de seu patrão, alarmou-se pela acelerada viagem de Jack para sua perdição. Ele e Matilda discutiram longamente e chegaram à conclusão de que a Jack não importava um maldito cominho o que acontecesse com ele. Obviamente, estava lamentando-se por Moira e era muito teimoso para fazer algo a respeito.

Jack não podia reunir a energia para preocupar-se com sua recaída na perdição. Quão único verdadeiramente o enfurecia era sua incapacidade de despertar o suficiente interesse em uma mulher para deitar-se com ela. Flertou, roubou beijos nas esquinas escuras e fez comentários apropriadamente sugestivos. Mas nada o estimulava. Em consequência,



recorreu mais e mais ao esquecimento consolador que encontrava no fundo de uma garrafa e nas cartas. Bêbado ou sóbrio, suas perdas nas mesas de apostas se converteram na fofoca da cidade. Dado que agora tinha suficiente dinheiro para desperdiçá-lo em apostas, Jack prestava pouca atenção ao montante de suas perdas.

Spence o advertiu que logo dilapidaria a fortuna de Ailesbury, mas inclusive isso falhou em impedir sua compulsiva e irresponsável conduta. Era cortante com Pettibone, desagradável para quase todos e estava quase consumido por aborrecer-se. Durante esse tempo, o fantasma de Lady Amélia, seja por irritação ou aborrecimento, não se materializou. Jack assumiu que ela havia se dado por vencida com ele e pensou que já era tempo.

Moira fez todo o possível por ajudar no que pudesse, mas era consciente de que não era a mesma garota que tinha deixado a granja vários meses atrás. Aliviar a carga de Katie era sua principal preocupação, e, com esse fim, cozinhava a maioria das vezes e ajudava com os meninos. À medida que os dias passavam e sua estranha enfermidade persistia Moira começou a observar seriamente seus sintomas e não gostou do que descobriu. Parecia que não era a única que se preocupava com sua condição física. Depois de observar Moira por vários dias, notando sua palidez matinal e seu mal-estar geral, Katie chegou a uma conclusão que a emocionava e assustava. Um dia, quando ninguém se encontrava na casa, exceto ela e Moira, abordou o tema.

—Moira, querida, nós não falamos realmente do que aconteceu na Inglaterra. Desde sua volta, está tão reservada a respeito. Kevin e eu a amamos; pode nos dizer o que for. Há um homem envolvido não?

—Sim — admitiu Moira tristemente — É pior do que você ou Kevin possam imaginar. Estarão tão decepcionados de mim.



—Nós a amamos Moira. Não vamos julgá-la. Você gostaria de me dizer o que aconteceu? Às vezes, ajuda falar sobre isso.

Moira inclinou sua cabeça.

—Não posso.

Sem papas na língua, Katie deu voz a seus medos.

—Esta esperando um filho?

—Oh Deus, como soube? Eu não soube até recentemente.

—Estive grávida quatro vezes — lhe recordou Katie

—Deve me odiar — disse Moira com um indício de desespero.

Katie tomou Moira em seus braços, balançando-a contra seu amplo peito.

—Não querida, nós nunca a odiaríamos. Ele a seduziu? Está casado? Abandonou-a logo depois de arruinar você?

—Oh, não, Não foi assim absolutamente. Eu o amo. Literalmente, salvou minha vida. De fato, me propôs matrimônio, mas eu o rechacei. É obvio que a essa altura não sabia que esperava um filho dele.

—Poderia voltar e lhe dizer. Certamente, fará o correto por você. Não entendo por que o rechaçou se o ama. Que tipo de homem é ele?

—Não posso me casar com ele — lhe explicou Moira — Eu o amo muito para adicionar um escândalo a seu nome. É um duque, Katie. Eu não sou seu equivalente social. Imagine o alvoroço que causaria ao casar-se com uma plebeia irlandesa. Quando o rechacei, ele se zangou e exigiu que me convertesse em sua amante — um soluço escapou de sua garganta — Não posso acreditar quão odioso atuou.

—Que homem se atreveu a pedir a minha pequena irmã que se converta em sua amante? — trovejou Kevin. Katie e Moira estavam tão inundadas em sua conversa que não se deram conta de que Kevin entrou na cozinha a tempo de escutar parte da confissão de



Moira. Seu rosto estava manchado de ira, e suas enormes mãos estavam fechadas em punhos, só desejando derrubar de um golpe ao torturador de sua irmã — É isso o que a esteve preocupando Moira? O que fez a você o bastardo?

Seu rosto estava tão branco como o avental que vestia. Moira girou para enfrentar seu irmão.

—Oh Kevin, não queria que se inteirasse desta maneira.

—Inteirar-me do que? Diga-me o nome do bastardo que seduziu minha pequena irmã.

Moira suspirou com resignação. Estava por armar uma tremenda confusão. Tinha de dizer a Kevin que estava grávida. Ele se inteiraria cedo ou tarde. De acordo com seus cálculos, engravidou na primeira vez que ela e Jack fizeram amor. Mas nada, absolutamente nada, faria que revelasse o nome de Jack.

—Não é assim como aconteceu, Kevin. Eu estava disposta. Por favor, não me odeie. Apaixonei-me e não o pude evitar.

—É jovem e inexperiente; não culpo você. O bastardo se aproveitou de você. Toma-o como uma má experiência. Um dia, conhecerá um bom homem irlandês e se esquecerá desse filho de puta.

—Não vai ser tão fácil — sussurrou Moira, sabendo que o que estava a ponto de dizer machucaria profundamente Kevin — Eu... Eu estou grávida.

Kevin explodiu em fúria.

—Doce Virgem! Matá-lo-ei! Assegurarei de que se case com você primeiro e, logo, o matarei.

—Você não entende Kevin. Ele, sim, se ofereceu para casar-se comigo. Eu o rechacei. Kevin a olhou inexpressivamente.



—O que, no santo nome de Deus, está mal com você? Disse que amava o homem, de que mais necessita? — de repente Kevin ficou imóvel — Está casado verdade?

—Não, não está casado. É um duque; não pode se casar com uma plebeia irlandesa.

—Está se esquecendo de que sua estirpe pode ser tão boa como a dele?

—Nenhum de nós pode provar isso, Kevin. Só temos a palavra da mãe.

—Tem o medalhão. Só não tivemos a oportunidade de investigar a identidade do homem. É muito provável que seja nosso avô.

—Possivelmente — concedeu Moira com incerteza — Por desgracia, já não tenho o medalhão. Perdi-o.

Kevin gemeu com consternação.

—Então está decidida a não se casar com o pai de seu filho?

—Sim. Não acredito que ele me queira agora. Feri seu orgulho. Ambos dissemos algumas palavras brutais. Mas eu quero a este bebê — disse Moira calorosamente.

—É obvio que o quer — disse Katie compassivamente — Nós o amaremos porque é teu.

—Encontrarei para você um marido — disse Kevin pensativamente — Tem que haver um bom homem irlandês, em alguma parte, que esteja disposto a aceitar você e seu filho.

—Não quero um marido — insistiu Moira.

—Não está pensando claramente moça. Este é um povoado pequeno. As pessoas aqui não são mais indulgentes que a nobreza do outro lado do mar Irlandês. Não deixarei que arruíne sua vida. Se não pensar em você, pense em seu filho. Ele se converterá em um marginalizado. Casará Moira e me agradeça por fazer a vida mais singela para você e o menino. Não quero ver minha irmã ferida. Permitirá a mim encontrar um bom homem para você?



Lágrimas se acumularam nas esquinas dos olhos de Moira, Jack estava perdido para ela. Não queria casar-se, mas a ideia de que seu filho fosse ferido por cruéis falatórios a fez sentir fisicamente doente.

—Não sei Kevin, de verdade. Que homem iria querer uma prostituta? Sei que tem boas intenções, mas não vejo solução a meu problema. Se quiser que vá, farei.

—Está sendo tola, moça. Este é seu lar. Mas está equivocada com respeito a que nenhum homem a quereria. De fato, já tenho um bom homem em mente. Ele a aceitará, Moira, e de bom grado.

De repente Katie aplaudiu.

—É obvio! Paddy! O pobre homem está fora de si tentando cuidar de seus filhos sem mãe. Além disso, ele sempre teve em seu coração debilidade por Moira. Nunca deixa de perguntar por ela, quando nos encontramos.

—Paddy McGuire — repetiu Moira pensativamente — Escutei que Kayla morreu recentemente. Que terrível tragédia. Ele a amava de coração. Ele não poderia aguentar um filho que não é dele.

—Paddy não terá uma má opinião de você por isso. Entendo que é um pouco mais velho que você, mas é um pai maravilhoso e um bom fornecedor. Ele será bom para você, Moira, confie em mim.

—Eu... Isto é algo que exige uma análise mais profunda — disse Moira — Não posso simplesmente me precipitar ao matrimônio.

—Não tem muito tempo, querida — recordou Katie

—Não sei, simplesmente não sei — Moira soluçou enquanto girava e fugia.

—Não pretendia perturbá-la — disse Kevin timidamente — Certamente, Moira sabe que eu nunca faria nada para machucá-la. Desejaria poder pôr minhas mãos sobre o homem que a pôs neste estado.



—Moira ama o homem, Kevin. Não sei o que aconteceu a eles, mas ela diz que ele queria casar-se. Ela foi a que o rechaçou.

—Ele se aproveitou dela — disse Kevin tensamente — Nunca deveria ter permitido que fosse de casa.

—Não poderia detê-la. Dê tempo; ela se convencerá.

—Moira necessita de Paddy, e Paddy necessita de Moira. Por muito que odeie interferir na vida de minha irmã, vou tomar a iniciativa e falarei com Paddy.

Só em seu quarto, as palavras de Kevin perfuraram a névoa do desespero de Moira. Sabia quão estreitos de mente podiam ser os aldeãos e o que seus prejuízos fariam a seu filho. Seria chamado de bastardo e seria ridicularizado. Ver seu filho ser tratado como um marginalizado a destruiria. Moira inspirou profundamente e exalou com lentidão. Por que um menino inocente devia pagar por algo que não era sua culpa? Moira não queria casar-se com Paddy, mas tinha outra opção?

Dois dias depois, Paddy McGuire a visitou. Bonito em uma maneira áspera, seus olhos escuros não continham mais que bondade e respeito por Moira. Sua voz era gentil, apesar de seu grande tamanho e Moira pensou que seu acanhamento era bastante simpático. Paddy não era Jack, ninguém poderia nunca tomar seu lugar, mas algo em sua conduta persuadiu Moira de que ele nunca trataria a ela ou a seu filho desconsideradamente.

A primeira vez que Paddy a visitou ficou só por um curto tempo, passando escassos momentos a sós com Moira. Mas, durante a seguinte semana, Katie e Kevin consideraram apropriado deixá-los a sós por períodos de tempo mais longos. Por volta do final da semana, Paddy reuniu suficiente coragem para falar francamente com Moira.



Com o chapéu na mão, parou na frente dela, um gentil gigante quase muito tímido para dizer sua parte.

—Você gostaria de dar um passeio, moça? É uma noite agradável.

Um pouco mais que apreensiva Moira assentiu com a cabeça em acordo.

—Só me deixe buscar meu xale.

A noite era de fato agradável Moira pensou enquanto ela e Paddy caminhavam através dos campos. Depois de um interminável silêncio, Paddy disse.

—Sei sobre seu bebê, Moira. Kevin me disse. Precisa de um marido, e eu preciso de uma esposa. Prometo ser um bom marido, se você prometer cuidar de meus filhos. A morte de Kayla foi uma comoção para todos nós. Foi tão inesperado. Eu não posso arrumar isso com dois meninos sem mãe. Preciso de você tão certamente como você me precisa. Conhecemo-nos por anos. Lembro de quando nasceu. Uma coisinha pequenina com olhos formosos. Não mudou Moira. Você se casaria comigo?

Moira compreendeu que este era provavelmente o discurso mais longo que Paddy fez alguma vez, e ela estava curiosamente emocionada.

—É amável, Paddy, e o melhor homem que alguma vez possa encontrar, mas...

—Sei que não sou o pai de seu bebê, mas Kevin disse que não há possibilidades de que ele se apresente para casar-se com você. Não penso menos de você por... — Ele gesticulou desamparadamente, ante as palavras perdidas — estar nessa situação. Deus disse que aquele que esteja livre de pecado atire a primeira pedra. Eu nunca lhe lançarei pedras, moça. Seu bebê será tratado como se fosse meu.

—Sei Paddy. Kevin tem razão, realmente, é um bom homem. Sempre soube, assim como sei que você sempre amará Kayla. Não está bem aguentar o filho de outro homem.

—Não estaria você aguentando dois filhos que não são seus? — refutou Paddy — É o mesmo, do meu ponto de vista.



—Necessito de tempo para pensar, Paddy. Darei minha resposta em um ou dois dias.

Nada convenceu Moira mais que a absoluta certeza de Kevin de que casar-se com Paddy seria o correto tanto para ela como para Paddy. Dado que o amor não estava comprometido, nem o considerava, não esperava uma relação emocional. Recusou-se a pensar nos direitos maritais, os quais Paddy indubitavelmente esperaria. Sabia que teria que suportá-lo pelo bem de seu filho sem importar quão repugnante fosse para ela. Por um breve momento, considerou a ideia de voltar para a Inglaterra e converter-se na amante de Jack. Mas que homem iria querer uma amante grande e desajeitada com um filho?

Jack queria filhos? Vagamente o recordava mencionando que queria que ela fosse à mãe de seus filhos, mas não punha nenhuma fé em palavras proferidas quando a luxúria governava seu cérebro. Os homens frequentemente diziam coisas que não queriam dizer quando pensavam com seu membro em vez de sua mente. Deus estava confusa. Jack estava tão zangado com ela antes de ir, que bem podia imaginar sua ira quando se deu conta que se foi sem uma palavra ou mensagem.

O mesmo feito de que Jack não a seguisse a Irlanda provava quão pouco se preocupava com ela. Roubar seu dinheiro provavelmente não ganhou sua simpatia, mas não teve opção. Ele a forçaria a converter-se em sua amante se ficasse. O orgulho de um homem era sua honra, e ela feriu o orgulho de Jack, ao rechaçar casar-se com ele. Talvez deveria se casar com ele, ela reconsiderou. Essa ideia morreu assim que nasceu. Não poderia suportar ver seu amor murchar e morrer, quando seus amigos o afastassem e se convertesse em um marginalizado na sociedade.

Dois dias depois, Moira aceitou casar-se com Paddy. Kevin estava alegre de ver a honra de sua irmã a salvo, mas Katie tinha reservas. O beijo bastante estéril de Paddy selou o acordo e logo, recordando esse beijo desapaixonado, Moira se imaginou vivendo sua vida em uma companhia sem alegria. É obvio os meninos a brindariam com certa quantidade de



felicidade, mas não era o mesmo que descansar nos braços de um homem que ela amasse e responder a suas carícias com um êxtase quase selvagem.

Jack caminhava de um lado ao outro pelo quarto, sua mente indolente, suas pernas instáveis debaixo dele. Senhor como pôde cair tão baixo? Esteve bêbado antes, mas nunca sofreu de culpa por sua embriagada condição. Spence perdeu a paciência com ele, e a acérrima desaprovação de Pettibone era a perdição de sua existência. O estado lamentável da comida que Matilda pôs ante ele quando tomou um tempo para comer, dificilmente passava por comida civilizada. Jilly atuava como se fosse ele quem jogou Moira de casa. Ele queria casar-se com Moira, não sabiam isso?

Para piorar as coisas, Spence ainda não descobriu a identidade do homem do retrato no medalhão de Moira. Embora fosse vagamente familiar, Spence não tinha ideia de seu nome. Jack não podia entender por que o homem no medalhão devia ser importante, mas algo lhe disse que era.

Sentando-se em uma poltrona de orelhas, Jack olhou fixamente o vazio, recordando o sabor, a essência, a alegria absoluta de possuir Moira. Quando estava com Moira, sentia-se tão vivo, tão satisfeito e em paz com o mundo. Recordou como ela se negou a casar-se com ele, e a alegria que sentia murchou dentro dele. Ela o feriu profundamente, e ele se desforrou demandando que se convertesse em sua amante. Infelizmente, Moira reagiu de uma maneira que não esperava. Perguntou-se se ela o deixaria se soubesse que seus velhos demônios o fizeram tratá-la de semelhante desprezível maneira. Agora era o orgulho que o impedia de segui-la a Irlanda.

“Depressa.”

Jack levantou sua cabeça e olhou atentamente, com os olhos nebulosos, as esquinas escuras do quarto, vendo nada mais que sombras difusas. Mas não precisava vê-la para saber



que Lady Amélia estava por fazer outra visita. Ficou rapidamente de pé e se serviu de um gole da garrafa localizada na mesa próxima a sua poltrona. Levantou sua taça a maneira de brinde e disse.

—Esta é pelo Diabo, milady.

Bebeu intensamente, quase se provocando arcadas pelo asqueroso sabor. Elevou a garrafa para inspecionar a data e encontrou que era de um muito bom ano. Com uma maldição, atirou o remanescente do conhaque ao fogo. Olhou aturdidamente enquanto o fogo flamejava, e Lady Amélia se materializava do centro das chamas.

“Depressa.”

—Vá maldita seja! Não pode ver que não necessito de você? Só me trouxe problemas. Eu era feliz até que decidiu me reformar. Disse-lhe que era muito tarde. As garras do Diabo estão incrustadas muito profundas em mim.

“Ele não o terá.”

Jack lançou uma gargalhada.

—Chega muito tarde, milady, ele já me reclamou.

“Deve ir com Moira. Ela necessita de você.”

—Ela não me quer. Deixou-me abundantemente claro.

“Os homens são tão tolos.”

—E que há do orgulho? Não permite aos homens ter orgulho?

Lady Amélia inclinou sua cabeça e Jack jurou que podia ver lágrimas descendo por suas bochechas. Ele soube que não se equivocou quando uma gota de água orvalhou o piso a seus pés.

—O que, no maldito inferno, quer de mim? Vá-se, maldição, só vá-se!

Lady Amélia o apontou com um dedo, sem dizer nada, simplesmente olhando-o com a expressão mais triste que Jack já viu.



—Moira não me quer. Foi-se. Tirou o sarro, milady.

“Seu filho necessita de você.”

—Eu não tenho filhos — se mofou Jack — Talvez me confunda com algum outro Graystoke de outra geração.

“Seu filho... seu filho... seu filho...”

As palavras de Lady Amélia retumbaram contra o cérebro empapado de Jack até que pensou que estalaria. Apertando suas mãos contra suas orelhas, tentou obstruir suas palavras. Em troca, se fizeram mais altas e mais insistentes. Finalmente, Jack não pôde resistir mais. Agarrando a garrafa de conhaque pelo pescoço a jogou no fantasma. Passou através dela e chocou inofensivamente contra a parede.

“Recorde minhas palavras. Não retornarei.”

—Já era hora — disse bruscamente Jack com mau humor — Encontre a alguém mais a quem atormentar.

—Lorde Jack, encontra-se bem? — Pettibone irrompeu no quarto, uma vela sustentada em alto para iluminar seu caminho, sua camisola batendo asas ao redor de suas pernas ossudas. — Escutei um estalo, milord.

Jack deu uma olhada para a lareira e sentiu alívio ao ver que Lady Amélia se desvaneceu.

—Volta para a cama Pettibone — disse Jack com mau humor —Caiu à garrafa. Pode limpar pela manhã.

Pettibone deu uma olhada à parede, viu jorros de líquido deslizando para baixo até chegar ao chão e soube que a explicação de Jack era por longe muito simples.

—Muito bem milord. Boa noite então — fechou a porta silenciosamente atrás dele, temendo que seu jovem amo perdesse sua prudência.



Jack se sentou meditando muito tempo depois que Pettibone se foi, perguntando-se se Lady Amélia retornaria ou se o que disse era a sério. Quanto mais refletia, mais confusas se voltavam suas palavras. Ela sabia que ele não tinha filhos, então por que insistia em que seu filho o necessitava?

—Maldita — murmurou lastimosamente — O que quis dizer?

Lady Amélia escolheu não responder. E tampouco reapareceu.

De repente Jack ficou rígido em sua poltrona, completamente sóbrio pela primeira vez em semanas. Poderia ser? Levava Moira a seu filho? Foi-se especificamente para privá-lo de seu filho? A fúria bulia em seu interior. A raiva que sentiu antes não era nada comparada com o que sentia agora. Moira não tinha o direito, absolutamente nenhum direito, de esconder algo tão importante como um filho. Ela poderia não querê-lo como marido, mas a lei estava do seu lado. Ele ainda tinha a licença especial. Se de fato estava grávida, ele a converteria em sua esposa sem importar quão ferozmente protestasse.

À manhã seguinte, Pettibone encontrou Jack não só levantado uma ímpia hora matinal, mas também parecia estar sóbrio.

—Ah, Pettibone, chegou a tempo para empacotar uma bolsa por mim.

—Uma bolsa, milord? Vai você a alguma parte?

—A Irlanda. Comunique ao chofer que prepare a carruagem para uma viagem à costa. O jovem Colin nos acompanhará. É mais rápido que levar um pacote de Londres. Com sorte, estarei em Kilkenney dentro de uma semana.

O rosto de Pettibone se iluminou.

—Irá atrás da senhorita Moira? Graças a Deus, finalmente recuperou o julgamento.

—Sim, Pettibone. Recuperei o julgamento. Moira tem algo meu, e eu o quero.

Pettibone empalideceu.



—Se se refere ao dinheiro que roubou, foi uma soma insignificante. Certamente você não pretende apresentar cargos verdade?

Jack lhe enviou um olhar de soslaio.

—Não se preocupe Pettibone. Não é minha intenção apresentar cargos, embora não posso prometer não retorcer seu elegante e pequeno pescoço uma vez que lhe ponha as mãos em cima. Suficiente bate-papo. Desça minha bolsa quando estiver pronta. Irei imediatamente depois do café da manhã.

A partida de Jack foi atrasada pela chegada de Spence, que apareceu com um alto estado de excitação.

—Vai a algum lado Jack? Vi uma bolsa no vestíbulo. Alegra-me o alcançar antes que vá. Tenho informação sobre o homem retratado no medalhão de Moira. Nunca adivinhará quem é.

Algo distraído pela aparição inesperada de Spence, a atenção de Jack se aguçou quando este soltou bruscamente sua notícia.

—Venha ao estúdio e me diga o que averiguou. Alegra-me que me encontrasse antes de ir à Irlanda. Poderia ser importante ou poderia não significar nada, mas de qualquer maneira, quero estar armado com conhecimento quando confrontar Moira.

—Irá atrás de Moira — disse Spence, mais ou menos resignado pelo fato de que Jack estava completamente apaixonado por ela. Apesar de sua advertência, Spence sabia que Jack pretendia burlar-se da sociedade e casar-se com Moira. Talvez o escândalo resultante não fosse tão mau como ele assumiu que poderia ser, refletiu Spence. Mas se o era, imaginou que Black Jack Graystoke capearia o temporal em sua própria e inimitável maneira.

—Sim — admitiu Jack — logo que me diga o que averiguou.



—Nunca acreditará Jack. Eu certamente não o fiz. O homem é muito respeitado e seu nome, uma lenda em seu tempo. Era o conselheiro pessoal do Rei George. Retirou-se cinco anos atrás por causa de sua má saúde. Agora reside tranquilamente no campo.

—Doce Senhor, não quererá dizer... Não, não poderia ser. Por que Moira levaria um retrato do Conde de Pembroke?

—Sim, é certo. Herbert Montgomery, o Conde de Pembroke. A miniatura se via vagamente familiar, mas não sabia de onde. Não foi até ontem que descobri que poderia ser o conde.

—Então não está seguro — disse Jack, claramente decepcionado.

—Não completamente seguro. Só o próprio conde pode identificar o retrato. Mas ele esteve uma vez na armada Britânica e se alojou na Irlanda.

—Como deduziu que era o retrato do Conde de Pembroke que estava no medalhão de Moira?

—Como último recurso, mostrei o retrato a pai. Ele disse que vários anos atrás viu exatamente a mesma imagem pendurando na galeria de Lorde Herbert quando foi convidado a sua casa de campo para caçar. Ele assumiu que era Lorde Herbert como o jovem homem. Assim aí tem.

—Pode ser que tenha razão, mas não entendo nada disto. Moira disse que o medalhão pertencia a sua falecida avó, herdado a Moira por sua mãe.

—O que acredita que significa? — perguntou curiosamente Spence.

—Que me condenem se sei. Antes de voltar para a Inglaterra, terei a resposta. Foi tremenda sua ajuda, Spence. Devo-lhe uma dívida de gratidão.

—Não há de que. Só espero que a informação o ajude de algum jeito. Não estou seguro se alguma vez poderemos fazer que Lorde Herbert verifique o fato de que ele é o



homem na miniatura, já que agora é um recluso virtual. Seu único filho morreu anos atrás, e não tem filhos ou netos para que herdem o título.

—Por-me-ei em contato contigo quando retornar. Moira não obterá seu propósito de me ocultar... — Sua frase foi se desvanecendo, resistente a revelar informação que poderia ou não ser certa. Mas certa ou não, Moira lhe pertencia, e disposta ou não, amante ou esposa, ela seguiria sendo dele.



Capítulo 18

Moira olhou fixamente a chuva golpeando através da diminuta janela de seu quarto. O dia era tão ermo como seu coração. As nuvens voltaram o céu escuro e tenebroso. O ar era pesado, espesso e deprimente; o vento se estava pondo mais forte a cada minuto. O dia triste emparelhava com seu humor. Era muito tarde para as lágrimas, muito tarde para arrependimentos. Hoje era o dia de seu casamento.

A singela cerimônia teria lugar essa manhã na igreja do povo e a presenciaria sua família. Não era uma união por amor, mas sim por conveniência. Moira era consciente de que o povo inteiro sabia do casamento, mas não a razão para a pressa. Rogava que assumissem que era devido à necessidade de Paddy de uma mãe para seus meninos e não porque estava grávida de outro homem.

Um golpe tímido na porta tirou Moira de seu sonho e a trouxe para o presente.

—Sou Kevin, moça.

—Entra.

—Esperaremos um momento mais a que a chuva pare antes de ir à igreja — disse Kevin, enquanto tomava nota de sua palidez — Sente-se bem, moça?

—Estou bem, Kevin. Pensa que este vestido é adequado? É o melhor de todos os que trouxe comigo da Inglaterra.

Moira girou devagar ante Kevin. Na moda em brocado violeta e encaixe, o vestido sentava à perfeição a sua figura ainda magra.

—Está encantadora moça. Nunca a vi com algo tão magnífico. Tente não preocupar-se. Tudo resultará bem. Prometo.



—Nada voltará a estar bem, Kevin. Eu sei que Paddy é um bom homem, mas ele não é Jack.

A atenção de Kevin se aguçou.

—Jack? Esse é o nome do bastardo que a seduziu e a abandonou com o menino?

Compreendendo que disse mais do que pretendia, Moira tentou acalmar a curiosidade de Kevin.

—O nome do homem não é importante já que é improvável que o encontre. Não o decepcionarei de novo, Kevin. Serei uma boa esposa para Paddy.

—Não me decepcionou, moça. É uma mulher especial. Seu inglês não sabe o que perdeu, e eu não vou dizer se ele não merece ao bebê. Agora — disse ele, enquanto elevava seu queixo — me dê de presente um sorriso.

Os lábios de Moira tremeram em uma paródia de um sorriso que pareceu satisfazer a Kevin. Logo, ele a deixou com seus tristes pensamentos, esperando que a chuva amainasse o bastante para lhes permitir chegar à igreja sem empapar-se. Uma hora depois, a chuva diminuiu a uma fina garoa. Kevin carregou a família no carro da granja e partiu para Kilkenny.

Jack desembarcou antes do amanhecer, foi a primeira pessoa em baixar. Alugou um cavalo nos estábulos e perguntou a direção de Kilkenny. Sofrendo através de um caminho longo e tedioso, Jack esperava que Moira apreciasse todos os problemas pelos que teve para localizá-la. A chuva firme fez um atoleiro do estreito caminho, e Jack estava gelado até os ossos. Chegou a Kilkenny molhado, faminto e furioso.

O caminho barroso e cheio de sulcos através de Kilkenny estava quase deserto devido ao inclemente tempo. Certamente que Jack não tinha ideia em onde se encontrava a



granja Ou'Toole, decidiu conseguir um quarto em uma estalagem e pedir a direção da granja. Quando o lojista saiu de seu negócio, Jack guiou seu cavalo.

—Pode me indicar onde há uma estalagem senhor?

—Só há uma estalagem no povo, senhor. A Gaivota e a Andorinha do Mar, está a duas ruas abaixo direito por esta rua. Não pode perder-se.

Jack encontrou a estalagem sem problemas, pagou de antemão pelo melhor quarto que tinham para oferecer.

—Pode me dizer onde se encontra a granja dos Ou'Toole? —perguntou ao hospedeiro antes de subir para inspecionar seu quarto.

Em Kilkenny aos estranhos os olhava com suspeita e Jack não era nenhuma exceção.

—É amigo dos Ou'Toole, senhor? Não recordo que Kevin ou a senhora conhecessem nenhum inglês.

—Sou um amigo de Srta. Moira Ou'Toole.

Um olhar incrédulo passou pelos coloridos traços do hospedeiro.

—Por que não o disse antes? Está aqui para o casamento?

Jack ficou imóvel.

—Casamento?

— Sim, a Senhorita Moira e Paddy McGuire se casam.

Os batimentos do coração de Jack retumbavam como um martelo. Como se atrevia Moira a casar-se com outro homem?

—Sim, estou aqui para o casamento. Não cheguei muito tarde, não?

—A chuva atrasou a cerimônia. Se se apressar, poderá chegar a tempo para ouvir o Pai Sian declará-los marido e mulher.

Jack amaldiçoou baixo.

—Pelo amor a Deus homem, me indique onde está a igreja.



—Dobre à direita na esquina; não pode se perder. É o único edifício com uma cruz.

Jack estava fora da porta antes que o hospedeiro terminasse de falar. O hospedeiro curioso caminhou para a porta para ver Jack sair correndo. Negou com sua cabeça e murmurou algo sobre os ingleses impacientes e sem maneiras.

Jack localizou a igreja em minutos. Estudou o carro de granja parado fora e temeu chegar muito tarde. Como podia Moira casar-se com outro homem, quando o único que tinha a fazer era dizer uma palavra e ele se casaria com ela? Rogou não chegar muito tarde para deter essa farsa. Se ela levava seu filho, nem uma cerimônia religiosa o deteria de tomar o que era dele.

Atuando em meio de um frenesi de medo e cólera, Jack irrompeu na igreja. O murmúrio de vozes o atraiu através do vestíbulo à parte principal da igreja. A comoção durou só trinta segundos, quando viu Moira de pé ante o altar ao lado de um homem gigante, enquanto escutavam ao sacerdote entoar palavras que os uniriam irrevogavelmente.

Ele encontrou sua voz e deixou sair uma corrente de palavras.

—Detenha-se! Parem o casamento!

O sacerdote olhou ao céu. Moira se voltou devagar, reconhecendo a voz de Jack imediatamente. Em só um momento, Jack viu sua palidez, seus lábios trementes, seus traços, a magreza de seu pequeno corpo, e soube intuitivamente que ela levava seu filho.

—Jack — seu nome saiu de seus lábios com um suspiro.

—Quem demônios é você? — trovejou Kevin.

Pela primeira vez, Jack notou às outras pessoas na igreja. O homem que falou deveria ser o irmão de Moira. Eles se pareciam.

—Sou Jack Graystoke, Duque de Ailesbury.

—Não me interessa quem é você, não tem direito a entrar aqui e interromper o casamento de minha irmã!



Jack caminhou pelo corredor, sua presença volátil interrompendo a cerimônia.

—Tenho todo o direito do mundo. Sua irmã espera meu filho.

Moira gemeu com desespero.

—Como soube? Inclusive eu não soube até recentemente.

O olhar cor prata de Jack a imobilizou.

—E suponho que não iria me informar que seria pai, verdade?

O sacerdote parecia consternado.

—Eu não sei o que acontece, mas sugiro que continuemos com o casamento.

—Sim — sussurrou Moira — Por favor, continue Pai Sian.

—Por cima de meu cadáver — rugiu Jack.

Kevin deu um passo adiante, enquanto enfrentava Jack cara a cara.

—Isso pode arrumar-se, Sua excelência. Minha irmã não necessita de você. Você a seduziu e a deixou com o menino.

—Se isso for o que Moira disse, eu não discutirei o ponto. Entretanto, ninguém exceto eu vai criar a meu filho.

O Pai Sian levantou sua mão para calá-los.

—É verdade o que diz este homem moça? — perguntou a Moira — Espera seu filho?

Como Moira permanecia calada, Paddy lhe dirigiu um sorriso compassivo e continuou.

—É a verdade, Pai. Eu não desejo privar um pai de seu filho. Ainda estou disposto a me casar com Moira, mas não até que isto se esclareça entre eles.

—Eu estou de acordo — disse o Pai Sian, enquanto dirigia a Moira um olhar de censura — Se Lorde Graystoke for o pai de seu filho, ele deve ser consultado, antes que faça algo impetuoso. Possivelmente Sua Graça deseja corrigir o fato casando-se com você.



Moira olhou Jack. Ninguém entendia por que ela não podia casar-se com um par do reino?

—Eu vou casar-me com Paddy McGuire.

Jack lhe devolveu um olhar indiferente. Sua opinião sobre o homem que Moira escolheu para casar-se, melhorou no instante em que este aceitou fazer-se a um lado.

—Não o conheço Senhor McGuire, mas parece ser um homem razoável. Não sei o que Moira lhe disse, mas como pode ver, eu não estou disposto a ceder meu filho a outro homem. Desejo falar a sós com Moira.

—Escute bem, milord — vociferou Kevin enquanto defendia sua irmã protetoramente — Você seduziu minha irmã. Ela era inocente, antes de conhecê-lo. Eu não sei o que aconteceu a vocês, mas Moira não se casaria com outro homem se ainda o quisesse.

Jack dirigiu um intenso e gelado olhar a Kevin.

—Moira lhe disse que não me quer? Disse-lhe que lhe propôs matrimônio?

Kevin olhava Moira desconcertado.

—Quer estar a sós com este homem, moça? Aceitarei o que você dita.

O nó na garganta de Moira alcançou proporções monumentais. Ela tragou convulsivamente antes que a capacidade de pensar retornasse. A comoção de ver Jack na Irlanda a deixou muda. Mas descobrir que ele estava a par de sua gravidez quando ela mal acabava de chegar a essa conclusão, era extremamente alarmante. Por não dizer profundamente confuso.

—Falarei com Lorde Jack a sós — disse Moira.

—Muito sábio — disse Jack com uma ameaça velada. Estava seguro que ela sabia que se se negava ele a levaria a força apesar da atitude ameaçadora de seu irmão — O resto de



você pode partir para casa. Eu levarei Moira depois de nosso bate-papo, se é que ainda deseja voltar.

Kevin parecia relutante a partir, e Katie lhe deu uma cotovelada nas costelas.

—Moira sabe o que está fazendo, Kevin. Estou segura que Sua Graça não a machucará.

—Melhor que não o faça — advertiu Kevin.

—Se o fizer, responderá ante mim — disse Paddy, adicionando sua própria ameaça a de Kevin.

—Não temam — disse Jack, enviando um olhar que teria fundido o ferro — Não sou um homem violento. Pensam que machucaria a mãe de meu filho?

Um pouco mortificado, Kevin saiu, seguido de perto por Katie, os meninos, Paddy e o Pai Sian que fechou a porta atrás dele. Ao fim, só com Moira, Jack assinalou um banco e disse:

—Sente-se, parece a ponto de desmaiar.

Sentindo o peso de suas pernas trementes, Moira se afundou no banco duro, sem afastar a vista de Jack.

—Como soube? — sussurrou — Só o sabia Kevin, Katie e Paddy.

As sobrancelhas de Jack se elevaram com surpresa.

—Disse ao homem com quem estava planejando se casar que levava o filho de outro homem?

—A Paddy, não importava. É um bom homem. Sua esposa morreu recentemente, e ele necessita de uma esposa que cuide de seus dois filhos órfãos de mãe. Conhecemo-nos toda a vida.

—Parece bastante velho para ser seu pai.

Ela levantou o queixo.



—Ele estava disposto a casar-se e criar meu filho.

—Eu estava disposto a me casar — lhe recordou Jack — Não preciso dizer que não vai casar com Paddy McGuire. Se desejar se casar, vai fazê-lo comigo.

A arrogância de Jack despertou o temperamento irlandês de Moira. Ele podia exigir tudo o que quisesse, mas ela não ia casar com ele. Era consciente de que a obstinação era a principal responsável por sua decisão, mas nenhum homem ia lhe dar ordens.

—Não me casarei com você.

—Já vejo — disse Jack com uma calma que desmentia sua fúria — Criar um bastardo não será fácil. É obvio, eu cuidarei de você e do menino, mas pense na vergonha que trará para sua família — ao ver que Moira não reagia, decidiu provar outra tática — A casa que aluguei ainda está esperando por você se decide se converter em minha amante.

Os olhos de Moira brilharam com fúria.

—Vou casar-me com Paddy.

—Por cima do meu cadáver. Maldição, Moira, É consciente da angústia que me causou sua fuga? Meu pessoal começou a temer por minha prudência. Pettibone me tratava como um doente mental e Matilda me preparava comidas que não eram aptas para comer. Jilly atuava como se eu tivesse cometido um assassinato. Todos me culpam por afugentar você.

—la me instalar como sua amante — rugiu Moira.

—Obrigou-me a fazê-lo. O que ofereci foi uma honrada proposta de casamento. Um homem só pode chegar até certo ponto, e eu tinha alcançado meu limite. Fui tão longe como me permitiu meu orgulho.

As palavras de Jack sacudiram a calma de Moira. Tudo o que Jack disse era verdade. Ele salvou sua vida, não uma vez, a não ser duas vezes. Alojou-a e cuidou dela quando a feriram. A brincadeira que ele tentou fazer para a sociedade saiu como um tiro pela culatra,



mas ela poderia perdoá-lo por isso. Foi um plano atordoado desde o começo. Apaixonar-se por Jack não fazia parte do plano, e fazer amor com ele foi tão natural como respirar. Ela o deixou porque o amava muito para casar-se e causar um escândalo.

Jack viu todas as emoções passar pelos encantadores traços de Moira. Viu a determinação, a obstinação, a compaixão, a confusão e, sim, o amor. Sorriu interiormente. Nenhuma quantidade de rechaço poderia mudar o que ela sentia. Agora devia convencê-la de que não lhe importava absolutamente o que a sociedade pensasse de seu casamento. Na ausência de Moira, tentou voltar a ser Black Jack e falhou miseravelmente. O que agora queria era esforçar-se por ser o melhor pai e o melhor marido. Não importava que seu casamento causasse um grande escândalo, algum novo escândalo o substituiria, e com o tempo a sociedade perdoaria seu deslize. Não é que se importasse. Muito do antigo Black Jack permanecia nele para que importassem as intrigas. Ele brincou com a sociedade antes e provavelmente o faria de novo.

De repente, ocorreu a Moira que Jack nunca lhe explicou como soube que ela estava grávida e procurou remediar sua omissão.

—Como soube que eu ia ter um filho? Tem premonições?

Jack sorriu abertamente, enquanto recordava as palavras de Lady Amélia e quão confundido o deixou.

—Lady Amélia me disse.

Moira franziu o cenho.

—O fantasma?

—Sim. Mas temo havê-la ofendido. Perdeu a paciência comigo, quando voltei a meus velhos costumes libertinos. Duvido que volte a aparecer logo.

—Fala com um fantasma? —repetiu Moira.



Jack fez uma pausa pensativamente, enquanto recordava suas conversas com Lady Amélia. Embora ela não dissesse uma palavra em voz alta, ele sabia exatamente o que lhe dizia. Chama-o telepatia, chama-o como quiser, suas palavras penetravam em seu cérebro sem som.

—Poderia dizer isso. Lady Amélia me enviou a você à noite em que a encontrei esticada na sarjeta. Ela me disse que me salvaria da perdição. É obvio, não acreditei. Não quis acreditar. Estava contente com minha vida. A esta altura, deve estar bastante agradada consigo mesma. Quase me casei com Vitória, e pensar nisso me assusta.

Moira encontrava tudo isso difícil de acreditar.

—Como poderia salvar você se sequer o conhecia?

—Que me condenem se sei, mas é certo que a perdição já não me parece tão atrativa. Nunca pensei em ser pai, e agora o encontro bastante agradável. Sabia que Vitória não queria meninos, e tudo o que eu queria dela era sua fortuna.

Como podia Moira argumentar contra um fantasma? Mas ainda tinha uma dúvida. Quando Lady Amélia dirigiu Jack para ela aquela noite fatal, o fantasma sabia que ele se tornaria um duque? Moira pensou que não. E esse era o problema.

—A aparição de Lady Amélia não muda as coisas — declarou Moira, agora menos segura do que estava antes.

—Aluguei um quarto na estalagem — disse Jack abruptamente — A igreja não é um lugar para uma discussão longa, e posso dizer que vai tomar tempo te convencer de que devemos permanecer juntos. Além disso, tenho uma pergunta importante sobre o medalhão que sempre levava.

—Perdi-o.



—Sei — colocando a mão em seu bolso, Jack recuperou o medalhão de Moira e o pôs em sua mão. Moira fechou seus dedos ao redor dele, suspirando — Encontrei em minha cama. Agora virá comigo?

Moira se ruborizou ao recordar a noite que passou na cama de Jack antes de ir.

—Não é apropriado que vá a seu quarto.

—Nós já passamos o limite do que é, ou não, apropriado. Leva meu filho em seu ventre Moira. É minha; sempre foi minha.

—Sua possessividade está me espantando. Como sei que não me quer só pelo filho que levo dentro?

—É a mulher mais exasperante que tive alguma vez o infortúnio de conhecer! Eu não tinha ideia de que estava grávida quando propus isso. Vai vir comigo, ou tenho que a levar em cima de meu ombro para tirá-la daqui?

A lógica de Jack derrotou Moira. Além disso, sabia que era capaz de levá-la pela força.

—Muito bem, embora saiba que destruirá minha reputação.

—Não se formos pela escada de serviço — tomando sua mão, guiou-a através da igreja e fora pela porta. Uma fria chuva os recebeu. Com um rápido movimento, Jack elevou a Moira, subiu-a a seu cavalo e montou atrás dela. Embora o caminho fosse curto, estavam molhados quando Jack deixou seu cavalo na parte traseira da estalagem e instruiu ao moço de quadra a respeito de seu cuidado.

Felizmente, as escadas traseiras da estalagem estavam só a uns passos do estábulo. Subiram sem dificuldade, e Jack localizou seu quarto pelo número pintado na porta. Encontrou-o espaçoso, cômodo e bastante limpo. Uma cama coberta com uma colcha cobria uma porção grande do quarto. Uma cômoda, e uma mesa completavam os móveis. Jack se alegrou de ver que havia uma lareira e um bom fornecimento de madeira e acendeu o fogo enquanto Moira se sentava na borda da cama, estremecendo com sua roupa molhada.



—Em uns minutos, a estadia estará muito mais acolhedora — disse — Tire a roupa molhada e se envolva em uma manta. A roupa pode secar perto do fogo enquanto nós falamos.

Moira não acreditava que tirar a roupa era uma boa ideia. Que não quisesse casar-se com Jack não significava que não o desejasse. Ela sempre o desejaria. Sabia por experiência como ardiam quando estavam juntos, e tirar a roupa complicaria ainda mais as coisas. Como ela não fez nenhum movimento para fazê-lo, Jack a pôs de pé, tomou a capa de seus ombros e começou a desabotoar o vestido.

—Não quero ser responsável por sua morte. Pense no bebê e não só em você.

—Eu... Eu posso fazê-lo só — ela tomou suas mãos para afastá-la e sentiu um estremecimento que a percorreu inteira. Elevou seus olhos, e ele encontrou seu olhar, seu sorriso de lado lhe disse que ele sentia a mesma sensação de formigamento que ela. Ele deixou cair suas mãos e se afastou.

Moira tomou o cobertor da cama, colocou-o ao redor de seus ombros e se despiu. Lançando um olhar divertido, Jack recolheu suas roupas e as estendeu ante o fogo. Quando ele começou a tirar a sua própria roupa, Moira gemeu e afastou o olhar.

—Não é um pouco tarde para o acanhamento? Deseja-me tanto como eu a você. Negue tudo o que quiser, mas seus olhos me dizem outra coisa.

—É presunçoso, arrogante e incrivelmente rude, Jack Graystoke. E está muito longe da redenção. Nem todas as mulheres estão apaixonadas por você.

—As outras mulheres não me interessam, é você a mulher que quero. Admito ser arrogante. Inclusive concedo ser presunçoso — fez um gesto de pesar — Dificilmente sou rude. E houve uma época em que meus vícios eram uma lenda, mas, desde que a conheci, renunciei à perdição.



Moira não pôde evitar e sorriu. Suas declarações eram tão típicas de Black Jack que se perguntou se ainda não tinha um pé no caminho da perdição.

— Se se mover da cama por um momento, tirarei uma manta e protegerei sua dignidade.

Moira saltou com pressa, enquanto Jack deixava cair seus calções e tirava uma manta da cama.

—Agora pode dar volta. Já estou decente.

Quase decente, pensou Moira enquanto olhava fixamente seu peito nu. Ele se envolveu em uma manta, bem, cobrindo-se frouxamente ao redor de seus quadris. Até aí chegaram as intenções de proteger sua dignidade.

—Queria falar — recordou ela — O que pode dizer aqui que não podia dizer na igreja?

Ele tomou sua mão, atraindo-a para a cama ao lado dele.

—Não queria nenhuma interrupção. A igreja é um lugar muito público para o que tenho que dizer.

A Moira se fazia difícil pensar com Jack sentado a seu lado. Ele cheirava delicioso, um aroma viril que era singularmente dele. Recordava-lhe algo escuro, almiscarado e irresistível. O impulso de tocar seus lábios, seus ombros, o denso pêlo que cobria seu peito a estava obrigando a apertar suas mãos em punhos para impedir de estendê-las para ele. Quando compreendeu que o que sentia devia refletir em seus olhos, baixou rapidamente seu olhar.

—Que queria dizer?

—Não é tanto o que queria dizer como o que queria fazer — disse Jack, enquanto agarrava seu queixo e o elevava, obrigando-a a olhá-lo aos olhos. O que ela viu foi fogo líquido derramando para suas coxas. Os olhos de cor prata estavam frágeis pela paixão, sua cara severa, com fome — Quero você, Moira. Deixe-me amar você.



—Está sendo injusto — disse Moira — Sabe que não posso resistir. Não estaria nestas dificuldades se pudesse. Deixei-o por seu próprio bem.

—Como pode saber o que é bom para mim? — disse Jack — Acredita que eu não sei o que é bom para mim?

—Casando-nos causaríamos um escândalo.

—Estive envolto em escândalos com antecedência e sobrevivi.

—Mas nunca antes foi um duque.

—O Senhor sabe que nunca aspirei ao título. Diga a verdade, Moira. Teria se casado comigo se só fosse Black Jack Graystoke?

Moira fez uma pausa que só durou um batimento de coração.

—Sim, mas não é simplesmente Black Jack. Se fosse, se casaria com Lady Vitória. De qualquer modo, não poderia se casar com uma plebeia irlandesa — sua lógica o desarmou, mas mudou de tema destramente.

—Onde está seu medalhão?

Moira o olhou com receio.

—No bolso de meu vestido. Por quê?

Jack recuperou o medalhão e se sentou de novo a seu lado.

—Abre-o — disse, enquanto o dava.

Com as mãos trementes, Moira fez saltar o broche, revelando o retrato interior.

—Está satisfeito?

—Quem é o homem desta pintura?

Moira inalou profundamente e se permitiu exalar devagar.

—Ninguém de importância para você.

—Mas alguém de importância para você, tenho certeza.



—Minha mãe me disse que era o retrato de seu pai. Não há ninguém vivo para prová-lo, mas ela sempre acreditou. Pertenceu a sua própria mãe que morreu enquanto a dava a luz.

—Quem deu o medalhão a sua mãe e lhe contou sobre ele?

—As monjas que a criaram. Segundo a Madre Superiora, a família de minha avó a repudiou quando ficou grávida. Supostamente, o pai de seu menino era um soldado inglês nobre de nascimento que esteve aquartelado na Irlanda durante uma rebelião. Obviamente, meu avô, se a história for verdade, abandonou minha avó. Mas não entendo que diferença faria tudo isto em nossa situação.

—Faria toda a diferença do mundo se o homem na pintura é seu avô.

—Sabe quem é? — a excitação coloriu suas palavras e de rubor suas bochechas.

—Acredito que sim. Ouviu falar alguma vez do poderoso Conde de Pembroke?

Moira negou com a cabeça.

—Meu avô tem alguma longínqua relação com esse grande conde? — não importava a Moira se seu avô era um parente de um inglês contanto que o mistério do medalhão fosse resolvido.

—Seu avô é o conde. Sua mãe era a filha do futuro Conde de Pembroke. Tempo depois ele herdou o título, casou-se, teve um filho, e este morreu. Agora vive encerrado no campo.

—Como sabe tudo isto? — perguntou Moira com suspicacia.

—Fazendo de detetive, meu amor. Dei o medalhão a Spence e lhe pedi que investigasse, nunca suspeitamos sua importância. Seu pai foi o que finalmente identificou ao homem na miniatura.

—Está seguro? Absolutamente, irrevogavelmente seguro?



—Bastante seguro — respondeu evasivamente Jack — O primeiro que faremos quando retornarmos a Londres é pedir uma audiência com Lorde Pembroke. Ele é o único que pode verificar a história.

A expressão de Moira se esvaiu.

—Não darei nada por certo.

—É quase uma certeza, amor. Agora, se casará comigo e dará um nome a nosso filho? O sangue que corre por suas veias é inclusive mais azul que o meu.

—Não está inventando isso?

Jack negou com sua cabeça, exasperado além da paciência. Era uma mulher muito teimosa. Mas isso era parte do que a fazia tão adorável.

—Acaso jogaria com algo tão importante como nossa linhagem?

Moira estudou seu rosto, procurando a verdade.

—Não, acredito que não o faria. Casarei com você depois de falar com Lorde Pembroke.

Jack tomou pelos ombros e a sacudiu levemente.

—Ama-me Moira? Uma vez acreditei que o fazia. Mas sua firme resistência me faz me perguntar se estava equivocado.

O momento da verdade chegou. Moira o reconheceu tão certamente como sabia que o sol nascia pelo leste e o poente pelo oeste. Não podia negá-lo por mais tempo. Ela, alegremente, felizmente, exuberantemente, amava Jack Graystoke. Mesmo que Lorde Pembroke se convertesse em um caso de identidade equivocada, não poderia negar a seu filho seu verdadeiro pai.

—Amo-o, Jack Graystoke. Amo-o além do tempo ou da razão.

Jack pestanejou surpreso, incapaz de acreditar no que ouvia. Sempre acreditou que o amava, mas conseguir que admitisse era mais do que esperava. E pensar que ele quase se



rendeu. Se não fosse pelo fantasma intrometido, perderia Moira para sempre. De fato, nunca conheceria Moira se não fosse por Lady Amélia.

—Disse que nunca voltaria a pedir que se casasse comigo, entretanto aqui estou de joelhos ante você. Tentei me convencer de que não a amava, inclusive tentei me deitar com outras mulheres, mas tampouco resultou. Desterrou Black Jack Graystoke, e, em seu lugar, vê um homem reformado. Lady Amélia deve estar satisfeita. Amo você, Moira Ou'Toole. No momento em que a conheci, compreendi que não podia me casar com Vitória, embora isso significasse ir ao cárcere de devedores e perder Graystoke Manor. É a única mulher que quero Moira. Nós nos casaremos antes que saíamos da Irlanda. Não posso esperar para fazê-la minha duquesa.

Moira abriu a boca para protestar, mas a fechou. Tinha posto mais obstáculos no caminho de Jack que os que qualquer homem deveria ter que passar em uma vida. Quando ele estendeu a mão e tirou a manta de ao redor de seus ombros, ela não teve nenhum desejo de detê-lo. O quarto estava quente, quase muito quente, mas Moira apenas o notou quando Jack desembrulhou a manta de seus quadris. Nunca, pensou enquanto o olhava fixamente, viu um homem tão belamente feito. Seu tamanho não a preocupava, porque se ajustava rapidamente ao diâmetro de seu sexo que agora se inflamava com sua necessidade dela. Sua força e sua fome por ela, ambas a agradavam e satisfaziam.

Ele tomou em seus braços, e ela o sentiu contra seu quadril, duro, sólido e imenso.

—Esperei muito tempo para fazê-la minha de novo — sussurrou ele em seu ouvido.

Tomou sua boca com um beijo furioso e possessivo que curou seu coração e alimentou sua alma. Moira quase desmaiou de deleite. Seu beijo era tal como recordava, tudo o que podia querer na vida, e mais. OHh Deus, muito mais.



Capítulo 19

Jack aprofundou o beijo, sua boca era feroz e exigente. A estava consumindo e ao mesmo tempo estava criando uma fome enorme em seu interior. Os lábios dele se moviam sobre os dela, procurando uma resposta que igualasse a sua. Seus lábios se separaram sob os masculinos, e ele introduziu a língua dentro de sua boca, explorando-a com paixão liberada. O sabor e o aroma atormentadores dele excitavam os sentidos femininos. Ela o sentiu remover-se impacientemente contra seu quadril e estremeceu ante o poder que tinha sobre ele. A língua feminina começou uma dança vacilante com a dele enquanto sua mão grande tocava gentilmente um seio. Seu mamilo se ergueu duro e palpitante quando ele tomou o broto inchado entre os dedos e o acariciou meigamente. Moira lançou um grito de doce rendição, ansiando mais desse sublime prazer.

Ele a jogou sobre a cama e enterrou o rosto entre seus seios. Ela gemeu e abraçou o calor da boca sobre sua carne enquanto ele lambia seus mamilos com a aspereza aveludada de sua língua. Então, atraiu um mamilo à caverna úmida e cálida de sua boca, sugando com deliciosa ternura. O roce do queixo coberto de uma incipiente barba contra sua pele suave incrementou seu prazer, enquanto a boca dele delineava um caminho de fogo através de sua pele sensível. Ela se converteu em mercúrio em suas mãos, quente e ávida. Como um líquido quente que se derramava sobre ela, a boca de Jack fluía docemente sobre sua carne enquanto as mãos se moviam ardentes e insistentes sobre seu corpo.

Enquanto ele deslizava lentamente para baixo, riscando desenhos úmidos e sedosos sobre sua pele, Moira ofegava pela antecipação de seu seguinte movimento. Ele separou brandamente seus joelhos com o cotovelo e se colocou entre elas, detendo-se brevemente para lhe dirigir um pequeno sorriso de pura fome sexual antes de baixar sua cabeça ao calor



úmido e almiscarado de sua virilha. Moira ficou rígida e lançou um grito quando ele separou as delicadas dobras rosadas com sua língua, em busca de uma maior intimidade.

Jack deixou escapar um gemido surdo contra a união de suas coxas quando sua doçura fluíu para a boca dele, quente e excitante. O corpo feminino se agitou pelo prazer. Ele podia sentir a tensão crescendo no interior dela enquanto seus dedos se curvavam em seus ombros e suas pernas começavam a tremer. Arqueou-se violentamente contra a pressão deslizando de seu dedo dentro dela e os açoites úmidos de sua língua, esticando-se contra seus hábeis golpes enquanto se derretia pelas carícias profundas e lentas.

Os gritos se voltaram frenéticos, enquanto ela se aferrava a ele, movendo-se contra o impulso de seus dedos e a doce exploração de sua língua. Jack soltou outro grunhido contra seu calor almiscarado, enquanto seu controle se debilitava perigosamente. O aroma e o sabor dela o incitavam de forma selvagem a empurrar em seu interior e acariciar-se até o êxtase. De repente, o corpo dela ficou rígido e se retorceu contra ele. Mantendo seus dedos profundamente afundados em seu calor empapado se elevou para olhá-la, para segurá-la, enquanto alcançava o clímax violentamente. Sua boca cobriu a dela, tragando seus gritos, e suas carícias continuaram, até que os tremores femininos minguaram.

Então, com um vazio de mente alimentado por uma feroz necessidade e uma fome longamente negada, flexionou seus quadris e empurrou dentro das luxuriosas dobras de seu corpo. Em toda sua vida, Jack não podia recordar estar tão excitado. O prazer se tornou dor, logo, uma agonia insuportável, enquanto se esfregava contra ela, entrando e saindo profunda e freneticamente. Suas mãos estavam em suas nádegas, amassando, acariciando, elevando-a para encontrar sua penetração audaz, excitando-a de novo. Ela se arqueou para cima, com a febre, a loucura e a necessidade empurrando-a a um extremo insuportável, encontrando seus impulsos com gemidos frenéticos e ofegantes.



Ele empurrou uma e outra vez, com seu rosto absolutamente belo pela intensidade. A glória pura e esplêndida a percorreu enquanto ondas de sensações cobriam seu corpo. Cada movimento de seus quadris o levava mais e mais dentro dela, enchendo-a como se fosse feita à sua medida, pulsando contra as paredes de seu sensível interior. Diminutas explosões estalaram dentro dela, estrondosas e magníficas, como muito fundo de prazer que a percorria.

—Amo você, Moira — gritou Jack enquanto se afundava nela uma última vez e se dissolvia em um milhão de brilhantes pedaços — É minha!

Moira reagiu com um antigo instinto feminino, aferrando-o fortemente e atraindo-o mais e mais dentro, até que seu corpo ressonou e vibrou com um prazer insuportável. Logo, incrivelmente, viu-se lançada ao espaço, flutuando, imersa em uma perfeita harmonia, enquanto luzes brilhantes estalavam a seu redor e o sangue cantava em suas veias. Um trêmulo suspiro abandonou seus lábios enquanto as deliciosas contrações diminuía e se afastavam.

Jack se sentia abrandar-se, mas era relutante a abandonar o calor líquido de seu canal. Queria permanecer assim para sempre, dentro dela, sobre ela, ao redor dela. Embora vivesse para sempre nunca teria o bastante dela. Quando deslizou de seu corpo rodou sobre seu lado, atraindo-a a seus braços. Estava intumescido, deslumbrado e esplendidamente satisfeito.

—Agora, me diga que não nos pertencemos — disse Jack, desafiando-a que negasse o que acabavam de experimentar juntos. Foi um êxtase selvagem que alcançaram juntos, uma ondulante sensação atrás de outra, como nuvens que formavam redemoinhos a seu redor.

—Seria uma mentira — sussurrou Moira com um suspiro tremente — Nunca poderia negar Jack. Amo-o muito.



—Graças a Deus — replicou Jack feliz — Cheguei muito longe para ser rechaçado de novo. Quero que nosso filho tenha o nome que lhe corresponde. Casaremos antes de voltar para a Inglaterra. Merece ter sua família junto a você quando pronunciarmos nossos votos. Lady Amélia deve estar regozijando-se por completo — murmurou enquanto a girava contra ele e pressionava os lábios contra os seus.

Seus lábios abandonaram os dela para deslizar pela borda de seu seio nu, capturando o topo de um mamilo avermelhado. Suas mãos percorreram o corpo feminino, procurando cada ponto sensível, deixando-a tremendo com renovada paixão.

—Desejo-a outra vez, querida, mas só se não estiver muito exausta.

O aroma da paixão passada que se aferrava a ela era mais embriagador que um perfume fragrante e cem vezes mais excitante. Como poderia estar muito exausta para este homem tão magnífico, perguntou-se Moira.

—É diabólico, Black Jack — sussurrou enquanto atraía seus lábios contra os dele, respondendo a sua necessidade com a própria — Não mude nunca.

—Nunca, querida. É minha paixão, minha vida, meu amor.

Fizeram amor lenta e relaxadamente, o êxtase foi tão intenso que ela sentiu que sua alma deixava seu corpo. Quando Moira voltou a si, Jack estava convexo ao seu lado, apoiado sobre um cotovelo e sorrindo-lhe.

—Quero manter essa expressão em seu rosto para sempre.

Moira se ruborizou.

—É incorrigível.

—Sim. Mas acredito que a esgotei. Durma meu amor. Tenho preparativos a fazer. Despertarei você com suficiente tempo para nosso casamento.

Jack beijou sua testa e levantou seu comprido corpo da cama. Moira o olhava por debaixo das pálpebras entreabertas, enquanto vestia suas roupas. Seu olhar riscou a largura



incrível de seus ombros, sua magra cintura, seus quadris estreitos, e continuou pela flexível longitude de suas coxas, panturrilhas e tornozelos. Quando ele se agachou para recolher suas calças, ela admirou as curvas firmes e duras de suas nádegas e os tendões ondulantes de suas coxas musculosas. Ao sentir seu escrutínio, Jack girou e lhe dirigiu um sorriso arrogante.

—Segue me olhando dessa forma, e nunca abandonaremos este dormitório.

Moira sorriu sonolentemente.

—Não me dava conta de que estava olhando. É formoso — disse ela timidamente.

Jack avermelhou de prazer. Mas quando tentou formular uma resposta apropriada não se surpreendeu ao ver que Moira adormeceu. Depois de vestir-se silenciosamente deixou a estadia e falou atentamente com o hospedeiro. O homem se surpreendeu bastante pelo pedido de Jack, mas acessou sem comentários quando Jack pagou o suficiente para pagar pelo que queria.

O pai Sian esteve de acordo em celebrar o casamento. Mais que disposto, a verdade fosse dita. Sua fé não consentia a intimidade pré marital, e estava ansioso por corrigir um mal. Um menino fazia inclusive mais imperativo que o pai e a mãe estivessem unidos em sagrado matrimônio. Jack indicou as quatro dessa tarde como à hora para a cerimônia e logo pediu as indicações para ir à granja dos Ou'Toole.

Jack amaldiçoava a chuva infernal enquanto cavalgava pelo caminho enlameado que levava a granja Ou'Toole. Esteve mais que agradecido quando viu fumaça subindo de uma chaminé e o contorno de uma casa ao final do atalho. A cabana necessitava desesperadamente uma mão de cal, e parecia mais escura do que realmente era no cinza nublado do dia. Jack chegou ao portão, inclinou-se para abri-lo e entrou no pátio. Viu o agitar das cortinas da janela da frente enquanto desmontava e então a porta se abriu de repente antes que a alcançasse.



A mandíbula de Kevin se projetava belicosamente para fora enquanto bloqueava a porta principal.

—Onde está minha irmã, milord? O que têm feito com ela?

—Moira está segura e seca em minha estadia na estalagem. Estou seguro que estará de acordo em que não é saudável nem sábio que saia com este tempo, especialmente em sua delicada condição. Posso entrar?

Kevin vacilou com incerteza. Katie lhe dirigiu um feroz olhar e o fez a um lado.

—Por favor, entre, milord, aqui está quente e seco. Estou segura de que podemos nos sentar e conversar sem animosidade.

Kevin se fez a um lado com marcada relutância quando Jack entrou pela porta. Olhou ao redor com curiosidade. Escassamente mobiliada, mas escrupulosamente limpa e ordenada, a casa era quente e acolhedora, dizendo a Jack sem palavras que os ocupantes estavam unidos pelo amor. Jack sorriu aos meninos quando se apinharam ao redor dele, com os olhos abertos pela curiosidade. Sorriram timidamente em resposta, antes que Katie os jogasse à cozinha.

—Sente-se, milord — convidou Katie — Tanto Kevin como eu estamos ansiosos por saber de Moira.

—Por favor, me chame Jack. Como disse antes, Moira está bem. Deixei-a dormindo. Estou aqui para convidá-los a um casamento.

Kevin se arrepiou com irritação.

—O que fez a Moira para convencê-la de que se case com você?

Jack o enfrentou diretamente.

—Acredita que lhe faria mal? Por Deus, homem, amo Moira. Levo meses para convencê-la de que se case comigo.



—Perdoe Lorde Jack. É só que Moira estava contra casar-se com você — interveio Katie quando viu que Kevin ia iniciar um enfrentamento desagradável.

Jack sorriu descaradamente.

—Sou um menino muito convincente quando me proponho a isso.

—Obviamente seduziu minha inocente irmã — disse Kevin secamente.

Jack não o negou.

—Algum dia lhe direi como encontrei Moira. O perigo que ela enfrentava não provinha de minha pessoa. Mas, agora, não temos tempo para entrar em detalhes. Nosso casamento acontecerá às quatro. Moira e eu estaríamos muito agradados de ter você e Katie como testemunhas.

Era evidente que Kevin não estava convencido de que Jack fosse o homem apropriado para sua irmã.

—O que dirão seus elegantes amigos de que tome como esposa a uma camponesa irlandesa?

—Importa-me um nada. Não é assunto de ninguém com quem me caso. Além disso, não pode ignorar que você e sua irmã podem ter sangue nobre em suas veias.

A atenção de Kevin se aguçou.

—O que sabe você sobre isso? Semelhante crença pode não ser nada salvo a imaginação de uma mulher que desejava que fosse verdade. Nossa mãe não tinha nenhuma prova real de que seu pai fosse um cavaleiro com título.

—Ela tinha o medalhão que levava a imagem de seu pai.

—Moira perdeu o medalhão; já não o temos como prova, se é que se pode chamar prova a uma evidência tão débil.



—Moira deixou o medalhão em Londres. Eu o encontrei. Depois de investigar um pouco, o pai de um amigo identificou o homem da miniatura. Ouviu falar alguma vez de Lorde Pembroke?

—Não. Deveria?

—É possível que Lorde Pembroke, o Conde de Montgomery, seja seu avô. Seu título data dos tempos de Guilherme o Conquistador. Em uma época, se moveu em ambientes muito elevados. Após, se retirou a sua propriedade no campo. Perdeu seu único filho antes que pudesse engendrar um herdeiro, e, quando sua esposa morreu vários anos mais tarde, escolheu não voltar a casar-se. O condado desaparecerá sem um herdeiro.

Kevin avaliou a Jack com o olhar.

—O que o faz estar tão seguro de que o conde é nosso avô? Falou com ele?

—Ainda não me pus em contato com o conde. Pretendo fazê-lo depois de minha volta a Inglaterra. Só Lorde Pembroke pode verificar se ele era... Né... Conhecido de sua avó materna. Por certo, qual era seu nome?

—Sheila Malone. O nome de nossa mãe era Mary. É essa a razão pela que está tão ansioso de casar-se com Moira? Porque poderia ser a neta de um conde?

—Maldição, Ou'Toole. Casaria com Moira embora fosse uma criada de cozinha. Do que se necessita para convencê-lo?

Kevin murmurou algo parecido a uma desculpa, sem estar ainda totalmente convencido dos tenros sentimentos de Lorde Jack por sua irmã.

—É hora de que vá me preparar para as bodas. Estará ali, Ou'Toole? Significaria muito para Moira.

—É obvio que estaremos ali — intercalou Katie — Se Moira aceitou casar-se, está bem para mim.

—As quatro na igreja — disse Jack dirigindo a Katie um olhar agradecido.



—As quatro em ponto — repetiu Kevin com respeito reticente.

Jack partiu pouco depois disso, agradado com seus progressos. Sabia que o irmão de Moira ainda não confiava nele, mas esperava algum dia ganhar sua total aprovação.

Moira ainda estava dormindo quando Jack entrou na estadia. Odiava despertá-la, mas não queria que chegassem tarde a seu casamento. Agitou-a brandamente para não assustá-la e observou com reluzente interesse como se esticava e sorria. A manta se afastou quando ela elevou os braços, despindo seus seios, e requereu toda a força de vontade de Jack para não unir-se a ela na cama.

—Levante-se preguiçosa, é hora de nos prepararmos para nosso casamento.

—Tão logo? — O sorriso de Moira se ampliou enquanto lhe estendia os braços.

Jack reconheceu o convite e grunhiu com desânimo.

—Não há tempo, amor. Seu irmão e sua família já estão a caminho da igreja.

—Foi ver Kevin, e estive de acordo em assistir a nossas bodas? —Jack assentiu — Amo você, Jack Graystoke. Se se unir a mim na cama, lhe demonstrarei quanto.

A masculinidade de Jack se agitou, e ele se moveu incômodo.

—Não sabia que estava me casando com uma juvenzinha tão descarada. Quer chegar tarde a seu casamento?

—Esperamos tanto que um pouco mais não fará mal.

Requereu pouco esforço por parte de Jack ceder. Ela se via tão adorável, ruborizada pelo sono e ingênua, que ele não podia negar mais do que podia negar sua própria necessidade clamorosa. Despiu-se rapidamente, com seu ardente olhar fixo em seus seios, que pareciam inchar com cada baforada de ar que ela tomava. Quando Moira colocou de lado a manta para que pudesse unir-se a ela, seu brilhante olhar deslizou para baixo, para essa parte dela que lhe dava tanto prazer. Mas não se uniu a ela, ainda não.



Com movimentos lentos caminhou para o lavabo, verteu água do cântaro em uma terrina e molhou um tecido limpo. Quando voltou estendeu as pernas de Moira e lavou brandamente todos os rastros de seu ato de amor prévio. Quando terminou, Moira se elevou da cama, tomou o tecido de suas mãos, abriu-o e lhe realizou timidamente o mesmo serviço. Jack gemeu, com sua paixão pronta para explodir. Então caíram juntos na cama, com os braços e as pernas entrelaçados, os corpos tocando-se do peito até a virilha. Quando Jack deslizou sobre ela, Moira lhe dirigiu uma careta travessa e o empurrou para que se deitasse sobre suas costas.

—É meu turno de atormentá-lo, Lorde Jack.

Sentando-se escarranchada sobre ele, ela beijou, beliscou e incitou, deslizando sua boca ardente sobre seu rosto, seu pescoço e seus ombros, dedicando uma especial atenção às duras protuberâncias dos peitos masculinos. Jack conteve o fôlego e o deixou escapar lentamente, enquanto os lábios femininos se moviam inexoravelmente para baixo. Ele grunhiu e empurrou para cima, no suave ninho de sua palma, quando ela curvou seus dedos ao redor dele, acariciando sua grossa longitude até a raiz. Mas a Moira faltava muito para finalizar. Baixou a cabeça e o saboreou delicadamente, com pequenas lambidas brincalhonas de sua língua.

—Já é suficiente! — grunhiu Jack bruscamente enquanto a agarrava pelos quadris, elevava-a e empurrava dentro dela. Ela estava aberta e úmida e tomou avidamente.

Arqueando sua cabeça para trás, Moira o cavalgou sem vergonha, com os olhos frágeis e os lábios entreabertos enquanto diminutos ofegos de prazer brotavam de sua garganta. Penetrando-a profundamente, Jack podia sentir a tensão que tremia em seu estômago e a acariciou ligeiramente para recuperar o controle. Quando sentiu que podia continuar de novo tomou seu seio na boca e começou a mover-se energeticamente dentro dela, levando-a cuidadosamente a um ponto sem retorno.



Agora, Moira estava desenfreada por alcançar esse lugar elusivo onde governava o prazer. Ela o queria mais profundo e mais rápido e o queria agora. Estava perigosamente perto da borda, e nada que não fosse uma morte repentina a deteria de alcançá-lo. Jack estava mais que desejoso de obedecê-la. Com estocadas profundas e tentativas a levou rapidamente ao clímax. Ele continuou introduzindo-se nela até que suas explosivas vibrações ganharam sua própria violenta liberação.

—Fará de mim um velho antes do tempo, amor — ofegou Jack, enquanto a elevava de cima dele e a colocava a seu lado na cama.

—Rumorejava que Black Jack Graystoke era insaciável sexualmente — replicou Moira atrevidamente.

—Todo homem tem seus limites. Mas admito de boa vontade que, com você, meus limites estão severamente forçados. E, antes que lhe ocorra alguma ideia mais, querida, realmente temos que nos vestir. Apostaria que o sacerdote e sua família estão começando a perguntar-se se iremos aparecer.

A boda aconteceu trinta minutos depois da hora prevista. Depois de um olhar ao rosto ruborizado de Moira e o sorriso satisfeito de Jack, ninguém teve a mais mínima dúvida da razão de seu atraso. Felizmente, todos foram muito educados para mencioná-lo, embora o sorriso reprimido de Katie dissesse muito mais que as palavras.

A cerimônia foi benditamente breve, e os meninos se comportaram bem. O olhar absorto de Jack nunca abandonou o rosto de Moira. Não relaxaria, não poderia relaxar, até que o pai Sian os declarasse marido e mulher. Então, repentinamente, tudo terminou, e, por fim, Moira lhe pertencia; ninguém poderia nunca afastá-la dele.

As reticentes felicitações de Kevin agradaram Jack, e sabia que significavam muito para Moira. Depois convidou a todos, incluído o pai Sian, à estalagem, para um jantar de bodas que organizou de antemão com o hospedeiro.



A comida foi surpreendentemente boa e bem preparada para o pouco tempo com o que avisou, e, depois de ver a felicidade de sua irmã, Kevin se animou grandemente. Os meninos ficaram adormecidos sobre a mesa, e, dado que a hora era tardia, Jack reservou quartos para toda a família Ou'Toole. Moira se retirou primeiro a sua estadia, e, logo, Katie escoltou os meninos à cama, deixando Jack e Kevin sozinhos. Kevin elevou seu copo a modo de brinde.

—Por uma longa vida cheia de felicidade e um moço ou mocinha saudável — fixou em Jack um olhar resolvido e disse — Se fizer infeliz a minha irmã, terá que responder ante mim. A Inglaterra não está tão longe para que não possa trazê-la de volta para casa, se for necessário.

Jack devolveu o brinde e bebeu longamente.

—Nunca darei nem a você nem a Moira motivos para lamentar este casamento. Este matrimônio foi decretado antes que Moira e eu nos encontrássemos. Lady Amélia deve ser o fantasma mais feliz nesse escuro lugar onde os espíritos moram.

Kevin arranhou a cabeça.

—Fantasmas? Lady Amélia?

Jack sorriu.

—Não importa, é uma longa história. Há algo que desejo discutir com você. Sei que suas circunstâncias não são as melhores e que toda a Irlanda está à beira da pobreza, e quero ajudar. É meu cunhado, e tenho os meios para lhe fazer a vida mais fácil.

Kevin franziu o cenho.

—Não quero sua caridade. Nem quero que nenhum ancião me reclame como parente depois que abandonou minha avó.

—Não é caridade o que ofereço. Eu gostaria que você e sua família acompanhassem Moira e a mim à Inglaterra. Que Lorde Pembroke reconheça a você e a Moira como parentes



não é o assunto. Poderia viver em Ailesbury Hall e contribuir com seu cuidado. Eu prefiro viver em Graystoke Manor. Está em processo de renovação em minha ausência. Pense nos meninos e não em você. Ailesbury Hall se assenta em meio de incontáveis acres. Há lagos, bosques e jardins. Acredito que sua família poderia ser feliz ali.

—Irlanda é meu lar — disse Kevin com convicção vacilante.

—Agradaria a Moira os ter na Inglaterra. Era pelo que estava trabalhando quando eu a encontrei. Poderia vender sua granja ou arrendá-la. Em Ailesbury Hall, Katie teria toda a ajuda que necessite com os meninos e serventes que a atendam. Ela merece Kevin. Katie me parece uma esposa leal e uma mãe amorosa.

Kevin não podia discutir com a lógica de Jack.

—Não posso empacotar e partir com tão pouco tempo. Tem razão em uma coisa, Lorde Jack. Minha Katie merece o melhor, e seja certo ou não, por minha própria paz mental preciso saber se este Lorde Pembroke é meu avô.

—Então virá conosco a Inglaterra? — disse Jack eufórico.

—Sim, logo que encontre o arrendatário apropriado para a granja. Já tenho alguém em mente. O jovem Peter Murphy se casa e necessita de um lugar para viver. É um trabalhador sério e um bom moço. Arrendar-lhe-ei a granja por uma renda simbólica, se estiver de acordo em trabalhar a terra. Ainda fica algo bom na terra, mais que suficiente para alimentar a ele e a sua mulher durante um bom tempo.

—Necessita mais de duas semanas para terminar seus negócios e empacotar seus pertences? Não precisam levar mais que roupa e artigos pessoais que sejam imprescindíveis. Reservarei a passagem, se estiver de acordo.

—Estou de acordo, Lorde Jack. E me ocuparei de sua propriedade como se fosse minha.



Antes de partir estreitaram as mãos. Logo, Jack subiu os degraus para unir-se a sua esposa.

Moira estava esperando-o, erguida na cama como um anjo, com sua cabeleira vermelha escura estendida sobre seus ombros nus. Uma tina de água refrescante descansava na esquina, e Jack decidiu fazer uso dela, antes de unir-se a Moira na cama.

—Sinto não ter tempo de comprar um presente de casamento — disse Jack enquanto ensaboava o peito e os ombros — Mas obtive uma coisa que espero que goste.

Moira observava suas mãos ensaboadas mover-se sobre seu corpo, imaginando que eram as suas sobre a carne dele, quente e flexível. Ela sorriu com uma satisfação preguiçosa, recordando o apaixonado êxtase dos dois nesta estadia esse mesmo dia. Finalmente, as palavras dele alcançaram seu satisfeito cérebro.

—O que obteve marido?

Marido. A palavra o cobriu como o doce mel.

—Kevin e sua família vêm conosco a Inglaterra. Viverão em Ailesbury.

O sorriso de Moira foi deslumbrante.

—Este é o melhor presente de casamento que poderia me dar. A única razão pela que fui trabalhar em Londres foi ajudar Kevin e sua família, mas tudo o que consegui foi me colocar em problemas. Se não fosse por você, me converteria em uma vítima de Roger Mayhew e do Clube Hellfire.

—Seu próprio engenho a salvou — recordou Jack — Quando tentei resgatá-la o único que consegui foi que atirassem em mim. Matilda e você escaparam sozinhas dos discípulos do Diabo. Mas me alegro de que esteja agradada. Esperaremos na Irlanda até que Kevin resolva os assuntos da granja.

Saiu da tina e caminhou todo molhado até a lareira, onde se sacudiu como um cão. Moira olhou como as chamas dançarinas bruniam sua carne de um ouro profundo,



convertendo-o no homem mais arrumado que já viu. Suas mãos foram a seu estômago, onde um menino descansava sob suas costelas, e ansiou que chegasse o dia em que sustentaria o bebê de Jack entre seus braços. A vida nunca foi tão boa ou tão cheia de recompensas. Com um sorriso nos lábios, seus olhos se fecharam e ficou adormecida.

Jack subiu à cama com cuidado para não despertar Moira. A culpa o assaltou. O vigoroso ato de amor da tarde foi muito para ela, embora, na última vez, o tivesse instigado ela. Atraindo-a a seus braços, sentiu-se satisfeito de sustentá-la perto de seu coração e contemplar seu futuro. Pela primeira vez, em sua vida se atrevia a sonhar com meninos próprios. Esperava com entusiasmo a paternidade.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios. Quem pensaria que Black Jack Graystoke daria a bem-vinda à paternidade? Certamente, ele não. Tudo o que Black Jack, o libertino, esperou com ilusão era a perdição. Mas, graças a Moira, podia dar a língua ao Diabo. Perguntou-se se Lady Amélia saberia que se casou com Moira. É obvio que sim, decidiu ele, respondendo a sua própria pergunta. Tudo o que agora sustentava em seus braços, seu próprio mundo, foi o resultado da intromissão de Lady Amélia.



Capítulo 20

Duas semanas depois Moira, Jack e toda a família Ou'Toole, deixaram a Irlanda a bordo do Príncipe Encantado. O dia era esplêndido, com tempo luminoso e ensolarado, a travessia pelo canal se efetuou sem notáveis incidentes. Pela primeira vez desde que tinha memória, Moira sentia que tudo estava em ordem em sua vida. Tinha uma família a que queria e um marido ao que adorava. E um bebê crescendo dentro dela. Ser tão feliz a ajudou a esquecer toda situação desagradável que teve lugar em Londres. Agora estava segura, protegida de Roger Mayhew e do Clube Hellfire.

Assim que desembarcaram no estreito de Londres, Jack alugou umas carruagens para levar às duas famílias e toda sua bagagem até Graystoke Manor. Quando Moira se meteu na carruagem, viu momentaneamente um homem ao que pensou que reconheceu, e sua respiração se deteve na garganta. Seu gemido entrecortado alertou Jack sobre sua angústia.

—O que acontece, querida? Está doente? É o bebê?

Moira moveu energicamente sua cabeça. O homem que acreditou que reconheceu desapareceu entre a multidão apinhada no lugar.

—Não é nada. Por um momento pensei... Não importa. Devo ter me equivocado.

Logo, os meninos se introduziram na carruagem com excitação e esse momento foi esquecido.

Moira estava alerta de antecipação quando seu veículo se deteve diante da fachada de pedra de Graystoke Manor. Não se deu conta, até agora, de quanto sentiu saudades do lugar. Já podia ver as melhorias que Jack ordenou fazer em sua ausência e estava impaciente por ver o interior.

Pettibone a saudou da porta.



—Bem-vindo a casa, milord — os recebeu Pettibone com entusiasmo — E senhorita Moira. Estávamos muito preocupados com você. Sabíamos que Sua Graça a encontraria — deu uma olhada para Kevin e sua família com curiosidade, mas era muito educado para perguntar.

—É bom estar em casa, Pettibone. Condenadamente bom — respondeu Jack quando levou o pequeno séquito a casa — Por favor, dê uma apropriada bem-vinda a sua nova senhora. Moira e eu nos casamos há várias semanas na Irlanda.

A cara de Pettibone se iluminou.

—Casado diz? — dirigindo-se a Moira — Minhas mais sinceras felicitações, milady. Será uma duquesa estupenda. Espere a que se inteirem Matilda e Jilly.

—Os andares superiores foram renovados, Pettibone?

—Sim, milord. Uns cem homens trabalharam virtualmente as vinte e quatro horas do dia para terminá-los antes que retornasse.

Jack assentiu com a cabeça.

—Muito bem. Que preparem a asa oeste para o irmão de Moira e sua família. O Senhor e a Senhora Ou'Toole ficarão conosco um tempo antes de seguir seu caminho para Ailesbury Hall — girando para Kevin e Katie, disse — Este é Pettibone. Quando chegarem a conhecê-lo, saberão por que não posso prescindir dele.

Pettibone se ruborizou com prazer.

—Lorde Jack é generoso com os elogios. Devem estar cansados depois da viagem. Providenciarei que o chá seja servido diretamente no salão.

Katie parecia emocionada. A grandiosidade de Graystoke Manor sobressaltava sua mente. Matilda e Jilly se materializaram de algum lugar da casa e, depois, fizeram as apresentações. Logo, Matilda se apressou a levar os meninos à cozinha para lhes dar bolachas e leite.



—Sua casa é magnífica, Lorde Jack — disse Katie apreciativamente.

—A planta baixa não foi renovada totalmente, mas logo será tão imponente como foi uma vez. Não é tão impressionante como Ailesbury Hall, mas este lugar é mais um lar que uma casa para mim. Logo, levarei Moira a Ailesbury Hall. Adorará essa terra.

—O que planeja fazer com Lorde Pembroke? — perguntou Kevin.

—Amanhã enviarei um mensageiro a sua propriedade e perguntarei quando lhe é conveniente nos receber. Também enviarei uma nota ao jornal anunciando meu casamento com Moira.

Moira se moveu incômoda.

—Acredita que isso seja uma boa ideia?

—Boa e necessária — disse Jack resolutamente — Uma vez que as pessoas se acostumem à ideia, a aceitarão como a Duquesa de Ailesbury. Por minha parte, a sociedade pode ir-se ao diabo, mas não aceitarei que desprezem minha esposa.

Moira não discutiu apesar de pressentir que tanto ela como Jack seriam tratados com desprezo. Tentou dissuadi-lo de sua loucura, inclusive o abandonou com a esperança de que recuperasse a prudência. Mas Jack foi inflexível em sua determinação por casar-se com ela. Queria-o tanto que não teve suficiente força de vontade para resistir. Para bem ou para mau, agora eram marido e mulher, e rogou que Jack nunca tivesse que lamentar-se de sua decisão. A possibilidade de que fosse a neta de Lorde Pembroke era muito pequena para lhe dar importância.

Mais tarde essa noite, instalados no quarto principal, Jack se esforçou por mostrar a Moira o quanto significava para ele. Fez amor meigamente e com extrema intensidade, jogando com ela e acariciando-a habilmente até alcançar o êxtase. Seu intenso olhar, escuro e brilhante, pousou sobre ela em silêncio à espera que o clímax alcançasse seu ponto máximo, logo, permitiu a si mesmo precipitar-se para ele.



A resposta que remeteu Lorde Pembroke consertava uma entrevista privada com Jack dois dias depois. Nela expressava sua curiosidade, já que nunca conheceu o Duque de Ailesbury, mas concedeu a entrevista amavelmente se esta fosse breve, devido a sua falta de saúde.

Moira estava nervosa no dia em que a reunião devia celebrar-se. Trocou de roupa ao menos três vezes e escolheu um vestido de cetim verde com mangas raiadas bege e verdes. Devido a Kevin não ter nada decente para vestir, Jack lhe emprestou um traje, e, uma vez vestido, parecia tão elegante como seu benfeitor. Katie não os acompanhou, preferindo ficar em casa com os meninos.

A propriedade de Lorde Pembroke estava há várias horas a oeste de Londres assim partiram cedo para chegar à hora assinalada que era às duas da tarde.

—O que acontecerá se Lorde Pembroke negar conhecer minha avó? — perguntou Moira com preocupação.

—Não ocorrerá nada, meu amor. Estamos fazendo isto só por seu bem, não pelo meu. A filha de um agricultor é o suficientemente boa para mim.

—Sim, e ser um agricultor é tudo ao que eu alguma vez aspirei — Kevin esteve de acordo — Se isto resulta ser uma busca sem sentido, não estarei desiludido.

A mansão ancestral de Lorde Pembroke era uma casa da época medieval construída sobre a imponente base de uma fortaleza de pedra antiga com paredes ameiadas e alguns torreões. Cavalgaram através das portas abertas da entrada principal, que estava protegida junto a uma porta imensa de madeira suntuosamente lavrada e com as bordas de ferro. Desceram da carruagem assim que esta se deteve, e se aproximaram da entrada. Jack deu um apertão à mão fria de Moira, logo, levantou a pesada aldabra. Uns momentos depois, a porta foi aberta por um criado de bastante idade vestido meticulosamente de negro e prata.



—Lorde Pembroke os está esperando na biblioteca — entoou peculiarmente — Por favor, me sigam.

Era muito tarde para retornar, pensou Moira, tomando ar profundamente e estabilizando seu fôlego. Ou era a neta de Lorde Pembroke ou não o era. Pelo bem de Jack, esperou que o fosse. O mordomo abriu a porta, e agarrou fortemente seu medalhão quando Jack conduziu ela e Kevin dentro de uma estadia que seria deprimente, se não fosse pelo alegre fogo que ardia através do ralo da lareira.

Lorde Pembroke ficou de pé de sua poltrona que estava em frente ao fogo e se voltou para suas visitas. Jack caminhou com largas pernadas para diante e tomou a mão do homem.

—Permita que me apresente Sua Graça. Jack Graystoke, Duque de Ailesbury. Esta é minha esposa Moira e seu irmão Kevin.

Embora entrasse nos setenta anos, o conde ainda era um homem impressionante tanto em suas maneiras como em sua aparência. Embora seu cabelo fosse prateado e murcho, ainda se conservava magro e elegante. Somente seus ombros estavam ligeiramente encurvados e a extrema magreza destes dava uma sutil pista de sua idade e de seu estado de saúde.

O conde cravou duramente seus olhos sobre Moira no que pareceu um segundo, assentindo com a cabeça em reconhecimento, logo se dirigiu a Jack.

—Devo admitir que esteja intrigado por saber por que desejava uma entrevista. Por favor, sentem-se e me acompanhem. Estava a ponto de desfrutar de um brandy. Pedirei o chá para sua esposa, se isso gostar.

Moira se ruborizou convencida de que o olhar agudo de Lorde Pembroke tinha notado sua gravidez.



Um criado entrou diretamente com três copos, uma garrafa e um bule. O conde serviu, tomou um sorvo de seu próprio brandy, recostou-se e disse:

— Falemos do motivo de sua visita?

—É obvio, sua Graça — disse Jack — Desejo que você compreenda que não estamos aqui para escavar em seu passado, a não ser para esclarecer algo de grande importância para minha esposa e meu cunhado — Pembroke franziu o cenho, mas não disse nada — Alguma vez em seu passado, conheceu você uma mulher irlandesa chamada Sheila Malone?

Pembroke se engasgou e o brandy saiu a fervuras de sua boca.

—Meu Deus, homem, sabe quão longínquo está você tentando escavar? Ou as dolorosas lembranças que está desenterrando?

—Então, você de fato a conheceu! — quase gritou Kevin.

Os olhos de Pembroke se entrecerraram.

—O que sabe você de Sheila? Nunca pensei que escutaria esse nome outra vez. Sabe quanto tempo a busquei? Não, é impossível que possa sabê-lo. É muito jovem — se respondeu, negando com a cabeça.

Com mãos trementes, Moira tirou o medalhão de seu pescoço e o passou a Lorde Pembroke.

—Abra-o, Sua Graça, e me diga se reconhece o homem que está nessa miniatura.

Abrindo o medalhão, Pembroke olhou fixamente a miniatura. Suas mãos tremeram e empalideceu claramente sacudido pelo que viu.

—Esta miniatura a mandei fazer para Sheila. Como você obteve isto?

—Minha mãe me deu isso. Pertencia a sua própria mãe. Sheila morreu dando a luz a sua filha.

Pembroke a olhou fixamente, sua aguda percepção classificava e passava através dos fatos.



—Sheila se casou?

—Nunca se casou. Seus pais a renegaram depois de inteirar-se que esperava um filho fora do casamento. Terminou em um convento, onde morreu dando a luz. As monjas criaram sua filha até que se fez adulta. Sheila morreu sem mencionar nenhuma só vez o nome do pai de sua filha. As monjas disseram a minha mãe que seu pai as abandonou.

Pembroke saltou de sua poltrona.

—Meu Deus! Procurei Sheila por todos os lados — começou a caminhar de um lado a outro — Era jovem e imprudente quando me uni ao exército e fui enviado à Irlanda. Ali conheci Sheila, apaixonei-me e pensei em fazê-la minha esposa. Uma bala pôs fim a todas minhas esperanças e sonhos. Feriram-me durante uma insurreição e não esperava viver. Fui enviado para casa na Inglaterra para morrer. Foi um milagre que vivesse. Passaram-se meses antes que pudesse retornar a Irlanda e dizer a Sheila o que ocorreu. Estava devastado quando não pude encontrá-la. Seus pais se negaram a falar dela. Era como se não existisse para eles. Finalmente, tive de retornar a Inglaterra. Meu pai estava doente e não podia me demorar mais. Passaram muitos anos antes que perdesse toda esperança de achá-la e me casei com uma mulher que conhecia — olhou fixamente a Moira e sua expressão se abrandou — Você parece com ela, Sabe?

Moira sorriu.

—Alegro-me. Ninguém sabia como era minha avó.

—Era formosa, igual a você — suspirando profundamente, Pembroke se sentou em sua poltrona e olhou fixamente as pontas de seus dedos que pressionava pensativamente — Assim tenho uma filha. Conte-me algo sobre ela. Veio à Inglaterra com você?

—Nossos pais morreram pela febre — explicou Kevin — O nome de minha mãe era Mary. Era encantadora. Mas morreu muito jovem.



Pembroke parecia a ponto de chorar, quando deslocou seu olhar para a janela, sem olhar a nada em particular.

—Se soubesse que tinha uma filha, poderia fazer a vida mais fácil para ela. Se soubesse... Se somente o soubesse...

Parecia tão completamente perdido, tão completamente derrotado que Moira ficou de pé e se ajoelhou ante ele.

—Está bem, sua Graça? Não era nossa intenção escavar em lembranças dolorosas. Sei que sua saúde não é boa. Possivelmente deveríamos partir.

—Partir? — dirigiu seu olhar a Moira, logo a Kevin — Sinto parecer pesaroso, mas não posso permitir que se vão. Ainda não. Posso ter perdido a Sheila e a Mary, mas ainda tenho os filhos de Mary — fez um gesto para Jack — Dá-se conta, Ailesbury, que eles dois são meus únicos herdeiros com vida?

Moira sentiu uma onda de júbilo que foi além da simples felicidade. A família de seu pai foi muito querida para ela sempre, mas também queria saber que ela e Kevin tinham raízes em outro lugar.

—Não é por isso pelo que estamos aqui, sua Graça — disse Kevin. Seu queixo se inclinava em um ângulo teimoso, seu orgulho muito enraizado para lhe permitir aceitar caridade.

Pembroke sorriu.

—Detecto uma parte do orgulho Pembroke em seu comportamento?

—Você não encontrará carência de orgulho em Kevin — se permitiu dizer Jack — Nem em sua irmã. Moira parece herdar orgulho e teimosia em abundância. Dê graças a Deus que pude convencê-la que se casasse comigo.

—Graças a Deus que você se preocupou o suficiente para resolver o mistério de sua identidade. Tenho uma dívida de gratidão, Ailesbury. Quanto a Kevin e Moira, eu gostaria de



conhecê-los melhor. Como meu único herdeiro masculino, algum dia, Kevin herdará o título. Seus filhos serão Lordes e Ladys. E Moira compartilhará equitativamente o patrimônio de minha propriedade.

Kevin lhe dirigiu um olhar incerto.

—Sou um agricultor, Sua Graça. Não conheço nada sobre Lordes e Ladys.

—Já aprenderá. Está casado, moço?

Kevin lhe enviou um sorriso genuíno.

—Sim. Minha Katie e eu temos três inquietos meninos e outro que está a caminho.

Pembroke negou com a cabeça, incapaz de acreditar que passou de ser um solitário ancião que vivia em virtual isolamento a ser um homem rico em herdeiros. Se seu julgamento não se equivocava, e duvidava que isso ocorresse Moira e Ailesbury certamente muito em breve o alegrariam com outro neto.

—Você e sua família devem mudar-se a Pembroke Hall imediatamente. Os meninos animarão este velho lugar, garanto-o. E, Ailesbury, deve me prometer trazer Moira com regularidade para me visitar. Enviarei imediatamente um anúncio especial aos jornais. Desejo que todo mundo saiba que você e Moira são meus herdeiros.

—Isso não é necessário, Sua Graça — disse Kevin — Só queria saber de nossos antepassados maternos pelo bem de minha mãe. Ela quereria saber que definitivamente encontramos nossas raízes inglesas.

—Insisto. Quão logo podem mudar-se até aqui?

Kevin parecia totalmente perplexo. Tudo estava se movendo muito rápido para ele.

—Prometi a Lorde Jack que me mudaria a Ailesbury Hall para cuidar do lugar. Ele prefere viver em Graystoke Manor em Londres.

—Ailesbury Hall está disponível se deseja viver ali — disse Jack — Não posso culpar Lorde Pembroke por querer conhecer seu herdeiro. A escolha é sua, Kevin.



—E certamente visitarei frequentemente se... Avô... Esse é seu desejo — disse Moira timidamente.

O conde sorriu radiante, parecendo mais jovem que quando chegaram.

—Não sabe o quanto significa para mim esse título. Obrigado, neta, por me honrar dessa maneira — ele estendeu seus braços, e Moira se refugiou neles com muita alegria.

Foram-se um pouco mais tarde, depois de que o conde recebesse a promessa de que Kevin traria sua família a Pembroke Hall a seguinte semana para uma prolongada visita. Depois, na privacidade de sua capela, o velho conde deu graças ao Criador por lhe permitir o prazer de conhecer seus netos e bisnetos em seus últimos anos de vida. Sentia-se anos mais jovem que inclusive há vinte anos.

Moira sentiu o peso da solidão depois de que Kevin e sua família partiram para Pembroke Hall. Kevin pediu que se reunisse com eles, mas ela era relutante a deixar Jack, embora este passasse muito tempo em seu escritório com seu administrador. Sabia que tomar as rédeas do ducado era um assunto bastante complicado, e ocupava muito tempo de Jack. Moira não poderia suportá-lo se não soubesse que, quando Jack retornasse, dedicaria toda sua atenção a ela. De noite, encerravam-se em seu quarto e esqueciam que o mundo existia. Embora ela estivesse engordando, isto não fez nada para apagar o ardor de Jack, por isso, Moira estava eternamente agradecida, enquanto explorava mais profundamente o terreno do prazer sensual.

Durante esses dias ditosos, Moira se preocupava que tanta sorte não durasse, e temia que algum imprevisto interferisse em sua felicidade. Felizmente, o anúncio de seu avô nos jornais facilitou sua entrada na sociedade. Os convites chegavam diariamente, embora ainda não tivessem que aceitar nenhum deles, mas Moira ainda se sentia preocupada. Seguiu recordando o rosto que viu entre a multidão no porto. Sabia que estava imaginando coisas,



mas a cara de Roger Mayhew estava tão claramente definida em sua lembrança, que seguia vendo seu gesto malévolo por onde olhasse.

Absteve-se de confiar este problema a Jack, compreendendo a parva que pareceria quando demonstrasse seus medos quando esses chegavam. Em lugar disso, Moira tentou inundar-se na restauração de Graystoke Manor e em observar o crescente carinho que se formava entre o severo Pettibone e Matilda.

—Você gostaria de visitar lorde Pembroke outra vez? — perguntou Jack um dia antes que saísse para outra reunião interminável com seu administrador — Podemos sair na sexta-feira e passar alguns dias com ele e Kevin. Deve sentir saudades dos meninos.

—Oh, Jack, podemos? — disse Moira com entusiasmo, lançando seus braços ao redor de seu pescoço — O momento de dar a luz de Kate se aproxima. Eu gostaria de estar ali quando seu menino nasça.

Jack a beijou profundamente.

—Se soubesse que se sentiria assim agradecida, sugeriria enquanto ainda estávamos na cama. Ainda há tempo para... — sua sugestão ficou no ar como um fragrante dia da primavera.

—Você continue com seus negócios — disse Moira, ruborizando-se com graça — Sabia que me casei com um homem com uma resistência assombrosa, mas acredito que está superando sua própria marca.

—Poucos homens são suficientemente afortunados de encontrar a pura tentação de um corpo pequeno e delicioso como o teu. E seu rosto. Que Deus me ajude, Moira, porque não posso me controlar. Cada dia que passa a quero mais. Só desejo poder agradecer a Lady Amélia que a colocou em meu caminho. Infelizmente, a dama não reapareceu.

Moira lhe dirigiu um olhar risonho. Os irlandeses, era bem sabido, acreditavam nas fadas, duendes e em pessoas diminutas, mas sempre foi cética.



—Estou convencida de que seu escorregadio antepassado sabe tudo o que ocorreu.

—Efetivamente — respondeu Jack, dando uma olhada por cima de seu ombro como se esperasse que a escorregadia dama aparecesse a seu lado — Se não posso a tentar para retornar à cama, suponho que o melhor é que vá — beijou com o ardor de um homem desesperado e partiu a contra gosto. Nem Jack nem Moira viram o homem que se escondia entre as sombras do edifício ou seu complacente sorriso, quando viu Jack partir.

Foi ao redor de duas horas depois, quando Pettibone respondeu a uma chamada na porta e se encontrou a um sujo maroto parado na soleira.

—Os mendigos são alimentados na porta traseira — disse Pettibone farejando o ar.

—Não sou um mendigo — disse o moço, limpando a substância que gotejava de seu nariz com sua imunda manga — Tenho uma mensagem para a senhora da casa.

—Uma mensagem? Que tipo de mensagem?

—Houve um acidente. Sua Senhoria está machucado — repetiu o moço com uma voz que sugeria que praticou mais de uma vez — Um amigo espera à duquesa na carruagem para levá-la junto a Sua Senhoria.

Moira entrou no vestíbulo a tempo para escutar as palavras do moço.

—Um acidente! Bendito seja Deus, quão grave está Jack? Onde está ele?

—Não sei milady. A pessoa da carruagem me pagou para lhe entregar a mensagem. Ele a levará junto a Sua Senhoria.

—Deve ser Spence — disse Moira, deixou a um lado todo raciocínio no apuro por subir à carruagem que a esperava.

—Milady, espere — gritou Pettibone atrás dela — Irei com você.

—Não há tempo. Peça que enviem o doutor, Pettibone. Preciso de que esteja aqui para preparar nossa chegada. Retornarei com Jack logo que possa.



—Milady não creio que...

Algo que Pettibone pensasse foi deixado de lado, quando Moira abriu a porta da carruagem e foi introduzida nela com força.

— Spence, o que está fazendo? — gritou quando dois braços como barras de aço a rodearam — Deixem-me ir.

—Sinto a decepção, Moira, mas não vai se liberar de mim outra vez.

Essa voz! Girando sua cabeça bruscamente, Moira olhou fixamente os pequenos e maliciosos olhos de Roger Mayhew.

—Onde está Lorde Spence? O que está fazendo na Inglaterra? Deixe-me ir! Tenho que ir com meu marido.

—Temo que isso não seja possível. Seu marido está morto.

Um grito dilacerador saiu de sua garganta, e Moira desmaiou pela primeira vez em sua vida.



Capítulo 21

Jack deixou o escritório com um humor jovial. Terminou seus assuntos antes do previsto e esperava com ânsia passar o resto do dia com Moira. Possivelmente, um passeio no parque, pensou ele, ou uma matinê no Teatro Drury Lane. Por sua parte, preferiria passar à tarde na cama com sua pequena e deliciosa esposa cuja paixão lhe brindava uma alegria incalculável.

Seus excitantes pensamentos o estavam levando em uma viagem tão encantada que prestou pouca atenção a Colin que esperava pacientemente na cabine do chofer da carruagem detida na calçada. Jack mal notou a cabeça encurvada e os ombros caídos de Colin quando pediu que o moço procedesse diretamente a Graystoke Manor antes de subir e acomodar-se contra os almofadões de couro.

A mente de Jack vagou por caminhos agradáveis, enquanto a carruagem passava através das ruas lotadas de Londres. Perdido em seus pensamentos, não se alarmou até que de casualidade olhou pela janela e notou que estavam viajando pelos subúrbios de Londres.

Cuspindo uma maldição, golpeou o teto para que Colin se detivesse e se explicasse. Uma súbita aceleração lançou Jack ao chão.

Para quando recuperou o equilíbrio, a carruagem já se dirigia para um solitário caminho de terra que passava através de arbustos. Minutos depois, deteve-se chiando. Jack tentou agarrar a porta, mas esta se abriu antes que pudesse alcançá-la.

—O que significa isto, Colin? — perguntou Jack com sua voz mais dura — Perdeu a cabeça?

—Saia Sua Senhoria — respondeu uma voz arruda.



A cabeça de Jack se levantou bruscamente. Viu imediatamente que o homem que falou não era Colin. Tampouco o homem atrás dele era Colin. Nem o que estava descendo do assento do condutor para ajudar a seus companheiros de crime. Jack não tinha outra opção mais que sair da carruagem. Mas, antes, colocou a mão atrás dos almofadões, tirou uma pistola carregada que guardava justo para esse tipo de emergências e a meteu no cinturão sob sua jaqueta. Pelo menos, seria capaz de disparar um bom tiro antes de ser dominado. Se fosse afortunado, inclusive poderia assustar aos outros.

—Quem são vocês e o que querem? — perguntou Jack bruscamente — Levo pouco valor comigo. Recompensarei vocês se me permitirem que vá. Levem-me para casa e os premiarei generosamente.

—Pode estar seguro que tomaremos tudo o que leve consigo, mas não irá para casa. Não somos tolos. O mais provável é que ponha seus homens contra nós. Algum tipo o quer morto e nos pagou para fazê-lo.

Jack estudou seus adversários, compreendendo que tinha só seu engenho para tirá-lo desta.

—Pagarei a vocês mais.

—Tem a prata consigo? — um dos homens perguntou esperançosamente.

—Disse-lhes que trago pouco de valor. O que fizeram com meu chofer?

—Não nos pagaram para matá-lo — murmurou o porta-voz — Só o golpeamos um pouquinho e o deixamos em um beco — golpeou o ar com seu punho — Basta de falar.

Os homens se aproximaram, e Jack se moveu para campo aberto, não querendo ser encurralado com as costas contra a carruagem.

Os bandidos estavam separando-se, cada um chegando a Jack de um ângulo diferente, dois brandindo facas e um com um ramo robusto que recolheu do chão. Jack esperou, os joelhos dobrados, seu corpo tenso. Quando eles o atacaram, ele tirou a pistola,



apontou e disparou. Um homem caiu. Momentaneamente aturdidos, os outros se detiveram para olhar a seu camarada caído.

—Matou ao velho Henry! — o líder chiou, sua cara salpicada de raiva — Agora saberá o que é bom! Agarra-o Dickey!

Desejando ter trazido sua espada curta, Jack decidiu que correr era a melhor parte do valor. Girou para fugir e encontrou seu caminho bloqueado por Dickey, obviamente um experiente lutador de rua pela aparência de seus avultados músculos. Olhando por cima de seu ombro, Jack notou que o outro homem o estava rodeando rapidamente de outra direção. Sem encontrar nenhuma outra opção, preparou-se mentalmente para lutar.

Dickey se lançou para Jack, jogando-o ao chão.

—Tenho-o, Robin — Dickey presumiu, enquanto segurava Jack com pura força bruta. Jack enfocou toda sua força em impedir que a faca de Dickey o cortasse em pedacinhos. Assim que Robin se uniu à rixa, Jack compreendeu que era uma batalha perdida.

Jack tinha um feio corte na parte superior de seu braço e outro em suas costelas. Eram dolorosos, embora não ameaçavam a vida, mas compreendeu que era só questão de tempo antes que lhe fizessem uma ferida mortal.

De repente, gritos e o som de rodas alcançaram o confundido cérebro de Jack, quase ao mesmo tempo em que Robin e Dickey os ouviram. Com sua faca colocada sobre a garganta de Jack, Robin voltou sua cabeça para olhar a carruagem que se aproximava pelo atalho de terra. Amaldiçoou violentamente e ficou em pé de um salto. Jack não perdeu tempo em tirar Dickey de cima e ficar de pé.

—Ouça Jack! Necessita de um pouco de ajuda?

A carruagem começou a deter-se, e Spence saltou dela antes que se detivesse completamente. Colin o seguia de perto com a cabeça gotejando sangue. Foram seguidos



pelo corpulento chofer de Spence, sustentando um robusto pau curto. Quando Robin e Dickey viram que os excediam em número, deram a volta e correram.

—Não os permitam escapar! — gritou Jack. Colin e o chofer os apanharam destramente e os arrastaram até onde estavam Jack e Spence.

—O que devemos fazer com eles? — perguntou Spence, instigando Robin com a ponta de sua espada curta — Quem são e o que queriam com você?

—Obviamente, são vândalos de ruas aos que pagaram para me matar — disse Jack, cambaleando fracamente contra a carruagem.

—Maldição — murmurou Spence, ao voltar-se e lançar um olhar feroz ao homem que tinha cativo com sua espada. — Quem lhe pagou para matar Lorde Jack?

—Não sei seu nome — disse Robin anti-social — Penso que é algum tipo de alto berço, mas não estou seguro. Tínhamos que recolher o resto de nosso botim no Bezerro Engordado mais tarde.

Jack franziu o cenho.

—O Bezerro Engordado é o antro mais rude do porto. A que hora tinham que encontrar-se?

—Às dez.

—Alguém se encontrará com seu benfeitor, mas não serão vocês — se voltou para Colin, fazendo uma careta quando viu uma protuberância coberta de sangue, sobressaindo-se da cabeça do moço — Há corda no baú, Colin. Se puder, ajuda o chofer de Spence a atá-los e pô-los dentro da carruagem. Eu os deixarei em Newgate e apresentarei cargos.

—Sim, posso, milord — disse Colin — Sinto lhe falhar. Pegaram-me na cabeça — sorriu arrogante a Jack — É a parte mais dura de meu corpo. Cometeram um engano ao não me atar. Saí cambaleando do beco justo quando partiam com a carruagem. Assumi que você



estava com eles. A seguinte pessoa que vi foi Lorde Fenwick. Ele chegou a seu escritório buscando-o. Disse-lhe o que aconteceu saímos em perseguição. Devia estar mais atento.

—Não é sua culpa, Colin. Ninguém esperava algo assim. Dou graças a Deus que não esteja ferido e teve aprumo suficiente para pedir ajuda a Spence. Pode dirigir? Eu não acredito poder.

—Cristo, Jack, está ferido! — gritou Spence, notando o sangue da manga e o colete de Jack aonde cobria suas costelas — Entre na carruagem antes que caia. Está pálido como a morte.

—Sofri coisas piores — disse Jack, embora admitisse que a dor de suas feridas estivesse enjoando-o.

—Levarei você a um médico.

—Não até que estes dois estejam encerrados. Depois que levante cargos, pode me levar para casa e enviar Colin pelo médico. Tenho este desejo inexplicável de ver Moira.

Spence sorriu.

—O matrimônio deve lhe sentar bem. Assim que meu homem carregue a esse tipo morto, iremos. A propósito, bom tiro. Sempre teve pontaria.

Jack coxeou até a casa apoiando-se no ombro de Spence. Pettibone estava fora de si pela preocupação, enquanto se desfazia em cuidados para seu amo. Jack se surpreendeu ao ver que o médico já chegara e estava esperando. Carregaram-no até seu quarto e lhe tiraram a jaqueta, o colete e a camisa, despindo suas feridas. Muito cuidadosamente, o doutor Dudley limpou a carne rasgada, estalando a língua como uma mamãe galinha.

—Estas parecem feridas de faca — disse o bom doutor — Pensei que se feriu em um acidente.

—É uma longa história, doutor. Asseguro-lhe que não estou gravemente ferido. Você deve ler a mente para chegar tão rápido.



—Necessitará de alguns pontos — disse o doutor Dudley, enquanto preparava sua agulha — Isto não tomará muito tempo.

—Onde está Lady Moira? — perguntou Pettibone, quando compreendeu repentinamente que Moira não entrara com Jack e Spence — Devo admitir que senti desconfiança e estava mais que um pouco angustiado quando esse maroto imundo nos contou uma história extravagante a respeito de seu acidente. Embora soubesse que Lady Moira estaria bem com Lorde Spencer, temia que algo estivesse mau.

O sangue gelou nas veias de Jack e se sacudiu espasmodicamente.

—Esteja quieto — advertiu o doutor, enquanto inseria a agulha na carne de Jack.

Ignorando a dor, Jack tentou sentar-se. O doutor o empurrou para trás e o olhou zangado. Ignorando o médico, Jack agarrou a manga de Pettibone.

—O que está dizendo, Pettibone? Moira não está em casa? Como pode ver, não está com Spence.

A cara de Pettibone ficou pálida de medo.

—Eu pensei... É que... A carruagem... O moço disse... Oh, Meu Deus!

—Acalme-se, Pettibone — Jack disse com os dentes apertados — Começa desde o começo.

Pettibone tragou convulsivamente.

—Muito bem, milord. Um garoto desalinhado bateu na porta esta manhã, trazendo a notícia de que você se lesou em um acidente. Ele disse que seu amigo estava esperando na carruagem para que Lady Moira se unisse. Todos assumiram que era Lorde Spencer, e que ele levaria Sua Senhoria a você. Eu quis ir com ela, mas ela me rogou permanecer aqui para chamar o médico.

A expressão de Jack ficou séria. Isso explicava a presença do médico quando chegou a casa, pensou, mas ainda não explicava o desaparecimento de Moira, ou com quem se foi.



—Ninguém poderia saber sobre minha lesão exceto...

—O homem que o queria morto — sustentou Spence — Mas por que raptaria Moira? Não tem sentido.

Jack sentiu como se seu mundo acabasse de chegar a seu fim.

—Moira está esperando meu bebê — disse apagadamente, sem dirigir-se a ninguém em particular — Se machucarem ela ou meu filho matarei ao bastardo que a levou.

Pettibone estremeceu visivelmente. O doutor Dudley deu o último ponto e atou o fio.

—Você não irá a nenhuma parte durante algum tempo. Suas feridas não ameaçam sua vida, mas perdeu uma considerável quantidade de sangue. Descanso na cama é o indicado durante os próximos dias. Recomendo que avise às autoridades, e lhes permita dirigir isto.

—De nenhuma maldita maneira — grunhiu Jack.

—Escute Jack — insistiu Spence — O doutor sabe o que diz. Permita-me me encarregar disto por ti.

—Não! Se algum louco bastardo tiver minha esposa, eu serei o que a traga de volta. E tenho a firme suspeita de que o homem que a tomou é o mesmo homem que pagou para me liquidar. Não saberemos quem ou por que até que o tenhamos em nosso poder.

—Como planeja fazer isso? — quis saber Spence.

—Posso ver que não vai seguir meu conselho — disse o doutor Dudley, enquanto empacotava sua maleta — Tenho outros pacientes que tratar. Se me necessitar, envie alguém a meu consultório. Boa sorte, milord. E felicitações pelo próximo nascimento de seu herdeiro.

No momento em que a porta se fechou atrás do doutor, Jack se sentou lentamente, contendo sua respiração quando os pontos puxaram contra sua carne rasgada.



—O que posso fazer milord? — perguntou Pettibone, enquanto se abatia sobre Jack, retorcendo suas mãos com desespero.

—Consiga-me algo para comer — ordenou Jack, mais para livrar-se dele que por ter fome. Pettibone saiu imediatamente.

—Sei o que pretende — disse Spence, franzindo o cenho — Vai ao Bezerro Engordado e esperará o homem que ordenou sua morte. Não está em condições, velho amigo. Nem sabe a identidade do homem. Permita-me dirigi-lo. Ou ainda melhor, à polícia.

—Não! Se levar à polícia, provavelmente se assuste, e nunca encontrarei Moira. Maldição, Spence, se só pudesse encontrar uma razão em tudo isto! Quem odiaria Moira ou a mim o suficiente para fazer isto?

Totalmente bloqueado, Spence passou seus dedos através de seu cabelo loiro e espesso.

—Desejaria sabê-lo. O que posso fazer para ajudar?

—Pode interrogar os homens que deixamos em Newgate. Sei que eles negaram qualquer conhecimento da identidade do raptor ou sua razão para me querer morto, mas não fará mal interrogá-los um pouco mais. Se se inteirar de algo, estarei aqui até que seja hora de ir ao Bezerro Engordado.

Spence saiu, jurando silenciosamente estar no Bezerro Engordado as dez com a suficiente ajuda sem importar o que Jack quisesse. Jack não estava em condições de brigar se precisasse defender-se.

Jack afogou um gemido, recostou-se contra os travesseiros e fechou seus olhos. Não se atreveu a ceder à dor com Spence e Pettibone olhando, mas agora que estava sozinho, permitiu-se o luxo de expressar sua dor e angústia.

“Deve encontrá-la.”



Os olhos de Jack se abriram de repente. Ela estava ao pé da cama, coberta de neblina e luz pálida.

—Lady Amélia, graças a Deus que retornou. Sabe quem raptou Moira? Pode me ajudar?

Lady Amélia negou com a cabeça.

“É o único cuja vida pode trocar por minha intervenção.”

—Deus sabe que você tem feito um novo homem de mim — admitiu Jack, fazendo uma careta de dor, quando se levantou e se apoiou contra os travesseiros.

“Ela o redimiui; agora deve salvá-la.”

—Pretendo fazê-lo. Está segura que terei êxito?

“Deve ter êxito. O futuro do ducado está dentro do ventre de Moira.”

—Não tenho futuro sem Moira — disse Jack com ênfase — Não pode me dizer nada mais?

“Tome cuidado com as marés.”

—O que se supõe que isso significa?

De repente, a porta se abriu, e Pettibone entrou, equilibrando uma bandeja em suas mãos. Jack cuspiu uma maldição, enquanto Lady Amélia retrocedia às sombras.

—Não, não se vá! Retorne, por favor.

Sobressaltado, Pettibone o olhou como se seu patrão perdesse a prudência. Seguindo o olhar de Jack, Pettibone viu uma luz piscar na esquina do quarto. Ele olhou em aturdido silêncio enquanto desaparecia ante seus próprios olhos.

—Maldição! — disse Jack, dirigindo um olhar zangado a Pettibone — Melhor deixar a bandeja antes que a solte, Pettibone. E feche a boca.

Pettibone pôs cuidadosamente a bandeja na mesa de noite e olhou Jack com receio.

—ocorre algo mau, milord?



Jack baixou suas pernas pela borda da cama e esperou até que a dor minguasse antes de falar.

—Ocorrem muitas coisas más, Pettibone, como bem sabe. Tire algumas roupas para mim, enquanto eu como. Nada elegante, algo escuro e indefinível.

Pettibone esclareceu sua garganta.

—Meus olhos me enganaram, ou havia uma luz estranha no quarto quando entrei?

—Não acreditaria se lhe dissesse isso, Pettibone. Não estou seguro que eu acredite.

—Se você o disser, milord — Pettibone soprou. Ele não era tolo. Sabia o que estava ocorrendo. Só uma coisa poderia provocar a assombrosa transformação de Black Jack Graystoke. De um libertino bem encaminhado à perdição, Black Jack se transformou na alma de respeitabilidade com uma esposa e um menino a caminho. Via a boa mão de Lady Amélia em tudo isto. E se não se equivocava, Lady Amélia acabava de fazer uma visita a seu reformado descendente.

Vestido de implacável negro e com suas feridas enfaixadas fortemente, Jack deixou a casa exatamente as nove em ponto da noite. Colin conduziu a singela carruagem negra ao Bezerro Engordado, deixou seu passageiro e, seguindo as instruções de Jack, estacionou no beco para não despertar suspeitas. Jack entrou na estridente atmosfera da lotada estalagem, deliberadamente, selecionou uma mesa na esquina mais longínqua, sentou-se e esperou que alguém que ele reconhecesse se apresentasse.

Moira despertou na total escuridão do medo e da confusão. E a um sutil movimento que fez que o pânico a percorresse. Levantando-se cautelosamente, provou suas extremidades e as encontrou algo instável, mas ilesas. Deu um passo e tropeçou com um objeto que logo descobriu que era um cilindro de sogá. Um aroma penetrante de pescado



podre golpeou seus sentidos, e, quando combinou tudo o que sentia e cheirava, só pôde deduzir que estava a bordo de um navio. E que Lorde Roger Mayhew a levou até ali.

A lembrança dos eventos que tiveram lugar antes que desmaiasse surgiram em seu atordoado cérebro, e ela retrocedeu com horror. Jack estava morto, não ferido como pensou. A dor convergiu nela como água correndo, enchendo-a de tal angústia que suas pernas se curvaram debaixo dela. Soluços asfixiantes agitaram seu corpo, provocando que lágrimas ardentes caíssem por suas bochechas. Pensava Lorde Roger matá-la também?

Moira se esticou quando ouviu um ruído fora de sua escura prisão. De repente, a comporta sobre ela se abriu, e um homem apareceu na abertura, sustentando uma lanterna.

—Assim, finalmente despertou. Bem.

—Onde estou? Por que me faz isto? O que fez com meu marido?

Mayhew baixou a escada, fechou a comporta atrás dele e pendurou a lanterna de um gancho no teto. Com as mãos nos quadris, aproximou-se ameaçador até Moira, seus olhos brilhantes de antecipação. Ou era loucura?

—É a causa de todos meus problemas. Devido a você, meu pai me repudiou e nomeou meu irmão seu herdeiro. Enviaram-me a América em desgraça e me disseram que nunca voltasse. Sou uma vergonha para a família. Tudo devido a uma empregada irlandesa muito boa para abrir suas pernas para o herdeiro de um condado. De hoje em diante, abrirá suas pernas cada vez que lhe ordene isso.

—Está louco. O que fez com Jack?

—Seu corpo será descoberto em um caminho abandonado, ou em um beco. Vítima de bandoleiros, sem dúvida — riu sem alegria — Um fim digno para um descarado.

—Não acredito. Está tentando me assustar. Onde estou?

—No resguardo de um navio que vai para a China. Paguei uma pequena fortuna ao capitão para que não tomasse a nenhum outro passageiro e não me fizesse perguntas. Não



encontrará ajuda aqui. Navegaremos com a maré da meia noite. Eu tenho de me encarregar de um pequeno assunto inconcluso em uma estalagem próxima, mas voltarei com tempo suficiente. Sugiro que descanse enquanto possa. Quando voltar, estará muito ocupada com minhas necessidades para dormir. Para quando chegarmos à China saberá todos os pequenos truques necessários para sobreviver em um bordel chinês.

Moira inalou profundamente. Isto não podia estar acontecendo a ela! Supunha-se que Lorde Roger estava longe, onde nunca poderia voltar a machucá-la. Ela era a esposa de Jack e levava seu filho. Encontrou um avô que nunca soube que tinha, e sua vida estava completa a transbordar.

—O que está fazendo na Inglaterra? Seu pai prometeu que o poria pessoalmente a bordo de um navio com destino à América. Não pode ter retornado tão logo.

—Meu pai é um velho tolo — disse Mayhew irreverentemente — Ele me pôs a bordo de um navio. Mas sou muito mais inteligente que aqueles aos que pagou para assegurar-se de que me fosse nele. Saltei a terra momentos antes que o navio deixasse o porto, sem que ninguém soubesse. Estive vivendo nos baixos recursos de Londres, esperando a oportunidade de me vingar. Fiz amigos úteis entre as ruínas da cidade. Meus amigos matariam a sua própria mãe por dinheiro. Encontrar alguém para desfazer-se de Black Jack foi fácil.

Moira considerou dizer a Roger que levava o filho de Jack, mas decidiu o contrário. Obviamente, o homem estava louco; era difícil predizer o que faria quando soubesse que ela estava grávida. Tudo o que podia fazer era esperar e orar que Lorde Roger tivesse mentindo sobre Jack. Se ele estivesse verdadeiramente morto, ela o sentiria em seu coração.

—Tem a prova de que seus amigos mataram Jack?

Mayhew franziu o cenho. Enviou três homens, o que poderia sair mal?



—Não ainda, mas a terei assim que me encontre com meus amigos no Bezerro Engordado e eles verifiquem sua morte. Quase é hora.

Tomou a lanterna e se voltou para sair.

—Espere! Deixa a luz. A escuridão me assusta.

Em realidade, não tinha medo da escuridão; necessitava da luz, se pretendia procurar uma maneira de escapar. Desta vez, não tinha Matilda para ajudá-la.

Mayhew considerou sua solicitude, logo, assentiu.

—Muito bem. Mas não lhe ocorra incendiar o lugar, porque não funcionará. Provavelmente morreria por inalação de fumaça antes que a ajuda chegue.

Moira esperou até que Lorde Roger subisse a escada e verificou a comporta para começar uma busca completa no lugar. Se existisse um meio de escapar, ela o encontraria.

Já eram dez em ponto, e o Bezerro Engordado estava cheio quase por completo de marinheiros buliçosos e bebedores e de prostitutas pintadas que faziam seu negócio. Uma briga se iniciou, a qual Jack olhou com desinteresse. Uma prostituta se aproximou, e ele a despachou rapidamente. Removeu-se com impaciência, seus olhos nunca deixaram a porta, esperando, vigiando, perguntando-se se reconheceria ao próximo homem que atravessasse a entrada. Baixando seu chapéu para ocultar sua cara, Jack tentou relaxar seu tenso corpo. Não era fácil, pois seus pensamentos seguiam desviando-se para Moira, preocupando-se com sua segurança.

Quando Lorde Roger Mayhew correu através da porta do Bezerro Engordado, a comoção de Jack foi enorme. Baixando seu queixo ao peito, olhou Mayhew fazer uma busca no lugar e o viu franzir o cenho quando não localizou a quem estava procurando. Ao final, Mayhew tomou um assento em uma mesa vazia que dava à porta.



Curvando seus ombros e baixando o chapéu sobre seus olhos, Jack se levantou e caminhou devagar através do abarrotado salão, evitando que Mayhew se desse conta de sua presença, enquanto se aproximava por trás. Jack estava totalmente armado. Além de uma pistola carregada e pronta, levava uma faca e uma espada curta sob sua jaqueta. Aplaudindo a faca, deteve-se atrás de Mayhew e cravou seu pescoço com a arma.

—Não dê a volta, Mayhew. Levante devagar e saia pela porta.

Mayhew empalideceu quando reconheceu a voz de Jack.

—Supõe-se que está morto.

—Seus comparsas não eram tão eficazes como esperava. Como pode ver, estou muito vivo. Mova-se. Vai levar-me a Moira. Faça um movimento em falso, e será um homem morto. Sei onde estão todos os órgãos vitais.

Mayhew fez o que lhe disse. Ninguém parecia notar que algo andava mal, pois a farra continuou sem interrupção.

—Não se atreva a me matar — Mayhew sorriu com desprezo — Se o fizer, nunca encontrará a sua esposa.

—Prove-me — o desafiou Jack.

Mayhew decidiu fazer justo isso. Logo que atravessou a porta, correu e caiu diretamente nos braços de Spence e do guarda.

—Ah, bem a tempo — disse Spence, enquanto o guarda lutava para algemar Mayhew.

—É bom seguindo ordens — disse Jack secamente — Deixando as brincadeiras de lado, estou condenadamente alegre de vê-lo.

—Não estou sozinho. Trouxe vários de meus criados para nos ajudar, se Mayhew resultasse intratável.



Vários homens se materializaram das sombras, nenhum dos qual Jack gostaria de encontrar só em uma rua escura.

Jack se voltou para Mayhew, sua cara fria e tenaz, seu interior um caldeirão fervendo de raiva.

—Onde está, Mayhew? O que fez com Moira? Mais vale que a encontre ilesa, ou sua vida acabou.

Roger Mayhew era um covarde. A menos que estivesse respaldado por um exército de homens, era todo fanfarronice e nada de valor. Agachou-se com medo, quando os homens de Spence fizeram movimentos ameaçadores em sua direção, inclusive suplicou ao guarda que o protegesse.

Quando o guarda se afastou, deixando-o à misericórdia de Jack, começou a balbuciar incoerentemente.

—Embarcadouro dez, a bordo do Lady Jane. Está encerrada na cela.

—Levem-no e encerrem-no junto a seus comparsas — disse Jack, empurrando Mayhew para o guarda — Se feriu Moira, farei que se arrependa de ter nascido.

Com sua ameaça no ar, Jack girou sobre seus pés e correu a toda velocidade para o embarcadouro dez. Agora entendia o significado da advertência de Lady Amélia. O navio provavelmente estava preparado para navegar na maré da meia noite. Spence e seus criados foram sobre seus calcanhares.

Moira começou a conhecer o verdadeiro desespero. Revisou a escura e úmida cela por completo e não encontrou nenhum meio visível de escapamento. Tomou a lanterna do gancho e investigou cada rincão e greta. Tropeçou com cestas e apareceu dentro de caixas que continham carga, comestíveis e outros gêneros variados. A ponto de render-se,



encontrou uma alavanca em cima de uma cesta e gorjeou com deleite. Uma arma de qualquer tipo era um presente bem-vindo.

Alertada pelo ruído que se filtrava através da comporta, Moira fez uma pausa para escutar. Ouviu gritos surdos, então, passos apressados e indicações de uma luta. Quando a comporta se abriu, de repente, Moira apagou a lanterna, agarrou a alavanca e esperou ao pé da escada. Tinha toda a intenção de esmagar a golpes a primeira pessoa que pusesse um pé na cela.

Jack elevou a comporta que levava a cela e olhou à escuridão. Não viu nada, não ouviu nada. Estava mais que agradecido que não necessitasse de muita persuasão para convencer ao pouco escrupuloso capitão e ao montão de marinheiros perebentos de lhe dizer onde estava encarcerada Moira. E devia tudo a Spence e a sua previsão de trazer ajuda. Ele podia haver-se ocupado sozinho de Mayhew, mas derrotar a tripulação de uma nave inteira por si só estava além de suas capacidades. Nunca lhe ocorreu que o raptor de Moira a tiraria do país.

Temendo que Moira fosse ferida, Jack baixou a tropeções pela escada. Quando alcançou o fundo, ouviu um ruído de sussurro e se agachou instintivamente. Sentiu a brisa de um objeto pesado voar por seu cabelo enquanto falhava por escassas polegadas. Se o pegasse, fraturaria seu crânio. Jack amaldiçoou rotundamente. Estava tão concentrado em encontrar Moira que jogou a cautela ao vento.

Moira congelou, a alavanca escorregou de seus dedos flácidos.

—Jack?

Ela reconheceria sua voz em qualquer parte. Era tão familiar para ela como a sua própria, e mais querida. A alavanca golpeou o piso com um terminante “tunk”.

Jack girou sobre seus pés quando ouviu sua voz.



—Moira? É você? Deus querido, por favor, que seja você.

Ele abriu seus braços, e Moira infalivelmente encontrou seu caminho para eles, guiada pela luz de seu amor inextinguível.

Soluçando silenciosamente em seu peito, Moira se aferrou a Jack com um desespero que era tão grande como o dele.

—Pensei que estivesse morto — disse ela — Lorde Roger disse que seus comparsas o mataram.

—Estou muito vivo querida — disse Jack meigamente, roçando seu cabelo com os lábios — Desta vez, vou me assegurar de que Mayhew não nos incomode de novo. Tenho bastante evidência contra ele para fazer que o transportem à colônia penal na Austrália.

Ele elevou seu queixo com seu dedo e uniu seus lábios com os próprios.

—Está tudo bem lá abaixo?

Jack suspirou e rompeu o beijo.

—Melhor irmos antes que Spence e seus homens cheguem a toda carga para nos salvar. Estão você e o bebê bem? Mayhew não a feriu, verdade?

—Ele nunca me pôs um dedo em cima — disse Moira — Mas, se não viesse quando o fez... —sua frase se apagou, e ela estremeceu.

—Golpearia Mayhew na cabeça e escaparia — disse Jack com uma risada — Seu engenho e valor nunca deixam de me assombrar. Vamos para casa, querida.



Epílogo

Moira aconchegou-se em Jack, segura e satisfeita em sua própria cama.

—Cada vez que penso quão perto estive de perder você, tenho calafrios — admitiu Jack, enquanto a abraçava firmemente. Ele pôs uma mão no pequeno monte de seu estômago, acariciando o menino que crescia sob seu coração.

—Não me perdeu, Jack. Estou muito viva. Vou estar aqui quando Pettibone finalmente encontre a coragem para pedir Matilda que se case com ele e quando Jilly e Colin decidam casar-se. E eu vou lhe dar um filho saudável. Mas, neste momento, quero pensar em nós e em ninguém mais. Queria morrer quando Lorde Roger me disse que estava morto. Necessito de você, Jack. Faça amor comigo. Substitua a baixeza de Lorde Roger com sua doçura.

—Não penso que seja sábio, meu amor. Passou muito e...

Elevando-se sobre seu cotovelo, Moira o calou com um beijo que lhe tirou a respiração.

—Bruxa — grunhiu quando a pôs sobre ele — Está segura?

—Muito segura.

Ele a excitou, meigamente, devagar, com uma minuciosidade que trouxe lágrimas a seus olhos. Seus seios se incharam contra a boca dele quando lambeu e sugou seus mamilos em eretos brotos, tão sensível que ela se alagou com ondas de delicioso prazer. O efeito em Jack foi profundo, deixando-o duro imediatamente, excitando-o violentamente. Por toda parte que Moira tocava, Jack estava duro, tenso e apertado. Jogando-a sobre suas costas, seus lábios desceram marcaram um atalho ardente em seu corpo, enquanto prodigalizava



cuidadosa atenção ao oco de sua cintura, a curva de seu quadril, a redondez ligeiramente convexa de seu ventre, a suavidade acetinada do interior de suas coxas.

Moira suspirou e se sentia voltar-se líquida pela necessidade. Então, ele baixou sua cabeça e a saboreou, sua respiração era uma chama abrasadora que lambia eroticamente contra sua umidade e a carne coberta de rocio. Ele gemeu. Ela possuía um sabor agri-doce e o bastante quente para escaldá-lo. Ela se retorceu ferozmente, enquanto ele uma e outra vez brincava com a tenra cavidade úmida e torcida pela paixão. Ela gemeu, seus quadris inconscientemente procurando uma união mais profunda enquanto a língua dele procurava seu centro inchado. Um tremor convulsivo a percorreu, quando ele a levou ao topo de toda sensação.

Sentindo que perdia o controle, ele se deixou levar e, com um gemido, mergulhou profundamente, incrustando-se firmemente dentro de seu calor abrasador. Uma e outra vez empurrou dentro dela, bombeando com crescente frenesi. Ele sentia sua semente subir, sentia seu sangue espessar, queimando-o por dentro, refreando-se, esperando por Moira. Estava a um instante de derramar-se quando sentiu as unhas dela afundar-se em seus ombros e a ouviu gritar.

Seu grito ecoou em sua garganta, quando ele reclamou sua boca em um beijo que deu escapamento a sua fome, seu amor, seu compromisso total a sua esposa. Ele empurrou mais duro, mais profundo, mais rápido, até que sentiu a força explosiva de suas contrações.

Seu controle se rompeu. Com um grito de rendição, Jack se uniu a sua esposa com um prolongado jorro de felicidade.

—Amo você, Moira — sussurrou Jack, momentos antes que ela deslizasse para uma pacífica letargia.



Suspirando pela perfeita satisfação, Jack sustentou Moira contra seu peito e sorriu, quando pensou no filho ou filha que lhe daria. Qualquer um seria bem-vindo, decidiu, enquanto imaginava um filho que se parecesse com Moira.

“O bebê é um moço.”

Jack levantou de repente a cabeça do travesseiro e investigou os espaços escuros da estadia procurando Lady Amélia. Ela estava de pé na porta, vestida em luz e bruma, sua cara era radiante.

—Você consegue apresentar-se nos momentos mais estranhos — sussurrou para não despertar Moira. Pela primeira vez em sua vida, ele se ruborizou, enquanto se perguntava se Lady Amélia estava presente enquanto fazia amor com Moira — Está segura que Moira vai me dar um filho?

“O bebê é um menino. Mas não tema, também haverá filhas.”

—O que? O que disse?

“Terá um filho.”

Lady Amélia juntou suas mãos e sorriu com um sorriso secreto. Jack olhou com assombro enquanto sua imagem cintilava com intensidade luminosa, obrigando-o a fechar seus olhos. Quando os abriu de novo, ela se foi, deixando só uma pálida piscada de luz em sua esteira. Jack experimentou uma tristeza inexplicável. Intuitivamente, sabia que sua intrometida antepassada fez sua última visita. Abraçando fortemente Moira, sorriu com nostalgia. Ia sentir saudades de Lady Amélia.

Fim



Sobre a Autora

A escritora norte-americana Connie Mason, começou a escrever fazem mais de vinte anos. Conta com mais de cinquenta novelas românticas escritas, com um contexto histórico. Seu trabalho foi reconhecido em múltiplas ocasiões no Romantic Teme, que lhe outorgou vários prêmios,

«Connie Mason é uma das escritoras com maior êxito dentro do gênero romântico. Sabe chegar ao leitor como ninguém, com suas cenas cheias de sensualidade e paixão»

É autora de mais de cinquenta novelas e histórias curtas que ocuparam o topo na lista de vendas. Foi escolhida Autora do Ano pela associação Romantic Teme em 1990, além de obter o prêmio da melhor autora de novelas ambientadas no Oeste, em 1994. Atualmente, Connie reside em Tarpon Springs, Florida, com seu marido Jerry. Antes de publicar seu primeiro livro em 1984, Connie era dona-de-casa em tempo integral. Como leitora ávida deste tipo de novela, escrever sempre foi o sonho de Connie.

Em 1995, a autora apareceu em um programa da CBS dedicado à indústria da novela romântica, além de ser mencionada em um artigo publicado pelo jornal National Inquirer. Além de escrever e viajar, Connie gosta de contar a quem quiser ouvir, histórias de seus três filhos e nove netos, e compartilhar suas lembranças de quando viveu na Europa e Ásia. Em seu tempo livre gosta de ler, dançar, jogar bridge e pescar com seu marido.



GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.br

